

tudo o que sei  
sobre ~~festas~~,  
~~encontros~~,  
~~amigos~~,  
~~empregos~~,  
~~a vida~~, o amor

dolly  
alderton

«O livro que vamos querer  
dar às nossas amigas...»  
AMAZON

Top de Vendas Nacional  
EDIÇÃO ESPECIAL

  
cultura

“

Gostava de fazer uma pausa na história por um instante para falar sobre este «nada vai mudar». Ouvi-o repetidamente da boca de mulheres que adoro – quando eu tinha vinte e poucos anos e elas foram viver com os namorados, ficaram noivas, mudaram-se para o estrangeiro, casaram e engravidaram. «Nada vai mudar». Deixa-me doida. Tudo vai mudar. Tudo vai mudar. O amor que temos uma pela outra continua a ser o mesmo, mas o formato, o tom, a regularidade e a intimidade da nossa amizade vão mudar para sempre.

tudo o que sei sobre o amor  
edição especial

tudo o que sei sobre o amor

edição especial

dolly alderton

tradução de francisco silva pereira



uma marca  
**infinito particular**  
Aceleradora de Conteúdos

info@culturaeditora.pt | www.culturaeditora.pt

—

© Dolly Alderton e Cultura Editora

Copyright © 2019 Dolly Alderton

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original: *Everything I Know About Love*

Título: *Tudo o Que Sei Sobre Festas, Encontros, Amigos, Empregos, a Vida, o Amor: Edição Especial*

Autora: Dolly Alderton

Tradução: Francisco Silva Pereira

Revisão: Marta Moleirinho

Paginação: Cultura Editora

Capa: Helen Crawford-White

Adaptação de capa: Vera Braga/Cultura Editora

Fotografia da autora: Joanna Bongard

ISBN: 978-989-8979-10-0

Edição em papel: março de 2021

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

## Tudo que eu sabia sobre o amor quando era adolescente

O amor romântico é a coisa mais importante e excitante do mundo.

Se ainda não o encontraste quando já fores uma adulta propriamente dita, então, é porque fracassaste, como muitas das minhas professoras de Artes, que, já reparei, são tratadas por Menina em vez de Senhora, têm cabelo frisado e usam joias étnicas.

É importante ter bastante sexo com muitas pessoas, mas provavelmente não mais do que dez.

Quando eu for uma mulher solteira em Londres, vou ser extremamente elegante e magra e usar vestidos pretos e beber martínis e só hei de conhecer homens em lançamentos de livros e em inaugurações de exposições.

Um sinal de amor verdadeiro é quando dois rapazes se pegam à pancada por causa de ti. O ideal é haver sangue, mas sem que ninguém tenha de ir ao hospital. Um dia, há de acontecer comigo, se eu tiver sorte.

É importante perder a virgindade depois do décimo sétimo aniversário, mas antes do décimo oitavo. Literalmente, mesmo que seja apenas no dia anterior, tudo bem, mas se entrares nos teus dezoito anos ainda virgem, nunca hás de ter sexo.

Podes curtir com todas as pessoas que quiseres e tudo bem, não quer dizer nada – estás só a praticar.

Os rapazes mais interessantes são sempre altos e judeus e têm carro.

Os mais velhos são os melhores porque são mais sofisticados e vividos e também porque têm padrões um pouco menos rigorosos.

Quando as amigas têm namorados, tornam-se chatas. Uma amiga com namorado só tem piada se tu também tiveres namorado.

Se não fizeres *nenhuma* pergunta às tuas amigas sobre os respetivos namorados, elas acabam por perceber que achas o tema uma seca e deixam de falar sobre eles.

É uma boa ideia casar um pouco mais tarde e depois de teres vivido um

pouco. Digamos, aos vinte e sete.

A Farly e eu nunca havemos de gostar do mesmo rapaz porque ela gosta deles baixos e atrevidos, como o Nigel Harman, e eu gosto deles machões e misteriosos, como o Charlie Simpson dos Busted. É por isso que a nossa amizade vai durar para sempre.

Nenhum momento da minha vida há de ser tão romântico como quando eu e a Lauren tocámos no Dia dos Namorados naquele bar marado em St. Albans e eu cantei *Lover, You Should've Come Over* e o Joe Sawyer estava sentado mesmo à frente e fechou os olhos porque antes tínhamos estado a falar sobre o Jeff Buckley e, basicamente, ele é o único rapaz que já conheci que me compreende mesmo a sério.

Nenhum momento da minha vida há de ser tão embaraçoso como quando tentei beijar o Sam Leeman e ele recuou e eu caí.

Nenhum momento da minha vida há de doer tanto como quando o Will Young assumiu que era gay e eu tive de fingir que não me importava, mas chorei enquanto queimava o livro com capas de couro que recebi na minha confirmação, onde tinha descrito a vida que íamos ter juntos.

Os rapazes gostam mesmo de nos ouvir dizer palavrões e acham que és infantil e nada fixe se és muito certinha.

Quando eu finalmente tiver um namorado, quase tudo o resto não me há de interessar.

## Os rapazes

Para alguns, o som que definiu a sua adolescência foram os gritos alegres dos respetivos irmãos a brincar no jardim. Para outros, foi o barulho da corrente da sua bicicleta adorada, a pedalar ao longo de colinas e vales. Alguns hão de lembrar-se dos pássaros a cantar quando iam a pé para a escola, ou do som de gargalhadas e de bolas de futebol chutadas no recreio. Para mim, foi o som da ligação à internet da AOL.

Ainda hoje me lembro, nota a nota. Os primeiros bipes do telefone, o som estridente e semiacabado que indicava uma conexão ainda a meio, a nota aguda que nos dizia que estávamos a fazer alguns progressos, seguida de dois baques graves e abrasivos, um pouco de ruído branco. Então, o silêncio indicava que já tinhas passado o pior. «Bem-vindo à AOL», dizia uma voz suave, com uma inflexão ascendente no «O». Seguia-se o «Você tem *email*». Eu dançava pela sala ao som da ligação da AOL, para ajudar a passar mais depressa aquela espera agonizante. Até preparei uma rotina com coisas que aprendi no balé: um *plié* nos bipes; um *pas de chat* nos sons secos. Fazia isto todas as noites quando chegava da escola. Porque esta foi a banda sonora da minha vida. Porque passei a minha adolescência na internet.

Uma pequena explicação: eu cresci nos subúrbios. É isso: esta é a explicação. Quando eu tinha oito anos, os meus pais tomaram a cruel decisão de deixar um apartamento de cave em Islington e trocá-lo por uma casa maior em Stanmore: a última paragem na linha Jubilee do metro e nos limites mais distantes de North London. Era a margem nula da cidade; um observador da diversão, em vez de um estroina em plena festa.

Quando crescemos em Stanmore, não somos urbanos nem rurais. Eu estava demasiado longe de Londres para pertencer à malta fixe que ia ao Ministry of Sound, não pronunciava os «g» e não usava roupa *vintage* fixe, comprada nas surpreendentemente boas lojas da Oxfam<sup>1</sup> em Peckham Rye. Mas estava demasiado longe dos Chilterns para ser uma daquelas raparigas

selvagens, de bochechas coradas, que usavam camisolas de pescador velhas e aprendiam a conduzir o *Citroën* do pai quando tinham treze anos, iam dar passeios na floresta e metiam ácido com os primos. Os subúrbios de North London eram um vácuo de identidade. Eram tão beges como as carpetes macias que decoravam todas as casas. Não havia arte, cultura, edifícios antigos, jardins, lojas independentes ou restaurantes. Havia clubes de golfe e filiais do Prezzo<sup>2</sup> e escolas particulares e calçadas e rotundas e *retail parks* e centros comerciais com cobertura de vidro. As mulheres pareciam iguais, as casas pareciam iguais, os carros eram todos iguais. A única forma de expressão passava por gastar dinheiro em coisas homogeneizadas: jardins de inverno, ampliações de cozinha, carros com GPS, férias com tudo incluído em Maiorca. A não ser que jogasses golfe, quisesses fazer madeixas ou visitar um stande da *Volkswagen*, não havia rigorosamente nada para fazer.

Isto era particularmente verdade se fosses uma adolescente à mercê da disponibilidade da tua mãe para te levar com ela no seu *Volkswagen Golf GTI*. Por sorte, eu tinha a minha melhor amiga, a Farly, que vivia a cinco quilómetros de bicicleta de minha casa.

A Farly era, e ainda é, diferente de qualquer outra pessoa na minha vida. Conhecemo-nos na escola quando tínhamos onze anos. Ela era e continua a ser o oposto total de mim. Ela é morena; eu sou loira. Ela é um pouco baixa de mais; eu sou um pouco alta de mais. Ela planeia e programa tudo; eu deixo tudo para a última hora. Ela adora a ordem; eu prefiro a confusão. Ela adora regras; eu detesto regras. Ela não tem ego; eu acho que a minha torrada matinal é suficientemente importante para justificar uma divulgação nas redes sociais (em três canais). Ela está sempre muito presente e centrada no que está a fazer; eu estou sempre metade na vida, metade numa versão fantástica dela que vivo na minha cabeça. Mas, sabe-se lá como, entendemo-nos. Nunca tive tanta sorte na vida como no dia em que a Farly se sentou ao meu lado na aula de Matemática em 1999.

A ordem do dia com a Farly era sempre a mesma: sentávamo-nos à frente da televisão a comer montes de *bagels* e batatas fritas (mas só quando os nossos pais estavam fora – outra característica das classes médias suburbanas é a esquisitice com os sofás, além de terem sempre salas de estar

onde é «expressamente proibido comer») e a ver *sitcoms* norte-americanas para adolescentes no Nickelodeon. Quando se acabavam os episódios de *Sister, Sister*, *Two of a Kind* e *Sabrina the Teenage Witch*, passávamos para os canais de música, a olhar para o ecrã de boca aberta enquanto saltávamos da MTV para a MTV Base e a VH1 a cada dez segundos, à procura de um determinado vídeo do Usher. Quando nos fartávamos, voltávamos ao Nickelodeon e víamos outra vez todos os episódios das séries norte-americanas para adolescentes que tínhamos visto uma hora antes.

O Morrissey descreveu a sua vida de adolescente como tendo sido passada «à espera de um autocarro que nunca chegava»; um sentimento que apenas é agravado quando chegas à idade adulta num lugar que mais parece uma sala de espera toda bege. Eu estava entediada, triste e sentia-me sozinha, num desassossego para que a minha infância acabasse. E, então, qual galante cavaleiro de armadura reluzente, surgiu a ligação à internet da AOL no grande computador da minha família. E, então, surgiu o MSN Instant Messenger.

Quando descarreguei o MSN Messenger e comecei a adicionar contactos de *email* – amigas da escola, amigas de amigas, amigas em escolas próximas que eu nunca tinha visto –, foi como bater na parede de uma cela de prisão e ouvir alguém bater em resposta. Foi como encontrar relva em Marte. Foi como ligar o botão do rádio e finalmente ouvir a estática transformar-se numa voz humana. Foi uma fuga da minha pasmaceira suburbana para uma abundância de vida humana.

O MSN era mais do que uma maneira de manter o contacto com as minhas amigas em adolescente: era um lugar. É assim que me lembro dele, como um quarto onde eu passava fisicamente horas sentada, todas as noites e fins de semana até que os meus olhos ficavam vermelhos de tanto olhar para o ecrã. Mesmo quando deixávamos os subúrbios e os meus pais nos levavam generosamente, a mim e ao meu irmão, para umas férias em França, aquele continuava a ser o quarto que eu ocupava todos os dias. A primeira coisa que fazia quando chegávamos a um novo hotel era descobrir se havia um computador com internet – geralmente um velho *desktop* numa

cave escura – e depois entrava no MSN Messenger e instalava-me sem qualquer problema a conversar durante horas enquanto um mal-humorado rapaz francês esperava a vez dele atrás de mim sentado numa poltrona. O sol da Provença brilhava lá fora, onde o resto da minha família se bronzeava e lia junto à piscina, mas os meus pais sabiam que nem valia a pena argumentar comigo quando se tratava do MSN Messenger. Aquele era o centro de todas as minhas amizades. Era o meu espaço privado. Era a única coisa a que eu podia chamar minha. Como já disse, era um lugar.

O meu primeiro endereço eletrónico foi `munchkin_1_4@hotmail.com`, que eu configurei aos doze anos na sala de informática da minha escola. Escolhi o número 14 porque imaginava que só o teria de usar durante dois anos antes de se tornar infantil: tinha tempo para apreciar esta nova moda e as suas variadas excentricidades até que o endereço perdesse relevância no meu décimo quarto aniversário. Só comecei a usar o MSN Messenger aos catorze e, nesse espaço de tempo, também experimentei `willyoungisyum@hotmail.com` para expressar a minha nova paixão pelo vencedor do *Pop Idol* em 2002. Também tentei `thespian_me@hotmail.com`, depois de um desempenho memorável como Mister Snow na produção escolar de *Carousel*.

Voltei ao `munchkin_1_4` quando descarreguei o MSN Instant Messenger e aproveitei os contactos do MSN Messenger, que entretanto já transbordavam com amigas da escola que eu tinha acumulado desde a concepção deste endereço. Mas, e isto foi fundamental, registou-se também a aparição dos rapazes. Ora, eu não conhecia rapazes nenhuns naquela altura. Além do meu irmão, do meu primo, do meu pai e de um ou dois amigos do críquete do meu pai, a verdade é que eu não tinha passado tempo nenhum com homens durante toda a minha vida. Mas o MSN trouxe com ele os endereços eletrónicos e avatares desses novos Rapazes Fantasmas: doações de várias raparigas da minha escola – aquelas que saíam com rapazes ao fim de semana e depois cediam magnanimamente os respetivos endereços de *email* ao restante corpo discente. Estes rapazes faziam o circuito do MSN: todas as raparigas da minha escola adicionavam-nos aos seus contactos e cada uma tinha os seus quinze minutos de fama a conversar com eles.

A origem dos ditos rapazes, de um modo geral, encaixava-se numa de três categorias. A primeira: o afilhado da mãe de uma das raparigas ou alguma espécie de amigo da família, na periferia da sua vida e com o qual ela tinha crescido. Era normalmente um ano ou dois mais velho do que nós, muito alto e esgalgado, com uma voz profunda. Também nesta categoria estavam os vizinhos estudantes de alguém. A categoria seguinte eram os primos em primeiro ou segundo grau de alguém. Finalmente, e também os mais exóticos, tínhamos os rapazes que alguém tinha conhecido quando estava de férias com a família. Estes eram o Santo Graal, a sério, visto que podiam ser de qualquer lugar, tão distante quanto Bromley ou Maidenhead, mas ali estávamos nós, a falar com eles no MSN Messenger como se estivéssemos na mesma sala. Que loucura; que aventura.

Não demorei a organizar uma agenda destes «perdidos & achados», atribuindo-lhes um rótulo à parte na minha lista de contactos – um simples «RAPAZES». Passava semanas à conversa com eles – sobre opções de cursos a seguir, as nossas bandas preferidas, o quanto fumávamos e bebíamos e «até aonde» tínhamos «avançado» com o sexo oposto (sempre uma obra de ficção trabalhosamente desenvolvida). É claro que fazíamos pouca ou nenhuma ideia do aspeto de alguém: isto era antes dos telemóveis com câmara e dos perfis nas redes sociais, pelo que a única coisa que tínhamos era a pequena foto do perfil do MSN e a descrição deles. Às vezes, eu dava-me ao trabalho de usar o digitalizador da minha mãe para carregar uma fotografia minha com bom aspeto, tirada numa refeição em família ou em férias; depois, usava o *Paint* para recortar cuidadosamente a minha tia ou o meu avô, mas, essencialmente, isto dava demasiado trabalho para valer a pena.

A chegada de rapazes virtuais ao mundo das nossas amigas de escola veio acompanhada de todo um conjunto de novos conflitos e dramas. Havia uma fábrica de boatos constantes sobre quem andava a conversar com quem. As raparigas juravam a sua dedicação a rapazes que nunca tinham conhecido, inserindo no seu nome de utilizador o nome próprio dele, com estrelas e corações e sublinhados de ambos os lados. Algumas achavam que estavam num diálogo *online* exclusivo com um rapaz, mas a aparição destes nomes

de utilizador denunciava uma história diferente. Às vezes, éramos adicionadas por raparigas de escolas vizinhas que nunca tínhamos conhecido e nos perguntavam diretamente se andávamos a falar com o mesmo rapaz que elas. Ocasionalmente – e isto servia sempre como um alerta na sala de convívio –, revelávamos sem querer um relacionamento com um rapaz no MSN: escrevíamos uma mensagem para ele na janela errada e, por engano, mandávamos essa mensagem para uma amiga. Seguiam-se verdadeiras tragédias de nível shakespeariano.

Havia uma etiqueta complicada que acompanhava o MSN: se nós e um rapaz de quem gostávamos estávamos ambos *online*, mas ele não estava a falar connosco, uma maneira garantida de lhe chamar a atenção era sair e voltar a entrar, porque assim ele era avisado da nossa reentrada e lembrado da nossa presença, o que, esperávamos nós, resultaria numa conversa. Havia também o truque de esconder que estávamos *online* quando só queríamos falar com um contacto específico, o que então podíamos fazer furtivamente. Era uma complexa dança de salão na qual eu participava alegremente e de boa vontade.

Estas longas correspondências raramente resultavam num encontro na vida real e, quando isso acontecia, eram quase sempre uma enorme decepção. Havia o Max com o apelido hifenado – um famoso Casanova do MSN, conhecido por mandar relógios *Baby G* às raparigas pelo correio –, com quem a Farly aceitou encontrar-se junto a uma banca de jornais em Bushey numa tarde de sábado, depois de meses de conversa *online*. Ela chegou lá, viu quem ele era, passou-se e escondeu-se atrás de um caixote do lixo. Viu-o ligar repetidas vezes numa cabina telefónica para o telemóvel dela, mas não conseguiu encarar a realidade de um encontro ao vivo e voltou para casa. Mesmo assim, continuaram a falar horas a fio todas as noites no MSN.

Eu tive dois. O primeiro foi um desastroso encontro às cegas num centro comercial que durou menos de quinze minutos. O segundo foi um rapaz de um colégio interno das redondezas com quem tinha falado durante quase um ano antes de finalmente termos o nosso primeiro encontro no Pizza Express, em Stanmore. Durante o ano seguinte, tivemos uma espécie de relação intermitente, essencialmente porque ele estava sempre trancado no

colégio. Mas eu ia visitá-lo de vez em quando, com batom e uma mala cheia de maços de tabaco que comprava para ele, como se fosse o Bob Hope em missão para entreter as tropas durante a II Guerra Mundial. Ele não tinha acesso à internet no dormitório, pelo que o MSN estava fora de questão, mas resolvíamos a situação com cartas semanais e longos telefonemas que faziam o meu pai envelhecer de desespero quando recebíamos uma conta mensal de três dígitos para o telefone fixo.

Aos quinze anos, comecei um caso mais absorvente do que qualquer outra coisa que me tivesse acontecido nas janelas do MSN Instant Messenger quando me tornei amiga de uma rapariga de cabelo despenteado, sardas e olhos cor de avelã e delineados a preto, chamada Lauren. Já nos tínhamos visto em festas de aniversário no Hollywood Bowl desde que éramos miúdas, mas conhecemo-nos como deve ser por intermédio de uma amiga em comum, a Jess, durante um jantar numa das muitas cadeias de restaurantes italianos de Stanmore. A ligação que se estabeleceu entre nós foi como aquelas que eu já tinha visto nos filmes românticos na ITV. Conversámos até ficarmos com a boca seca, terminámos as frases uma da outra, rimo-nos como malucas; depois de a Jess ir para casa, acabámos por ser corridas do restaurante e ficámos as duas sentadas num banco, ao frio, para podermos continuar a conversar.

Ela tocava guitarra e estava à procura de uma vocalista para começar uma banda; eu tinha cantado numa pouco frequentada noite de microfone aberto em Hoxton e precisava de uma guitarrista. Começámos a ensaiar versões bossa nova das canções dos Dead Kennedys no dia seguinte, no barracão do jardim da mãe dela – isto com o nome provisório de «Raging Pankhurst» para a nossa banda. Mais tarde, mudámos para o ainda mais inexplicável «Sophie Can't Fly». O nosso primeiro espetáculo foi num restaurante turco em Pinner, onde apenas um cliente no restaurante à cunha não pertencia à nossa família nem era uma amiga da escola. Depois, tivemos a nossa grande digressão: o *foyer* de um teatro em Rickmansworth, o anexo abandonado de um bar em Mill Hill, um pavilhão de críquete nos arredores de Cheltenham. Atuávamos em qualquer rua onde não houvesse um polícia à vista.

Cantávamos na recepção de qualquer *bar mitzvah* que nos aceitasse.

Também partilhávamos um passatempo: um método pioneiro de multiplataformas para os nossos conteúdos no MSN. Ainda no princípio da nossa amizade, descobrimos que, desde a aparição do Instant Messenger, entretínhamo-nos a copiar e colar as nossas conversas com rapazes num documento do Microsoft Word, imprimindo-as depois e guardando as páginas num dossiê para ler antes de dormir, como um romance erótico. Achávamos que éramos uma espécie de Bloomsbury Group de dois elementos no MSN Messenger da década de 2010.

Mas, pela mesma altura em que me tornei amiga da Lauren, deixei os subúrbios e passei a viver setenta e cinco quilómetros a norte de Stanmore, num colégio interno misto. O MSN já não podia satisfazer a minha curiosidade pelo sexo oposto: eu tinha de saber como eles eram na vida real. O cheiro a *Ralph Lauren Polo Blue* que se ia desvanecendo numa carta de amor já não me satisfazia, nem os *pings* das novas mensagens no MSN. Fui para o colégio interno para tentar habituar-me aos rapazes.

(Aparte: e graças a Deus que o fiz. A Farly continuou na nossa escola só de raparigas até ao fim e, quando chegou à universidade, sem nunca ter convivido com rapazes, mais parecia um touro à solta numa loja de porcelanas. Na primeira noite da semana dos caloiros, houve uma «festa dos semáforos», onde os solteiros deviam usar qualquer coisa verde e quem estava numa relação usava qualquer coisa vermelha. A maioria pensou que bastaria usar uma *t-shirt* verde, mas a Farly apareceu no bar da nossa residência com meias verdes, sapatos verdes, um vestido verde e um enorme laço verde no cabelo, tudo isto rematado por uma bruma de laca verde. Mais valia ter aparecido com «ANDEI NUMA ESCOLA SÓ DE RAPARIGAS» tatuado na testa. Hei de me dar sempre por agradecida pelos dois anos de interação mista naquele colégio interno, caso contrário, receio que também teria caído na tentação da lata de laca verde na semana dos caloiros.)

Como se veio a ver, descobri que não tinha rigorosamente nada em comum com a maioria dos rapazes e praticamente nenhum interesse neles, a menos que os quisesse beijar. E nenhum rapaz que eu queria beijar queria beijar-me a mim, pelo que eu podia muito bem ter ficado em Stanmore e

continuado a apreciar uma série de relações de fantasia que tinham lugar nos campos férteis da minha imaginação.

Atribuo a culpa das minhas elevadas expectativas amorosas a duas coisas: a primeira é que sou filha de pais quase embaraçosamente apaixonados um pelo outro; a segunda são os filmes que vi nos meus anos formativos. Em criança, tinha uma obsessão bastante invulgar por musicais antigos e, tendo crescido completamente viciada nos filmes do Gene Kelly e do Rock Hudson, sempre esperei que os rapazes se portassem com idêntico charme e elegância. Mas a escola mista depressa pôs um fim a esta minha ideia. Vejamos, por exemplo, a minha primeira aula de Política. Eu era uma das duas únicas raparigas numa turma de doze e nunca tinha estado com tantos rapazes numa sala em toda a minha vida. O mais bonito deles, que já me tinham dito ser um famoso quebra-corações (o irmão mais velho que tinha saído da escola no ano anterior era conhecido como «Zeus»), passou-me um bilhete enquanto a professora explicava o que era a Representação Proporcional. O bilhete vinha dobrado com um coração desenhado na frente, o que me levou a acreditar que era uma carta de amor; abri-o com um sorriso tímido. Todavia, quando o desdobrei, dei com a imagem de uma criatura, prestavelmente legendada para me informar de que se tratava de um *orc* do Senhor dos Anéis, com «ÉS IGUAL A ELE» rabiscado por baixo.

A Farly ia-me visitar aos fins de semana e mirava aquelas centenas de rapazes de todas as cores e feitios, a passear pelas ruas, com os sacos de desporto e tacos de hóquei ao ombro. Ela não queria acreditar na minha sorte, que eu podia sentar-me nos bancos da capela todas as manhãs a pouca distância deles. Mas eu achava a realidade dos rapazes um pouco dececionante. Não eram tão divertidos como as raparigas que tinha conhecido ali, nem de longe tão interessantes ou simpáticos. E, por alguma razão, eu nunca era capaz de me descontraír quando estava perto de algum deles.

Quando acabei o liceu, já não usava o MSN Messenger tão religiosamente como antes. O meu primeiro trimestre na Universidade de Exeter chegou e, com ele, o advento do Facebook. O Facebook era um achado em termos de

rapazes *online* – e desta vez, melhor ainda, tínhamos todas as informações vitais reunidas numa única página. Eu estudava regularmente as fotos dos meus colegas da universidade e adicionava todos aqueles cujo aspeto me agradava, o que rapidamente se transformava numa troca de mensagens e em encontros marcados numa das muitas festas *Vodka Shark* ou noites da espuma que aconteciam naquela semana. Eu estava num *campus* universitário numa cidade de catedrais no Devon: localizarmo-nos uns aos outros não era tarefa difícil. Se o MSN tinha sido uma tela em branco na qual eu podia espalhar as mais vívidas fantasias, as mensagens do Facebook eram uma ferramenta de encontros puramente funcional. Era assim que os estudantes identificavam a sua próxima conquista e preparavam a próxima quinta-feira à noite.

Quando acabei a universidade e voltei para Londres, tinha desistido definitivamente do meu costume de abordar potenciais interesses amorosos no Facebook com a agressividade persuasiva de uma representante da Avon, mas um novo padrão começava a formar-se. Eu conhecia um homem por intermédio de uma amiga ou numa festa ou numa saída à noite, ficava-lhe com o nome e telefone e depois iniciava uma relação epistolar com ele via SMS ou *email* durante semanas a fio antes de confirmar um segundo encontro na vida real. Talvez fosse porque esta era a única maneira que eu conhecia para ficar a conhecer alguém, com uma certa distância entre nós, com espaço suficiente para preparar e filtrar a melhor versão de mim mesma – todas as boas piadas, todas as melhores frases, todas as canções que eu sabia que o haviam de impressionar, normalmente enviadas pela Lauren. Em troca, eu mandava-lhe canções que ela mandava ao interesse epistolar dela. Uma vez, ela comentou que trocávamos boa música entre nós ao preço da chuva e que depois a mandávamos aos nossos interesses amorosos como se fossem descobertas nossas, com uma «comissão emocional».

Esta forma de correspondência acabava quase sempre numa desilusão. Lentamente, comecei a perceber que é melhor que estes primeiros encontros aconteçam na vida real, e não em forma escrita, caso contrário, a disparidade entre quem imaginamos que a outra pessoa é e quem ela realmente é torna-se cada vez maior. Muitas vezes, eu inventava uma pessoa

na minha cabeça e criava a nossa química como se estivesse a escrever um guião e, quando nos encontrávamos na vida real, acabava por ter uma desilusão enorme. Quando as coisas não corriam como eu imaginava, era como se eu pensasse que ele devia ter recebido uma cópia do guião que eu tinha escrito, sentindo-me frustrada porque o agente obviamente se tinha esquecido de lho mandar para que ele o pudesse decorar.

Qualquer mulher que passou os seus anos formativos apenas rodeada de outras raparigas há de dizer o mesmo: nunca nos livramos da ideia de que os rapazes são as criaturas mais fascinantes, sedutoras, repulsivas e bizarras à face da Terra: tão perigosas e mitológicas como o Abominável Homem das Neves. Quase sempre, isto também significa que hás de ser uma fantasista garantida para toda a vida. Como é que poderia se de outra forma? Durante anos a fio, tudo o que fiz foi sentar-me em muros com a Farly, aos pontapés nos tijolos com as minhas grossas solas de borracha, a olhar para o céu e a tentar sonhar o suficiente para me distrair da visão interminável de centenas de raparigas à nossa volta com uniformes a condizer. A imaginação tem o treino diário de um atleta olímpico quando andamos numa escola só de raparigas. É incrível como nos acostumamos ao calor intenso da fantasia quando é nela que, com tanta frequência, encontramos um escape.

Sempre pensei que o meu fascínio e obsessão pelo sexo oposto haviam de acalmar quando acabasse de estudar e a vida começasse, mas mal sabia eu que, chegados os meus vinte e tantos anos, continuaria a saber tão pouco sobre como estar com rapazes como quando entrei pela primeira vez no MSN Messenger.

Os rapazes eram um problema. Um problema que eu ia demorar quinze anos a resolver.

---

<sup>1</sup> Oxford Committee for Famine Relief, nome de uma confederação de organizações que atua em mais de noventa países com o intuito de procurar soluções para a pobreza, desigualdade e injustiça. Neste caso, a autora faz referência às lojas onde se podem encontrar diversos artigos quase novos por preços muito vantajosos. (*N. T.*)

<sup>2</sup> Nome de uma cadeia de restaurantes de inspiração italiana, em Inglaterra e na Irlanda. (*N. T.*)

## Os diários dos maus encontros: vinte minutos

Estamos em 2002. Tenho 14 anos. Trago vestido um *kilt* da *Miss Selfridge*, um par de *Dr. Martens* pretos e um top laranja fluorescente.

O rapaz é o Betzalel, um conhecido da minha colega de escola Natalie. Eles conheceram-se num campo de férias judaico, altura desde a qual têm falado no MSN e trocado «conselhos sobre a vida e as relações». A Natalie anda à procura de novas amigas – tendo acabado de perder as anteriores ao espalhar um boato segundo o qual uma rapariga do nosso ano se automutila quando na verdade é apenas um caso grave de eczema – e eu sou um dos alvos dela.

Ela sabe que eu quero um namorado, pelo que sugere um arranjinho entre mim e o Betz no MSN Messenger. Estou mais do que satisfeita com o acordo tácito de que a Natalie me presenteia com um novo rapaz com quem conversar e eu, em troca, almoço com ela de vez em quando.

Basicamente, o Betz e eu estamos a encontrar-nos depois de um mês a conversar todos os dias no MSN a seguir às aulas. Ele acha que toda a gente da idade dele é imatura, e eu também, e ele também é alto para a idade que tem, como eu. Estamos sempre a falar sobre estas nossas experiências partilhadas.

Decidimos encontrar-nos no Costa do centro comercial de Brent Cross. Peço à Farly para ir comigo: assim, não apareço sozinha.

O Betz chega e não é nada parecido com a fotografia que me mandou – rapou o cabelo encaracolado e ganhou montes de peso desde o acampamento. Trocamos acenos cada um no seu lado da mesa. Ele não pede nada ao empregado.

A Farly não para de falar enquanto o Betz e eu olhamos para o chão, embaraçados, em silêncio. Ele traz um saco de uma loja: diz-nos que acabou de comprar o *Toy Story 2* em vídeo. Eu digo-lhe que é infantil. Ele diz que a minha saia me faz parecer um escocês.

Eu digo-lhe que temos de ir embora porque precisamos de apanhar o 142 de regresso a Stanmore. O encontro dura doze minutos.

Quando chego a casa e entro no MSN, o Betz envia-me imediatamente uma longa mensagem que eu sei que já escreveu no Microsoft Word e copiou para a janela do *chat* em Comic Sans itálico, roxo, que é a imagem de marca dele. Ele diz que acha que sou uma miúda fixe, mas não sente nada por mim. Eu digo-lhe que é muito foleiro ele escrever um discurso e ficar sentado em casa à espera que eu entre no MSN, visto que ele vive perto de Brent Cross e o meu autocarro demora vinte e cinco minutos até minha casa, isto só porque ele sabia que eu lhe achei menos graça do que ele me achou a mim e não queria que eu fosse a primeira a dizer isto.

Ele bloqueia-me durante um mês, mas acaba por me perdoar. Não voltamos a encontrar-nos, mas tornamo-nos confidentes a respeito dos nossos relacionamentos até aos meus dezassete anos.

Livre da minha obrigação contratual, a Natalie e eu nunca mais voltamos a almoçar juntas.

## As crónicas das festas foliarias: UCL Halls, Passagem de Ano, 2006

São as primeiras férias de volta a casa depois do meu primeiro trimestre na universidade. A Lauren, também em casa para o Natal, sugere que vamos a uma festa de Ano Novo na residência universitária da UCL. Foi convidada pela Hayley, uma rapariga com quem ela andou na escola e que não voltou a ver desde então.

Chegamos ao grande apartamento comum num edifício degradado de uma ruela entre Euston e Warren Street. Os presentes são uma mistura uniforme de pedrados da UCL, colegas de escola da Lauren e transeuntes oportunistas que veem a porta aberta e ouvem *Ignition* do R. Kelly a tocar continuamente durante quase toda a noite. A Lauren e eu temos uma garrafa de tinto cada (*Jacob's Creek Shiraz*, porque é uma ocasião especial), que bebemos em dois copos de plástico (não da garrafa, porque é uma ocasião especial).

Examino a sala em busca de rapazes com braços e pernas operacionais e pulsação detetável. Nesta altura, tenho dezoito anos, uma vida sexual ativa há seis meses e estou a passar por uma fase de sexualidade exceccionalmente exacerbada: um período efémero em que o sexo é a minha maior aventura e descoberta; uma época em que pinar é uma novidade tão grande como as batatas e o tabaco, e eu sou Sir Walter Raleigh<sup>3</sup>. Simplesmente não consigo perceber porque é que toda a gente não anda sempre naquilo. Todos os livros, filmes e canções que já foram escritos sobre o tema não são suficientes para explicar o quanto aquilo é bom – como é que alguém encara a possibilidade de fazer, em todas e quaisquer noites, outra coisa senão sexo ou encontrar alguém para fazer sexo? (Este sentimento já se tinha insidiosamente evaporado quando celebrei o meu décimo nono aniversário).

Deteto uma cara conhecida e amigável num corpo alto com ombros largos e depressa o identifico como um rapaz que era estafeta numa *sitcom* em que trabalhei antes da universidade. Tínhamos flirtado e trocado reclamações a

respeito das divas do elenco durante cigarros fumados às escondidas atrás do estúdio. Agora, avançamos direitos um ao outro de braços estendidos e, quase de imediato, começamos a curtir. Era assim que eu funcionava quando as hormonas começavam a bombar na minha corrente sanguínea, em grandes quantidades e a uma velocidade espantosa: um aperto de mão tornava-se um linguado, um abraço passava a uns bons amassos. Todos os marcadores sociais de intimidade subiam alguns degraus.

Depois de um par de horas de partilha do *shiraz* e mais amassos, trancamo-nos na casa de banho para selar o acordo. Começamos a investigar as calças e a saia um do outro, adolescentes bêbedos a tentar consertar uma caixa de fusíveis, quando alguém bate à porta.

– A SANITA ESTÁ AVARIADA! – grito eu com o estafeta a mordiscar-me o pescoço.

«Doll», é a voz sussurrada da Lauren. «Sou eu, deixa-me entrar.» Abotoo a saia, chego-me à porta e abro uma frincha.

– O que é que se passa? – pergunto eu com a cabeça de fora. Ela aproveita para entrar.

– Olha, tenho estado a curtir com o Finn... – ela repara no meu amigo no canto da casa de banho, que agora fecha timidamente as calças de ganga. – Oh, olá – diz-lhe ela sem lhe prestar atenção. – Como te estava a dizer, estive a curtir com o Finn, mas tenho medo que ele tope as minhas cuecas.

– E então?

– São daquelas, tipo cueca-cinta – responde-me ela enquanto levanta o vestido para me mostrar uma cinta cor de pele. – Para meter para dentro as banhas aqui em baixo.

– Então, só tens de as tirar. Finges que vieste sem nada – digo eu, empurrando-a para a porta.

– Onde é que as deixo? Os quartos estão todos ocupados, já estive neles todos e não há um que não tenha um grupo lá dentro.

– Mete-as ali – digo eu, apontando para trás da mochila encardida da sanita. – Ninguém as há de encontrar. – Ajudo-a a despi-las, enfiamo-las atrás do autoclismo e empurro a Lauren lá para fora.

Infelizmente, como consequência das grandes quantidades de álcool que

consumimos e do charro partilhado, o estafeta não é capaz de concretizar. Fazemos várias tentativas para remediar a situação, uma das quais é tão frenética que, sem querer, arrancamos a coluna do chuveiro da parede, mas tudo isto em vão. Como tal, decidimos pôr um fim à coisa e, amigavelmente, vai cada um para o seu lado: trocamos um abraço de despedida e ele segue para outra festa. Acabou de dar a meia-noite.

A Lauren e eu reencontramo-nos no quarto onde está a ser fumada a maior parte da marijuana, para nos pormos a par das respetivas proezas. O Finn também se foi embora, em busca de uma festa melhor nas primeiras e negras horas de um novo ano. Brindamos à amizade e à interminável desilusão que são os rapazes, antes de detetar e rapidamente travar amizade com uma banda *emo* que conhecemos no circuito de microfone aberto em Whetstone. Ela fica com o vocalista do cabelo à Robert Smith, eu fico com o baixista das bochechas *Cabbage Patch Doll*. Estamos todos encostados a um guarda-roupa, a passar *Silk Cuts* e charros na nossa linha de produção de quatro enquanto nos revezamos para colocar os respetivos *iPods* na *docking station* dos altifalantes para ouvir uma mistura de John Mayer e Panic! At The Disco. De repente, a música para.

– Alguém estragou o chuveiro – anuncia a Hayley autoritariamente. – Temos de encontrar a pessoa que estragou o chuveiro porque vai ter de o pagar, senão temos um grande sarilho com o administrador da residência.

– Sim, temos de descobrir quem foi – concordo eu num tom empastelado.  
– Acho que foi aquele tipo baixinho do cabelo comprido.

– Qual tipo?

– Estava aqui agora mesmo – respondo. – Só pode ter sido ele: saiu da casa de banho com uma miúda e estavam a rir-se. Foi lá fora fumar um cigarro, acho eu.

Lidero uma caça às bruxas (ou seja, aos ocupantes da residência) e vamos até à rua para encontrar o tipo que acabei de inventar, mas depressa perco o interesse pela manobra quando vejo o Joel, que anda à procura da festa. Ele é um famoso quebra-corações de North London: um Warren Beatty judeu com gel no cabelo e cicatrizes de acne; um Danny Zuko dos subúrbios. Ofereço-lhe um cigarro e, não tarda, estamos a curtir como quem faz

conversa sobre os transportes públicos de Londres. Voltamos para o apartamento onde aprecio um pouco de marmelada em público com o Joel – sempre ganho mais uns pontos do que com o estafeta de outros tempos. Só tenho pena de não conseguir requisitar a casa de banho outra vez, agora sobrelotada com a Hayley e a sua equipa de peritos forenses especializados em estragar festas, todos ocupados a tentar deduzir quem estragou o chuveiro e como. Estou à procura de um novo esconderijo quando a Christine, uma bela loira (a Sandy do «Danny» Joel<sup>4</sup>) pergunta se pode falar com ele. Toda eu elegância, deixo-os ir, porque, como diz o velho ditado, se queres pinar com alguém, deixa-o ir.

A Lauren e eu reencontramo-nos para um cigarro – entretanto, passámos para os *Mayfairs*.

– Eles andavam quando estávamos na escola – diz-me ela. – Muitos altos e baixos, muito intenso.

– Oh – digo eu.

Olho para o outro lado da sala e vejo a Christine e o Joel de mãos dadas, já de saída. Ele acena-me com ar de quem pede desculpa.

– Adeus – dizem-me os lábios dele em silêncio.

A Lauren está entretida com o vocalista *emo* e estão ambos a conversar sobre progressões de acordes, um indicador garantido de que ela está a pensar em ter sexo com ele. São quase quatro da manhã e eu tenho de acordar dali a duas horas para ir para o meu emprego de vendedora numa sofisticada sapataria na Bond Street, onde tenho uma comissão de um por cento que não me posso dar ao luxo de perder. Vou à procura de uma nesga de alcatifa num quarto escuro onde possa dormir e, para minha alegria, encontro uma cama de solteiro vazia e programo o meu alarme para as seis.

Duas horas depois, acordo com a pior ressaca da minha vida; é como se o meu cérebro tivesse sido virado do avesso, tenho os olhos colados com rímel e, em termos de hálito, mais parece que um rato apreciador de *sauvignon* se meteu na minha boca durante a noite, morreu lá dentro e entrou em decomposição. Olho para baixo e, ao ver a minha minissaia castanha *Topshop*, pernas ao léu e botas de pirata, lembro-me que não levei o uniforme de trabalho comigo.

– Hayley – chamo eu num silvo, espetando-lhe o meu dedo grande do pé. Ela está a dormir ao meu lado no chão, em cima de um monte de camisolas.

– Hayley. Preciso de um vestido emprestado. Basta um vestido preto, simples. Trago-to de volta ainda hoje.

– Estás na minha cama – diz ela categoricamente. – Não havia como te arrancar daí ontem à noite.

– Desculpa – respondo.

– E a Lauren disse-me que foste tu quem estragou o chuveiro – acrescenta ela com a boca metida nas camisolas.

Não digo nada, saio em silêncio e arrependo-me do meu altruísmo ainda algumas horas antes, isto porque encontrei um caderno com pequenos poemas deprimentes da Hayley debaixo do travesseiro e não o li de uma ponta à outra.

– Pareces um sem-abrigo – rosna a Mary, a minha chefe com cara de bruxa, quando me vê entrar. – E com um cheiro a condizer. Vai para o armazém – diz ela, gesticulando na minha direção como se estivesse a enxotar uma mosca. – Não te quero perto dos clientes hoje.

Quando chego a casa naquela noite, depois do dia de trabalho mais longo da minha vida, entro no Facebook para investigar os danos fotográficos da noite anterior. Ali, bem no topo da minha página, está uma foto em grande plano das enormes cuecas da Lauren, publicada pela Hayley num álbum chamado «Perdidos & Achados». Todos os que estavam na festa estão identificados. A legenda diz apenas: «DE QUEM SÃO ESTAS CUECAS?»

---

<sup>33</sup> Sir Walter Raleigh (1552-1618) é considerado o responsável pela introdução da batata e do tabaco em Inglaterra, embora ambos já fossem conhecidos por intermédio dos Espanhóis. *(N. T.)*

<sup>4</sup> Sandy e Danny Zuko são as personagens principais do filme Grease (Brilhantina), respetivamente interpretadas por Olivia Newton-John e John Travolta. *(N. T.)*

## Devassa a caminho de Leamington Spa

A primeira vez que me embebedei tinha dez anos. Tinha sido convidada para o *bat mitzvah* da Natasha Bratt, juntamente com outras quatro sortudas do nosso ano. Naquele jardim de traseiras em Mill Hill, o vinho corria e o salmão fumado circulava numa tenda banhada pelo sol; os secadores tinham domado o cabelo das mulheres em trajetórias agressivamente ondulantes, os lábios eram de um bege uniforme e nacarado. E, por motivos que nunca hei de entender, todas nós, raparigas – nitidamente pré-púberes nos nossos vestidos sem alças *Tammy Girl* e com ganchos de borboletas no cabelo –, íamos recebendo sucessivas flutes de champanhe, oferecidas pelos empregados do bufete.

A princípio, parecia uma onda de calor que me percorria o corpo, o meu sangue a correr acelerado, a minha epiderme a tinir. Depois, foi como se todos os parafusos de todas as minhas articulações tivessem sido desapertados, deixando-me tão leve e elástica como massa levedada. E depois vieram as conversas – as histórias engraçadas, as opiniões dramáticas sobre professores e pais, as piadas ordinárias, os melhores palavrões. (Ainda hoje, esta progressão em três etapas continua a ser a maneira como vivo o início de uma embriaguez.)

A dança do pai-e-filha ao som da *Brown Eyed Girl* do Van Morrison conheceu um fim abrupto e prematuro quando uma das raparigas, um pouco mais tocada do que as restantes, se atirou de barriga para a pista de dança e começou a contorcer-se feita maluca por baixo das pernas dos dois (o pai e a filha) como um peixe fora de água. Pouco depois, eu estava a fazer o mesmo, antes de sermos levadas e repreendidas por um tio ultrajado. Mas a noite ainda mal tinha começado.

Cheia de uma confiança recém-descoberta, decidi que estava na altura do meu primeiro beijo, seguido do segundo (com o melhor amigo do primeiro), seguido do terceiro (com o irmão do primeiro). Todas acabaram

por ser levadas na onda – a trocar e a experimentar parceiros de beijo como se fossem sobremesas partilhadas. Esta orgia infantil suburbana acabou por ser interrompida e fomos todas levadas para a sala da frente, onde nos deram café puro; uma vez trancada a porta, os nossos pais foram chamados para nos irem buscar. Depois de um mau comportamento tão inaudito, fomos repreendidas uma segunda vez pela nossa diretora na segunda-feira e censuradas por «representar a escola de uma forma tão lamentável» (uma acusação que eu havia de ouvir muitas vezes durante os meus anos escolásticos e que sempre me pareceu imerecida, em especial porque eu nunca tivera a pretensão de ser uma representante da escola – os meus pais é que a tinham escolhido por mim).

Nunca mais fui a mesma depois daquela noite, cujo teor me deu material suficiente para preencher as páginas dos meus diários até meio da adolescência. Numa idade demasiado prematura, eu tinha ganho um gosto pelo álcool. Em qualquer reunião familiar, pedia que me dessem pequenos copos de vinho diluído. No Natal, chupava a calda doce e pegajosa dos bombons de licor, com a esperança de apanhar uma tosga. Aos quatorze anos, descobri finalmente onde é que os meus pais escondiam a chave do armário das bebidas e passei a emborcar tampas cheias de conhaque barato quando eles não estavam em casa, apreciando a névoa tépida e atordoada que se estendia sobre os trabalhos de casa por fazer. Às vezes, arrastava a Farly para as minhas furtivas pielas suburbanas – bebíamos o gim *Beefeater* e enchíamos a garrafa com água; depois, sentávamos de pernas cruzadas no tapete felpudo e assistíamos ao *Quem Quer Ser Milionário?*, entretidas numa discussão embriagada sobre a resposta certa.

Não houve nada que eu detestasse tanto como o facto de ser uma adolescente. Era um estado no qual eu não me encaixava nem um bocadinho. Queria desesperadamente ser adulta; queria desesperadamente ser levada a sério. Detestava ter de depender de alguém para o que quer que fosse. Mais depressa me apanhavam a esfregar chãos do que a aceitar uma semanada; mais depressa fazia cinco quilómetros a pé, à noite, debaixo de chuva, do que aceitava uma boleia dos meus pais para casa. Já estava a ver o preço de apartamentos T1 em Camden aos quinze anos, para poder começar

a economizar o dinheiro que ganhava como *baby-sitter*. Com a mesma idade, usava as receitas e a mesa da sala da minha mãe para dar «jantares», obrigando as minhas amigas a comparecer para comer *tagliatelle* com frango assado e rosmaninho, e *pavlovas* de framboesa ao som do Frank Sinatra, quando tudo o que elas queriam fazer era comer hambúrgueres e jogar bólingue. Eu queria ter os meus amigos, a minha agenda, a minha casa, o meu dinheiro e uma vida só minha. Achava que ser adolescente era um embaraço enorme, frustrante, humilhante e codependente que, quanto mais depressa acabasse, melhor.

O álcool, penso eu, foi o meu pequeno ato de independência. Era a única maneira de me sentir adulta. Todos os efeitos secundários resultantes da bebida em que as minhas amigas estavam viciadas – o marmelão, os guinchinhos, as trocas de segredos, fumar e dançar – tinham a sua graça, mas a “maturidade” pertinente do álcool era o que mais me agradava. Eu encenava e vivia cenas de faz-de-conta de uma vida adulta e mundana. Cheia de confiança, entrava nas lojas de bebidas alcoólicas locais e examinava os rótulos das garrafas enquanto fingia ter conversas no meu *Nokia 3310* sobre «uma festa casual neste sábado, com bebidas» ou «um dia de pesadelo no escritório» ou «onde será que deixei o carro». Agarrada ao meu exemplar bastante usado de *A Mulher Eunuco* (por ironia, essencialmente decorativo), eu plantava-me no meio do corredor onde os professores me podiam ouvir e, à hora da saída numa qualquer sexta-feira, desatava a berrar: «O JANTAR CONTINUA DE PÉ, CERTO?» para a Farly, «APETECE-ME UMA BOA GARRAFA DE VINHO!», e achava graça à expressão algo desconcertada nas caras deles quando passavam por mim. *Pois, vão-se lixar*, pensava eu. *Estou a fazer uma coisa que vocês também fazem. Sou uma adulta. Levem-me a sério, porra!*

Só quando fui para o colégio interno aos dezasseis anos é que realmente comecei a cultivar o hábito de beber muito. O meu colégio misto era o último em Inglaterra com um bar no *campus* para os alunos do último ano. Às quintas e sábados, centenas de jovens dos dezasseis aos dezoito anos desciam a uma pequena cave, pediam as suas duas latas de cerveja e esfregavam-se uns nos outros numa pista de dança escura e suada ao som de

«Beenie Man and Other Dance Hall Legends». Por sorte, a minha residência ficava mesmo à frente do bar, o que me permitia voltar às onze da noite para “casa”, onde a nossa diretora estava à espera com caixas de piza que nós, bêbedas, comíamos juntas. Isto também implicava que o jardim da nossa residência era usado como recreio hedonista fora de horas. Meia hora depois do toque de regresso, a minha superintendente metia um capacete na cabeça e partia para o meio dos arbustos à procura de alunos seminus e atrapalhados. Depois de mandar para a cama sem piza qualquer rapariga apanhada no jardim, e depois de mandar o rapaz de volta para a sua devida residência, havia sempre um momento delicioso em que a ouvíamos, no escritório dela, telefonar ao diretor da residência do rapaz:

«Encontrei o seu James atrás dos meus rododendros com a minha Emily, e ele estava com as calças para baixo», dizia ela com o seu sotaque do Yorkshire. «Mandei-o para casa; deve aparecer por aí dentro de dez minutos.»

Todos os professores sabiam que já tínhamos bebido antes de chegar ao bar. Escondíamos garrafas de vodca nas nossas malas, disfarçadas dentro de frascos de champô vazios; tínhamos um fornecimento inesgotável de *Marlboro Lights* debaixo dos colchões. Disfarçávamos o cheiro das nossas transgressões com perfume barato e pastilha elástica de mentol; quando eu fumava um charro e ficava com os olhos vermelhos, molhava o cabelo como se tivesse acabado de sair do chuveiro e culpava o champô. A regra implícita era: «acreditamos que vocês conhecem os vossos limites, portanto, não sejam parvos. Bebam e fumem, mas não se portem mal e não sejam óbvios.» Em termos gerais, o sistema funcionava. Havia sempre um rapaz que ia longe de mais e dava cabo de uma cadeira, ou tentava pinar com a professora de matemática de plantão, mas os outros conseguiam comportar-se. Os professores, no geral, respeitavam bastante os alunos; tratavam-nos como jovens adultos e não como crianças. Os únicos anos da minha adolescência dos quais gostei foram os últimos dois que passei no colégio interno.

Uma universidade nunca há de ser um lugar ideal para alguém que tenha um relacionamento pouco saudável com a bebida, mas, meu Deus, devo ter

escolhido a pior que se possa imaginar no dia em que me candidatei à universidade de Exeter. Aninhada nas colinas verdejantes do Devon, Exeter é conhecida há muito tempo como uma universidade para betos arrogantes, semiletrados e semi-embriagados. Se alguma vez conheceres um homem de meia-idade que ainda joga lacrosse, conhece todas as regras de todos os jogos que envolvam bebidas e canta melhor em latim do que em inglês quando está bêbedo, o mais provável é que ele tenha andado na Universidade de Exeter – ou «The Green Welly Uni», como era conhecida na década de 1980. Eu só concorri porque a Farly tinha concorrido. Por sua vez, ela só tinha concorrido porque era uma boa universidade para Estudos Clássicos e porque ela gostava do litoral. Eu só fui para lá porque não entrei no único curso que realmente queria em Bristol e porque os meus pais me disseram que tinha de ir para a universidade.

Ainda hoje, estou convencida de que os três anos que passei em Exeter me deixaram mais estúpida do que quando cheguei. Fazia poucos ou nenhuns trabalhos; de rato de biblioteca, passei a não ler uma única página de um livro que não fosse de leitura obrigatória (e penso que nem terei acabado um deles). Entre setembro de 2006 e julho de 2009, tudo o que fiz foi beber e pinar. Tudo o que qualquer um fazia era beber e pinar, apenas com breves pausas para comer um *kebab*, ver um episódio de *Eggheads* ou comprar roupa para uma festa num *pub*, com o tema «Lashed of the Summer Wine». Longe de ser o centro de pensamento radical e de um ativismo apaixonado que eu esperava, aquele era o lugar politicamente mais apático que eu já tinha conhecido. Durante todo o tempo que lá passei, apenas soube de dois protestos: o primeiro, do corpo estudantil contra a eliminação das batatas fritas da ementa do Student Union Pub; o segundo, a petição de uma rapariga para criar um percurso equestre no *campus* para que ela pudesse ir para as aulas montada num pônei.

Eu nunca me perdoaria os anos de vida que desperdicei em Exeter se não fosse a única coisa que fez com que toda aquela lamentável experiência tivesse valido a pena: as mulheres que conheci. Na primeira semana, a Farly e eu conhecemos um grupo de raparigas que depois haviam de ser as nossas amigas mais chegadas. Havia a Lacey, uma aluna de teatro, loira, linda e

ruidosa; a AJ, uma morena luminosa vinda de uma severa escola só de raparigas que cantava hinos religiosos quando se embebedava; a Sabrina, uma loira encantadora, cheia de vida e de entusiasmo. Havia a rapariga de South London, a Sophie: ruiva, divertida e arrapazada, sempre pronta para fazer alguma reparação nos nossos apartamentos. E havia a Hicks.

A Hicks era a nossa líder – uma Stig of the Dump<sup>5</sup> nascida em Suffolk, com uma cabeleira loira quase branca, olhos tresloucados e rematados por uma sombra azul-turquesa cintilante, pernas compridas de adolescente e um par de mamas inconfundível porque fazia questão em exibi-lo. Eu nunca tinha conhecido ninguém assim: era ousada e perigosa, perspicaz e atrevida. Nada parecia ter consequências quando estavas com a Hicks. Era como se ela vivesse como uma imperatriz no seu próprio reino com as suas próprias regras, onde a noite acabava à uma da tarde e a noite seguinte começava na tarde que se lhe seguia, onde um homem de idade que conhecias num *pub* podia acabar como inquilino temporário em tua casa. Ela vivia inteira, total e completamente no presente – impossivelmente glamorosa e invejavelmente *rock'n'roll*. A sua sede imprudente e ilimitada de diversão marcaria o tom dos três anos seguintes.

A atmosfera em Exeter era tão agressivamente masculina que muitas vezes me pergunto se poderá ser uma explicação para o nosso comportamento quando éramos estudantes – se o meu grupo de amigas exclusivamente femininas estava a tentar igualar aquela energia com o nosso comportamento. Era uma perpetuação da cultura americana das fraternidades universitárias dos filmes que tínhamos visto na juventude, cruzada com o sistema hierárquico labrego do sistema de ensino inglês. Divertíamos-nos a fazer chichi em grupo, de cócoras atrás de contentores de entulho (a Farly e eu fomos apanhadas e repreendidas por fazermos isto junto a um cemitério, com o traseiro ao léu e à vista dos automóveis que passavam – para nosso azar, um deles era um carro da Polícia). Roubávamos cones de trânsito que se iam acumulando na nossa sala de estar. Engatávamo-nos umas às outras e íamos trocando de par nas discotecas. Falávamos sobre sexo como se fosse um desporto de equipa. Tínhamos bazófia para dar e vender, e vivíamos com uma honestidade implacável e

sem qualquer competitividade entre nós, sendo frequente darmos uma seca de morte aos potenciais engates umas das outras, com longas e embriagadas dissertações sobre as qualidades da amiga em questão.

Na casa degradada com uma porta vermelha onde eu vivia com a AJ, a Farly e a Lacey, tínhamos um “livro de visitas” que os «hóspedes que passavam a noite» tinham de assinar quando saíam na manhã seguinte. Havia um televisor defunto da década de 1980 no jardim das traseiras, sempre ali, fizesse chuva ou fizesse sol. Tínhamos o corredor cheio de lesmas, que eu salvava uma a uma depois de uma noite de copos: levava-as para o jardim e colocava-as num canto especial do relvado (mais tarde, a Lacey acabaria por admitir que ela e as outras depois usavam daquele veneno em granulado, mas nunca me diziam). Foi uma época de deboche e extravagância. Um mundo onde duas das minhas amigas faziam uma direta a dançar antes de irem à catedral de Exeter para a celebração dominical, onde cantavam hinos vestidas de licra dourada; um mundo onde uma vez a Farly se levantou para uma aula às nove da manhã e foi dar comigo e com a Hicks ainda lá em baixo a beber *Baileys* com um taxista de meia-idade que tínhamos convidado na noite anterior. Éramos o pior tipo de estudantes que se possa imaginar. Eramos imprudentes e egoístas, infantis e violentamente despreocupadas. Éramos a «Broken Britain»: aliás, era o que costumávamos gritar a caminho dos bares. Hoje em dia, atravesso a rua e saio na estação anterior do metro para evitar dar por mim nas proximidades deste género de exibicionistas barulhentas, parvas e egocêntricas que nós éramos.

Se eu quisesse avaliar a extensão da cultura da bezana no meu grupo de amigas na universidade, bastava-me observar os olhos das pessoas que nos iam visitar. O meu irmão mais novo, Ben, passou alguns dias comigo quando tinha dezassete anos e ficou «chocado» com as aparições seminuas e quase inconscientes que encontrou nas discotecas a que eu o levei, ficando particularmente ofendido com uma zona de um bar conhecida como “Legend’s Corner” porque só os membros da equipa de rúgubi se podiam sentar ali. Mais tarde, diria aos meus pais que aquela visita de três dias a Exeter tinha sido uma das principais razões pelas quais se recusara a ir para a universidade, preferindo antes a escola de teatro.

A Lauren foi estudar Inglês para Oxford e houve algumas vezes em que fizemos uma espécie de intercâmbio universitário. Ela apanhava o Megabus até Exeter e sacrificava uns quantos neurónios em troca de alguns dias comigo; eu voltava para Oxford com ela e passeava-me pelo parque de Magdalen, onde me punha a imaginar uma vida alternativa em que lia livros e escrevia ensaios quinzenais e vivia numa casa com coruchéu, sem televisões.

Na primeira visita da Lauren, foi como se eu estivesse a ensiná-la a ser uma estudante. Numa noite de copos, pedi uma garrafa de rosé de cinco libras no bar.

– Tudo bem – disse ela. – É só para nós as duas?

– Não, é só para mim – respondi eu enquanto ela olhava para as minhas várias amigas, todas elas com a sua garrafa de vinho e um copo de plástico. – Cada uma tem a sua.

No dia seguinte, deitada no sofá a comer uma piza bera, cara e adocicada, ela viu o seu primeiro episódio do *America's Next Top Model*. À tarde, conheceu no *campus* o então famoso jogador de lacrosse que tinha começado a escrever a sua dissertação de Geografia Humana no *pub* às duas da tarde do dia em que tinha de a entregar. A Lauren dizia que voltava sempre para Oxford a sentir-se relaxada e revigorada depois de uma muito necessária pausa na sua cansativa experiência universitária de ostentação intelectual. Depois de alguns dias em Oxford, eu voltava sempre para Exeter a sentir-me um pouco neura e pronta para me ir embora.

Ao ilustrar a bolha de mau comportamento impune que foi a minha experiência universitária, tenho por hábito regressar a um episódio específico com a Sophie – agora uma jornalista bem-sucedida e respeitada que se dedica a questões importantes sobre LGBTQ e as mulheres – para me lembrar do quanto conquistámos entretanto. Uma noite, depois de sair de uma festa tailandesa da lua cheia numa discoteca junto ao cais – vestida de pescador tailandês –, ela deitou-se à beira d'água ao lado de uma amiga que estava a mijar, convencida de que estava prestes a vomitar à conta do balde de oito doses de *Vodka Shark* que tinha acabado de comprar e beber. Ao lado dela estava a amiga semicomatosa de uma amiga, esparramada de

costas como uma estrela do mar. Ora, a Sophie viu ali uma oportunidade para levar uma rapariga para algum lugar mais seguro, mas também para ver se tinha sorte. Mas, quando chegou à residência da rapariga, depressa se tornou claro que não ia acontecer nada, pelo que ela apanhou outro táxi de regresso à discoteca, onde pediu outro balde de *Vodka Shark*. Então, conheceu um rapaz que lhe disse que ia buscar um *take-away* a um restaurante indiano que estava aberto até tarde. A Sophie foi com ele e entreteve-se a entoar «PASANDA, PASANDA»<sup>6</sup> enquanto batia no balcão do estabelecimento. Já com a comida, foram até casa dele e empanturraram-se com um monte de caril. A Sophie vomitou numa tigela de acrílico no quarto do rapaz e largou-a no chão. Apagou-se na cama dele, acordou na manhã seguinte com o seu fato de pescador, olhou para a tigela de vomitado, mas nem reagiu. Em seguida, agarrou na *micro-scooter* do rapaz e arrancou toda satisfeita para casa.

– Estávamos apenas a tentar colecionar histórias engraçadas para contar umas às outras – diz-me ela agora, sempre que pergunto como é que todas nós tínhamos uma ânsia tão infantil de imprudência e falta de noção. – Era isso mesmo que nós trocávamos. Não era para nos pavonearmos diante de mais ninguém, mas sim entre nós.

Era óbvio que, embora todos gostassem de beber, eu adorava beber. Emborcava a uma velocidade assombrosa. Em grande parte, era simplesmente porque adorava o sabor e a sensação da bebida, mas também bebia na universidade pelo mesmo motivo que bebia sozinha aos catorze anos: despejar álcool no cérebro era como juntar água e abóbora. Tudo ficava diluído e mais suave. A rapariga que estava sóbria vivia cheia de ansiedades, convencida de que todos de quem ela gostava iam morrer, preocupada com o que toda a gente pensava dela. A rapariga que estava bêbeda fumava um cigarro com os dedos dos pés «porque tem piada» e fazia rodas nas pistas de dança.

Acabei a licenciatura em Exeter um mês antes do meu vigésimo primeiro aniversário e em setembro estava a estudar em Londres, a preparar um mestrado em jornalismo. Este foi, acreditem ou não, o ano em que atingi o

meu auge de regabofe: tinha acabado de levar com os pés de uma forma brutal e sem cerimónia, pelo que embarquei na perda de peso para me esquecer do desgosto, e bebia e fumava para me distrair.

Eu ainda não lhe tinha perdido o gosto. Era tão emocionante aos vinte e um anos como tinha sido no *bat mitzvah* da Natasha Bratt, onze anos antes. Lembro-me de estar sentada no metro numa das muitas noites de sábado daquele ano, a ver a cidade cintilante enquanto viajava dos subúrbios para o centro de Londres, nos solavancos da linha Metropolitan. *Londres é toda minha*, pensei. *Tudo pode acontecer*.

O meu hedonismo no ano em questão veio à tona de uma forma particularmente pouco *rock'n'roll*: uma longa viagem num *minicab*. Em minha defesa, posso dizer que foi a Hicks quem começou. No nosso terceiro ano de universidade, ela tornou-se um nome familiar entre o corpo estudantil de Exeter quando saiu de um bar na High Street numa noite de copos, meteu-se num táxi e pediu ao motorista que a levasse a Brighton. Gastou tudo o que tinha para lá chegar e ficou numa suíte de hotel com uns amigos casados que lá estavam numa escapadela romântica. Voltou a Exeter na semana seguinte para contar a história.

A minha noite começou quando eu e a minha nova amiga do mestrado de jornalismo – a Helen, inteligente e com cabelo encaracolado – fomos a casa da nossa amiga Moya para beber um copo de vinho e preparar a revisão de matéria para um grande exame que se aproximava. A Helen e eu começámos a beber garrafa atrás de garrafa de vinho enquanto apanhávamos sol; acabámos bêbedas e saímos de casa da Moya pela meia-noite.

Decidi que a noite não tinha acabado e que queria festa, pelo que apanhámos um autocarro de West Hampstead para Oxford Circus. Todavia, fiquei de repente muito mais bêbeda assim que a viagem de autocarro começou – a qual demorou uma eternidade impossível por causa de um acidente –, pelo que, a dada altura, ainda em andamento e não sei muito bem como, convenci-me de que não estávamos num autocarro para Oxford Circus, mas sim num outro, a caminho do centro de Oxford. A Helen, em estado semelhante ao meu, alinhou na minha persuasiva teoria. Nesta altura,

a Lauren já se tinha licenciado em Oxford; como tal, não lhe telefonei; em vez disso, mandei uma SMS a algumas amigas dela que tinha conhecido nas minhas visitas e que eu sabia estarem no último ano. A mensagem era quase incompreensível, mas o teor era mais ou menos este: «Eu e a minha amiga Helen apanhámos por engano um autocarro para Oxford. Estamos quase a chegar: onde é que a noite está a dar e queres vir connosco?»

Apeámo-nos perto da Topshop, que me pareceu maior do que eu me lembrava da última vez que tinha visitado Oxford. Ficámos as duas à frente da loja enquanto eu telefonava incessantemente a toda a gente que tinha conhecido na Universidade de Oxford – *ainda* sem perceber que continuava em Londres –, mas não tive sorte. A Helen e eu concordámos que aquela saída era uma causa perdida, só que era demasiado tarde para eu apanhar o último metro de volta para casa dos meus pais nos subúrbios. Como tal, apanhámos outro autocarro para o apartamento que a Helen partilhava com o namorado em Finsbury Park e ela disse que eu podia dormir no sofá.

Recusando-me a desistir da minha alucinação embriagada, concluí que estávamos nos Oxford University Halls quando entrei no apartamento; que uma amiga da Helen ainda devia estar a estudar lá, talvez. A Helen foi-se deitar e eu consultei a minha agenda para ver se alguém conhecido estaria pronto para uma festa. Liguei ao meu amigo Will – um canadiano alto, louco e magro, com cabelo comprido e ondulado e olhos claros como opalas. Tinha tido sempre uma paixão assolapada por ele.

«Olá, querida», respondeu ele na sua voz enrolada pela vodca.

– Quero uma festa – disse eu.

«Então, vem até cá.»

– Onde é que tu estás? – perguntei. – Ainda continuas na universidade em Birmingham?

«Warwick. Estou a viver em Leamington Spa», respondeu ele. «Vou-te mandar a morada numa mensagem.»

Saí do apartamento da Helen e fui à procura de uma empresa de táxis. Depois de dez minutos a vaguear pelas ruas – o álcool já a abandonar lentamente o meu sistema quando finalmente percebi que estava em Londres e não em Oxford –, encontrei uma pequena firma de *minicabs* com

fachada de madeira. Anunciei que queria um carro que me levasse a Leamington Spa e que o dinheiro não era problema nenhum – só que tinha de ser 100 libras ou menos, visto que era tudo o que tinha na conta e eu estava no limite do saldo a descoberto. Um dos três homens apardalados atrás da divisória de vidro foi buscar um empoeirado mapa de Inglaterra a uma gaveta. Desdobrou-o e estendeu-o teatralmente em cima de duas mesas, para divertimento dos seus colegas. Juntaram-se todos à volta do mapa enquanto planificavam a viagem com traços marcados a caneta vermelha, como se ele fosse o capitão de um navio a preparar um ataque a piratas. Mesmo no meu estado de embriaguez, achei que estavam a exagerar.

– Duzentas e cinquenta libras – acabou ele por dizer.

– Isso é RIDÍCULO – respondi eu com uma indignação muito classe média, a defender os direitos do cliente agarrada ao meu colar de pérolas, como se, dos dois, o pedido dele fosse o mais absurdo.

– Minha senhora, você quer ir para um lugar a três distritos daqui, às três da manhã. Duzentas e cinquenta é um preço muito razoável.

Convenci-o a baixar para duzentas. O Will disse-me que pagava as outras cem libras.

Comecei a ficar sóbria na M1 por volta das quatro da manhã (aqui está uma frase que espero que nenhuma de vocês tenha de dizer ou escrever durante o resto da vossa vida). Mas era tarde demais para voltar atrás – uma sensação frequente a meio destas minhas aventuras a desoras, convencida de que estava apenas a tirar o máximo proveito da minha juventude. Uma citação de Margaret Atwood havia de pairar sobre este período da minha vida como um candeeiro de teto.

Quando estás a meio de uma história, não é história nenhuma, mas apenas uma confusão; um rugido escuro, uma cegueira, um destroço de vidros partidos e madeira lascada; como uma casa num turbilhão, ou então como um barco esmagado pelos icebergues ou levado pelos rápidos, e todos a bordo incapazes de o deter. É só depois que se torna algo parecido com uma história. Quando estás a contá-la, a ti mesma ou a outra pessoa.

*Depois, isto até há de valer a pena, pensava eu com a cabeça fora da janela do táxi, o céu a transformar-se em alvorada. As histórias que vou poder contar à*

*conta disto não têm fim.*

Cheguei às cinco e meia da manhã. O Will recebeu-me à porta com cinco notas de vinte libras. Eu sentia-me triunfante por ter conseguido chegar. A viagem e o destino eram a história; o que aconteceria depois era quase irrelevante. Ficámos acordados a beber, a conversar, deitados na cama semivestidos a fumar erva e a ouvir álbuns dos Smiths, apenas com breves pausas para um pouco de marmelão muito mal-amanhado. Adormecemos às onze da manhã.

Acordei às três da tarde com uma dor de cabeça medonha e uma sensação terrível de que a piada não tinha tanta piada quanto me tinha parecido na noite anterior. Verifiquei a minha conta bancária: zero. Verifiquei o meu telefone: dezenas de mensagens preocupadas de amigas. Tinha-me esquecido de que enviara à Farly uma foto minha a sorrir alegremente no banco de trás do táxi às quatro da manhã, em plena autoestrada, com a mensagem: «UM SALTINHO ÀS WEST MIDLANDS!!»

Preparei um plano. Um namorado meu da adolescência, com quem ainda mantinha uma vaga amizade, estava a estudar medicina na universidade de Warwick. Eu podia ficar alguns dias com ele até que entrasse algum dinheiro do meu emprego de fim de semana; depois, apanhava um comboio para casa a tempo do exame de mestrado em jornalismo na terça-feira. Mas, quando lhe mandei uma mensagem, ele disse-me que estava de férias.

O meu telefone tocou: era a Sophie.

«É verdade que estás em Leamington Spa?» perguntou-me ela quando atendi.

– Sim.

«Porquê?»

– Porque me apetecia uma *after-party* e o meu amigo Will estava a dar uma e ele vive em Leamington Spa. – O Will, ainda meio a dormir, sorriu de olhos fechados.

«OK, isso não faz sentido nenhum», disse ela. «Como é que vais para casa?»

– Não sei. Ia ficar em casa de um ex-namorado, mas ele não está cá e não tenho dinheiro para o comboio. – Seguiu-se uma longa pausa em que pude

ouvir a preocupação da Sophie transformar-se em irritação.

«Muito bem; vou-te marcar um autocarro para voltares», disse ela. «Tens bateria no telefone?»

– Tenho.

«Mando-te os pormenores assim que estiver feito.»

– Obrigada, obrigada, obrigada – disse eu. – Depois, pago-te.

A Sophie reservou-me um lugar na viagem de autocarro mais demorada que consegui encontrar – para ela, eu precisava de tempo para ficar sóbria, sozinha com os meus pensamentos, para contemplar as consequências das minhas ações. Sem que ela tivesse consciência disso, acabei num autocarro com uma estridente despedida de solteira a caminho de Londres. Emborcámos todas *shots* de tequila durante a viagem e deram-me um *sombrero* para usar. No dia seguinte, quando liguei à Sophie para lhe agradecer, perguntei-lhe se estava chateada comigo.

«Dolly», disse ela, «não estou chateada contigo, estou preocupada.»

– Porquê?

«Porque estavas tão bêbeda que pensaste que estavas no centro de Oxford quando estavas à porta da Topshop em Oxford Circus. Tens ideia da vulnerabilidade que isso implica? Às voltas em Londres assim tão bêbeda?»

– Desculpa – disse eu petulantemente. – Estava apenas a divertir-me.

«Quantas amigas nossas terão de ir à falência a apanhar táxis para atravessar o país antes que esta loucura acabe?»

(Seria apenas mais uma – a Farly, alguns meses depois, de South West London até Exeter. Ela estava num táxi a caminho de casa depois de sair de uma discoteca quando recebeu uma SMS de um rapaz que ela curti e que ainda estava na universidade, pelo que perguntou ao taxista se podia dar meia-volta e ir até ao Devon. Ainda hoje, ela encolhe os ombros perante as acusações de extravagância e diz que a viagem só lhe custou noventa libras e um maço de cigarros. O valor tem aumentado gradualmente à medida que vamos insistindo.)

Mas eram boas histórias e isso é que importava. Eram a razão de ser dos meus vinte e poucos anos. Eu era um detetor de metais humano com um metro e oitenta, à procura de fragmentos de potenciais histórias engraçadas,

de rastos em plena existência, com o nariz colado ao relvado na esperança de encontrar alguma coisa interessante para escavar.

Noutra noite, com vinte libras entre nós, a Hicks e eu fomos a um elegante hotel em Londres, isto porque ela me tinha garantido que era um antro de «milionários entediados com litros de bebida que querem a companhia de gente nova e divertida». Sem dúvida, encontrámos dois homens de meia-idade do Dubai: um deles era dono de um restaurante indiano na Edgware Road; o outro tinha uma daquelas “universidades” de Língua Inglesa por cima de uma loja de telemóveis na Tottenham Court Road. A Hicks e eu lá fizemos o nosso velho número, que consistia em contar a história inventada e bem ensaiada de como nos tínhamos conhecido num cruzeiro. Eu cantava com a banda, o marido dela tinha-se atirado ao mar e, certo dia, nós tínhamos começado a conversar quando estávamos sentadas, sozinhas, na cobertura superior, a fumar e a contemplar o oceano.

Perguntaram-nos se queríamos ir até casa de um amigo deles, o Rodney, que nos garantiram ser um «*party boy*» – o eufemismo universal para «generoso com o seu álcool e as suas drogas». Metemo-nos no carro deles, que já estava à espera lá fora, e o motorista levou-nos a uma torre na Edgware Road, que estava muito longe da promessa de excesso e *glamour à la* Studio 54 que nos tinham vendido. A Hicks e eu demos as mãos ao passar a entrada e, no elevador, enviei uma SMS à Farly com o endereço onde estávamos, caso me acontecesse alguma coisa naquela noite, um ritual bastante mórbido ao qual ela já se habituara.

Um homem cipriota de setenta e poucos anos, com um pijama às riscas, abriu-nos a porta.

– Meu Deus! – exclamou ele quando nos viu. – É muito tarde! – Levantou os braços em sinal de desespero. – Já não tenho idade para isto!

Os nossos dois novos amigos prometeram-lhe que a festa não seria muito demorada e que só queríamos algumas bebidas. Educado, o Rodney convidou-nos a entrar e perguntou o que queríamos beber. Disse que os coquetéis eram a sua especialidade, enquanto apontava para o seu bem abastecido móvel-bar da década de 1970. Eu pedi um martíni seco.

Fiquei bastante fascinada com o Rodney; particularmente com as dezenas

de fotografias emolduradas dos netos, espalhadas por todas as superfícies disponíveis. Demos uma volta com os nossos martínis, ele ainda de pijama enquanto me ia dizendo os nomes e idades e descrevendo a personalidade de cada um deles. Entretanto, a Hicks estava a fazer o que sempre fazia em noites como aquela: discutia seriamente filosofia com um dos milionários do Dubai, gesticulava dramaticamente enquanto monologava sobre os existencialistas franceses com os olhos muito esbugalhados.

O Rodney e eu sentámo-nos num sofá e ele descreveu-me a mitologia do seu passado: os empreendimentos comerciais fracassados, o bar que tinha tido e que agora era um Waitrose<sup>7</sup>, as modelos que lhe tinham partido o coração. A dada altura, fez uma pausa na sua narrativa, enrolou uma nota de cinco libras para dar conta da cocaína que já estava devidamente alinhada na mesa de café, e recostou-se para olhar para mim.

– Sabes, isto tem a sua piada, fazes-me lembrar bastante uma mulher que encontrei algumas vezes nos Anos Setenta. Cabelo loiro comprido; tinha uns olhos iguais aos teus. Namorou um amigo meu durante algum tempo.

– Ah sim? – perguntei eu enquanto acendia um cigarro. – Quem era ela?

– Barby. Acho que se chamava Barby.

Engoli em seco, lembrando-me de uma história que a minha mãe me tinha contado a respeito do nome divertido mas irritante pelo qual era conhecida quando tinha vinte e poucos anos.

– Barbara – disse eu. – Barbara Levey.

– Sim! – exclamou ele. – Conheces essa mulher?

– É a minha mãe – respondi.

Pensei nela, a dormir algures nos subúrbios, e imaginei o que havia de dizer da sua filha a apanhar uma moca com um cipriota de setenta e cinco anos que ela tinha conhecido na década de 1970. Fui até à outra sala, pus um fim ao exclusivo salão literário da Hicks com o seu público que tinha tanto de enamorado como de indiferente, e disse-lhe que tínhamos de nos ir embora imediatamente. Ela disse-me que ia haver uma grande “*after-party*” no restaurante indiano de um deles, na Edgware Road. Eu disse-lhe que já estávamos na *after-party*. Dei por mim a pensar se não teria acidentalmente caído numa zona turva de *after-after-party* e ficado lá presa para sempre. Dei

por mim a pensar se seria preciso uma escada para fugir dali.

Mas não posso dizer que foi tudo uma tragédia, porque não foi. Eu e as minhas amigas continuávamos a acreditar que o que estávamos a fazer era um grande ato de afirmação e emancipação. A minha mãe costumava dizer que aquilo não era mais do que ato de feminismo equivocado; que imitar as atitudes mais imaturas dos homens não era um sinal de igualdade («Prejudicou tanto a causa, aquela Zoë Ball», comentou ela certa vez). Mas continuo a achar que houve ocasiões em que aqueles anos de ramboia foram um ato de desafio, de celebração e de poder; uma recusa em usar o meu corpo de uma maneira que todos esperavam. Uma grande parte não foi mais do que pura diversão segundo os nossos próprios termos: muitas das recordações que tenho andam à volta de mim e de uma das minhas amigas a virar costas a uma situação na qual estávamos aborrecidas ou que não nos agradava, para depois apenas passarmos algum tempo uma com a outra. Eu estava sedenta de experiências e satisfazia esta sede com amigas que pensavam como eu. E isto criou uma mentalidade de grupo da qual nenhuma de nós se livrou.

Algumas das memórias que tenho são alegres, algumas são tristes e a realidade era assim mesmo. Algumas vezes, dancei até de madrugada com um sorriso na cara num círculo de amigas mais chegadas; algumas vezes, caí na rua ao correr para apanhar o autocarro noturno debaixo de chuva e fiquei deitada na calçada molhada durante muito mais tempo do que devia. Algumas vezes, choquei com um candeeiro e perdi os sentidos, e passei dias com o queixo negro. Mas, algumas vezes, acordei num emaranhado afetuoso de raparigas ressacadas, cheia de mais nada senão conforto e alegria. De vez em quando, encontro agora gente daqueles anos ligeiramente nebulosos, mulheres que me dizem que passaram uma noite comigo a beber a um canto numa festa, e fico imediatamente em pânico porque não me consigo lembrar. Há um ano, estremeci de vergonha quando um taxista me perguntou se eu não me chamava Donny, porque tinha a certeza de me ter apanhado «num lindo estado», a andar descalça numa rua de Londres em 2009.

Mas uma boa parte de tudo isto foi diversão, fantástica e despreocupada.

Uma boa parte foi aventura, atravessar cidades, distritos, histórias e pessoas, com um bando de exploradoras com *collants* fluorescentes e *eyeliner* preto a mais como companhia.

E pelo menos, pensava eu, tinha finalmente provado a todos que era uma adulta. Pelo menos, podia ser finalmente levada a sério.

---

<sup>5</sup> *Stig of the Dump* é o nome de um livro infantil da autoria de Clive King, publicado em 1963 e muito popular no Reino Unido. Em traços largos, é a história de um rapaz, Barney, que, ao cair acidentalmente num buraco durante um dos seus passeios pelo campo, encontra um homem das cavernas, Stig, com o qual inicia uma grande amizade. (N. T.)

<sup>6</sup> Nome de um prato de carne típico do norte da Índia. (N. T.)

<sup>7</sup> Nome de uma cadeia de supermercados britânica. (N. T.)

## Receita: macarrão com queijo para quem está de ressaca

(quatro pessoas)

Para a experiência imersiva total, comer em pijama à frente do filme *Encontro em Manhattan* ou de um documentário sobre um *serial killer*.

- 350 g de massa – macarrão ou *penne* resulta bem;
- 35 g de manteiga;
- 35 g de farinha sem fermento;
- 500 ml de leite gordo;
- 200 g de queijo Cheddar ralado;
- 100 g de queijo Red Leicester ralado;
- 100 g de queijo parmesão ralado;
- 1 colher de sopa de mostarda inglesa;
- Cebolinho picado;
- Molho Worcestershire, q. b.;
- 1 bola de queijo mozzarella, em pedaços;
- Sal e pimenta preta, para temperar;
- Um fio de azeite.

Numa panela grande com água a ferver, cozer a massa durante oito minutos, até ficar *al dente* – ela continua a cozer quando for ao forno. Escorrer e reservar; misturar azeite para que não cole.

Numa panela grande à parte, derreter a manteiga. Misturar a farinha e deixar ao lume durante alguns minutos, mexendo sempre até que a mistura forme uma pasta de *roux*. Juntar o leite aos poucos, mexendo sempre com vara de arames, e deixar cozer durante dez a quinze minutos. Continuar a mexer até obter um molho suave e lúcido que comece a engrossar.

Fora do lume, adicionar ao molho cerca de três quartos do Cheddar, Red Leicester e parmesão, juntamente com a mostarda, um pouco de sal e pimenta, o cebolinho picado e uma pitada de molho Worcestershire, e

continuar a mexer até ficar tudo derretido.

Pré-aquecer o forno no máximo. Juntar a massa ao molho e misturar tudo numa assadeira, juntar a mozzarella e em seguida polvilhar com o resto do Cheddar, Red Leicester e parmesão. Levar ao forno a 200 °C durante quinze minutos, até que a mistura fique dourada e a borbulhar, com o topo crocante.

## Os diários dos maus encontros: um hotel algures em Ealing

É o meu primeiro Natal em casa depois de entrar na universidade e tenho um emprego a tempo inteiro como vendedora na L.K. Bennett da Bond Street. A Debbie, a glamorosa estudante de moda que ganha sempre as melhores comissões, pinta-me os lábios de vermelho Vivien Leigh no vestiário; estou a preparar-me para um grande encontro.

Ele chama-se Graysen e conheci-o na universidade de York quando lá fui, um mês antes, visitar uma amiga dos tempos de escola. Eu estava à espera no bar da associação de estudantes para comprar dois vodcas com *Coca-Cola Diet*, quando alguém agarrou na minha mão. O Graysen – esguio, pálido, interessante, olhos de Elvis borrados numa nuvem de *eyeliner* – virou-me a palma da mão para cima.

– Três filhos. Vais morrer aos noventa. – Olhou para mim. – Já cá estiveste – sussurrou ele dramaticamente.

É a primeira pessoa da minha idade que conheço que prefere não estar no Facebook. Para mim, ele é o Sartre.

Encontramo-nos debaixo de uma gigantesca árvore de Natal e ele leva-me a um bar de martínis porque se lembra de eu ter dito que era a minha bebida preferida (nesta altura, ainda estou na minha fase de “treino para gostar de martínis”; como tal, receio que ele veja a minha careta ao beber o primeiro gole, mas consigo aguentar-me). Em seguida, passamos ao *pub* mais antigo de Londres, onde bebo uma cerveja de morango. Ele mostra-me umas chaves: o chefe deu-lhe um quarto de hotel para aquela noite. Ele nunca me explica porquê.

Três autocarros depois, o tempo que ele demora a explicar-me porque é que «Londres tem sido mais minha mãe do que os meus pais», chegamos a um hotel manhoso numa casa suburbana convertida, em Ealing.

Não me apetece dormir com ele porque quero conhecê-lo melhor, pelo que passamos a noite toda deitados na cama, a olhar para o teto branco e a

falar sobre o que têm sido os nossos dezoito anos. Ele é filho de um homem muito velho, muito elegante e muito rico que foi «o último dos colonizadores» e descobriu um tipo raro de peixe nas suas viagens, escreveu um livro sobre o assunto e, desde então, vive dos rendimentos. Estou maravilhada. Adormecemos às cinco.

Cedo na manhã seguinte, o Graysen tem de ir trabalhar. Beija-me, despede-se e deixa-me um bolo de pêssego na mesa de cabeceira. É a última vez que nos vemos.

Hei de passar os cinco anos seguintes a perguntar-me se o Graysen era apenas um ator à procura de um público crédulo e de uma fuga de si mesmo durante uma noite. Se foi tudo inventado: a leitura da palma da mão, o hotel, o peixe, o *eyeliner*.

Depois, muitos anos depois, hei de apaixonar-me por um estudante de biologia que há de ser o grande amor da minha vida. Num domingo à noite, hei de estar deitada na cama dele, vestida com a camisola dele, e ele há de ir buscar um livro para ler antes de dormirmos, sobre um homem que descobriu um peixe. Hei de tirar-lhe o livro das mãos para espreitar a badana da capa e hei de ver uma fotografia de um homem com a mesma cara e apelido do Graysen. O meu namorado há de me perguntar porque é que me estou a rir. «Porque era tudo verdade», direi eu. «E foi tão ridículo.»

## As crónicas das festas foleiras: Cobham, noite de Ano Novo, 2007

– Tem de haver *alguma coisa* – digo eu à Farly enquanto vemos o nosso décimo terceiro episódio da série *Friends*, esparramadas no sofá em casa da minha mãe, às cinco da tarde na véspera de Ano Novo. – Temos dezanove anos, temos de conseguir encontrar uma festa algures.

Envio uma mensagem aparentemente pessoal a todos os contactos da minha lista telefónica. O nosso amigo Dan sugere uma *rave* num armazém em Hackney, mas a Farly tem medo de grupos de gente que consome drogas e nunca esteve mais a leste do que a Liverpool Street.

Quando já estamos a perder a esperança, alguém morde o isco. O Felix – um amigo da escola que estava um ano atrás de mim, por quem sempre tive uma paixão gigantesca. Ele fala-me de uma «*rave* enorme em Cobham» e diz-me que não a posso perder. Pede-me para levar amigas. A Farly aceita ir visto que é a nossa única opção e porque sabe o quanto eu curto o Felix. Ela está a ser uma porreira, a minha compincha – a caminho de uma festa para bem da minha vagina. É um sistema mútuo, justo e bem-sucedido que usamos há muito tempo, vamo-nos revezando porque sempre estivemos solteiras ao mesmo tempo – eu sacrifico a minha noite para a ajudar a sacar um rapaz: pratico este ato de boa vontade e posso cobrá-lo a qualquer momento, altura em que ela faz o mesmo por mim. É a democracia da queca, ficamos as duas a ganhar.

Chegamos a uma grande casa isolada no Surrey, na chamada “Zona das Mulheres de Futebolistas”, e, em vez de dar com uma *rave*, encontramos uma espécie de festa de piza doméstica composta por dez casais enrolados e um tipo corpulento com uma camisola de rãguebi entretido a brincar com o labrador da família.

– Olá! – digo eu timidamente. – O Felix está cá?

– Foi à loja comprar vodca – responde o monocórdico jogador de rãguebi sem desviar os olhos do cão.

– Tu não estavas um ano à nossa frente na escola? – pergunta uma rapariga com cara de cavalo e cabelo aos cachos.

– Sim – respondo eu, servindo-me cautelosamente de um quadrado de *pepperoni*.

– Nenhuma das tuas amigas estava livre esta noite?

O Felix aparece com um saco tilintante.

– Hei! – grita ele, estendendo os braços.

– Olá! – digo eu enquanto o abraço. – Esta é a Farly. Toda a gente aqui está emparelhada? – pergunto eu entredentes pelo canto da boca.

– Sim – responde-me ele. – Estávamos a contar com um pessoal mais variado, mas muita gente que disse que vinha não veio.

– Estou a ver.

– Mas vais ver que nos divertimos! – diz ele, passando os braços à volta de nós as duas. – Os Três Mosqueteiros.

As horas seguintes passam-se numa descontração cúmplice e embriagada; o suficiente para me fazer pensar que o longo caminho até Cobham talvez tenha valido a pena. O Felix, a Farly e eu vamos até ao jardim de inverno e entretemo-nos com jogos de bebida e conversamos e rimos; a dada altura, ele abraça-me e eu troco um breve meio-sorriso e uma piscadela com a Farly. O suficiente para a fazer ir atender um falso telefonema no andar de cima para nos deixar sozinhos. Teria sido impossível eu gostar mais dela.

– Posso falar contigo num lugar mais sossegado? – pergunta-me ele.

– Claro – respondo eu com um sorriso. Ele pega-me na mão e leva-me até ao jardim.

– Isto é desconfortável – diz ele enquanto me sento numa cadeira de plástico e ele saltita de um pé para o outro.

– Porquê? Só tens de falar.

– Eu curto bastante a tua amiga Farly – diz ele. – Ela está disponível? – Num nanossegundo, pondero até que ponto serei uma boa pessoa.

– Não – respondo, decidindo que ainda me resta muito tempo de vida para dedicar ao meu crescimento pessoal. – Não, ela não está disponível.

– Porra – diz ele. – Está numa relação?

– Sim, e muito séria – respondo eu, confirmando com um igualmente

sério movimento de cabeça. – Com um rapaz chamado Dave.

– Mas ela estava a falar como se fosse solteira...

– Bem, eles já não estão juntos *oficialmente* – digo eu de improviso. – Mas ainda há ali qualquer coisa. É muito intenso. Ela está ao telefone com ele agora, para dizer a verdade. Tu sabes como podem ser as coisas no Ano Novo. Pensar naquilo de que te arrependes, no que ficou por dizer e assim por diante. Seja como for, ela não está de maneira nenhuma preparada para seguir em frente com mais ninguém.

A Farly regressa muito bem-disposta, com uma garrafa de vinho na mão. Um Felix desconsolado pediu licença para ir à casa de banho.

– Beijaste-o? – pergunta-me ela animadamente. – Vim interromper alguma coisa?

– Não, ele acha-te graça e perguntou se estavas livre e eu disse que não porque não presto e não quero que fiques tu com ele; portanto, disse-lhe que tu estás numa relação complicada e intermitente com um rapaz chamado Dave, que é tudo muito difícil e tu não estás preparada para seguir em frente com ninguém.

– Está bem – diz-me ela.

– Está bem? – repito eu.

– Claro que está bem – responde ela. – Seja como for, ele não faz o meu género. – Ouvimos os passos do Felix.

– Eu disse-lhe que estavas ao telefone com o Dave – sussurro eu.

– Sim – diz ela em voz alta quando o Felix se senta. – Adiante; sim, era o Dave ao telefone agora mesmo – diz ela roboticamente, com toda a subtileza de um personagem de *Acorn Antiques*. – Era ele outra vez.

– O que é que ele queria?

– Oh, a mesma conversa de sempre. Quer que eu volte para ele, acha que podemos fazer com que resulte. E eu disse, tipo: «Dave, já tivemos esta conversa.» Mas senti qualquer coisa, apesar de não estarmos juntos. Só serve para me convencer de que não estou mesmo nada preparada para seguir em frente com mais ninguém – repete ela como um papagaio.

O Felix morde o beijo com força e depois emborca o resto do vinho de uma assentada.

– É quase meia-noite – diz ele; levanta-se da mesa e volta lá para dentro.

Enquanto entoamos a contagem decrescente, deixo-me ficar na sala de estar suburbana, pesada, opaca e creme que pertence à família daquele rapaz que nunca conheci realmente, e juro que nunca, nunca mais hei de voltar a fazer planos para uma noite com base numa potencial conquista. Olhamos para o televisor de ecrã plano, onde podemos ver a cobertura da BBC com gente de bochechas coradas, bêbedos de cachecol a bater palmas na South Bank, e só penso que queria estar ali. O Big Ben bate a meia-noite. Ouve-se o *Auld Lang Syne*. Então, por alguma razão que nunca hei de conseguir entender, todos os presentes começam a dançar agarrados, como se fosse a última música antes do fecho da discoteca. Todos menos o Felix, que está no outro lado da sala, amuado, agarrado a um jogo no telemóvel. Giro a maçaneta de latão do móvel-bar de mogno a imitar o antigo e sirvo-me de uma garrafa de uísque. Olho para a Farly, que está entretida a segurar o labrador preto da família pelas patas dianteiras. Também eles estão a dançar ao som funéreo do *Auld Lang Syne*.

Perdemos o último comboio de regresso a Londres, pelo que fico diante da casa e telefono a algumas empresas de táxi locais para saber quanto me custaria a viagem, mas são todas demasiado caras. Estamos presas no Surrey durante pelo menos oito horas, numa casa cheia de casais e com uma paixoneta minha que não me acha graça – tudo gente do ano atrás do meu na escola. Volto para o sétimo círculo do inferno suburbano e vejo a Farly e o jogador de rãguebi enroscados contra o frigorífico antes de se esgueirarem para dentro da despensa. Vou até ao jardim fumar o resto dos meus cigarros uns atrás dos outros, sozinha.

– Onde está a Farly? – pergunta o Felix, que teve a mesma ideia que eu. Já não tenho pachorra para manter a farsa.

– Está na despensa com aquele tipo jogador de rãguebi – respondo eu sem expressão antes de beber um gole da garrafa de uísque.

– O quê!? Então e o Dave?

– Não sei – respondo, acendendo mais um cigarro e soltando o fumo no ar frio da noite. – Ela e o Dave é uma coisa muito complicada, Felix, e quanto mais cedo perceberes isto, melhor. Estão na maior, estão na merda, estão

juntos, estão separados.

– Mas ela disse que estavam *juntos* há uma hora – diz ele, indignado.

– Sim, pois... acho que ele deve ter voltado a ligar e eles devem ter voltado a discutir e ela deve ter percebido que estava farta... deve ter sido isso.

– Porreiro – diz ele, sentando-se na mobília de jardim a meu lado enquanto tira um cigarro. – Esta é a pior Passagem de Ano de sempre.

– Sim – concordo eu. Ficamos a ver os últimos fogos de artifício do Surrey em silêncio. – É mesmo.

10 de novembro

**Queridos todos que já conheci e alguns que nunca conheci,**

As minhas desculpas pelo *email* de grupo pelo qual não me sinto nada arrependida. Desculpem a autopromoção descarada pela qual não me sinto nada envergonhada. Estou a mandar este *email* porque tenho um projeto em que estou a trabalhar há quinze dias e acho que merece o vosso tempo, dinheiro e atenção.

Estou a organizar uma noite de música, oralidade e cinema num evento chamado *Lana's Literary Salon*, a ter lugar num parque de estacionamento abandonado em Leytonstone. A ideia é que a noite evoque as tradições de conversação da Oxford Union, numa verdadeira expansão mental com a atmosfera de uma *Noel's House Party*.

Para começar, haverá poesia declamada pela India Towler-Baggs sobre os temas do seu recente e transformador corte de cabelo, a difícil escolha de um browser da internet, e encontrar o caminho de regresso a si mesma por meio de um misto de cerimónias de *ayahuasca* e aulas de zumba. Ela irá apresentar toda a sua obra com um ligeiro sotaque jamaicano, embora frequente o Cheltenham Ladies' College.

Como a maioria de vocês já sabe graças a um fluxo constante de *spam* no Facebook, o Ollie fundou o seu partido político, Young Clueless Liberals, pelo que irá ler o seu manifesto em voz alta, seguido de uma discussão em palco com a jornalista Foxy James (*T4, MTV News*) sobre os seus três principais objetivos para o partido: primeiros compradores, propinas e reabertura da discoteca Fabric. Podem inscrever-se no partido no "local".

Depois, o acontecimento principal: a minha curta. *No One Minds That Ulrika Jonsson is an Immigrant* explora os temas da identidade cultural, cidadania e soberania num cenário futuro e distópico. Após o fim deste filme de três minutos, a Foxy vai entrevistar-me em palco sobre o dito filme durante duas horas – vamos fazer referência ao filme e à respetiva

equipa (essencialmente, a minha família) como se fosse uma obra universalmente reconhecida e falar num tom muito enturmado, entendido e piadeiro, com histórias de bastidores como se eu fosse o Martin Scorsese num comentário de realizador sobre o filme *Tudo Bons Rapazes*.

Haverá cerveja artesanal, fabricada pela minha colega de casa na varanda do nosso recém-estreado apartamento em Penge. A cerveja, com o nome de *The Death of Hackney*, sabe a *Marmite* com gás e cheira a uma infeção do trato urinário e pode ser vossa por 13 libras cada garrafa. Saúde!

Haverá também um balde a circular no qual poderão caridosamente doar tanto ou tão pouco quando bem entenderem para uma causa verdadeiramente meritória: eu. A sequência do *Ulrika* encontra-se em pré-produção e quero despachá-la o mais depressa possível, mas não quero ter um emprego chato como toda a gente (muito à semelhança do Kerouac, não me dou bem com as manhãs).

Muito, muito obrigada pelo vosso apoio nisto. Vou literalmente amar cada um dos que aparecerem – exceto aqueles que não conheço tão bem, que hei de cumprimentar de uma forma superficial para depois comentar «Oh, meu Deus, porque é que ele está aqui? Eu literalmente não o via desde a escola primária! Acho que está obcecado comigo» e com as minhas amigas.

Que a arte esteja convosco...

Lana xxx

## Ser um pouco gorda, ser um pouco magra

– Já não me amas? – perguntei.

«Não», respondeu ele. «Não, acho que já não te amo.»

– Ao menos, gostas de mim? – insisti.

Silêncio.

«Acho que não.»

Desliguei.

(Desde então, tenho aconselhado que o melhor é mentir quando estamos a acabar com alguém. A conversa do «desapaixonei-me» é muito má. A conversa do «não gosto de ti» é mortífera.)

Eu tinha apenas 21 anos e acabara a universidade há um ano. E o meu primeiro namorado a sério tinha acabado de me dar com os pés pelo telefone.

O Harry e eu estávamos juntos há pouco mais de um ano, apesar de sermos completamente errados um para o outro. Ele era conservador, obcecado pelo desporto, fazia cem flexões todas as noites antes de se deitar, era o «secretário social» do Exeter University Lacrosse Club e tinha uma *t-shirt* não irónica que dizia «Lash Gordon» na frente. Detestava grandes demonstrações de emoção, mulheres altas que usassem saltos altos ou que dessem muito nas vistas. Ou seja, basicamente todas as características da minha personalidade na altura. Ele achava-me um desastre, eu achava-o primário.

Toda a nossa relação se passou em discussões, até porque nunca estávamos longe um do outro. Ele tinha praticamente vivido no apartamento que eu dividia com a Lacey, a AJ e a Farly no nosso último ano na universidade e tinha-se mudado para casa dos meus pais no verão enquanto fazia um estágio.

Um dos nossos momentos mais baixos teve lugar no fim daquele longo, quente e agitado mês de agosto, sem distância um do outro, quando nos

metemos num comboio para Oxford, para ir à festa do vigésimo primeiro aniversário da Lacey. Levantei-me da minha mesa depois do prato principal, fui dar uma volta e descobri uma piscina, que me pareceu apetitosa. Como tal, despi-me toda e fui dar um mergulho, e, quando alguns amigos apareceram à minha procura, encorajei-os a fazer o mesmo. A noite desceu sobre uma megafesta na piscina e eu tornei-me uma espécie de Mestre de Cerimónias em pelota. O Harry passou-se.

Na manhã seguinte, escondidas atrás de uma árvore, a Farly e a AJ riam-se descontroladamente enquanto o viam gritar: «NUNCA MAIS ME FAZES PASSAR UMA VERGONHA COMO AQUELA!», a minha vergonha sendo ainda mais evidente pelo facto de a piscina ter cloro a mais, pelo que o meu cabelo oxigenado era agora de um intenso verde-garrafa.

Não tínhamos absolutamente nada em comum. Mas ele queria ser o meu primeiro namorado a sério e quando eu tinha dezanove anos esta era uma boa razão para andar com alguém.

Eu estava a viver num apartamento em East London naquela noite em que ele me ligou, instalada por tempo indefinido em casa de uma amiga enquanto começava o curso de jornalismo, para evitar o longo trajeto desde Stanmore. A Farly apareceu uma hora depois, à uma da manhã, vinda de casa da mãe dela, e disse que me ia levar para casa.

Eu estava inconsolável na viagem de regresso, a tentar reproduzir a nossa conversa à Farly, mas quase incapaz de me lembrar de qualquer pormenor que fosse. O meu telefone tocou: era o Harry. Eu disse-lhe que não era capaz de falar com ele. Ela encostou à berma e tirou-me o telefone da mão.

– Harry, porque é que fizeste isto? – gritou ela. Não consegui perceber o que ele estava a dizer do outro lado da linha. – Tudo bem, mas porque é que lhe fizeste isto pelo telefone? Porque é que não vieste cá para fazer isto cara a cara? – gritou ela outra vez. Mais conversa indecifrável do outro lado e a Farly a ouvir. – AH, SIM? ENTÃO, VAI-TE MAS É FODER – berrou ela. Desligou e atirou o telemóvel para o banco de trás.

– O que é que ele disse?

– Objetivamente, nada – foi a resposta.

A Farly dormiu na minha cama naquela noite. E na noite seguinte. Acabou

por ficar duas semanas; não voltei para o apartamento. Era a primeira vez que eu dava por mim com um desgosto de amor e nunca tinha pensado que aquela sensação avassaladora pudesse ser uma confusão tão intensa, como se eu não tivesse motivos para voltar a confiar em alguém. Não sabia exatamente o que tinha acontecido nem porquê. Tudo que sabia era que eu não tinha estado à altura.

Também não conseguia comer. Já tinha ouvido falar desta consequência de uma separação, mas nunca me passara pela cabeça que me pudesse afetar. Eu era e sempre tinha sido uma rapariga com muito apetite. Talvez com o maior apetite de todas as que eu conhecia. Nunca conseguira fazer uma dieta que durasse mais do que dois dias. Na minha família, todos adoravam comer, a Farly e eu adorávamos comer. A minha mãe, uma cozinheira nata que tinha crescido com avós italianos, começara a ensinar-me a cozinhar quando eu tinha cinco anos, eu ao lado dela em cima de uma cadeira para que a pudesse ajudar a amassar a massa ou a bater ovos na bancada da cozinha. Eu tinha cozinhado para mim durante toda a adolescência e cozinhava para todos na universidade. A minha primeira entrada no meu diário, quando tinha seis anos, tinha sido uma descrição entusiasmada do que comera naquele dia. Recordava as fases da minha vida com base no que tinha no prato: as batatas assadas crocantes nas férias à beira-mar no Devon, as tortas cheias de compota no meu décimo aniversário, o frango assado de todos os domingos à noite, afogar em molho o pavor da semana de escola que se aproximava. Por mais terrível que a vida se tornasse, por mais insuportável que a dor fosse, eu tinha sempre a certeza de que ainda me sobraria espaço para repetir a dose.

Nunca achei que tivesse peso a mais, mas o meu tipo de corpo era muitas vezes obscuramente descrito como «uma rapariga grande». Venho de uma longa e alta linhagem de gigantes. O meu irmão, Deus o abençoe, era um adolescente de um metro e oitenta e sete que tinha de comprar roupa em lojas com nomes como «Magnus» e «High and Mighty». Quando eu tinha quatorze anos, já media um metro e setenta e sete. Aos dezasseis, tinha um metro e oitenta e três. Mas não era uma daquelas raparigas adoravelmente altas, magras, meio adolescentes, metade-potro-metade-gente: eu era larga,

com mamas e ancas grandes. Era o oposto das raparigas fotografadas nas páginas da *Bliss* e descritas na série de livros *The Baby-Sitters Club*. Assim como nunca tive a estrutura mental apropriada para ser uma adolescente, o meu físico também não se adequava ao papel.

Para mim, ser uma adolescente tão alta era difícil: nunca sabia quanto devia pesar, porque todas as raparigas tinham metade da minha altura e se referiam ao seu «peso de gorda» como sendo um peso que eu não tinha desde a infância, o que me causava uma forte sensação de vergonha. Isto, associado à tendência para comer por uma questão de tédio e aos resquícios de gordura da infância, fez com que eu já estivesse a comprar o tamanho 46 quando ainda nem tinha dezasseis anos. Eu sabia que era maior do que as minhas amigas e que às vezes me chamavam gorda, mas sempre acreditei que o meu corpo faria mais sentido quando deixasse de ser criança. O único momento realmente embaraçoso surgiu quando, num churrasco aos quinze anos, a Tilly, uma amiga extremamente bêbeda e espetacularmente gorda dos meus pais, me agarrou no pneu da cintura como se estivesse a pilotar um navio e anunciou a todos os presentes no jardim que «nós, as gordinhas, temos de nos manter unidas», dizendo-me com todas as letras que «os homens gostam de um pouco de chicha numa rapariga», antes de eu ser brindada com uma piscadela de olho conspirativa por parte do marido dela, que, aliás, era da largura de um *Vauxhall Zafira*.

Algum peso foi-se sumindo lentamente quando fui para o colégio interno e, quando entrei na universidade, já usava um confortável tamanho 44 – mas não me fazia muita diferença não ser muito magra. Isso não me impedia de beijar os rapazes que queria beijar. Podia comprar roupa na *Topshop*. E eu adorava comer e cozinhar, pelo que aceitava o compromisso.

Todavia, ali estava eu: finalmente incapaz de comer fosse o que fosse. Da cabeça aos pés, dei por mim inundada por uma sensação amarela e doentia, e o meu apetite – o meu trunfo mais resplandecente – tinha desaparecido. Os meus intestinos pareciam cinéticos. Sentia um nó constante na garganta. A minha mãe dava-me tigelas de sopa à noite, com a conversa de que era fácil de engolir, mas eu só conseguia comer algumas colheradas e despejava o resto no lava-loiça quando ela não estava por perto.

Duas semanas depois, subi para a balança. Tinha perdido seis quilos. Pus-me nua à frente do espelho e vi, pela primeira vez na minha vida, o despontar daquilo que me tinham levado a acreditar serem os verdadeiros predicados da feminilidade. Uma cintura menor, ossos visíveis nas ancas, clavículas e omoplatas. Naquela nova paisagem que eu não entendia – onde o rapaz com quem eu partilhara a casa e a vida durante mais de um ano de repente tinha nojo de mim –, tive um vislumbre de algo que finalmente fazia sentido. Eu tinha deixado de comer, pelo que o meu corpo estava a mudar. Aquilo resultava. Ali, no meio daquela confusão, eu encontrara uma fórmula simples que podia dominar. Ali estava algo que eu podia controlar e que me levaria a um novo lugar, a um lugar onde eu poderia ser alguém diferente. A resposta estava na minha imagem refletida: deixa de comer.

Transformei a minha nova missão num projeto: pesava-me todos os dias, contava os passos que dava, contava as calorias, fazia abdominais no meu quarto todas as manhãs e todas as noites, anotava as minhas medidas semana a semana. Vivia de *Coca-Cola Diet* e cenouras. Se me apetecia comer alguma coisa, ia para a cama ou tomava um banho quente. Perdi mais peso. E continuei a perdê-lo dia após dia, quilo atrás de quilo – parecia que nunca havia de chegar a um valor estacionário. Isto encheu-me com uma energia que, a princípio, foi como um substituto da comida: sentia-me como um comboio de alta velocidade que funcionava magicamente sem combustível. Passou-se mais um mês, perdi outros seis quilos. O meu período não apareceu, o que ao mesmo tempo me assustou e me encorajou. Pelo menos, significava que algo estava a mudar por dentro e por fora também; pelo menos, eu estava mais perto de ser outra pessoa.

Durante este tempo, quando eu não estava nas aulas, estava trancada em casa. Ainda me sentia frágil depois da separação e não me apetecia socializar. A primeira pessoa a perceber que havia algo de errado foi a Alex, irmã do Harry, de quem eu me tornara muito amiga durante a nossa relação e que, felizmente, ficou do meu lado quando nos separámos. Ela tinha acabado de se mudar para Nova Iorque e falávamos diariamente no Skype. Um dia, a meio de uma das nossas conversas, levantei-me e ela viu-me de

corpo inteiro pela primeira vez em meses.

«O que é que é feito das tuas mamas?» perguntou ela, arregalando os olhos enquanto me examinava de alto a baixo, com a cara colada à câmara.

– Estão aqui.

«Não estão, não. E o teu estômago parece uma tábua de engomar. Dolls, o que é que te aconteceu?»

– Nada, só perdi algum peso.

«Oh, minha querida», disse ela, franzindo a testa. «Não andas a comer, pois não?»

As outras não eram tão perçetivas. Comecei a sair mais e a encontrar-me com amigas da universidade. Diziam-me que tinham ficado a saber do Harry e que tinham muita pena. Diziam-me que ele tinha uma namorada nova. Diziam-me que eu estava com ótimo aspeto, uma e outra vez. Cada um daqueles elogios alimentava-me como se fosse um almoço.

Eu saía e bebia constantemente para tentar distrair-me da dor da fome. A minha mãe, cada vez mais preocupada, deixava-me pratos de comida na mesa da cozinha para quando eu chegasse depois de uma noitada. Pensava, e com razão, que seria a altura mais provável para eu cair em tentação. Aprendi a seguir diretamente para a cama quando entrava em casa.

Em dezembro, tinha perdido dezoito quilos. Dezoito quilos em três meses. Já me era mais difícil recorrer aos pensamentos e rituais rigorosos que me tinham mantido longe da comida até àquela altura. Estava exausta, com o cabelo fraco e constantemente com frio. Ficava sentada no duche para tentar aquecer, com a água tão quente que me queimava as costas e deixava marcas. Mentia constantemente aos meus pais preocupados, a respeito do que tinha comido naquele dia ou de quando ia voltar a comer. Sonhava que tinha consumido montanhas e montanhas de comida e acordava lavada em lágrimas, frustrada por ter estupidamente quebrado o feitiço que tinha lançado.

A Hicks ficou mais um ano em Exeter depois de nós outras acabarmos a licenciatura. Num fim de semana, a Sophie, a Farly e eu decidimos ir até lá de carro, passar o fim de semana com ela e correr todas as nossas capelinhas. Isto também queria dizer que eu podia ver o Harry, que estava no último

ano lá, algo que, pensei, talvez me trouxesse a sensação de que algo tinha acabado e me convencesse de que o assunto estava encerrado. Eu disse-lhe que tínhamos coisas para devolver um ao outro; ele aceitou encontrar-se comigo.

As minhas amigas levaram-me a casa dele ao princípio da noite de sábado e estacionaram à porta.

– FICAMOS AQUI À TUA ESPERA, MIÚDA – gritou a Hicks pela janela do carro, com os pés e um cigarro pendurados na dita. Fui até à porta do Harry e toquei.

– Meu Deus – disse ele quando abriu. – Tu estás...

– Olá, Harry – disse eu, passando por ele sem parar e começando a subir as escadas. Ele foi atrás de mim. Ficámos em lados opostos do quarto dele, a olhar um para o outro.

– Estás fantástica.

– Obrigada – disse eu. – Podes-me dar as minhas coisas?

– Sim, sim, claro – respondeu ele meio atordoado. Entregou-me um saco de plástico com as minhas roupas e livros. Tirei da minha mala as camisolas enroladas dele e atirei-as para a cama.

– É tudo o que era teu que encontrei em minha casa.

– OK, obrigado – disse ele. – Ficas cá quanto tempo?

– O fim de semana. Eu, a Farly e a Soph estamos em casa da Hicks.

– Oh, excelente – disse ele. Estava a falar incharacteristicamente pouco. – Bem, diz-lhes que lhes mando um beijo. Se bem que o mais provável é que elas não queiram saber de mim. – Um breve silêncio enquanto continuávamos a olhar um para o outro. – Desculpa se...

– Não peças desculpa – disparei.

– Mas peço – insistiu ele. – Peço desculpa pela maneira como agi.

– A sério, não peças: fizeste-me um grande favor – consegui dizer. – Olha, até deixei crescer as unhas, já não as roo; fiz a minha primeira manicura, vê lá tu, e só custou cinco libras – acrescentei, estendendo agressivamente as mãos na direção dele.

Ouvi a buzina do carro lá fora. A Sophie e a Hicks estavam a beber cerveja e não largavam a buzina, enquanto a Farly esbracejava e tentava impedi-las.

- Tenho de ir.
- Claro – disse ele. Descemos as escadas em silêncio e ele abriu a porta. – Tu estás bem? – perguntou ele já lá em baixo. – Pareces muito...
- Magra? – perguntei.
- Sim.
- Eu estou bem, Harry – disse-lhe eu, antes de lhe dar um abraço indiferente. – Adeus.

Elas levaram-me a um restaurante indiano para celebrar o que, para elas, era o grande final daquela grande trapalhada; debiquei um pouco de arroz e bebi imperiais atrás de imperiais. Sentia-me mais agitada, mais humilhada, mais furiosa e mais descontrolada do que nunca. Fosse o que fosse que eu pretendia conseguir ao vê-lo não tinha resultado. Nem de longe.

Lancei-me numa perda de peso mais rápida e mais agressiva. A raiva alimentava-me. O peso começou a estabilizar – um sinal de que as engrenagens do meu metabolismo estavam confusas e a perder velocidade –; como tal, passei a comer menos. As minhas amigas começaram a confrontar-me – a Farly disse-me que, para ela, eu estava presa a uma obsessão. Tentou ajudar-me a abrir-me, mas rejeitei-lhe as tentativas com humor. De um modo geral, percebi que uma boa tática para não me chatearem era alinhar em piadas constantes sobre o pouco que eu comia. Eu própria referia a questão antes de qualquer uma delas, pelo que se convenciam de que não era um problema, apenas uma dieta. E, além disso, como eu não deixava de salientar, eu ainda vestia o 38. Não estava magra – tinha sempre sido grande.

Alinhei nisto porque era a única coisa que eu podia controlar. Alinhei nisto porque só queria ser feliz e toda a gente sabe que, quando estás mais magra, és mais feliz. Alinhei nisto porque, constantemente, a sociedade recompensava-me pela minha tortura autoinfligida. Recebia elogios, recebia propostas, sentia-me mais aceite por gente que eu não conhecia, quase todas as roupas ficavam fantásticas no meu corpo. Sentia-me como se tivesse finalmente ganho o direito de ser levada a sério como mulher; que tudo antes tinha sido redundante. Que tinha sido parva em pensar que alguma

vez fora digna do afeto alheio. Eu tinha equiparado o amor à magreza e, para meu horror, o reforço desta crença era omnipresente. A minha saúde estava em queda, a minha cotação estava em alta.

E uma mulher nunca pode ser demasiado magra, o problema é esse. Estar sempre com fome ou eliminar todo um grupo de alimentos ou passar quatro noites por semana num ginásio Fitness First não é visto como um preço demasiado alto a pagar. Para ser um rapaz atraente, basta ter um sorriso bonito, um tipo de corpo mediano (mais quilo, menos quilo), um pouco de cabelo e usar uma camisola de boa qualidade. Para ser uma mulher desejável – o céu é o limite. Mandamos depilar todas as superfícies do nosso corpo. Fazemos manicuras semanais. Usamos saltos todos os dias. Parecemos um Anjo da Victoria's Secret mesmo que trabalhemos num escritório. Não basta ser uma mulher de estrutura mediana com um pouco de cabelo e uma camisola de boa qualidade. Não chega. Dizem-nos que temos de ser iguais às mulheres que são pagas para terem aquele aspeto.

E quanto mais eu me esforçava para ser perfeita, mais imperfeições eu encontrava. Tinha sido mais confiante quando vestia um 42 do que era agora, com menos dezoito quilos. Quando ficava nua à frente de um novo parceiro, apetecia-me pedir desculpa pelo que tinha a oferecer e apresentar uma lista de coisas que ia mudar, como uma dona de casa de classe média que diz aos convidados: «Ah, não reparem no tapete, o tapete é medonho, prometo que tudo isto vai mudar.»

Algumas das preocupações das minhas amigas começaram a transformar-se em irritação. Eu chegava às festas basicamente meio-vestida, sem comer nada há dias, e passeava num transe, praticamente incapaz de dizer fosse o que fosse. A Sabrina e a AJ iam fazer uma viagem juntas e eu cheguei tarde à festa de despedida, a sentir-me demasiado fraca para falar com alguém; dei uma desculpa e saí passado meia hora. Sentia-me a empurrar a minha vida para longe de tudo e cada vez mais presa numa sensação de controlo que era completamente falsa.

E, então, apaixonei-me pela primeira vez.

Eu estava meio perdida numa festa manhosa em Elephant and Castle

quando conheci o Leo. Nunca tinha visto um homem mais perfeito. Alto e magro, cabelo escuro, um queixo forte, olhos cintilantes, nariz arrebitado, um bigode dos Anos Setenta; uma cara que era meio Josh Brolin, meio James Taylor e – esta é a melhor parte – sem fazer ideia nenhuma da sua própria beleza. Era um doutorando *hippie*; um monomaniaco com uma monossobancelha.

Começámos a encontrar-nos pouco depois daquela noite. Eu soube que era um assunto sério porque não fui para a cama com ele durante os dois primeiros meses, querendo desesperadamente fazer bem as coisas, saborear cada momento que passava com ele – não fazer nada à pressa. Ele vivia em Camden e no fim das noites que passávamos juntos, o que era normalmente por volta das quatro da manhã, levava-me até à paragem de autocarros junto à estação de Chalk Farm e eu esperava que o N5 me levasse quinze quilómetros para norte até Edgware. Lá chegada, fazia os quarenta e cinco minutos a pé até Stanmore, percorrendo ruas desertas com *Volkswagens* estacionados, a ver o sol nascer sobre as casas geminadas de tijolo vermelho – e sentia-me mais feliz do que alguma vez imaginara ser possível.

Certa noite, enquanto fazíamos este percurso familiar através de Camden, ele parou para me beijar e passou as mãos pelo meu cabelo, sentindo os altos das minhas extensões. Afastou-me os cabelos da cara e segurou-os atrás da minha cabeça.

– Ficavas linda com o cabelo curto – disse ele.

– Nem sonhes – disse eu. – Usei o cabelo apanhado quando era adolescente e parecia um frade.

– Não, estou a dizer mesmo muito curto. Devias experimentar.

– Não – insisti. – Não tenho cara para isso.

– Tens, sim – disse ele. – Não sejas medricas. É só cabelo.

Mal sabia ele que «só cabelo» era tudo que eu achava ser o meu valor. Só cabelo, só clavículas, só abdominais. «Só» era tudo aquilo em que eu tinha gasto a minha energia durante a maior parte do ano e tudo o que eu achava que valia.

Um mês depois, levei uma foto da Twiggy para o cabeleireiro, tomei um *shot* de vodca e cortei quarenta centímetros do meu cabelo. Com ele, foi-se

uma parte da minha obsessão com o meu aspeto. Cortada e largada no chão.

O Leo não se tinha apercebido do meu segredo, porque eu não queria que ele pensasse que era maluca, mas, passados alguns meses de namoro, ele começou a somar dois mais dois. Eu arranjava maneira de evitar qualquer situação em que houvesse comida, dizia-lhe sempre que tomava o pequeno-almoço depois quando nos separávamos pela manhã. Finalmente, uma amiga disse-lhe que achava que eu estava doente.

– Isto é um problema? – perguntou-me ele.

– Está tudo bem – respondi eu, envergonhada e apavorada com a perspectiva de estar prestes a perder a melhor pessoa que alguma vez tinha conhecido.

– Porque eu posso fazer isto contigo. Posso ajudar. Mas não posso apaixonar-me por ti se tu não consegues falar comigo.

– OK, tem sido um problema – disse eu. – Mas vai mudar. Prometo.

Eu teria feito qualquer coisa para manter aquele homem na minha vida. O amor que eu sentia era agressivo e angustiante: eu amava-o com pânico e paixão. Não me apaixonei: o amor abateu-se sobre mim. Como uma tonelada de tijolos, de uma grande altura. Não tive outra escolha senão abrir mão de uma obsessão que arriscava acabar com tudo.

E foi o que fiz. Li todos os livros que devia; fui ao médico. Lentamente, cinco quilos encontraram o caminho de regresso à minha pessoa. Lentamente, habituei-me a comer como gente normal. A minha saúde voltou. Até experimentei reuniões de grupo de apoio em centros comunitários onde, imagine-se, a primeira coisa que eles fazem é pôr um prato de bolachas no meio da sala e discutir a quem é que cabe levar as bolachas na semana seguinte, o que me parecia tão útil como deixar uma garrafa de *Jack Daniel's* no meio de uma reunião dos AA.

Recuperei a minha paixão pela comida. Passava todos os fins de semana a cozinhar e a comer com o Leo. A minha mãe e eu víamos juntas antigos episódios da Fanny Craddock e da Nigella. Toda a gente insistia em dizer que eu parecia «saudável» sempre que me viam e eu tentava ignorar a ideia de que tal significava que eu estava gorda outra vez. A guerra tinha acabado; começara a recuperação. Recuperei a minha vida.

O *meu hippie* libertou-me da minha escravatura da perfeição. Apanhávamos bebedeiras e cortávamos o meu cabelo ainda mais curto. Ele cortava madeixas enormes com tesouras de cozinha enquanto eu estava sentada à mesa a espremer limas para dentro de cervejas. Acabei por rapar os dois lados e fiquei com uma crista tufada. Passava a vida com sapatos de lona e camisolas dele e passava os dias com ele sem tocar num estojo de maquilhagem ou numa lâmina – uma estreia absoluta. Passávamos fins de semana na costa e lavávamos a cara e o corpo e os pratos no mar. Armávamos uma tenda no quarto dele nas noites de domingo quando estávamos aborrecidos. Era puro e livre e perfeito.

Mas eu sabia lá no fundo que estava a transformar-me para satisfazer o olhar de um homem: acabara de passar para o extremo oposto do espetro. O Leo detestava que eu usasse muita maquilhagem; como tal, eu tirava-a no autocarro a caminho de casa depois de uma festa. Trocava os meus saltos por ténis.

O peso que recuperei não foi algo que eu quisesse fazer por mim. Se eu não tivesse conhecido o Leo, acho que teria continuado a emagrecer, mas, com um golpe de sorte, ele ajudou-me a chegar à recuperação total. À medida que ia ficando mais velha e, felizmente, mais ciente da dádiva preciosa que é ter um corpo saudável e funcional, sentia-me envergonhada e perplexa por ter tratado tão mal o meu. Mas estaria a mentir se dissesse que acho que um dia estarei completamente livre do que me aconteceu naquela altura, que é algo que nunca ninguém te há de dizer. Podes recuperar a tua saúde física; podes desenvolver uma atitude racional, equilibrada e atenta em relação ao peso, bem como bons hábitos diários. Mas não és capaz de esquecer quantas calorias tem um ovo cozido nem quantos passos queimam quantas calorias. Não és capaz de esquecer o teu peso exato em cada semana de cada mês daquela época da tua vida. Podes tentar bloquear o mais que puderes, mas às vezes, em dias muito difíceis, parece-te que nunca voltarás a sentir-te tão eufórica como aquela miúda de dez anos que lambia a compota das pontas dos dedos, nunca mais.

## Tudo o que sei sobre o amor aos vinte e um

Os homens adoram uma mulher louca e obscena. Faz sexo no primeiro encontro, deixa-os acordados a noite inteira, fuma haxixe na cama de manhã, nunca lhes voltas a telefonar, diz que os odeias, aparece-lhes à porta de casa com um uniforme de enfermeira – debes ser tudo menos convencional. É assim que os manténs interessados.

Se ignorares os namorados das tuas melhores amigas durante o tempo suficiente, eles acabam por se ir embora. Trata-os um pouco como tratarias uma banal constipação ou um caso ligeiro de aftas.

Nenhuma separação nunca será tão difícil como a primeira. Hás de andar sem rumo nos meses seguintes, a sentir-te tão perdida e confusa como uma criança, a questionar tudo o que sabias ser verdade e a pensar em tudo o que vais ter de reaprender.

Fica sempre em casa dele; assim, podes sair quando quiseres na manhã seguinte.

O homem perfeito tem pele morena e olhos castanhos ou verdes, um nariz grande e forte, barba densa e cabelo escuro encaracolado. Tem tatuagens que não são embaraçosas e cinco pares de *Levi's vintage*.

Quando não estiveres a ter sexo, deixa crescer os pelos lá em baixo até parecerem um arbusto desgovernado. Não adianta desperdiçar tanto tempo e dinheiro e inalar tantos vapores de cremes depilatórios a menos que alguém veja o resultado.

Quando fores suficientemente magra, sentir-te-ás feliz com quem és, então, serás digna de ser amada.

Não saias com alguém que não te deixe apanhar uma tosga nem flirtar com outros. Se isso faz parte da tua identidade, ele deve aceitar-te como és.

Os orgasmos são fáceis de fingir e fazem com que ambas as partes envolvidas se sintam melhor. Pratica uma boa ação hoje.

Hás de sentir-te bem, centrada e calma quando te apaixonares pelo

homem certo.

A pior sensação do mundo é darem-te com os pés.

Os homens, no geral, não são de confiança.

A melhor parte de uma relação são os primeiros três meses.

Uma boa amiga há de sempre pôr-te à frente de um homem.

Quando não conseguires adormecer, sonha com todos os casos com homens de pele morena e cabelo encaracolado que ainda tens pela frente.

## *Gooseberry Fool:*<sup>8</sup> A minha vida a segurar a vela

Tudo começou com uma viagem de comboio. Sempre achei que algo de fantástico me poderia acontecer num comboio. O estado transicional de uma longa viagem sempre me pareceu o lugar mais romântico e mágico ao meu alcance; abandonada no casulo confortável dos meus próprios pensamentos, suspensa no ar, a viajar através de uma série de páginas silenciosas e vazias entre dois capítulos. Um lugar onde os telefones entram e saem da tua consciência e és forçada a passar o tempo com os teus pensamentos, a ponderar o que tem de ser redefinido e reordenado. Construí grandes sonhos sentada em comboios. Os meus momentos mais nítidos de epifania ou gratidão surgiram ao percorrer uma zona rural inglesa não identificável, a olhar para um campo dourado de colza, a pensar no que estou a deixar para trás ou prestes a encontrar.

Em 2008, apanhei um comboio em Paddington que mudou a minha vida para sempre, mas não da maneira que eu esperava. Não foi nada que se parecesse com os filmes *Antes do Amanhecer* ou *Quanto Mais Quente Melhor* ou *Crime no Expresso do Oriente*. Não me apaixonei nem me lancei numa interpretação obscena e embriagada de *Runnin' Wild* com um *ukulele*, nem dei por mim enredada no mistério de um homicídio. Não, em vez disso, dei início a uma cadeia de acontecimentos que havia de se desenrolar lentamente durante os cinco anos seguintes, até que, finalmente, a história ficou tão frustrantemente distante que eu não a conseguia alcançar, muito menos desfazer o que eu tinha começado. A história da viagem de comboio que mudou a minha vida, na verdade, quase nem tem nada a ver comigo.

Era o inverno mais frio da minha memória (provavelmente por causa da minha predileção por vestidos bem justos na altura) e, quando eu estava no último comboio de domingo à noite de regresso à Universidade de Exeter, começou a nevar. O comboio avariou-se mesmo às portas de Bristol e, enquanto outros passageiros resmungavam e suspiravam e se passeavam na

sua frustração, eu achei que aquilo tudo era muito romântico. Comprei uma garrafa de vinho tinto barato no vagão-bar da First Great Western e voltei para o meu lugar, onde fiquei a olhar para a paisagem escura e silenciosa que ia ficando impecavelmente coberta de uma neve espessa, como um bolo de Natal.

No banco à minha frente, estava um rapaz mais ou menos da minha idade com a cara mais bonita que eu já tinha visto. Ele tinha estado a ver se eu olhava para ele enquanto eu olhava pela janela, entretida a sonhar com um homem naquele comboio avariado a ver se eu olhava para ele. Finalmente, ele conseguiu o que queria, apresentou-se como Hector e perguntou se me podia fazer companhia numa bebida.

Ele tinha aquele género de confiança peculiar e inabalável que fora obviamente cultivada num liceu privado. É uma confiança que vem de receber um antigo *blazer* identificativo aos treze anos – um conjunto de cores que identificam a casa a que pertencemos, uma alcunha grosseira e um lema que pode ser lembrado a cantar, mesmo depois de cinco imperiais. É a confiança atrevida que vem de pertencer a uma sociedade de debate aos treze anos e depois acaba por chegar ao topo do governo; do género que nos faz acreditar que tem o direito de estar aqui e que tem coisas a dizer. Felizmente, o Hector conseguia compensar esta arrogância porque tinha as feições de um querubim: olhos azuis intensos com íris da cor de centáureas e um nariz arrebitado como um menino num anúncio de sabonetes da década de 1950. Tinha o cabelo ondulado e caído de um jovem Hugh Grant, acompanhado de uma voz cheia, apetitosa e brincalhona. Conversámos durante duas horas enquanto o comboio estava parado – a rir, a beber e a comer as empadas que a minha mãe me tinha dado.

Pois, já sei o que estão a pensar: ai, que este encontro não podia ter sido mais “fofo”. Bem, isso também passou pela minha cabeça de dezanove anos. Como tal, inspirada pelas muitas séries românticas que passavam na televisão nas noites de domingo, decidi que seria mais engraçado se não trocássemos números de telefone e esperássemos voltar a encontrar-nos por acaso. E lá foi ele, na noite fria da estação de Bristol, deixando-me a mim com material suficiente para escrever pelo menos três entradas no meu

desconexo e anónimo blogue de «aventuras de rapariga solteira».

Dois anos passados, poucos meses depois de eu e o Harry termos acabado, eu estava no bar de um *pub* na Portobello Road quando ele entrou. Mesmo com apenas dois anos em cima, aquela cara de querubim tornara-se irónica e *sexy* quando emparelhada com um fato adulto e sobretudo, e um corte de cabelo ligeiramente menos solto.

– Com tantos *pubs* que há no mundo – disse ele quando se aproximou e me deu dois beijos.

Como mandava o figurino, passámos a noite a beber vinho tinto barato enquanto a neve caía pesadamente lá fora e, chegado o toque das últimas bebidas, estávamos outra vez presos. Nevava demais para eu apanhar um autocarro para casa e eu estava demasiado bêbeda para me fazer difícil. Incapaz de enfrentar a neve com um par de saltos altos baratos e pouco firmes, ele levou-me ao ombro como se fosse um tapete persa e fomos para o apartamento dele.

Chegadas as quatro da manhã, ainda estávamos acordados, nus e deitados no chão, a fumar *American Spirits* uns atrás dos outros e a deitar as cinzas num copo equilibrado na minha barriga. Ele tirou o *eyeliner* da minha mala e escreveu uma frase de um poema de Ted Hughes na parede («*Os olhos dela não queriam que nada escapasse / O aspeto dela prendia as mãos, os pulsos, os cotovelos dele*»). Escritas e borradas em *kohl*, as palavras ficaram ao lado de numerosos desenhos a carvão de uma mulher nua. («Fui eu que os fiz. É a minha ex», gabou-se ele; eu ali deitada, nua, o seu projeto em curso, a olhar para aquela parede de artefactos de quecas passadas. «Era um doce, pena ser casada.») Ao lado da cama havia um livro de endereços de couro preto com três palavras em relevo na capa: LOIRAS, MORENAS, RUIVAS. Justiça lhe fosse feita: podia ser um fodilhão, mas era sem dúvida um fodilhão com imaginação.

O Hector era brincalhão, endiabrado, infantil, malandro, devasso, malcriado: todos os adjetivos que se poderiam usar para descrever um homem numa peça de Noel Coward. Eu nunca tinha conhecido ninguém como ele. Tudo nele era antiquado: a família era titular, ele usava um casaco de pele de lobo até ao chão, trazido da Rússia e que pertencera ao avô, e as

camisas dele tinham etiquetas cosidas ainda do tempo do colégio interno. Tudo no quarto dele era emprestado ou revelava excesso de uso. Até a carreira era emprestada: o chefe era um ex-amante da mãe *ex-socialite* e dera àquele licenciado desastroso um emprego na City porque a adorava. Eu costumava deixar o Hector de manhã e perguntar que diabo faria ele no trabalho quando não estava a passear-se com as minhas cuecas, que ele vestia por baixo das calças (por passar) ou a mandar-me *emails* ordinários o dia todo da sua conta de trabalho.

A nossa relação era totalmente noturna porque ele era totalmente noturno, como um qualquer animal mítico da noite, como o lobo errante que tinha sido esfolado para lhe fazer um casaco. Saíamos e embebedávamo-nos em bares escuros, tínhamos encontros que começavam à meia-noite. Uma vez, cheguei mesmo a aparecer em casa dele nua por baixo de uma gabardina. Eu tinha vinte e um anos e estava a viver um romance da Jackie Collins, tendo como coprotagonista um imaturo e lúbrico Just William<sup>2</sup>.

Ele nunca conheceu as minhas amigas e eu nunca conheci os dele – o que nos convinha muito bem. Eu nem sabia que ele tinha companheiros de casa até que, certa vez, entrei bêbada na cozinha às seis da manhã, completamente nua, e dei de caras com um homem chamado Scott. Abri a porta, acendi a luz e lá estava ele, sentado, de fato vestido, a comer os cereais e a ler o jornal antes de ir trabalhar. O Hector achou engraçado – mais do que engraçado: achou que a ideia de o seu companheiro de casa me ver em pleno nu frontal era mesmo escaldante. Foi então que tivemos a nossa primeira discussão.

Alguns dias depois, eu estava a preparar uns ovos mexidos na cozinha dele quando o Scott reapareceu de roupão. Sorriu com um ar comprometido.

– Olá – disse ele com um aceno meio desastrado.

– Olá – respondi. – Lamento imenso o que aconteceu na outra manhã. O Hector disse-me que não estava ninguém em casa. Fiquei tão zangada com ele.

– Não tem importância. A sério. Não tem importância.

– Tem importância, sim; é horrível, lamento imenso – balbuciei. – A última coisa que alguém quer ver antes de ir trabalhar.

– Foi... ah... uma surpresa agradável – disse ele. Ofereci-lhe um pouco de ovos e torradas à laia de ramo de oliveira.

Ficámos sentados a fazer uma conversa educada, que nos levou ao tema dos namoros. Ele tinha alguém? Não. Eu tinha amigas simpáticas e solteiras que ele pudesse namorar? Sim, eu tinha a rapariga perfeita. A minha melhor amiga, Farly.

– Mas ela está tudo menos à procura de uma relação nesta altura, está feliz solteira; portanto, teria de ser uma coisa mais casual – avisei.

– Parece-me perfeito.

– Ótimo! Eu dou-te o número dela. É o mínimo que posso fazer – disse eu. Inseri o número dela no telefone. Porque não? Ele parecia ser boa gente – atraente, educado. Ela talvez gostasse de ter uma aventura. Falei com ela de passagem sobre isto e não voltei a pensar no assunto.

Parece-me importante fazer aqui uma pausa para me explicar, para que se entenda o meu papel de mulher-branca-solteira no resto desta história.

A minha amizade com a Farly não foi instantânea – ela passou o seu primeiro ano na escola bastante ligada a um grupo de Power Princesses. Elas eram uma raça de raparigas suburbanas de North London que mandavam na escola. Tinham madeixas loiras, joias da *Tiffany* e piadas do Brady, um clube social e desportivo de Edgware para adolescentes judeus – o Chinawhite dos subúrbios. Eu, por outro lado, usava muita roupa preta aos fins de semana e passava o meu tempo na escola a preparar peças no departamento de teatro, a tentar descrever o trauma de um acidente de avião usando apenas um bloco de madeira. Mas ficámos colocadas nas mesmas turmas de Francês e Matemática e depressa descobrimos que tínhamos um sentido de humor semelhante e uma paixão pelo filme *Música no Coração* e por batons com sabor a melancia.

A nossa amizade fora da escola começou aos poucos, depois de alguns meses sentadas ao lado uma da outra nas aulas. Primeiro, convidei-a para ir a minha casa e a minha mãe fez frango assado. O meu pai fez aquela coisa que sempre faz com todas as minhas amigas quando se agarra a um facto que sabe a respeito delas, num pânico de encontrar uma linguagem comum,

e faz questão de o referir em quase todas as frases. Com a Farly, era tudo o que estivesse relacionado com os judeus ou o judaísmo, algo que ele continuou a fazer durante cerca de dez anos, dizendo coisas como: «Viste que Sir Alan Sugar teve de reduzir o tamanho da Amstrad? Uma vergonha» ou «Vi há pouco tempo um anúncio de voos de custo reduzido para Telavive. O tempo deve estar bom lá, quentinho nesta altura.» Mas, depois de um começo lento, tornámo-nos inseparáveis. Passávamos todos os momentos possíveis juntas na escola e, quando chegávamos a casa, devorávamos o jantar e telefonávamos uma à outra para falar de tudo o que nos tínhamos esquecido de falar nos nossos vários encontros ao longo do dia. Este ritual ficou tão entranhado que ainda hoje me lembro do número do telefone fixo da mãe dela entre 2000 e 2006 mais depressa do que me lembro do PIN do meu cartão de crédito.

Eu detestava a escola e estava sempre a meter-me em sarilhos. Aos doze anos, depois de uma suspensão, de uma discussão com o meu vice-diretor e um castigo, o meu regresso às aulas deu-se com uma professora de geografia que embirrava particularmente comigo. Mandou-nos abrir os cadernos de exercícios, que eu me tinha esquecido de levar, como acontecia com tudo quando era miúda. Eu era um desastre. Todos os anos, na festa de Natal, era atribuído um saco de lixo com o nome «Prémio de Desorganização Dolly Alderton». O aluno escolhido tinha de dar a volta à escola e recolher tudo o que tinha deixado esquecido aqui e acolá. Eu detestava aquilo.

– Onde é que está o seu caderno? – perguntou a professora, a olhar para a minha carteira, com um hálito que era um misto de *Nescafé* e cigarros.

– Esqueci-me dele – murmurei.

– Que grande surpresa – disse ela, elevando a voz para o volume de um anúncio público e passeando-se pela sala. – Ela esqueceu-se. Houve algum dia na sua vida em que não se tenha esquecido de alguma coisa? É um caderno... *um* caderno, não é difícil. – Bateu com o apagador na secretária.

A minha cara ficou vermelha e senti uma náusea crescente ao conter as lágrimas no fundo da garganta. A Farly apertou-me a mão por baixo da carteira duas vezes, depressa e com força. Eu sabia o que aquilo queria dizer. Um código morse universal e silencioso para «Estou aqui, gosto de ti».

Naquele momento, percebi que tudo tinha mudado: tínhamos feito a transição. Tínhamo-nos escolhido uma à outra. Éramos família.

A Farly e eu sempre tínhamos sido a amiga de eleição uma da outra, todos os dias da nossa vida. Éramos parceiras inseparáveis em todos os jantares de família, em todos os feriados, em todas as festas. Nunca tínhamos discutido a sério senão quando podres de bêbedas quando saíamos à noite. Nunca tínhamos mentido uma à outra. Em mais de quinze anos, nunca passei mais do que algumas horas sem pensar nela. Só faço sentido com ela presente como contraste e vice-versa. Sem o amor da Farly, sou apenas um monte de pensamentos desconjuntados e semiacabados; de sangue e músculo e pele e ossos e sonhos impossíveis, uma pilha de poesia adolescente merdosa debaixo da minha cama. O meu caos só ganha uma forma decente com aquela parte familiar e favorita da minha vida ao meu lado.

Sabemos os nomes de todos os nossos avós e dos nossos brinquedos de infância e sabemos as palavras exatas que, quando colocadas em determinada ordem, nos fazem rir, chorar ou gritar. Não existe um seixo na praia da minha história que ela tenha deixado por virar. Ela sabe onde encontrar tudo em mim e eu também sei onde está tudo o que ela é. Em suma, ela é a minha melhor amiga.

Dia dos Namorados, 2010. Este é o dia que o Scott e a Farly escolheram para o seu primeiro encontro. Mas quem é que faz isto? Nem sei porque é que se deram ao trabalho de marcar um encontro, eu estava convencida de que a bebida era apenas uma formalidade: o que eles estavam a fazer era a encontrar-se para uma queca de uma noite.

– Eu sei que parece estranho – explicou ela. – Mas já andamos a trocar mensagens há algum tempo e é o único dia em que ambos podemos.

– Aonde é que vão?

– Não sei. Ele vai-me buscar ao trabalho e disse que há um lugar simpático em Notting Hill para jantar.

– JANTAR – berrei eu. – Por que raio é que vocês vão JANTAR? Isto não ia ser só uma queca?

– Bem, eu não posso simplesmente aparecer em casa dele, Doll; pelo

menos, tenho de falar com ele primeiro.

– Sim, mas porquê um jantar, não é como se tivéssemos... quarenta anos. Que desperdício de dinheiro. Além disso, porquê no Dia dos Namorados?

– Já te disse, se não fosse agora, tínhamos de esperar muito tempo, estamos ambos muito ocupados.

– «Estamos ambos muito ocupados» – imitei. – Mais parece que estão casados.

– Oh, não digas parvoíces.

– Não achas que vai ser esquisito ele, um homem que NÃO conheces, ir ter contigo ao trabalho e levar-te a JANTAR no DIA DOS NAMORADOS e no meio de um MONTE DE CASALINHOS? Não achas que isso vai afetar a tua opinião, para perceberes se realmente gostas dele ou não?

– Não. Vai ser muito casual.

O jantar correu bem. O jantar não foi nada casual. O Scott foi buscá-la ao Harrods, onde ela estava a trabalhar numa secção de joalheria; estava a chover (a chover – *por amor de Deus*, foi mesmo chover no molhado); apanharam um táxi para Notting Hill, foram ao restaurante e tiveram o melhor encontro da vida da Farly. Eu percebi que tinha sido o melhor encontro da vida dela porque a Farly não fez o que costuma fazer, ou seja: nunca mais se cansar de repetir que tinha sido o melhor encontro da vida dela. Quando lhe perguntei pelo Scott, mostrou-se esquiva. Comedida. Até pareceu um pouco adulta.

Foi a irritante maturidade do namoro da Farly com o Scott que me fez perceber a anedota em que a minha relação com o Hector se havia se tornado. Os adjetivos a que eu achava graça azedaram como se fossem leite. Ele era demasiado desastroso e eu já não via piada nenhuma naquilo: não me apetecia beber uma garrafa de vinho branco ao pequeno-almoço nem dar-lhe com um sapato na cabeça numa briga a fingir, nem fazer de conta que era uma fada atrevida como parte da narrativa excêntrica e supercomplicada que eram as fantasias sexuais dele. Duas vezes no espaço de uma semana, ele embebedou-se, apagou-se e deixou-me trancada na rua, à chuva, durante quase toda a noite. A invejável confiança do menino do colégio particular vinha com outra coisa – a necessidade de uma diretora. E

eu não estava interessada nesse cargo.

– Por favor, Dolly – pediu-me a Farly numa noite de sexta-feira. – Por favor, só tens de te encontrar com ele mais uma noite, por favor.

– Não – respondi eu com firmeza. – Já não lhe acho graça.

– Oh, mas eu e o Scott não estamos num ponto em que eu possa simplesmente aparecer em casa dele... vou parecer uma dessas *stalkers*.

– Isso nunca te incomodou antes. – (Uma vez, a Farly carregou vinte libras no telemóvel de um fulano e fê-lo prometer que lhe ia mandar mensagens – o que ele nunca fez).

– Eu sei, mas quero ser normal com ele – disse ela com sinceridade. – Eu *estou* a ser normal com ele, sabe tão bem. Por favor... manda uma mensagem ao Hector. Podemos aparecer juntas, não vai parecer estranho. – Fiquei a pensar no assunto. – Vá lá, eu já fiz isso por ti.

Raios a partissem – era verdade.

Mandei uma mensagem ao Hector e disse que levava a Farly. Apanhámos um autocarro noturno para Notting Hill.

Previsivelmente, depois de nós os quatro tomarmos uma bebida juntos na sala de estar, o Hector a contar uma história de pinças para mamilos com aquela voz irritante e embriagada de Nigel Havers enquanto a Farly se esmerava a enrolar o cabelo nos dedos e a sorrir timidamente ao Scott, os dois foram-se embora. O Hector levou-me para o quarto porque me queria «mostrar uma coisa». Estava incharacteristicamente carinhoso e carente, como fazem os homens como ele quando percebem que nos tornámos distantes (eu não lhe respondia aos *emails* em calão pornográfico há mais de duas semanas). Sentei-me na cama e bebi o vinho branco e choco diretamente da garrafa.

– O que é? – perguntei sem expressão.

Ele sacou de uma guitarra. Ah, não. Isso não – *tudo* menos isso. O quarto com o qual eu passara meses a sonhar, a desejar lá estar, transformara-se rapidamente na caverna dos meus pesadelos mais íntimos. De repente, vi aquele caos boémio como realmente era: meias usadas pelo chão, um leve cheiro a bafio, como um velho pavilhão de críquete num dia húmido, um edredom com buracos feitos por cigarros fumados em coma alcoólico. Os

belos carvões de mulheres nuas tinham-se transformado em feias gárgulas sabidas que não tiravam os olhos de mim. *Tivemos que passar por isso; agora, é a tua vez*, diziam elas.

– Tenho uma coisa que quero que oiças – disse ele num tom empastelado enquanto tocava dois acordes violentos ao tentar afinar a guitarra.

– Meu Deus... não, deixa estar; não te incomodes.

– Dolly Alderton – anunciou ele, como se estivesse numa noite de microfone aberto. – Estou muito apanhadinho. Escrevi isto para ti. – Começou a tocar os três acordes que já tinha tocado tantas vezes antes.

– *Eu vi-a num comboio* – cantou ele num grasnido com sotaque americano. – *A vida nunca voltaria a ser a mesma. Depois da primeira noite, nós...*

– Hector – disse eu disse, macambuzia, já a sentir o efeito do vinho. – Acho que temos de deixar de nos ver.

Saí cedo com a Farly na manhã seguinte e pronto; nunca mais o vi. A Farly e o Scott garantiram-me que eu lhe tinha *mesmo* partido o coração e, aparentemente, o saco *Mulberry Bayswater* de uma nova visita noturna só apareceu na mesa da cozinha pelo menos três semanas depois daquela noite.

(Nota de rodapé: o Hector é agora um empresário de grande sucesso e casou-se com uma atriz de Hollywood. Descobri isto graças a um artigo que li no *Mail Online* enquanto estava sentada de pijama a comer um tronco de Natal de chocolate inteirinho: imagine-se!)

---

<sup>8</sup> Nome de uma sobremesa inglesa – neste caso, de groselha verde (*gooseberry*). Tradicionalmente, é feita misturando fruta cozida com açúcar e desfeita em puré com um creme doce – leite creme, natas batidas, iogurte grego. (N. T.)

<sup>2</sup> *Just William* é o nome de uma série de trinta e nove livros infantis, escritos por Richmal Crompton (1890-1969), que narram as aventuras do indisciplinado estudante William Brown. (N. T.)

## Coisas que me metem medo

- Morrer.
- A morte de pessoas de quem gosto.
- A morte de pessoas que detesto, que depois me faz sentir culpada por todas as vezes que falei mal delas.
- Homens bêbedos na rua dizerem-me que sou alta.
- Homens bêbedos na rua dizerem-me que sou gorda.
- Homens bêbedos na rua dizerem-me que sou *sexy*.
- Homens bêbedos na rua dizerem-me que sou feia.
- Homens bêbedos na rua dizerem-me que me anime.
- Homens bêbedos na rua dizerem que me querem foder.
- Homens bêbedos na rua dizerem que nunca me foderiam.
- Gente bêbeda a «experimentar» (roubar) o meu chapéu em festas.
- Perder joias.
- Cair de uma janela.
- Matar acidentalmente um bebé.
- Jogos de salão.
- Falar sobre a história da política americana.
- Causar um incêndio seja onde for.
- Não entender a máquina de lavar roupa.
- Cancro.
- Doenças sexualmente transmissíveis.
- Morder o pau dos chupa-chupas.
- Acidentes de avião.
- Comida de avião.
- Trabalhar num escritório.
- Perguntarem-me se acredito em Deus (um pouco).
- Perguntarem-me se acredito em horóscopos (um pouco).
- Perguntarem-me porque é que acredito nos supracitados.

- Ficar com saldo negativo sem estar à espera.
- Nunca ter um cão.

## Björn Again

Quando deixei de ver o Hector, pensei que seria apenas uma questão de tempo até que a Farly e o Scott deixassem de se ver também. Eu tinha sido a cola que os unia e, quando deixei aquele bloco de apartamentos imundo em Notting Hill, pensei que não lhes restaria muita coisa em comum. Mas, passadas algumas semanas, a Farly comentou que eles iam fazer umas miniférias em Cambridge. O ciúme tomou conta do meu sistema sanguíneo e todo o corpo me ardeu como se o dito ciúme fosse vinagre. Era *eu* quem sempre tinha um rapaz em cena e, agora, era ela que tinha um namorado como deve ser e mais velho. Não um que usava as cuecas dela no trabalho, nem um que a obrigava a usar um *body* de malha de rede e que não sabia o apelido dela e que só lhe mandava mensagens uma vez por semana. A Farly tinha um namorado que passava mais tempo com ela sóbrio do que bêbedo, que a levava em miniférias e que lhe telefonava em vez de mandar mensagens e queria ter conversas a sério com ela.

– O que é que *existe* em Cambridge? – perguntei azedamente à AJ. – O quê, tipo, um Bella Italia? Olha, boa sorte. Divirtam-se.

– Como é que ele é? – perguntou a AJ. A verdade é que eu mal sabia.

– Más notícias – respondi, muito séria. – Demasiado velho, demasiado sério para ela.

E então, três meses depois, quase exatos, ele disse-lhe que a amava. Ela anunciou isto durante um jantar com amigas. Todas nós brindámos e gritámos de alegria – eu escrevi um triste solilóquio sobre isto nas minhas notas do *iPhone* no autocarro noturno a caminho de casa.

Embora eu detestasse ver a Farly ser tão maltratada por adolescentes estúpidos ao longo dos anos – ser levada, ignorada, abandonada –, sempre tinha percebido que havia naquilo uma segurança para mim. Enquanto os rapazes não dessem por ela a sério, eu continuava a tê-la toda só para mim. Assim que um homem adulto com um cérebro parasse e se interessasse por

ela, eu estava completamente fodida. Como é que ele não se havia de apaixonar por ela? Ela era linda, engraçada. A pessoa mais doce que eu conhecia – passara anos a emprestar-me dinheiro para me tirar de sarilhos e a ir buscar-me às três da manhã no carro dela quando o meu autocarro para casa se avariava. Ela era feita do material que havia de dar uma parceira perfeita: pensava nos outros primeiro; sabia ouvir; lembrava-se das coisas. Deixava bilhetes na minha lancheira antes de eu ir trabalhar e mandava-me cartões apenas para dizer o quanto se orgulhava de mim.

Eu sempre tinha feito com que os rapazes gostassem de mim graças a esquemas de fumo e espelhos, exageros e bazófias; maquilhagem carregada e muita bebida. Não havia teatro nem mentiras com a Farly: se um rapaz acabava por se apaixonar por ela, apaixonava-se por cada célula dela desde o primeiro encontro, quer ele desse por isso quer não. Ela era o meu segredo mais bem guardado, e agora o segredo já não era secreto.

Tivemos a nossa primeira discussão desde a adolescência numa festa de Natal em casa da nossa amiga Diana no ano seguinte. Eu estava lá com o Leo. Ela chegou atrasada com o Scott e era a primeira vez que eu a via num mês. Não fiz nenhum esforço visível para a cumprimentar, mas ia-os observando pelo canto do olho. Fiz questão de rir muito alto de coisas sem graça nenhuma, para que ela soubesse que eu estava ali e a divertir-me visivelmente imenso sem ela.

Quando ela se aproximou, a conversa foi afetada e seca.

– Porque é que tens passado a noite a ignorar-me? – acabou ela por perguntar.

– Porque é que passaste o último ano a ignorar-me? – retorqui.

– O que é que estás para aí a dizer? Mandei-te uma mensagem ontem.

– Ah, pois; mensagens. Para as mensagens tens tu muito jeito. As mensagens são a tua carta «Você está livre da prisão» que significa que podes passar meses a fio sem me ver e ir ao apartamento do Scott todas as noites e, quando alguém te perguntar alguma coisa, sempre podes dizer: «Ah, mas eu mando-lhe mensagens. Todos os dias.»

– Podemos fazer isto lá em cima? – silvou ela.

Enchi o meu copo de plástico com vodca *Glen's* e um pouco de *Coca-Cola*

e subi até ao quarto da Diana. Passámos duas horas a gritar uma com a outra. Começámos muito alto, depois fomos descendo de tom, até que finalmente estávamos demasiado chateadas e cansadas para continuar e fizemos as pazes. Eu disse-lhe que ela me tinha abandonado; criei uma metáfora rebuscada em que lhe dizia que tinha percebido que ela sempre me tinha visto como uma Björn Again.

– MAS O QUE É QUE ISSO QUER DIZER? – gritou ela.

– Björn Again. Eram a banda que fazia a primeira parte do concerto das Spice Girls a que nós fomos. Eram uma merda e nós só queríamos que se fossem embora. Percebi que não passei da tua primeira parte durante onze anos até que chegasse o teu cabeça de cartaz. Pois fica sabendo que NUNCA foste a minha primeira parte, SEMPRE foste as minhas Spice Girls e só tenho pena de não ter percebido mais cedo, sempre te podia ter trocado de lugar e PASSAVAS A BJÖRN AGAIN.

Ela disse que eu estava a ser melodramática, que ela tinha direito a ter o seu primeiro namorado. Eu disse que ela tinha o direito de ter o seu primeiro namorado, eu é que não tinha percebido que ela lhe ia dar prioridade total acima de todos os outros. Saímos do quarto com a cara manchada como telas salpicadas por um Jackson Pollock munido de um balde de rímel. O Scott e o Leo estavam timidamente ao fundo da escada em silêncio, tendo obviamente esgotado a conversa sobre futebol e atualidades. Agarrámos neles e nos nossos casacos e saímos em separado. Anos depois, a Diana disse-me que tinham baixado a música no rés-do-chão para que toda a gente pudesse ouvir a discussão.

– Ele é o namorado dela – disse o meu namorado académico e irritantemente racional enquanto fazíamos a longa caminhada de regresso ao apartamento dele em Stockwell a beber latas de cerveja. – Eles estão apaixonados, ela está diferente. Tudo bem, faz parte do crescimento.

– Tu és *meu* namorado – disparei. – Eu *estou* apaixonada. Eu não estou diferente. Ela continua a ser a pessoa mais importante da minha vida. Ela continua a ser a pessoa com quem mais quero estar. *Eu* não dou maior prioridade à minha relação.

Ele bebeu um gole da sua lata de cerveja.

– Bem, talvez isso não seja normal – disse ele.

Depois de dois anos juntos, o Leo e eu separámo-nos. Eu tinha tentado com todas as minhas forças que aquilo desse certo, mas eram tantas as coisas que tinham mudado desde que nos tínhamos conhecido ainda estudantes, às voltas numa festa em Elephant and Castle. Tínhamos ambos crescido e tínhamo-nos tornado pessoas muito diferentes.

Durante nove longos meses depois de terminar o estágio em jornalismo, eu tinha andado de revista em jornal como funcionária não remunerada, com a justificação de estar a ganhar experiência. Tinha sido recusada como estagiária na *Tatler*, como assistente editorial na revista *Weight Watchers* e como empregada de mesa num Pizza Express local. Retomara o meu velho trabalho como assistente de promoção para me sustentar e percorria a Old Brompton Road com um bando de bailarinas do West End e hospedeiras de bordo desempregadas, a distribuir panfletos para um restaurante de costeletas. Despedi-me no dia em que me obrigaram a vestir-me como um porco e fui atacada por manifestantes anti-peles à porta do Harrods.

Estava desesperada por um emprego. Era tudo em que eu pensava desde que acordava até ao momento em que adormecia no quarto da minha infância. Com vinte e poucos anos, ansiava por um emprego com a mesma sede com que ansiara pelo meu primeiro namorado no princípio da adolescência – obcecada com aquelas que eu sabia terem um; interrogando-as sobre os pormenores de como o tinham conseguido. Deitada na cama noite após noite, a pensar durante quantos mais anos aquilo se poderia arrastar.

Finalmente, estava eu ao fim do dia num cais de comboios quando recebi um telefonema de um número desconhecido. Era o Tim, um produtor de um novo *reality show*, *Made in Chelsea*, do canal E. Eu tinha escrito uma série de críticas *online* sobre a primeira série (mais uma vez, a troco de «exposição» – desta vez, tinha mesmo resultado) que a produtora tinha lido e achado engraçadas. Ele pediu-me que fosse aos escritórios da produtora em East London para discutir um possível trabalho criativo no programa.

Fui entrevistada pelo Tim e pela Dilly, a produtora executiva galardoada

com um BAFTA – minúscula, carinha laroca, trinta e poucos anos. Explicaram-me que tinham lido a minha crítica ao episódio final, que incluía alguns conselhos irónicos aos produtores do programa sobre como poderiam melhorar as séries seguintes. O proprietário da produtora, Dan – que encontrara a fama na década de 1990 como produtor e coapresentador de um *talk-show* noturno extremamente bem-sucedido – tinha passado em revista todas as críticas publicadas na internet. Quando deu com a minha, imprimiu cópias para todos os produtores que a leram a caminho de uma reunião com o canal: surpreendentemente, concordaram com tudo o que eu tinha escrito.

Deixei a minha primeira entrevista de meia hora com a Dilly e o Tim sem me preocupar com o facto de ser muito possível não voltar a ter notícias. Eu não conseguia perceber o que eles queriam e passámos a maior parte da entrevista a dissecar os hábitos da gente bem e a psicanalisar o elenco. Nem falámos devidamente sobre as minhas qualificações, histórico de trabalho ou sobre os requisitos do emprego. Mal sabia eu na altura que uma boa psicanálise representa noventa por cento de um *reality show* de sucesso. E os meus anos de observação dos hábitos da gente bem enquanto me sentia excluída do clube – nas minilojas dos colégios internos e nas áreas de fumadores das discotecas de King’s Road –, para variar, deixavam-me com qualificações a mais para um emprego.

Recebi o segundo telefonema do produtor da série três dias depois, quando estava num festival de música com o Leo. Tínhamo-nos tornado os Aplicadores Oficiais de Purpurinas da nossa festa de acampamento – um papel que assumimos com desenvoltura. Um rapaz cheio de ácido ouviu um toque repetitivo que vinha da minha tenda e achou que eram os Kraftwerk numa aparição-surpresa. Na realidade, era a Dilly. Disse-me que eu tinha conseguido o emprego de produtora de conteúdos da série e que aparecesse para a minha primeira reunião no dia seguinte.

Cheguei ao escritório direta do festival, sem ter tomado um duche durante quatro dias, com o nariz queimado pelo sol, o cabelo loiro quase branco meio empastado numa crista. O Leo ficou à espera na receção com as nossas mochilas e a tenda enquanto eu ia à minha primeira reunião. Eu já não tinha

roupa lavada, pelo que usei uma *t-shirt* enorme dele como vestido com um blusão de ganga também dele, collants cheios de malhas e um par de sabrinas. A roupa não podia ser mais adequada: marcava o meu último dia de criança e o meu primeiro dia de adulta.

Apaixonei-me pela natureza criativa, divertida e implacável do meu novo emprego, pelos meus novos colegas e pelos meus novos chefes, quase com a mesma ferocidade com que me tinha apaixonado pelo Leo. Quando não estava no escritório ou no local, comecei a aceitar trabalho de jornalista em *freelance*, que escrevia à noite e aos fins de semana, o que me deixava com pouco ou nenhum tempo para qualquer outra coisa, para frustração de Leo. Ele sentia-se um pouco enganado. Tinha-se apaixonado por uma rapariga sem raízes que não queria mais nada senão fazer uma mochila com sapatos de lona e um par de calças de ganga e embarcar em qualquer aventura que ele me sugerisse; que tinha bordado as iniciais dele em camisolas e passado uma festa inteira trancada na casa de banho com ele, os dois sentados na banheira, eu a olhar para a cara dele com olhos tão arregalados como pires. Agora, tinha-lhe saído uma mulher com a sua própria identidade adulta e preocupada com o seu trabalho.

Eu sentia que a nossa relação tinha sido uma das experiências mais enriquecedoras da minha vida e sabia que ele sempre havia de ser uma grande parte da pessoa em que eu me tornara, mas nós tínhamos crescido, divergido. Eu sabia que tinha de o deixar ir, para que ele pudesse estar com alguém que realmente quisesse estar numa relação com todo o amor e empenho que ele merecia.

A Farly, a AJ e eu mudámo-nos finalmente das casas suburbanas dos nossos pais para a nossa primeira casa em Londres. A AJ também voltara a ficar solteira há pouco tempo. A Farly continuava com o Scott.

Uma parte de mim esperava que, por morar com duas mulheres solteiras, a Farly percebesse o que estava a perder nos seus vintes e acabasse com o Scott. Mas, pelo contrário, viver com a AJ e comigo só a fez dar-lhe ainda mais valor. Uma vez, ela viu-me nas corridas em preparativos para um primeiro encontro, a aparar umas novas pestanas falsas, aplicá-las, e depois

gritar em agonia quando percebi que tinha usado a tesoura da cozinha com que cortara malaguetas para uma piza na noite anterior. Ela lá encontrou um saco de batatas congeladas que aplicou nos meus olhos enquanto eu mandava uma mensagem ao sujeito a cancelar tudo.

– Meu Deus, não sinto falta nenhuma disto – disse ela com um suspiro.

Noutra noite, quando o Scott estava fora em trabalho, a Farly, a AJ e eu tínhamos ido dançar ao nosso bar preferido em Camden. Chegámos a casa e abrimos uma garrafa de *Tia Maria* fora de prazo e a conversa tornou-se confessional, como tantas vezes acontece no rescaldo de uma noitada.

– Tenho saudades do Scott – anunciou a Farly depois de emborcar o resto do seu *Tia Maria*.

– Porquê? – perguntei. A AJ olhou para mim. – Quero dizer... Ele só vai estar fora alguns dias.

– Eu sei, mas sinto a falta dele quando ele não está. E fico entusiasmada quando volto a vê-lo, sempre. Mesmo que ele só vá até à loja da esquina e volte, fico à espera de ouvir a porta da frente abrir-se outra vez. – Ela reparou na minha cara feia. – Eu sei que parece foleiro, mas é verdade.

– Acho que ela o ama mesmo – disse eu no dia seguinte.

– É claro que o ama – disse a AJ, deitada no sofá a dar conta de uma sanduíche de *bacon*. – Porque é que tu achas que eles estão juntos há três anos?

– Não sei. Pensei que talvez ela só quisesse ver como era ter um namorado. A AJ abanou a cabeça, incrédula.

– Tem lá paciência, amiga.

Depois de perceber isto, comecei finalmente a reparar em pequenos indícios por toda a parte. Os pais do Scott conheceram os pais da Farly. Ela passava cada vez mais fins de semana com os amigos adultos dele, a fazer coisas adultas como «fins de semana de trigésimo aniversário nos Cotswolds» e degustações de vinho numa noite de semana. O Scott aparecia bastante lá em casa, o que eu detestava. E eu também detestava quando ele não estava. Ele não podia ganhar. Eu não queria que ele ganhasse.

## As coisas mais irritantes que as pessoas dizem

- «Não quero nenhuma entrada; tu queres?»
- «Sou daquelas que gostam mais de rapazes.»
- «Sou uma vendedora nata.»
- «Estou noiva!»
- «Chegas sempre atrasada.»
- «Estavas bem bêbeda ontem à noite.»
- «Já me contaste essa história.»
- «Ele diz as coisas como elas são.»
- «Ela é muito bem-parecida.»
- «Acho que estás a precisar de um copo de água.»
- «Sou bastante OCD.»
- «Temos uma relação muito complicada.»
- «Queres assinar o cartão de aniversário da Alison?»
- «Podemos ir em grupo.»
- «Vamos pôr a conversa em dia.»
- «Estás por dentro disto?»
- «A Marilyn Monroe vestia o 44.»
- «Deixou passar a sua consulta de odontologia.»
- «Quando foi a última vez que fizeste um *backup*?»
- «Como é que tens tempo para tantos *tweets*?»
- «Desculpa, isto tem sido de loucos.»
- «Ripanço.»

## As raparigas nada *in* de uma Camden nada *in*

Quando eu tinha vinte e quatro anos, durante o meu primeiro ano a viver em Londres com a Farly e a AJ, fui beber um copo com uma amiga numa terça-feira à noite depois do trabalho. Apesar das minhas tentativas de a reter até ao toque das últimas bebidas, ela teve de se ir embora às oito e meia porque tinha uma reunião bem cedo na manhã seguinte. Mandei uma mensagem a tudo o que era nome na minha agenda que eu sabia que talvez estivesse por perto e quisesse continuar a noite comigo, mas toda a gente estava ocupada, na cama ou cansada. Amuada, apanhei o autocarro 24 – o meu fiel alazão que me levava do centro de Londres à porta de minha casa em vinte minutos – e estava a sentir-me inquieta e desiludida por não poder esticar a noite – era só mais uma hora e mais um copo de vinho. Era uma sensação à qual já me tinha acostumado: quase um pânico; uma sensação de que toda a gente em Londres, menos eu, estava a divertir-se; de que havia potes de ouro em cada esquina que escondiam experiências que eu poderia viver, só que eu não os encontrava; de que um dia eu ia acabar morta e, como tal, porquê terminar prematuramente um dia que tinha todo o potencial para ser perfeito e glorioso?

Esqueci o meu mau humor quando o 24 parou junto a um *pub* ao fundo da minha rua. Era pouco mais do que um casebre na área NW5, um bar de música outrora famoso que se tornara um antro para aqueles que começavam a beber bem cedo em Camden. Desci do autocarro e entrei. Era a primeira vez que ali entrava desde o dia da nossa mudança, altura em que nos disseram que a Farly tinha ficado na história por ser a primeira cliente em quarenta anos a pedir um café. O dono tinha atravessado a rua para ir à loja da esquina comprar *Nescafé Gold Blend* e leite e tinha-lhe cobrado 26 *pence*.

Pedi uma cerveja e fiz conversa com o empregado do bar, que não parecia nada surpreendido por estar a servir mais uma criatura solitária. Um

homem ao meu lado, com quase setenta anos e uma barbaça grisalha, perguntou-me como tinha sido o meu dia e eu lamentei a falta de um companheiro de copos para esticar a noite comigo, ao que ele me disse que era a companhia perfeita. Enquanto bebíamos, falou-me da sua vida, passada naquela área: da escola à qual se baldava, de como as coisas tinham mudado, dos bares que tinham fechado; do espetáculo do John Martyn no Camden Palace a que ele assistira antes de eu nascer, cujas gravações ao vivo eu em tempos tinha ouvido obsessivamente. Saí à meia-noite, rabiscando o número de telefone dele na parte de trás de uma base de copo com a promessa mútua de passarmos uma tarde juntos a ouvir discos, mas ciente de que nunca mais voltaria a falar com ele. Ele era apenas «uma noite», das quais eu queria muitas. Uma experiência, uma história para contar, uma cara nova, uma recordação. Ele era um conselho, um mexerico e um facto interessante que ficava guardado na minha mente embriagada e inconsciente, apenas para ser de lá tirado e regurgitado noutra dia qualquer. «Onde é que ouviste isso?» Alguém havia de me perguntar. «Não faço a mínima ideia», seria a minha resposta.

Na noite seguinte, quando cheguei do trabalho ainda com uma ressaca terrível e dei com a Farly e a AJ aninhadas no sofá, contei-lhes como tinha ido parar a um *pub* manhoso ao fundo da rua na noite anterior.

– Por que raio é que fizeste isso? – perguntou a AJ, desconcertada.

– Porque era terça à noite – respondi. – E porque eu podia.

Sinto-me muito grata por ter alimentado tão vividamente um fetiche com todas as minudências da idade adulta quando era adolescente, porque o alívio de finalmente chegar lá implicou eu achar que muito poucas delas eram uma seca. Adorava pagar a minha renda. Adorava cozinhar para mim todos os dias. Até me sentia entusiasmada na sala de espera do meu médico de família, só por saber que tinha tratado de todo o processo sozinha. No meu primeiro ano a pagar contas, eu quase me ia abaixo nas canetas ao receber uma carta da Thames Water<sup>10</sup> em meu nome. Ficava feliz por assumir o peso administrativo da responsabilidade de ser uma adulta em troca da liberdade de poder ir ao *pub* sozinha e ficar amiga de um homem

de idade em qualquer dia da semana.

Ainda hoje, nunca consegui superar o facto de já não precisar de beber um gim disfarçado num frasco de champô; de não ter uma hora certa para apagar a luz; de poder ficar a ver filmes ou a escrever até às quatro da madrugada durante a semana se eu quiser. Sinto-me aliviada, animada, revigorada por poder comer coisas de pequeno-almoço ao jantar, ouvir discos muito alto e fumar um cigarro à janela. Ainda não consigo acreditar na minha sorte. Toda a minha vida de adulta com vinte e poucos anos foi vivida como o Macaulay Culkin em *Sozinho em Casa 2: Perdido em Nova Iorque*, quando ele está no The Plaza e pede montes e montes de gelado ao serviço de quartos e vê filmes de gângsteres. Atribuo a responsabilidade à minha educação severa. Quase todos os adultos que conheci e que andaram num colégio interno não conseguem acreditar que agora vivem uma vida em que podem ir a um *pub* de velhotes em Kentish Town numa terça-feira à noite e não ficar de castigo ou apanhar uma suspensão ou uma expulsão temporária – algo que nem sei o que possa ser. Se a universidade tinha sido um recreio onde pude encenar as minhas fantasias de adulta, a minha casa e o meu salário em Londres eram um verdadeiro nirvana.

Passámos três meses à procura antes de encontrarmos a nossa primeira casa de adultas em Londres. O orçamento era mínimo e os apartamentos com três quartos eram difíceis de encontrar. Houve a casa em Finsbury Park que, bem fotografada, parecia uns estábulos convertidos em Notting Hill, mas que, quando chegámos, percebemos que mais parecia uma ala da Pentonville Prison («Tudo o que podíamos fazer aqui era ver o *X Factor* e comer massa da *Sainbury's Basics*», comentou a AJ). Houve a visita desastrosa a um apartamento em Brixton, em que a Farly e a AJ deram por si rodeadas por um grande grupo de pessoal da Geração Y, todos em fila à porta como se estivessem no Madame Tussauds. O agente imobiliário esqueceu-se de levar as chaves, pelo que toda a gente teve de ficar meia hora à espera. Depois de finalmente terem direito a uma visita de três minutos àquela espelunca e saírem, tiveram de se esparramar no chão porque havia um atirador à solta que estava a ser perseguido pela Polícia. Finalmente, quando estávamos prestes a perder a esperança, a Farly encontrou um T3

dentro do nosso orçamento por intermédio de um senhorio privado nos classificados do *site* Gumtree.

Ficava logo à saída de um crescente nitidamente manhoso, entre a zona de Chalk Farm em Camden Town e o extremo de Kentish Town. Tinha uma feira à moda antiga duas vezes por semana, onde se vendiam pares de pantufas e lençóis com bonecos de banda desenhada; tinha uma banca diária de fruta e legumes e um supermercado que não aceitava dinheiro e vendia erva por baixo do balcão das sanduíches. Era desengraçado, berrante e fabuloso.

A casa era uma bela desgraça. Uma de uma série de casinhas em banda construídas pela câmara na década de 1970, feitas de tijolo amarelo-Lego e com janelas e portas de localização e proporções bizarras – o que dava a impressão de terem sido feitas à pressa por um adolescente num jogo de *The Sims*. O jardim da frente tinha dois arbustos enormes, o que significava que, no verão, não conseguíamos passar do portão apodrecido sem abrir caminho à força de braços. Os azulejos da cozinha tinham cenas rurais inglesas pintadas. O jardim das traseiras era um mato de ervas daninhas. Havia umas manchas estranhas e verticais na parede da entrada que, depois de uma aturada inspeção, apenas podíamos supor tratar-se de mijó. Tudo tinha um cheiro bastante húmido. O apartamento por cima de nós fora reivindicado por ocupas.

O senhorio, Gordon, era um homem bem-parecido de quarenta e poucos anos, blusão de cabedal digno de uma crise da meia-idade e cabelo suspeitamente escuro. Também era pivô de noticiário da BBC e gostava que toda a gente o soubesse: tinha uma voz sonora com sotaque de beto, modos bizarramente bruscos e informais.

– Então, isto é a entrada – berrou ele. – Como podem ver, imenso espaço de arrumação. – Abrimos uma das grandes portas brancas e empoeiradas. Deparámos com uma caixa preta no meio das prateleiras vazias com «RAT ATTACK!» escrito em letras amarelas. – Ah, não liguem – disse ele enquanto agarrava nela. – Já está tudo resolvido. – Seguiu-se uma rápida troca de olhares desconfiados entre nós. – Sabem que mais? – perguntou ele, franzindo ligeiramente o nariz. – Acho que o melhor é... vou deixar-vos à

vontade para darem uma vista de olhos por vossa conta. Avisem-me quando já tiverem visto tudo.

O sítio parecia pouco estável e excêntrico, mas sabíamos que era a primeira casa perfeita, não só para nós, mas para a nossa larga família de amigas, que planeávamos convidar todos os fins de semana. Descemos as escadas para dizer ao Gordon que ficávamos com a casa – ele estava a meio de uma chamada.

– Pois... pois... muito bem. Esse é o pior cenário – disse ele enquanto fazia um gesto impaciente na nossa direção. – Pois. Bem, por enquanto, vamos tentar não ir a tribunal. Não quero voltar lá OUTRA VEZ. – Olhou para nós e revirou os olhos. – Ótimo. Bem, passamos por lá amanhã às dez para ver esse telhado. OK. Sim. OK. Sim, sim. OK. Adeus. – Guardou o telemóvel no bolso de trás das calças de ganga. – Raio dos inquilinos – disse ele. – Então, ficam com ela ou não?

Economizámos em tudo o que podíamos para juntar o dinheiro da caução, pelo que passámos o nosso primeiro mês numa frugalidade frenética e excitante. Não tínhamos quase nada para a casa e a Farly comprou uma embalagem de *Post-its* para colar em diversas superfícies, com coisas escritas como: «A TV FICA AQUI» ou «A TORRADEIRA FICA AQUI». Comíamos sanduíches de *Marmite* e pepino todas as noites ao jantar. Na segunda noite na nossa casa nova, quando cheguei do trabalho dei com as duas a correr pela sala de estar em galochas: tinham topado o primeiro rato e não queriam que ele lhes passasse por cima dos pés descalços enquanto o tentavam apanhar. A Farly tinha comprado um pedaço de queijo Cheddar *Pilgrims Choice* no Nisa local e tinha-o guardado no seu *necessaire*; agora, entretinha-se a passá-lo pelo tapete, a ver se conseguia atrair o rato.

Também nos tornámos rapidamente amigas do gerente da loja de esquina local, um homem de meia-idade chamado Ivan que tinha a constituição física de um fuzileiro. Na nossa primeira visita, ele disse-nos ominosamente que, se tivéssemos «qualquer problema com gangues», só tínhamos de ir ter com ele imediatamente e a questão seria «resolvida». A Farly estava com um colar de pérolas na altura. Mas eu senti-me estranhamente mais segura por saber que o Ivan estava sempre a dez segundos da nossa porta da frente e,

quando a situação com o rato se tornou um problema recorrente, ele aparecia sempre para nos ajudar. Era frequente eu sair disparada de casa descalça e em pijama e entrar na loja aos gritos: «ELE VOLTOU, IVAN! ELE VOLTOU!» com a histeria digna de uma Blanche DuBois.

– ‘Tá bem, querida, ‘tá bem – dizia ele. – Eu já lá vou. Queres que leve a minha arma? – Eu recusava e pedia-lhe que levasse antes a lanterna, e lá ia ele, espreitar de cócoras, debaixo de cada cama, frigorífico e sofá a ver se o encontrava.

(Por fim, o Gordon mandou vir um exterminador. Um velhote do East End que, ironicamente, tinha como apelido Mouser. Quando começou a instalar algumas ratoeiras, perguntei-lhe se não haveria uma maneira mais humana de lidar com o problema.

– Não – respondeu ele com os braços cruzados em resignação.

– OK – disse eu. – É só que eu sou vegetariana.

– Bem, você não vai ter de os comer – foi a resposta dele.)

Camden parecia o lugar certo para nós: era central, estava perto de todos os parques mais bonitos e, o melhor de tudo, era perigosa e irremediavelmente *out*. Nenhuma das nossas amigas morava lá: na realidade, ninguém da nossa idade morava lá. Quando saíamos na Camden High Street, éramos confrontadas com enxames de adolescentes espanhóis numa excursão escolar ou com homens de quarenta e poucos anos e cortes de cabelo à la Paul Weller e sapatinhos de biqueira afusada que ainda continuavam à espera do regresso dos anos de glória da Britpop em Camden. «Goon Watch», era o que a AJ lhes costumava chamar. Quando nos passeávamos pela High Street num sábado à noite, ela sussurrava-me «*Goon, goon goon*» ao ouvido enquanto apontava para os transeuntes. Nos primeiros meses que vivi lá, tive um namorado músico – glamoroso, mas decidida e ruinosamente egocêntrico – que vivia em East London e se recusava a ir visitar-me, porque ir a Camden era «demasiado 2007».

Ocasionalmente, durante os anos que ali vivemos, íamos a uma festa ou fazíamos uma noitada em East London e dávamos por nós rodeadas de gente jovem, *in* e linda de morrer, e perguntávamo-nos se não seria

realmente ali que deveríamos estar com a nossa idade. Mas, quando voltávamos para casa, sentíamo-nos sempre exaustas com a experiência e gratas por vivermos algures onde nunca tínhamos de fingir que éramos mais *in* do que éramos; ou seja, praticamente nada. Podíamos ir às lojas com *leggings* e *hoodies* e sem sutiã e não dar de caras com ninguém que conhecêssemos. Podíamos tomar conta de uma pista de dança e embarcar num canção cómico e embriagado com a certeza confortável de que continuávamos a ser as pessoas mais *in* naquele lugar. Podíamos sair e passar a noite toda por nossa conta, sem tentar impressionar ninguém. Não restava simplesmente ninguém em Camden para impressionar.

Uma das primeiras coisas que comprei para a casa foi uma panela de tamanho industrial digna de uma sopa dos pobres. As nossas amigas sempre tinham sido bons garfos e eu estava eufórica por ter um fogão e uma mesa de cozinha realmente meus. Naqueles primeiros anos que vivemos juntas, tínhamos gente lá em casa para jantar três vezes por semana. Eu descobria quais eram as coisas mais baratas – panelas e panelas de *dhal*, travessas e travessas de Parmigiana. No verão, fazíamos jantares à luz da vela no nosso jardim assustadoramente selvagem: a dada altura, o matagal já atingira tais proporções que uma árvore pegou fogo de uma forma estranhamente bíblica, pelo que todos os presentes, já meio embriagados, se entretiveram a apagar as chamas com panelas de água e copos do manhoso *sauvignon blanc* que o Ivan vendia a cinco libras.

Aquela noção de que a nossa casa tinha demasiados problemas para a tentarmos arranjar dava-nos uma sensação de liberdade. O Gordon também não se mostrava muito preocupado: deixou-nos pintar todas as paredes com cores garridas e nunca comentou o facto de a tinta parar com um contorno irregular a meio da parede da escada onde a lata de tinta tinha chegado ao fim. Aquilo significava que era uma casa onde podíamos realmente viver; uma casa com a qual não nos preocupávamos. Podíamos deixá-la de pantanas num sábado à noite e bastavam-nos dez minutos na manhã seguinte para a ter novamente com um aspeto aceitável. Podíamos ter o gira-discos no máximo e ficar a pé até às seis da manhã sem que os vizinhos reclamassem – juro que as casas da década de 1970 foram construídas para

serem à prova de discoteca, porque nos anos em que ali vivemos nunca recebemos uma queixa por causa do barulho. Na realidade, a vizinha dizia-me que nunca nos ouvia. E, por esta razão, a nossa casa também era o lugar aonde todos podiam ir para apanhar uma moca.

Experimentei quase tudo o que eram drogas durante os primeiros dois anos que vivi em Londres. Primeiro, estabeleci uma relação familiar com um *dealer* amigoso chamado Fergus. O Fergus não era do género mal-humorado-que-não-sai-do-carro-e-te-passa-o-produto-por-baixo-do-tabliê, mas sim do género que aparecia já tarde numa sexta-feira à noite, quando eu tinha amigas a jantar lá em casa, e enrolava charros à mesa enquanto contava piadas intermináveis e atacava as sobras, antes de eu finalmente o despachar com uma *tupperware* de esparguete carbonara. A Farly, que sempre foi muito mais ajuizada do que eu e estava sempre na cama à meia-noite quando recebíamos gente para jantar, nunca teve o prazer de conhecer o Fergus, mas ficava sempre perplexa ao ver-me falar dele como se fosse «um primo ou um amigo da família». Certa vez, ela acordou às quatro da manhã ao ouvir-me no papel de agente imobiliária a mostrar a casa ao Fergus, isto enquanto ele me ia aconselhando sobre o *feng shui* de cada quarto. No dia seguinte, ela entrou no meu quarto e deu comigo a bufar enquanto mudava a minha cama para a parede oposta.

– O que é que tu estás a fazer? – perguntou ela.

– Estou a mudar a minha cama. O Fergus diz que não está numa boa posição.

– Porquê?

– Porque a cabeceira está demasiado perto do radiador. Ele diz que não é bom para a cabeça estar perto do calor... em especial para a sinusite.

– Dolly, esse homem vende-te drogas de classe A – disse ela. – Não me parece que esteja em condições para te dar conselhos de saúde.

O Fergus desapareceu do mapa de repente, como já me disseram ser frequente naquele tipo de ocupação, pelo que me foi indicado o CJ – que se revelou um desastre total. Ele era conhecido por ser o pior *dealer* de Londres. A pontualidade dele era péssima – era habitual entregar a

«encomenda errada» ao «cliente errado» e aparecer à tua porta meia hora depois a pedir o «produto» de volta. O telefone dele nunca tinha carga. O GPS estava sempre a avariar. As coisas chegaram a um ponto em que ele me fez esperar hora e meia e dei por mim a dizer-lhe ao telefone que ele era o «seu pior inimigo», como se fosse uma professora frustrada. A última gota foi numa quinta-feira antes de eu sair de Londres para ir a um festival, quando lhe liguei a perguntar se me podia vender algum MDMA.

«O que é isso?», perguntou-me ele.

– MDMA – respondi. – Mandy.

«Quem é essa?»

– *Ecstasy*. Vá lá. MDMA.

«Nunca ouvi falar nisso», disse ele.

Independentemente de como ou de quem as obtinha, a aquisição das drogas era quase sempre mais excitante do que as drogas propriamente ditas. Discutir a possibilidade de as comprar, marcar o número, preparar o dinheiro; alguém à espera no apartamento enquanto outra pessoa ia à procura do carro, voltar com um minúsculo saco de plástico com erva ou pó; a promessa do que estava para vir – esta era a parte que me fazia disparar o coração. Certa vez, a Farly pôde assistir ao esforço necessário para comprar, dividir e snifar cocaína, e não queria acreditar que aquilo podia ser tão demorado e entediante: «É pior do que fazer um empadão», disse ela. Mas o tempo que se perde a fazer linhas de pó e a enrolar os charros é a alegria de quem quer que a noite nunca mais acabe – é uma distração, um prolongamento garantido da noite. É o desligar da nossa mente racional que diz «Vai-te deitar às onze, já falámos sobre tudo o que podíamos falar» e é substituída por um desejo artificial de que a festa nunca mais acabe. Para mim, a cocaína era apenas um veículo que me permitia continuar a beber e ficar acordada muito tempo depois de me sentir cansada; nunca fui grande apreciadora de qualquer sensação que ela me pudesse oferecer.

Eu pensava que, para ser escritora, tinha de ser uma colecionadora de experiências. E eu pensava que todas as experiências que valiam a pena, todas as pessoas que valia a pena conhecer, só existiam depois do anoitecer.

Lembrava-me sempre de uma coisa que a Hicks me tinha dito, as duas deitadas na cama dela sob as grinaldas de luzes que emolduravam a janela:

– Um dia, vamos estar sentadas num lar, Dolly, mortas de tédio a olhar para a colcha que temos no colo – disse ela. – E apenas teremos estas recordações para nos fazer sorrir.

Mas a regularidade crescente daquelas noites implicava, para mim, a sensação de estar a ser definida por elas, em vez de ser uma colecionadora especializada das mesmas. Andar na borga até de madrugada deixou de ser a exceção; em vez disso, comecei a equiparar qualquer uma das minhas experiências a uma noite hedonista. E o pior de tudo era que toda a gente contava com isso quando estava comigo. Uma noite na minha companhia significava uma noite que te deixava imprópria para consumo no dia seguinte e as minhas amigas esperavam aquele nível constante de deboche, mesmo quando nos encontrávamos para um *pad thai* rápido numa quinta-feira à noite. A minha energia, o meu saldo bancário e o meu estado mental não conseguiam acompanhar a pedalada. E eu não me queria mitificar e transformar-me numa espécie de trágico Bêbedo da Aldeia com quem todos receavam combinar um café, cientes de que o mais provável seria acabarem na manhã seguinte num daqueles casinos abertos toda a noite em Leicester Square.

– Adoro essas histórias – disse a Helen uma vez na manhã a seguir a uma festa em que eu juntara um grupo de pessoas para lhes dar uma seca com as minhas melhores narrativas de noitadas. – Mas olha que são bastantes, Doll.

Outra coisa da qual ninguém te fala a respeito da bebida é que, com o passar dos anos, não são as ressacas que te deixam atrofiada, mas sim a intensa paranoia e o medo nas horas sóbrias do dia seguinte, que se tornaram uma característica comum dos meus vinte e poucos anos. A diferença entre quem tu és num sábado à noite, quando consegues a atenção de um *pub* inteiro porque estás a gritar que sempre tiveste a sensação de que a tua vida dava pelo menos três argumentos de telenovela em horário nobre, e quem tu és numa tarde de domingo, a pensar na morte e aflita porque não sabes se o carteiro gosta de ti ou não, torna-se demasiado grande. Crescer acarreta uma consciência de nós mesmos. E esta mesma consciência acaba

com qualquer miúda que se julga muito dada ao regabofe.

Também acabei por ter dois empregos totalmente diferentes, a trabalhar na TV e como escritora *freelancer*. Os dois exigiam-me cada vez mais tempo e dedicação, e as bebedeiras regulares e as ressacas não eram propícias à produtividade e à criatividade.

– Estás a tentar levar duas vidas – disse-me certa vez uma amiga quando eu estava à beira da exaustão. – Tens de escolher quem preferes ser: a mulher a quem ninguém leva a palma no regabofe ou a mulher a quem ninguém leva a palma no trabalho.

Decidi-me pela segunda opção. A vida tornou-se mais preenchida durante o dia e a necessidade de encontrar um escape à noite era menor. Mas ainda demoraria o seu tempo até que eu percebesse que o caminho para a aventura não envolve apenas noitadas e bares e vinho e apartamentos de desconhecidos e carros estacionados com os faróis acesos e pequenos sacos de pó. Sempre encarei o álcool como o transporte que me levava à experiência, mas, à medida que me ia aproximando dos trinta, percebi que ele tanto podia atrofiar como exacerbar qualquer experiência. É claro que havia as confissões sumarentas que sacavas a alguém com as pupilas dilatadas numa cabina de casa de banho; os homens mais velhos com boas histórias que de outra forma nunca ficarias a conhecer; os lugares aonde ias; as pessoas que beijavas. Mas também havia todo o trabalho que ficava por fazer quando estavas de ressaca. Todas as más impressões que deixavas em possíveis amigos porque estavas tão bêbeda que mal conseguias falar. Todas aquelas conversas perdidas, em que alguém te dizia algo realmente importante, que se tornavam insignificantes porque nenhum dos dois se conseguia lembrar delas na manhã seguinte. Todas aquelas horas passadas a suar em pânico na tua cama às cinco da manhã, com o coração a bater descontrolado enquanto olhavas para o teto, a tentar desesperadamente adormecer. Todas as horas perdidas no beco sem saída que é a tua cabeça, a torturares-te com todas as coisas estúpidas que disseste e fizeste, a odiar-te a ti mesma durante os dias seguintes.

Anos mais tarde, eu havia de descobrir que portares-te constantemente de uma maneira que te faz sentir vergonha de ti mesma significa que

simplesmente não és capaz de te levar a sério e que a tua autoestima há de cair cada vez mais fundo. Ironicamente, a missão que assumi sozinha em adolescente – ser uma mulher adulta por intermédio do consumo excessivo de álcool – fez-me sentir mais infantil do que tudo o resto que fiz na minha vida. Entre os vinte e os trinta, passei anos sem rumo, com a sensação de que estava prestes a ser acusada de alguma coisa terrível, como se alguém pudesse chegar-se a mim e dizer: «TU és a besta que bebeu um copo de imperial de óleo de banho *Jo Malone* de Pera e Frésia na minha festa: deves-me 42 libras!»; ou «Ó BORRACHONA! *Ainda* não consigo acreditar que curtiste com o meu namorado à porta do Sainbury's em Mornington Crescent!» – e eu teria que concordar respeitosamente e dizer: «Pois, não me consigo lembrar especificamente disso, mas acredito em ti e peço desculpa.» Imaginem o que é andar por aí num mundo onde achas que há SEMPRE alguém prestes a dizer-te que és uma besta, e que estás pronta para concordar plenamente. O que é que isto tem de divertido?

Onde quer que eu esteja numa terça-feira à noite, a partir de agora e até ao dia da minha morte, podem ter a certeza de que eu havia de preferir estar num bar manhoso em Camden a beber cerveja e a falar com um desconhecido. Mas acabei por me fartar daquelas bezanas garantidas e certinhas como um relógio, que me apagavam o dia seguinte como um tsunâmi, do mesmo modo que acabei por me fartar da casinha de tijolos amarelos que estava a cair aos bocados. Todavia, durante algum tempo, sentada no meu jardim do Éden selvagem, a beber *sauvignon* azedo com as mulheres que eu adorava, o gira-discos aos berros e os pratos vazios empilhados ao lado do lava-loiça, achei que vivia na melhor casa do mundo. E ainda acho que sim.

---

<sup>10</sup> Nome pelo qual é conhecida a Thames Water Utilities Ltd, empresa privada responsável pelo abastecimento público de água e tratamento de águas residuais em grandes áreas da Grande Londres. (N. T.)

## Receita: *Sole Meunière* para sedutoras

(duas pessoas)

Preparei este prato para o músico atrás referido que namorei quando tinha vinte e quatro anos – isto nos princípios do nosso namoro para tentar fazer com que ele me amasse. Resultou durante cerca de uma semana. Já o voltei a fazer desde então para outros rapazes que justificavam o esforço e os efeitos foram bem-sucedidos e mais duradouros.

- 4 colheres de sopa de farinha sem fermento;
- 2 filetes de solha-limão;
- 1 colher de sopa de óleo de colza (também pode ser de girassol);
- 50 g de manteiga;
- 2 colheres de sopa de miolo de camarão pré-cozido;
- Sumo de ½ limão;
- 1 colher de sopa de alcaparras;
- Um punhado de salsa de folha lisa, picada;
- Sal e pimenta preta, para temperar.

Misturar a farinha, o sal e a pimenta num prato; em seguida, mergulhar os filetes na mistura para que fiquem uniformemente revestidos. Sacudir o excesso.

Aquecer o óleo numa frigideira até que fique muito quente. Fritar os filetes durante dois minutos de cada lado. Devem ficar estaladiços e dourados.

Reservar o peixe e cobrir com papel de alumínio para conservar o calor.

Baixar o lume, juntar a manteiga e derretê-la até ficar ligeiramente dourada. Retirar do lume, juntar o camarão, agitar e adicionar o sumo de limão.

Colocar a solha nos pratos, verter a mistura de manteiga, camarão e limão sobre cada filete, terminar com um pouco de alcaparras e salsa. Temperar.

Servir acompanhado de uma salada verde ou com feijão verde e batata

nova assada (não basta servir com um coração grande e aberto).

3 de fevereiro

**Queridos amigos com quem normalmente só apanho grandes bezanas,**

Adorava ter-vos por perto para presenciar a minha tentativa de me portar como uma adulta. Há quem lhe chame um jantar, mas eu acho que parece um pouco formal, pelo que lhe vou chamar algo suficientemente vago para parecer descontraído, mas nada que sugira um bailarico, tipo: “um convívio” ou “comes e bebes” ou “um jantar casual e informal”.

O importante é que não vai ser, garantidamente, um bailarico. Por favor, cheguem ao meu apartamento às sete horas. Quero com isto dizer: por favor, apontem para chegar às sete, até que recebam uma mensagem minha às seis horas, em pânico total, a pedir que venham às oito porque eu não consegui encontrar em lado nenhum couve-rábano para a salada asiática do Jamie Oliver, pelo que tive de ir num Uber ao Waitrose, o que me ficou em vinte e cinco libras e me atrasou uma hora. Como já disse, vai ser muito casual e descontraído.

A lista de convidados é a seguinte:

1 x Escandaloso amigo *gay* (Ed) que terá o prazer de partilhar histórias incríveis da sua variada vida sexual. Ele vai ser uma espécie de bobo da corte que diz a verdade – imaginem uma mistura de Julian Clary com os Coveiros do *Hamlet*.

1 x Benevolente novo namorado do Ed (de nome TBC), com quem todos farão um grande esforço até pouco depois do prato principal, altura em que será largamente ignorado até chamar um Uber antecipado para ir para casa, sendo que ninguém dará pela falta dele senão duas horas depois.

1 x Amiga feminista nortenha (Anna), que fará com que o Ed se sinta mais confortável por causa da sua postura liberal e política de esquerda, e vice-versa.

1 x Solteiro do meu trabalho que eu não conheço muito bem (Matt), que vai meter-se com todas. O Matthew não é genericamente atraente, mas é

alto e tem uma voz sonora. A ideia é que todas lhe achem graça à medida que forem ficando bêbedas e percebam que ele é o menos piorzinho. Um pouco como todos pensávamos do Nick Clegg nas eleições de 2010.

1 x Casal de noivos benzocas (Max e Cordelia) para dar um toque caseiro e adulto à noite. Eles terão todo o gosto em falar sobre cada pormenor do seu casamento próximo para garantir o andamento nas alturas em que a conversa esmorecer. N.B.: Mantenham o Max e a Anna afastados um do outro quando a conversa virar para o Estado-providência ou para as alterações climáticas.

1 x Amiga promíscua que bebe de mais (Leslie), que nos fará pensar que ainda estamos na flor da juventude, ao mesmo tempo que nos fará sentir melhor com a vida que temos (obrigada por isso, Leslie). Ela também irá assumir a liderança da documentação da noite no Instagram com um *hashtag* como #saladaasiaticaqueromais ou #pecadoresajantar ou qualquer outra coisa do género.

Por favor, tragam uma garrafa de vinho. Parto do princípio de que irão trazer *Oyster Bay*, porque é o único que todos conhecemos e que não sabe a merda e só custa dez libras. *Jacob's Creek* também serve. *Echo Falls* é, obviamente, bem-vindo, mas o respetivo preço não passará despercebido.

Depois de atirar todos os vossos casacos para cima de uma cama e de vos dar um copo de vinho branco morno, do qual já terei consumido meia garrafa antes de vocês chegarem por causa da ansiedade induzida pelo anterior *Challenge Anneka* em busca da couve-rábano, serão presenteados com quatro pacotes de *Kettle Chips*. Serão os vossos aperitivos.

Tendo-me proposto o desafio de fazer oito pratos separados para seguir a tendência a que todos chamam “Jantar Megarrelaxado ao estilo Ottolenghi”, estarei ausente nas primeiras duas horas da noite. Os tópicos de conversação seguros sugeridos para os semi-sóbrios são os seguintes:

- A eficiência da linha Victoria.
- Comparar os valores das respetivas rendas.
- Mortes recentes de celebridades.
- Recomendações de cabeleireiros.

- Quem será o próximo Bond.
- A taxa de câmbio dólar/libra numa recente viagem a Nova Iorque.
- Quanta água devemos beber?
- Qualquer peça atualmente em produção com um ator de TV identificável.
- Aplicações para gestão de despesas.
- Roupa de cama.

O jantar será às dez da noite. Por esta altura, já todos estarão suficientemente bêbedos para fazer insinuações sexuais em relação à refeição: «Já comeste o teu?», «Vamos misturar os tomates», etc. – mas não tanto que saquem dos telefones para ver vídeos ligeiramente engraçados no YouTube. Isto só acontecerá depois do prato principal e antes da sobremesa.

Vídeos sugeridos:

- Gafes de repórteres.
- Gatos que ficam entalados em coisas.
- Crianças chateadas porque o chocolate desapareceu.
- Cães que adormecem em lugares estranhos.
- Qualquer rotina do Louis C. K.
- Qualquer coisa com a Céline Dion.

Leslie – seria fantástico se pudesses incluir drogas na festa depois disto. Ou partilhando alguma erva velha que tenhas na tua mala ou enviando mensagens ao teu *dealer* de coca. Se optares pela segunda hipótese, toda a gente há de barafustar um pouco, dizendo que estão «tão tesos este mês» ou que não fazem isso «desde o penúltimo aniversário», mas, podes ter a certeza, não vão deixar de a querer e hão de arrotar com a massa quando O Homem dos Doces chegar.

Se escolheres a segunda opção, a Cordelia e o Max vão ter uma discussão porque ele se há de oferecer para pagar um grama extra. A Cordelia vai ficar à toa – ao que parece, eles estão tão tesos que não podem ter um quarteto de cordas a tocar o *Signed, Sealed, Delivered* enquanto ela sobe ao

altar, mas ele está disposto a largar sessenta libras em drogas de classe A para uma sala cheia de gente que ele mal conhece?

Passada a meia-noite, é chegada a hora de começar aquilo a que chamarei o “Debate de Banalidades e Trivialidades”. Todos os tópicos e opiniões serão livres, prudentes e previsíveis, com estatísticas inventadas e episódios pessoais exagerados para apoiar argumentos frágeis. Temas sugeridos:

- Ainda existe uma ala esquerda ou uma ala direita?
- Se as mulheres querem que os sexos sejam iguais, porque é que se fala de feminismo e não de igualismo?
- É arte se eu for capaz de o fazer?
- Porque é que comemos porcos, mas não cães?
- Qual é o legado de Tony Blair de acordo com todos os nossos pais, que havemos de defender como se fosse a nossa própria opinião?
- Quando é que é demasiado tarde para ter filhos?
- A Margaret Thatcher era uma feminista?
- Os elevados preços dos imóveis em Londres significam que as pessoas vão mesmo mudar-se para Margate?
- Não faz mal o Matthew estar com uma *t-shirt* dos Ramones apesar de não ser capaz de dizer o nome de um deles nem de nenhuma das canções deles?

Quando as coisas aquecerem de mais entre o Max e o Ed durante “Homossexualidade: Natureza ou Educação”, estará na hora da Partilha Excessiva e Embriagada da Leslie, na qual ela revela um segredo sobre si mesma num longo e tortuoso monólogo perante uma plateia silenciosa.

Confissões sugeridas para a Leslie:

- Não gostas de ninguém que seja galês.
- Recente crise de clamídia.
- O teu tio a apalpar-te quando eras adolescente.
- O teu caso com um homem casado.
- Achas que é possível comunicar com os mortos.
- Achas que votar é inútil e chato.

– Medo da infertilidade.

Horas de partida previstas:

Ed – quatro horas da manhã, depois de provar que conhece a coreografia original do *Pure and Simple* dos Hear' Say e toda a letra do *rap* da Lil' Kim em *Lady Marmalade*.

Cordelia – duas da manhã, por causa de um *brunch* (inventado) na manhã seguinte.

Max – duas e meia da manhã, depois de receber uma mensagem furiosa da Cordelia a mandá-lo ir para casa.

Matthew e Anna – quatro e um quarto da manhã, no mesmo Uber.

Leslie – quatro da tarde do dia seguinte.

Estou mesmo em ânsias, pessoal! Vai ser tão bom ter uma noite de descontra!! Xxx

## Receita: Piza de maçã com gelado à prova de abéculas

(quatro pessoas)

Uma receita que me foi dada pela minha mãe, para impressionar as pessoas quando vinham à minha casa merdosa para jantares merdosos – não requer nenhuma habilidade e nenhum esforço.

### **Para o gelado:**

- 4 gemas (têm de ser muito frescas);
- 100 g de açúcar de confeitiro;
- 340 g de creme de *mascarpone*;
- Essência de baunilha.

Bater as gemas e o açúcar até obter um preparado claro e cremoso.

Incorporar o queijo *mascarpone* e a essência de baunilha. Colocar num *tupperware*.

Levar ao congelador de um dia para o outro ou durante um mínimo de 3–4 horas.

### **Para a piza de maçã:**

- 1 embalagem de massa folhada;
- 1 embalagem de maçapão;
- 500 g de maçãs, descascadas e cortadas às rodelas;
- 1 frasco de compota de alperce.

Estender a massa folhada.

Cobrir com um círculo de maçapão.

Colocar as maçãs cortadas por cima.

Levar ao forno a 200 °C até dourar e, entretanto, aquecer a compota de alperce na placa do fogão.

Quando a piza de maçã sair do forno, aplicar a compota de alperce quente sobre a piza e deixar repousar.

Servir com o gelado.

## «Nada vai mudar»

Uma das coisas que mais me irritaram no facto de a Farly ter conhecido o Scott foi que nunca mais vi a família dela. Sentia falta da mãe, do pai, da madrasta, do irmão e da irmã dela. Durante anos, passei imensos fins de semana e férias com a família dela, que era como se fosse a minha. Mas, depois de o Scott entrar em cena, deixei de receber as convocatórias da Farly, pelo que só os via uma ou duas vezes por ano. O Scott ocupava agora o meu lugar à mesa da sala de jantar para os aniversários e assados domingueiros; era ele quem estava com eles na Cornualha nas aconchegantes férias a meio do primeiro trimestre, enquanto eu me limitava a ver as fotos no Instagram.

Depois de alguns meses a viver na nossa nova casa de Londres, a Farly convidou-me para um passeio com a família dela numa tarde de sábado. Parámos num *pub* para almoçar e que bem que me soube a calorosa familiaridade daqueles rituais: as alcunhas, as piadas só deles, as histórias sobre a Farly e eu quando éramos adolescentes. Senti-me confortável: o espaço que o Scott ocupara nos últimos anos tinha uma forma diferente do meu, porque nada tinha mudado de todo.

Na última parte do passeio, seguíamos as duas atrás do resto do grupo e do cão, como sempre fazíamos quando éramos adolescentes, por causa do excesso de comida ao almoço.

- O Scott pediu-me para ir viver com ele.
- O que é que lhe respondeste? – perguntei.
- Vou aceitar – disse ela quase como se pedisse desculpa, aquelas palavras hesitantes a pairar no ar frio. – Pareceu fazer sentido quando ele me pediu.
- Quando?
- Quando fizer um ano com vocês em Camden – respondeu ela. Não gostei da expressão «fazer um ano» como se eu fosse uma temporada de esqui ou um curso de TEFL<sup>11</sup> no Japão; uma coisa que se faz uma vez para ter uma história interessante para contar.

– OK – foi a minha resposta.  
– Lamento imenso, eu sei que é muito difícil.  
– Não, não; fico feliz por ti – disse eu. Fizemos o resto da caminhada em silêncio.

– Queres fazer bolachas com pepitas de chocolate? – perguntou-me a Farly quando voltámos para nossa casa.

– Sim.

– Ótimo. Faz uma lista do que precisamos e eu vou buscar os ingredientes. E porque é que não vemos aquele documentário da Joni Mitchell que está na prateleira há séculos?

– Tudo bem – disse eu. Fez-me pensar naquela vez em que a minha mãe me levou ao McDonald's quando eu tinha oito anos depois de o meu peixinho morrer.

Sentámo-nos no sofá a comer bolachas, com as pernas entrelaçadas e as barrigas a espreitar dos respetivos pijamas. O Graham Nash estava a falar sobre a letra da canção *Blue*.

– Eu sei cada palavra deste álbum – disse eu. Era o único que tínhamos levado numa viagem de três semanas durante o verão, quando a Farly tinha tirado a carta, aos dezassete anos.

– Eu também. *Carey* é a minha preferida.

– *All I Want* é a minha. – Calei-me para comer a última bolacha e limpar as migalhas da boca. – Provavelmente nunca teremos outra viagem como aquela.

– Porquê?

– Porque vais viver com o teu namorado; agora, as tuas viagens não de ser todas com ele.

– Não sejas parva – disse ela. – Nada vai mudar.

Gostava de fazer uma pausa na história por um instante para falar sobre este «nada vai mudar». Ouvi-o repetidamente da boca de mulheres que adoro – quando eu tinha vinte e poucos anos e elas foram viver com os namorados, ficaram noivas, mudaram-se para o estrangeiro, casaram e engravidaram. «Nada vai mudar». Deixa-me doida. Tudo vai mudar. *Tudo vai mudar*. O

amor que temos uma pela outra continua a ser o mesmo, mas o formato, o tom, a regularidade e a intimidade da nossa amizade vão mudar para sempre.

Vocês sabem, quando éramos adolescentes e víamos a nossa mãe com as melhores amigas dela e elas pareciam próximas, mas não eram como nós quando estávamos com as nossas amigas? Havia uma formalidade estranha entre elas – um estranho desconforto quando elas apareciam. A nossa mãe limpava a casa antes de elas chegarem e depois falavam sobre a tosse dos filhos e sobre o que estavam a pensar fazer ao cabelo. Quando éramos crianças, a Farly disse-me uma vez: «Promete que nunca havemos de ser assim. Promete que, quando tivermos cinquenta, havemos de ser exatamente iguais uma com a outra. Quero ver-nos sentadas no sofá, a empanturrarmo-nos com batatas fritas e a falar de aftas. Eu não quero ser uma dessas mulheres que se reúnem a cada dois meses para ir a uma feira de artesanato.» Prometi. Mas mal sabia eu o trabalho que dá manter este grau de intimidade com uma amiga à medida que os anos passam – é algo que não acontece por coincidência.

Vi isto acontecer imensas vezes – uma mulher encaixa-se melhor na vida de um homem do que ele se encaixa na dela. É ela quem passa mais tempo no apartamento dele, é ela quem se torna amiga de todos os amigos dele e respetivas namoradas. É ela que manda um ramo de flores à mãe dele quando esta faz anos. As mulheres não gostam mais disto do que os homens, mas saem-se melhor: fazem-no e pronto.

Isto implica que, quando uma mulher da minha idade se apaixona por um homem, a lista de prioridades passa disto:

1. Família.
2. Amigas.

Para isto:

1. Família.
2. Namorado.

3. Família do namorado.
4. Amigos do namorado.
5. Namoradas dos amigos do namorado.
6. Amigas.

O que significa que, em média, passas de ver a tua amiga todos os fins de semana para uma vez em cada seis. Ela transforma-se num daqueles testemunhos que se passam nas corridas de estafetas e tu és a última da equipa a recebê-lo. Tens a tua vez, tipo, no teu aniversário, ou num *brunch*, e depois tens de devolvê-la ao namorado para reiniciar uma longa e entediante rotação.

Lenta mas garantidamente, estes intervalos na vida uma da outra criam uma lacuna no meio da vossa amizade. O amor ainda está lá, mas a familiaridade foi-se. Quando dás por isso, vocês deixaram de viver a vida em conjunto. Passam a viver a vida separadamente com os respetivos namorados, encontrando-se depois para jantar a cada seis semanas para contar uma à outra como é a vida. Agora percebo porque é que as nossas mães limpavam a casa antes que a melhor amiga chegasse e perguntasse: «Então, quais são as novidades?» num tom alegre e formal. Percebo como é que isto acontece.

Como tal, quando forem viver com os vossos namorados, não me venham dizer que nada vai mudar. Não vai haver mais nenhuma viagem – o ciclo também se aplica quando se trata das férias: tenho a minha amiga de volta a cada seis verões, a não ser que ela tenha um bebé, caso em que uma viagem comigo só acontecerá daqui a dezoito anos. É algo que nunca deixa de acontecer. Tudo vai mudar.

A Farly saiu lá de casa no meu vigésimo quinto aniversário. Ela e o Scott encontraram um T1 com terraço para alugar em Kilburn. Ficava à frente de um ginásio, o que eles disseram ser bom porque, aparentemente, gostavam de jogar *badminton*. Ela fez questão em mostrar-me que havia um autocarro direto entre Camden e a Kilburn High Road. Apanhei-o amuada para ir até lá, à festa de estreia do apartamento.

Passei a festa a fumar no terraço com a irmã adolescente da Farly, a Florence, no meu colo, a mostrar-me o livro de curso dela. Mais tarde, quando já estava bêbeda, disse-lhe que alimentava a esperança secreta de que um deles fosse infiel ou que o Scott fosse *gay*, pelo que a Farly teria que voltar para nossa casa. Ela riu-se e deu-me um abraço.

– Detesto aquilo – disse a Farly, apontando para uma camisola emoldurada do Manchester United, coberta com as assinaturas da equipa e pendurada no corredor. Tinha percebido que eu precisava de um alvo para a minha infelicidade.

– Sim, é medonha – disse eu.

– Nojenta – rematou ela. – Viver com um rapaz. Blhec.

– É muito melhor viver com raparigas.

– Do melhor. – Ela sorriu. – Gostas do apartamento?

– Adoro. Acho que vais ser muito feliz aqui. – E, irritantemente, começava a acreditar.

A nossa amiga da universidade, Belle, que chegou com uma guitarra e uma vontade de passar os fins de semana a sair para dançar, foi para o quarto da Farly e a vida continuou como dantes. O frigorífico continuava a ter uma fuga. A sanita do rés-do-chão continuava avariada. O Gordon continuava a invadir a nossa casa sem ser convidado quase todas as manhãs de sábado, a ver se nos impingia móveis horrorosos como se fossem «presentes», porque não tinha pachorra para os levar para o contentor. Continuávamos a fazer uma coisa a que chamávamos «escolha das mulheres» quando uma de nós ia à loja, o que significa que levas com o chocolate que a outra decidir trazer. No princípio, eu via mais a Farly do que quando vivíamos juntas, simplesmente porque ela fazia hiperquestão de me fazer sentir que «nada mudou». Mas inevitavelmente, comecei a vê-la cada vez menos. Tudo mudou.

Três meses depois de eles começarem a viver juntos, eu estava sentada à secretária no meu trabalho quando vi que tinha um convite do Scott no meu telefone para um grupo do WhatsApp chamado «Notícias Fantásticas».

Já sabia o que era; como tal, não o abri. Estava à espera daquele momento

desde o dia em que a Farly me disse tinha dito que iam viver juntos. Eu não estava preparada para saber, pelo que continuei a trabalhar, como se tudo aquilo apenas fosse um sonho pendente; uma mensagem por enviar na caixa de saída do éter. O telemóvel ficou na minha secretária durante uma hora, a notificação a olhar para mim.

Finalmente, recebi um telefonema da AJ – que também tinha sido convidada para o grupo – e ela disse-me para o abrir. Dizia que ele ia pedi-la em casamento. No Dia dos Namorados. Quatro anos depois do primeiro encontro. Ele perguntava se podíamos reunir um grupo de amigas dela e fazer-lhe uma surpresa num bar depois de ele fazer o pedido. Eu respondi que adorava. Disse que mal podia esperar. Disse que estava na Lua.

Chorei, ciente de que tinha perdido fosse que batalha fosse que estava a travar contra fosse quem fosse que eu estava a tentar enfrentar.

A Dilly passou pela minha secretária.

– Dollbird – disse-me ela. – O que é que se passa?

– Nada – murmurei.

– Anda lá. – Pegou-me na mão e levou-me para a sala de reuniões. – Conta-me o que é que se passa. – Falei-lhe do pedido de casamento. Ela estava a par da saga: tinha encontrado a Farly algumas vezes e vivia fascinada com o triângulo amoroso Scott-Farly-Dolly há anos, referindo-se a ele como «o enredo perfeito para um *reality show*».

– E eu sei que parece que estou a ser melodramática – disse eu entre soluços. – Eu sei que as pessoas crescem e que as coisas mudam, mas, *meu Deus*, nunca pensei que tudo havia de mudar quando tivéssemos apenas 25 anos. – Ela olhou para mim e suspirou, abanando a cabeça solenemente.

– O que foi? – perguntei.

– Eu sempre achei que devíamos ter enchido aquela casa de câmaras quando vocês se mudaram para lá – disse ela, revirando os olhos. – Eu sabia, e disse isto ao Dave na altura. Eu sei que tu dizes que não gostas de aparecer, mas isto tudo teria dado um programa fantástico.

Juntei as nossas amigas e contei-lhes o plano do Scott.

Organizámos a hora e o lugar onde íamos estar à espera com um presente. Comprei-lhes uma cópia emoldurada da Etsy com a letra de *There Is A Light*

*That Never Goes Out* dos Smiths, a canção preferida deles. A AJ disse que depois me comprava a da *Heaven Knows I Miserable Now*.

Eu não queria nada daquilo. Não queria que ela passasse todos os fins de semana com os amigos do Scott e respetivas mulheres em churrascos na maldita Balham<sup>12</sup>. Eu não me queria encontrar com ela para jantares destinados a pôr a conversa em dia. Eu não queria que ela tivesse saído lá de casa ao fim de um ano. Eu não queria que ela se casasse. E o pior era que a culpa era toda minha. Se eu pudesse voltar atrás no tempo e nunca lhes ter arranjado aquele encontro. Nunca ter andado com o Hector. Não ter ido a casa dele naquela noite de neve em Notting Hill. Só queria poder voltar atrás e ignorá-lo quando tinha começado a falar comigo no comboio. Só queria nunca ter apanhado a merda daquele comboio.

O problema de ter uma Farly na nossa vida é que a história dela parece ser a nossa história. Ela não estava a viver a vida que eu tinha planeado para nós e eu estava de luto pelo futuro que agora sabia que nunca havíamos de ter. Até ao aparecimento do Scott, estávamos no caminho certo: fomos para a mesma universidade onde escolhemos as mesmas residências, depois vivemos na mesma casa durante dois anos. Quando nos formámos, pensei que íamos ter os nossos «Anos de Londres» – não o nosso «Ano de Londres». Pensei que haviam de ser muitas casas, não uma. Pensei que íamos ter centenas de noitadas juntas que só acabariam com o nascer do sol. Pensei que haviam de ser muitos espetáculos e encontros a quatro e viagens para cidades europeias e semanas esparramadas, lado a lado, na praia. Pensei que tínhamos direito aos Vintes uma da outra antes de, inevitavelmente, termos de abrir mão uma da outra. Sentia-me como se o Scott me tivesse roubado a nossa história. Ele tinha-me levado dez anos que eram meus.

Um mês antes de o Scott fazer o pedido, saímos todas com a Farly para uma noite de copos num sábado.

– O Scott disse-me uma coisa estranha esta semana – anunciou ela. Nós, as outras, trocámos olhares esbugalhados em segredo: já sabíamos que tínhamos feito uma vaquinha para a gravura dos Smiths e cancelado os nossos planos para o Dia dos Namorados.

- Vá, desembucha – disse eu sombriamente.
- Ele disse-me que tem uma surpresa para mim no Dia dos Namorados e que é uma coisa pequena, mas também é muito grande. E... eu sei que parece uma loucura, mas uma parte de mim pensou que talvez possa ser um anel de noivado?
- Não me parece que seja isso – disse a Lacey de repente, com certeza para evitar os olhares intensos de todas nós, que, caso se tivessem cruzado, teriam certamente estragado a surpresa.
- Pois não, eu sei. Tens razão, não pode ser – disse a Farly rapidamente, com uma gargalhada apagada.
- Pois – acrescentou a AJ. – Parece-me que estás a ver coisas onde elas não existem, miúda.
- Mas o que é que pode ser pequeno, mas grande? Não consigo perceber o que possa ser – disse a Farly.
- Ooh, não sei – disse a Lacey. – Talvez bilhetes de avião para umas férias ou assim?
- Talvez seja um colarinho – disse eu num tom inexpressivo.
- O quê!? – perguntou ela.
- É uma coisa pequena, mas muito grande. Talvez ele tenha decidido ir para padre e quer contar-te isso no teu aniversário.
- Oh, para com isso, Dolly – disse ela com um suspiro.
- Ou talvez...talvez... – disse eu, a minha boca a refletir o litro de vinho branco que já tinha emborcado. – Talvez ele tenha decidido fazer uma tatuagem do Manchester United na cara. Parece pequeno, mas na verdade é enorme, não é? Pode alterar o que sentes por ele. – A AJ fez-me sinal para parar com um discreto movimento cortante na garganta. – Ou talvez sejam as chaves de um barco, talvez ele tenha comprado uma lancha para andar no Tamisa. Uma grande mudança de estilo de vida, especialmente se ele a quiser usar aos fins de semana. Imagino que deve ser um dinheirão só para a manter. Talvez seja isso. Ele é um homem do mar, mas nunca encontrou o momento certo para te contar.
- Perdi a vontade de adivinhar o que possa ser – disse a Farly secamente.

Não consegui dormir na noite antes do noivado, a pensar como a vida da Farly estava prestes a mudar e que ela nem fazia ideia do quanto. Enviei uma mensagem ao Scott na manhã seguinte: «Boa sorte para esta noite. Sei que vais arrasar. Espero que ela diga sim. Se disser não, foi um prazer conhecerte x.»

«Obrigado pelo voto de confiança, Dolls x», respondeu ele.

Eu estava num bar com um grupo de amigas, à espera da SMS dele.

– E se ela disser não? – perguntou a AJ. – Vamos para casa e pronto?

– Ela não vai dizer não – disse eu. – Mas, se disser, já estive a ver o que está a dar e temos uma noite disco na KOKO, portanto, vamos até lá e dançamos; são dez libras à porta.

Às dez, recebi uma mensagem do Scott a informar que eles estavam noivos. Ele tinha-lhe dito que iam tomar uma última bebida para comemorar antes de irem para casa. Pedimos uma garrafa de champanhe, enchemos duas flutes e ficámos a olhar pela janela, à espera que o táxi chegasse. Finalmente, vimo-los entrar no bar e a AJ apertou a minha palma suada duas vezes, o código Morse universal e silencioso.

– PARABÉNS! – gritámos todas assim que a Farly passou a porta. Ela olhou para nós num choque total, depois para o Scott. Ele sorriu-lhe e ela veio a correr direita a mim para me abraçar.

– Parabéns – disse eu, entregando uma flute de champanhe ao Scott. – Fizeste a minha melhor amiga muito feliz.

– Estou tão feliz por teres andado com o idiota do Hector – disse ele a rir.  
– Adoro-te, Dolly.

Ficou com os olhos cheios de lágrimas e abraçou-me.

Dei por mim a pensar se ele saberia como é que eu estava a sentir-me. Se sempre teria sabido. Talvez por isso tivesse tentado incluir-me na noite em que ficaram noivos, dando-me um projeto só meu, encontrando uma forma de me envolver.

Duas horas depois, a Farly tinha-me convidado para madrinha, eu tinha bebido a maior parte do champanhe e estava a sentir-me eloquente.

– Quero fazer um discurso – disse eu à AJ, e peguei num garfo para bater no meu copo.

– Não, minha querida – disse ela, tirando-me o garfo e fazendo sinal às outras, que rapidamente retiraram todos os talheres da mesa e os entregaram ao empregado. – Nada de discursos.

– Mas eu sou a porra da madrinha.

– Eu sei, fofa, mas há de haver tempo de sobra para discursos.

Quando ela foi à casa de banho, meti-me debaixo da mesa e encontrei as chaves do carro na mala dela. Bati no copo com um *ding ding ding*.

– Quando fiquei a saber que o Scott e a Farly estavam noivos... sim, é claro que fiquei chateada – anunciei.

– Oh, meu Deus – gemeu a Belle.

– Porque conheço esta esquisitinha há mais de vinte e cinco anos.

– Mais de vinte e cinco anos? – perguntou a Lacey à Hicks.

– CALUDA! – gritei, de dedo apontado à Lacey e a derramar vinho na mesa.

– ISTO É UMA MERDA E JÁ NÃO ÉS A MADRINHA! – berrou uma Farly embriagada do outro lado da mesa.

– Mas quando olho à minha volta, vejo que o mundo... – fiz uma pausa para efeito dramático – é... exatamente como devia ser. A minha melhor amiga ficou com o melhor homem.

– Ohhhhh – disseram todas, com um suspiro de alívio coletivo.

– Ao Scott e à Farly – berrei eu pelo meio das lágrimas e sentei-me. Seguiu-se uma fraca salva de palmas.

– Foi lindo – sussurrou-me a Belle. – Embora eu saiba que roubaste isso do discurso da Julia Roberts n’*O Casamento do Meu Melhor Amigo*.

– Oh, ela nem vai dar por isso – respondi eu com um gesto impaciente.

O resto da noite, devo ser sincera, ainda hoje é um pouco turvo. Convidei a Dilly e o marido – que estavam nas redondezas a festejar o Dia dos Namorados – para as comemorações. Dancei o canção na zona de refeições do bar enquanto cantava *One* do filme *A Chorus Line* e arranjei maneira de acertar com um pé numa bandeja de pratos, que voou das mãos do empregado com o resultado que seria de esperar. Despedi-me do Scott e da Farly, voltei para o meu apartamento em Camden e obriguei todas a continuar a beber até às seis da manhã. Acordei ao lado de uma Hicks

seminua que tinha «feliz dia dos morados» escrito no peito com *eyeliner* líquido.

Passei o dia seguinte a ver o “fim de semana de noivado” da Farly (não quero parecer demasiado picuinhas a respeito deste pormenor específico, mas pensei que uma noite seria o suficiente) desenrolar-se nas redes sociais. Houve um churrasco familiar, um almoço no Wolseley, os amigos do Scott e as respetivas mulheres a enchê-la de presentes, tipo agendas para planear casamentos da Smythson e *magnums* de champanhe, que faziam com que a minha gravura emoldurada parecesse um pouco pobretanas. Comecei a sentir-me como o quarto e esquecido Rei Mago (o que tinha levado uns trapos da Etsy como presente).

«Acho que a noite de sexta deve ter sido bastante complicada para ti», disse-me a Farly ao telefone. «Tu estás bem?»

– Estou ótima! Não sei o que queres dizer com «bastante complicada». Afinal, não fui eu que fiquei noiva. Tu é que parecias estar à toa. Vi no Facebook que a Michelle te comprou uma daquelas agendas para planear casamentos da Smythson... foi uma boa ideia, não?

«Queres ir jantar na semana que vem, só nós as duas?»

– Claro.

Enviei um *email* ao Hector – pela primeira vez em quatro anos.

Lembras-te de mim? O Scott e a Farly vão casar. Graças a Deus, mandaste-me ir à cozinha em pelota.

Ele respondeu. Disse que tinha visto a novidade no Facebook. Disse que tinha trocado a City pelas viagens de relações públicas e que tinha uma conta enorme para despesas e perguntou se me podia convidar para um almoço bem regado, para brindar aos nossos dotes casamenteiros. Eu pensei que, como «casamenteiros», só podíamos trazer a desgraça a alguém, mas respondi-lhe que sim porque estava a sentir-me em baixo. Num acesso de nostalgia forçada, procurei na caixa de entrada do meu *email* todos os velhos poemas ordinários. Cancelei o almoço na véspera da data marcada.

– Porque é que tu achas que lhe mandaste um *email*? – perguntou-me a Farly entre dentadas num hambúrguer durante o nosso jantar, alguns dias

depois.

– Não sei. Acho que só quero ter um namorado.

– A sério? – perguntou ela enquanto limpava a boca com o guardanapo. – Estás sempre a dizer que não queres.

– Pois, mas ultimamente não tenho sido dessa opinião.

– Qual é que achas que foi o motivo?

Qual é que tinha sido o motivo? Ciúmes. Não do Scott desta vez – eu estava com ciúmes da Farly.

– Teres ficado noiva.

– Porquê? – quis ela saber.

– Porque não suporto que a tua vida seja tão diferente da minha agora. Não suporto que tenhamos sempre feito tudo ao mesmo tempo e agora não – expliquei eu com um suspiro. – Não suporto que os nossos filhos possam vir a ter idades tão diferentes. Não suporto que estejas prestes a comprar um apartamento com um homem enquanto eu tive de implorar ao meu senhorio que me deixasse pagar a renda deste mês com três semanas de atraso. Não suporto que te passeies no *Audi* do Scott, que ele recebeu no trabalho, e eu ainda nem carta tenho. Não suporto que os amigos dele sejam tão diferentes de mim e tenho medo que eles te levem porque a vida deles é parecida com a tua nova vida e a minha não. Eu sei que parece uma loucura e que o mundo não gira à minha volta e que estou a estragar o teu momento especial e que devia estar feliz por ti. Mas sinto-me tão cá atrás e tenho medo de te perder de vista.

– Se tu tivesses conhecido o teu marido quando tinhas vinte e dois anos, teria sido muito, muito difícil para mim – disse ela.

– A sério?

– Claro que sim! Eu teria detestado.

– Porque às vezes sinto que estou a perder o juízo.

– Não estás a perder o juízo. Eu teria sentido exatamente o mesmo. Mas nunca escolhi conhecer o Scott aos vinte e dois anos. Eu não estava à procura de marido.

– Pois – disse eu sem grande entusiasmo.

– E hei de estar presente para festejar e viver todos os marcos importantes

da tua vida, seja no mês que vem, seja dentro de vinte anos.

– Eu apostava mais nos quarenta anos – disse eu entredentes. – Ainda nem sequer vivo num apartamento com cortinas.

– Já não estamos na escola. As coisas hão de acontecer em alturas diferentes. Também hás de fazer algumas coisas antes de mim.

– Tipo quê? Meter anfetaminas?

Assim sendo, acabei por fazer as pazes com o Scott. Percebi que ele não ia desaparecer. Passei tempo com os dois e revivi o meu familiar e bem recebido papel como Seguradora de Velas Oficial. É um género irritante, mas no qual me saio muito bem. Entre todos os anos que já vivi neste planeta, apenas alguns se passaram numa relação. Sou bem versada e treinada na arte de segurar a vela: sou a Dolly Alderton das Velas.

Toda a minha adolescência foi passada com as minhas amigas e os namorados delas. A sorrir enquanto eles fingiam brigar no sofá ou eu a fingir que estava a jogar no meu telemóvel enquanto eles se enrolavam num canto da sala. Sou muito boa a sorrir e fazer de conta na presença de casais, foi assim que passei a maior parte das noites da semana entre os vinte e os trinta anos. Deixo-os simular discussões na minha presença, sobre quem é que tem de encher ou esvaziar a máquina da loiça. Rio quando eles contam longas histórias sobre os hábitos de dormir um do outro. Fico em silêncio enquanto eles discutem pormenores da vida de gente que não conheço de uma maneira demasiado animada («NÃO?! A Priya não pode ter comprado aqueles azulejos! Não ACREDITO! Depois de tudo aquilo! Valha-me Deus; desculpa. Explica à Dolly quem é a Priya e toda a história da conversão do *loft* desde o princípio até ao fim») para me demonstrar que têm uma vida muito interessante que não me inclui. E no entretanto finjo que não sei porque é que acabo a segurar a vela, porque é que tenho de me rir e de os ouvir. Mas é claro que sei que sou um mero afrodisíaco num jogo de Felicidade Doméstica – sei que, quando saio, eles rasgam as roupas um do outro, isto porque já estão excitados depois de um longo discurso conjunto sobre as férias deles nas Filipinas, especialmente quando ambos escolheram a mesma ilha quando perguntei qual era a favorita deles. Não sou mais do

que um relutante membro da plateia.

Mas deixo-me ficar sentada e assisto a todos estes espetáculos porque a alternativa – perder as minhas amigas – não é uma opção.

E quando a Farly e o Scott não estavam a dar espetáculo para meu benefício, descobri, para meu grande espanto, que ele e eu nos dávamos muito bem. Na realidade, irritou-me não ter percebido isto mais cedo, porque teria apreciado a companhia dele quando o tinha por perto, quando a Farly e eu vivíamos juntas, em vez de apenas lhe responder com monossílabos. Ele era divertido e inteligente. Lia o jornal e tinha opiniões sobre as coisas. O Scott acabou por se revelar um tipo bem fixe e, retrospectivamente, parecia-me muito óbvio que a Farly teria acabado por se casar com alguém assim. Era um aspeto em que eu me tinha enganado redondamente.

Quando eu não estava animada a ajudar a Farly a planear o casamento, também fazia um esforço maior com os amigos dele. Sempre que os tinha encontrado no passado, tinha feito embaraçosa e espalhafatosamente questão de provar que era diferente deles. Certa vez, bebi de mais durante um almoço de domingo em nossa casa e embarquei num sermão sobre a doutrina do «comer carne é homicídio» enquanto eles apreciavam o seu cordeiro assado. Noutra ocasião, num bar, acusei um deles de ser um misógino porque fez um comentário sobre a minha altura. Mas, depois de a Farly e o Scott ficarem noivos, fiz os possíveis para descontraí-los, ser educada e tentar conhecê-los. Afinal, era com eles que ela agora passava a maior parte do seu tempo. Tinham de ser semi-interessantes.

E então, de repente, numa noite de sexta-feira de agosto, todos deixámos de pensar no casamento. A Florence, a irmã de dezoito anos da Farly, tinha sido diagnosticada com leucemia. «A vida está em espera» foi o refrão do pai da Farly durante os meses seguintes. A vida estava em espera. O casamento foi adiado um ano. A Florence era uma das madrinhas e eles queriam ter a certeza de que ela estava bem quando a data chegasse. Eu tinha passado meses obcecada com o casamento e agora não podia estar menos interessada.

No mês seguinte ao diagnóstico, era o vigésimo sétimo aniversário de

Farly. Queríamos festejar para a distrair da doença da Florence, mas ela estava sem energia, tendo passado todas as horas que podia no hospital. Não queria beber, não queria estar com muitas pessoas, não queria ter de conversar com um monte de gente sobre si mesma. A família dela não podia estar presente porque estavam acampados no hospital. Foi o Scott quem decidiu: a AJ e eu íamos ao apartamento novo deles e ele fazia o jantar para nós os quatro.

O primeiro aniversário que eu tinha celebrado com a Farly fora o décimo segundo. Ela já tinha apagado mais velas comigo do que sem mim. Lembrome do primeiro como se fosse ontem – quando ela ainda era apenas uma amiga que se sentava ao meu lado em Matemática. Ela tinha um vestido cor-de-rosa da *Miss Selfridge* e dançámos a Macarena no salão paroquial de Bushey.

Mas este aniversário foi diferente de todos os que tínhamos comemorado juntas. A Farly parecia mais pequena do que nunca, tão diminuta e frágil como um passarinho. Não houve nenhum abraço barulhento, nenhuma bebedeira. Ficámos calados e sossegados, ninguém mais do que o Scott.

Ele tinha acordado cedo para ir à peixaria, visto que a AJ e eu tínhamos deixado de comer carne. Preparou um robalo lindo, recheado com funcho e laranja, acompanhado com batata nova assada, e empratou-o com a concentração de um concorrente do MasterChef. Dava um beijo na cabeça da Farly sempre que passava por ela. Depois, deu-lhe a mão por baixo da mesa. Vi o homem por quem ela se tinha apaixonado.

Mandei uma mensagem ao Scott na cozinha para lhe dizer que tinha escondido atrás do sofá um tabuleiro com *cupcakes* de aniversário. Esperámos que a Farly fosse à casa de banho e a AJ trancou-lhe a porta com uma cadeira enquanto eu dispunha os bolos numa travessa como uma louca e o Scott procurava uma caixa de fósforos.

– O QUE É QUE SE PASSA?! – gritou a Farly.

– É SÓ UM MINUTO! – gritei em resposta enquanto acendia todas as velas com o Scott.

Cantámos-lhe os Parabéns e entregámos-lhe os presentes e um cartão. Ela apagou as velas e riu-se enquanto nós os três a envolvíamos num grande

abraço de grupo.

– Porque é que demorou uma eternidade? – perguntou ela. – Estiveram a fazê-los enquanto eu estava lá dentro? Esperei tanto tempo que comecei a fazer os meus exercícios para as coxas.

– Quais exercícios para as coxas? – perguntou-lhe a AJ.

– Oh, aqueles novos que vi numa revista. – Começou a inclinar-se para cima e para baixo, a cara recuperando um pouco das suas antigas cores. – Tento fazê-los todas as manhãs. Não me parece que esteja a fazer grande diferença. As minhas pernas continuam a parecer um par de presuntos gigantes. – A AJ começou a imitá-la, para cima e para baixo, toda empenhada, a Farly a explicar-lhe os exercícios como se fosse um vídeo da Rosemary Conley.

No outro canto da sala, o Scott ficou à espera até que eu olhasse para ele. Sorriu. «Obrigado», disseram-me os lábios mudos dele. Retribuí-lhe o sorriso e, de repente, apercebi-me do mundo que agora se estendia diante de nós. Apercebi-me da dimensão invisível criada com base na história, no amor e no futuro que partilhávamos por causa daquela pessoa. Foi então que eu soube que tudo havia mudado: tínhamos feito a transição. Não nos tínhamos escolhido um ao outro. Mas éramos família.

---

<sup>11</sup> Acrónimo de *Teaching English as a Foreign Language*. (N. T.)

<sup>12</sup> Zona residencial de classe média alta em South London. (N. T.)

## Os diários dos maus encontros: uma conta de restaurante de trezentas libras

Estamos em dezembro de 2013 e já vou no meu terceiro encontro com um empresário bonito que conheci no Tinder. É o primeiro homem rico com quem saio e sinto-me bastante dividida quanto ao facto de ele gastar dinheiro comigo. Às vezes, quando ele educadamente agarra na conta, sinto-me lisonjeada – como se um namoro entre adultos devesse funcionar assim. Noutras alturas, sinto-me frustrada comigo mesma por ficar tão previsivelmente fraca das canetas porque um tipo mais velho, com um carro rápido e um problema com a bebida me paga o champanhe. Esta frustração traduz-se numa raiva incontrolável que o tem a ele como alvo.

– Não és meu dono! – grito eu sem motivo no restaurante de Mayfair que ele escolheu, passadas três garrafas de vinho. – Não sou uma coisa que tu podes ter: não me vou sentir culpada porque me produzi toda só para que me pagasses a lagosta! Eu posso muito bem pagá-la!

– Muito bem, querida, podes pagá-la – diz ele entredentes.

– Pois pago! – guincho eu. – E nada de meias: pago TUDO.

A empregada chega com a conta de trezentas libras.

Vou à casa de banho mandar uma SMS à AJ, em que lhe peço para me emprestar duzentas libras e transferi-las imediatamente para a minha conta.

## As crónicas das festas foleiras: na minha casa em Camden, Natal, 2014

Tenho andado a insistir numa festa com uma temática Rod Stewart desde que nos mudámos para a nossa casa em Camden, há dois anos e meio. Segundo o meu raciocínio, o Rod Stewart, enquanto conceito, estabelece a ponte entre a piroseira extrema do Natal e a *joie de vivre* despreocupada de uma festa em casa de pessoal com vinte e poucos anos.

As minhas colegas de casa, a Belle e a AJ, concordam relutantemente que a nossa festa alcoólica natalícia tenha o Rod Stewart como tema, mas fazem questão de dizer que não aceitam nenhuma responsabilidade pela escolha.

No período de preparação da festa, envelheci prematuramente e fui à falência graças a esta minha busca de objetos de temática Rod Stewart. Temos copos de plástico com a cara dele, cinzeiros Rod Stewart, empadas personalizadas com caras do Rod Stewart em cartolina, uma figura de cartão recortado em tamanho real, um letreiro do Rod Stewart a indicar onde fica a casa de banho e uma faixa do Rod Stewart com FELIZ NATAL, BONECA!! A Sabrina, a India, a Farly, a Lauren e a Lacey chegam cedo para ajudar a enfeitar a casa com decorações do Rod, e todas elas concordam com a Belle e a AJ: a festa é um total desperdício de dinheiro.

– Valha-me Deus – digo eu, a prender a faixa na parede enquanto a Sabrina segura a cadeira onde estou empoleirada. – Acabei de perceber que os cartazes dos Faces que encomendei não chegaram a tempo. Acham que alguém se vai importar?

– Não – responde ela com um suspiro. – Ninguém se vai importar com nada disto a não ser tu.

Os primeiros convidados que chegam às sete em ponto são a minha nova, encantadora e espalhafatosa amiga americana, com a qual me encontrei apenas uma vez, e o namorado barbudo dela. Torna-se óbvio que passaram o dia todo a beber. Também trouxeram o seu *cavalier king charles spaniel*,

vestido com uma minúscula camisola de Natal.

Os outros convidados só começam a aparecer a partir das nove, pelo que tentamos conversar com os nossos dois primeiros convidados, mas, infelizmente, o namorado apaga-se no sofá com o *spaniel* em cima, pelo que fica à vista de quem entra. Mais amigos vão chegando, um a um. A situação é tensa. O homem continua apagado com o cão em cima, o que afugenta logo quem chega para a festa. Um dos convidados – amigo de um amigo; um realizador de videoclipes do contingente *in* de Peckham – entra, olha para aquela cena, inventa que tem outra festa da qual se tinha esquecido e sai.

A meio da noite, vou à casa de banho para tirar uma folga da multidão, composta por grupos sociais completamente diversos que não têm nada a dizer uns aos outros, *You Wear It Well* está a tocar repetidamente em pano de fundo enquanto as pessoas reclamam da lista exclusivamente Rod Stewart. A AJ e a Belle estão lá dentro, a AJ sentada na sanita, a Belle na borda da banheira. Comentamos que a festa está mesmo foleira. Pensamos em maneiras de conseguir pôr o pessoal a andar e acabar com aquilo. A AJ diz que tem de se deitar dez minutos porque está a sentir-se cansada e infeliz. Batem à porta da casa de banho e o meu irmão entra.

– Está um pessoal bem bizarro lá em baixo, meninas – diz ele.

Quando volto ao rés do chão, a quantidade de convidados ainda é mais pequena. Topo um *skinhead* muito alto com um blusão de aviador a atacar o frigorífico.

– Hmm. Olá. Quem és tu? – pergunto.

– Disseram para vir cá – responde ele com um carregado sotaque romeno, já a servir-se de uma lata de cerveja. – Para entrega.

– Entrega?

– Sim – responde ele com um olhar conspirativo. – Entrega.

– OK, importas-te só... – levo-o até à porta da frente –... só de esperar aqui?

Passo pela americana, que está a dançar *slows* com o cão da camisola ao som de *Sailing*, isto perante uma plateia perplexa. O namorado continua apagado no sofá já faz mais de três horas.

– ATENÇÃO, ACHO QUE O *DEALER* DE ALGUÉM ESTÁ AQUI – anuncio eu irritada aos presentes. – Lamento muito ser uma desmancha-prazeres, e não vos censuro por quererem apanhar uma moça nesta festa terrível, mas importam-se de pedir a todos os vossos *dealers* que esperem lá fora, ou pelo menos na entrada?

A festa termina pouco depois da meia-noite.

Na manhã seguinte enquanto bebemos café, eu e a Belle embarcamos num inquérito de duas amostras para perceber como é que tudo correu tão mal. Sugiro que a minha preparação possa ter gerado expectativas demasiado altas.

– Tu até fizeste um Rod para carregares às costas – diz ela, assentindo sabiamente.

Mantemos o Rod Stewart recortado em cartão na sala durante algum tempo. Uma advertência para nunca darmos um passo maior do que a perna nesta vida. Resolvemos vesti-lo de acordo com tópicos variados – aplicamos-lhe um sutiã cor-de-rosa durante o escândalo da prostituta e do Lorde Sewel, um chapéu de duende no Dia de São Patrício. Quando mudámos de apartamento oito meses depois e arrumámos a casa, não deixámos nada a não ser o Rod Stewart recortado no meio da sala de estar, passando assim a maldição das festas foleiras aos futuros inquilinos.

## Receita: sanduíche «fui corrida da discoteca»

(duas pessoas)

Regularmente comida com a AJ, sentadas na bancada da cozinha, a baloiçar as pernas para trás e para a frente, aos gritos a respeito daquele segurança idiota que nos disse que estávamos demasiado bêbedas para voltar a entrar e que estávamos «a deixar o resto do grupo mal visto».

- 2 ovos;
- 4 fatias de pão (integral, de preferência, mas o branco é aceitável);
- Maionese;
- Mostarda de Dijon;
- Rúcula (opcional);
- Azeite e manteiga, para estrelar os ovos;
- Sal e pimenta preta, para temperar.

Estrelar os ovos em azeite com um pouco de manteiga, numa frigideira muito quente. Verter o azeite por cima dos ovos uma ou duas vezes para cozer a gema.

Torrar o pão. Para cada sanduíche, barrar uma fatia com maionese e a outra fatia com mostarda.

Encher cada sanduíche com um ovo estrelado e um punhado de rúcula. Temperar com sal e pimenta.

Comer em cerca de cinco dentadas grandes e desleixadas. Ficar com a cara besuntada de mostarda.

Beber em dois recipientes limpos qualquer bebida alcoólica que ainda reste em casa (no nosso caso, era geralmente a velha garrafa de *Toffee Vodka* que a Farly tinha recebido no Natal de 2009 – aquela que vivia no fundo do nosso frigorífico).

Pôr a tocar um disco do Marvin Gaye.

## Os diários dos maus encontros: marmelada completamente sóbria a meio da manhã

Primavera de 2014. Acordo com o som do meu alarme às nove de uma manhã de sábado, depois de cinco horas de sono. Tenho uma mensagem do apetitoso americano Martin no WhatsApp: «Boneca, o nosso café continua de pé?» A minha cabeça parece ter sido virada do avesso como uma meia encardida, mas respondo que não vou faltar. «Emparelhámos» no Tinder há três dias e tem sido uma corrente constante de «Não acredito – esse é o meu álbum preferido do Springsteen!», «Também acredito na reencarnação», «Sim, talvez andemos todos sem rumo» e coisas do género. Neste momento, enquanto reviro o meu quarto à procura das pestanas postiças da noite passada e as volto a colar, estou convencida de que, chegado o fim de semana, ele já há de ser meu namorado, e de que hei de estar a mudar-me para Seattle com ele no mês seguinte. Esta é a única solução lógica na cabeça de uma mulher solteira e ressacada que se sente morta de vergonha por ter caído de um autocarro na noite anterior: casamento e emigração. A roupa: uma enorme camisola de lã com entrançados, tão grande que mais parece um vestido, minicalções de ganga porque todas as minhas calças de ganga estão para lavar, um par de meias com malhas e lonas brancas.

– Sem casaco? – pergunta-me a AJ num grasnido quando me cruzo com ela nas escadas.

– Não é preciso – respondo eu, muito despreocupada.

– Tresandas a *Baileys*, não sei se sabes – grita ela quando já estou a fechar a porta.

O Martin está no bar do Caravan em King's Cross. Felizmente, é igual às fotografias. Está a escrever num caderno quando chego, o que, para mim, acrescenta um agradável tom teatral a toda aquela imagem de alma nómada e perdida que ele tenta transmitir na sua enigmática conta de Instagram que já fui espreitar.

– O que é que estás a escrever? – pergunto eu por cima do ombro dele. Ele vira-se, olha para mim e sorri.

– Nada da tua conta – responde ele enquanto me planta um beijo em cada bochecha. O clima já é intenso e ainda nem tomámos café, quanto mais seis cervejas. Acho que é porque ele é americano.

Ele conta-me a história da sua vida: ilustrador de Seattle com quase quarenta anos, ganhou uma pipa de massa com um grande trabalho e decidiu usá-la para correr mundo durante um ano e escrever um livro. Está numa de «turismo Tinder» para conhecer novas caras. Está em Inglaterra há um mês; quer mais algumas semanas em Londres e depois retoma as suas viagens.

*(Aparte: reparei na altura que o Martin se mostrou particularmente vago quando lhe perguntei pelo tema do livro, dizendo apenas que não era ficção. Reparei também que escreveu algumas coisas quando eu estava a falar. Levou o caderno com ele quando foi à casa de banho e esteve lá bastante tempo. Decidi que: A) as tripas dele não se davam bem com a cafeína e ele queria passar algum tempo na casa de banho sozinho com os seus pensamentos; B) ele era apenas um homem reservado e pressentiu em mim uma criatura intrometida e ressacada, sem respeito por limites, que talvez lhe quisesse ler o caderno quando ele fosse à casa de banho; C) ele estava a escrever algo de embaraçoso, tipo, uma lista de compras cósmica ou o número de pessoas com quem já tinha dormido e não queria que eu lesse; ou D) estava a escrever um livro sobre todas as mulheres com quem tinha saído em Inglaterra e eu era a próxima. Sempre achei que se tratava da opção D e, ainda hoje, continuo à espera de dar com um livro chamado Escória Verde & Agradável:<sup>13</sup> os Tempos que Passei Com as Mulheres Inglesas nos escaparates da Waterstones, com um parágrafo embaraçoso sobre mim.)*

Depois de tomarmos café, sentamo-nos num banco lá fora, a olhar para os repuxos que jorram de uma maneira rítmica e pornográfica, e ele cita Hemingway, o que me parece um pouco exagerado, mas estou a achar graça ao tom extravagante daquele nosso encontro, pelo que decido alinhar. Ele saca de outro caderno que ilustrou com mapas de todos os países que já visitou, os percursos que fez assinalados como pegadas minúsculas.

Pergunto-lhe se tem uma miúda em cada porto. Ele ri-se e responde «qualquer coisa desse género» com aquele sotaque irritante e delicioso.

Ele pega-me na mão e descemos os degraus diante da faculdade de artes de Central Saint Martin até ao canal. Andamos um pouco até ficarmos debaixo da ponte mais próxima; então, ele desabotoa o casaco, puxa-me e embrulha-me nele. Beija-me a cabeça, a cara, o pescoço e os lábios. Passamos meia-hora a beijar-nos.

São onze da manhã.

Separamo-nos às onze e meia e trocamos um agradecimento mútuo por uma manhã adorável. Já estou na cama ao meio-dia e meia e passo a tarde toda a dormir. Acordo às quatro, convencida de que sonhei aquilo tudo.

Previsivelmente, o Martin desaparece do radar depois daquela nossa manhã e mostra-se vago a respeito de um próximo encontro quando volta a dar sinal de si. Uma semana depois, atestada com o *prosecco* de sexta-feira à noite e encorajada pelas minhas amigas, mando-lhe uma mensagem cheia de erros no WhatsApp, em que lhe pergunto se «posso ser franca» e sugiro que embarquemos numa «relação platónica mas sexual» enquanto ele estiver em Londres. Sugiro que posso ser a «miúda no porto de Londres». Acrescento que aquilo é «o que o Hemingway faria».

Nunca mais volto a receber mensagens dele.

---

<sup>13</sup> Referência enviesada ao famoso épico *Milton: A Poem in Two Books* de William Blake (1757-1827), cuja introdução termina com o verso «*in England's green & pleasant Land.*» (N. T.)

## Tudo o que eu sabia sobre o amor aos vinte e cinco

Os homens adoram uma mulher que saiba controlar-se. Façam-nos esperar cinco encontros para ter sexo, três no mínimo dos mínimos. É assim que lhes mantemos o interesse.

Irritantemente, os namorados das nossas melhores amigas não desaparecem. Na sua maioria, não hão de ser propriamente aquilo que imaginávamos para a nossa melhor amiga.

É possível comprar suspensórios e meias baratas em grandes quantidades no eBay.

Os namoros *online* são para falhados e incluo-me nesta lista. Toda a desconfiança é pouca quando se trata de alguém que paga para ter um perfil embaraçoso num *site* de encontros.

Esqueçam o que já disse a respeito do uso de creme depilatório quando andamos com alguém. Se embarcas no visual «rapado», estás a deixar ficar mal as tuas «irmãs». Temos de assumir uma posição ativa contra o controlo patriarcal da anatomia feminina.

Nunca escolhas um álbum tão bom como *Blood on the Tracks* para ser o «nosso álbum» (teu e do teu namorado); isto porque, anos depois de vocês terem acabado, continuarás a não ser capaz de o ouvir. Não caias nesse erro aos vinte e um anos.

Se um homem te ama porque és magra é porque ele não é um homem de jeito.

Se achas que queres acabar com alguém, mas sentes-te impedida de o fazer por questões práticas, o teste é este: imagina que podias entrar numa sala e premir um grande botão vermelho que acabasse a tua relação sem mais problemas. Sem conversas de adeus, sem lágrimas, sem teres de tirar as tuas coisas de casa dele. Eras capaz? Se a resposta for sim, tens de acabar tudo com ele.

Se um homem continua solteiro aos quarenta e cinco, existe um motivo.

Não te deixes ficar por perto para descobrir qual é.

A pior sensação do mundo é levars com os pés porque te dizem que já não gostam de ti.

Leva-o sempre para tua casa; depois, podes sempre convencê-lo a ficar para o pequeno-almoço e levá-lo a apaixonar-se por ti.

É raro o sexo casual ser bom.

Os orgasmos simulados fazem-te sentir culpada e horrível e não são justos para ele. Usa-os com muita moderação.

Algumas mulheres têm sorte e algumas mulheres não. Existem tipos bons e tipos maus. É uma questão de pura sorte quem te sai na rifa e a maneira como ele te trata.

As tuas melhores amigas hão de abandonar-te por causa de homens. Há de ser um longo e lento adeus, mas aceita esta realidade e trata de fazer novas amizades.

Nas noites longas e solitárias em que os teus medos parecem rastejar no teu cérebro como baratas e não és capaz de dormir, sonha com tempos em que eras amada – *noutra vida, de luta e de sangue*<sup>14</sup>. Lembra-te da sensação de encontrar abrigo nos braços de alguém. Não percas a esperança de que o voltarás a encontrar.

---

<sup>14</sup> «... in another lifetime, one of toil and blood» no original: excerto da letra da canção *Shelter from the Storm* do álbum *Blood on The Tracks*, de Bob Dylan, referido acima. (N. T.)

## Razões para ter namorado e razões para não o ter

### **Razões para ter namorado:**

- Maior probabilidade de teres um bolo de aniversário decente.
- Acesso à Sky TV?
- Um tema de conversa.
- Alguém com quem falar.
- Tardes de domingo.
- Mais apoio quando fizeres uma valente asneira no trabalho.
- Alguém para te apalpar o traseiro na fila das pipocas.
- Férias individuais são muito caras.
- E é impossível aplicar protetor solar nas costas.
- Às vezes, não consegues dar conta de uma piza grande sozinha.
- Pode ser que ele tenha um carro.
- Sabe bem fazer uma sanduíche para alguém que não sejas tu.
- Sabe bem pensar em alguém que não sejas tu.
- Sexo regular que não é esquisito.
- Cama mais quente.
- Todas as outras têm um.
- Se tens um, as pessoas acham-te digna de seres amada.
- Se não tens um, as pessoas acham-te superficial e disfuncional.
- O alívio de não teres de flirtar com ninguém.
- Medo de morreres sozinha, do vazio, etc.

### **Razões para não ter namorado:**

- À exceção da tua pessoa, toda a gente te irrita.
- «Debates».
- É provável que ele não goste do Morrissey.
- É garantido que ele não há de gostar da Joni Mitchell.
- Chama-te a atenção quando exageras as tuas histórias.

- Teres de ir à seca dos «copos de aniversário» dos amigos dele em Finsbury Park.
- Alguém que te diz o que fizeste na noite anterior, quando estavas bêbeda.
- Partilhar a sobremesa.
- Teres de assistir a qualquer desporto, ao vivo ou na televisão.
- Teres de passar tempo com as namoradas dos amigos dele e falar sobre *The Voice*.
- Andares sempre com um par de cuecas na mala entre apartamentos.
- Seres honesta a respeito dos teus sentimentos.
- Teres de manter o teu quarto bem limpo e arrumado.
- Não leres tanto.
- Teres de ter o teu telemóvel sempre com a bateria carregada para que ele saiba que não estás morta.
- É provável que sintas falta de flirtar com alguém.
- Cabelos em tudo o que é canto da casa de banho.

## Tottenham Court Road e encomendar merdas na Amazon

Quando eu tinha 21 anos, mesmo no fim do último verão em que participei no Festival de Edimburgo, antes de ter de voltar para casa e encontrar um emprego e começar uma vida de adulto, saí para comemorar o trigésimo aniversário da minha amiga Hannah. Ela tinha-me “dirigido” num número de comédia cujos panfletos eu também tinha distribuído, e eu e dois dos outros atores levámo-la a um restaurante chique para celebrar a ocasião. Nos dias anteriores à data em questão, ela tinha produzido alguns sons vagos a respeito do receio de fazer trinta anos, que todos pensámos serem exagerados por uma questão de comicidade.

A meio do jantar, ela poisa os talheres e começa a chorar.

– Oh, meu Deus, Hannah, estás mesmo *incomodada*? – perguntei eu, imediatamente arrependida do cartão «Parabéns, Avozinha» que lhe tinha dado.

– Estou a envelhecer – foi a resposta dela. – Já o sinto. Já o sinto no meu corpo todo, que já está mais lento e ainda há de ficar mais lento.

– Ainda és tão nova! – disse a Margaret, que era alguns anos mais velha do que ela; mas a Hannah continuou a soluçar, incapaz de recuperar o fôlego, as lágrimas a caírem-lhe no prato. – Queres ir-te embora? – perguntou ela enquanto lhe fazia festas nas costas. A Hannah assentiu com um movimento da cabeça.

Enquanto descíamos a Princes Street, a fazer conversa sobre coisa nenhuma, desejosos de manter um tom ligeiro e a Hannah distraída, ela parou no meio da rua e levou as mãos à cabeça. As lágrimas transformaram-se em prantos.

– É isto? – perguntou-nos ela, aos gritos na noite escura. – A vida é mesmo só isto?

– Só isto é exatamente o quê? – perguntou-lhe a Margaret baixinho, poisando-lhe um braço nos ombros.

– A porra... da Tottenham Court Road e encomendar merdas na Amazon – foi a resposta.

Durante anos, aquelas palavras ficaram coladas à parte mole do meu miolo como um *Post-it* que eu não conseguia arrancar. Ficaram ali, suspensas como uma conversa que ouviste sussurrada entre os teus pais e não percebeste, mas que sabias ser muito importante. Sempre tive interesse em saber por que razão aquelas duas coisas específicas – a Tottenham Court Road e a Amazon – podiam ser motivo de tanta tristeza.

– Hás de perceber quando não tiveres vinte e um anos – respondeu-me a Hannah quando lhe perguntei.

Acabei por compreender as maquinações e o subtexto daquela frase no ano em que fiz vinte e cinco. Quando comesas a perguntar a ti mesma se a vida realmente não é mais do que esperar pelo autocarro na Tottenham Court Road e encomendar na Amazon livros que nunca hás de ler, então, estás a ter uma crise existencial. Estás a aperceber-te da mundanidade da vida. Estás finalmente a perceber que poucas são as coisas que valem a pena. Estás a sair do reino de fantasia do «quando eu for grande» e a ajustar-te à realidade de que já chegaste lá: está a acontecer. E não é o que pensavas que podia ser. Tu não és quem pensavas poder vir a ser.

Quando comesas a abrir um buraco feito destas perguntas, torna-se muito difícil levar a sério as funcionalidades quotidianas da vida. No decurso do meu vigésimo quinto ano, desenvolvi a sensação de ter aberto uma trincheira com todos os meus pensamentos e perguntas sem resposta; naquela escuridão, era capaz de ver os outros preocupados com as coisas com as quais eu me tinha preocupado: cortes de cabelo, o jornal, festas, jantares, os saldos de janeiro na Tottenham Court Road, as pechinchas na Amazon – e não me ocorria como poderia sair dali, nem como poderia voltar a pensar naquelas coisas.

Deixei de beber durante algum tempo para tentar estabilizar o meu estado de espírito, mas apenas consegui pensar ainda mais em tudo aquilo. Experimentei os encontros via Tinder, mas eram essencialmente platónicos e deixavam-me mais desanimada e vazia. A intensa dedicação e paixão que em tempos sentira pelo meu trabalho estavam a começar a esmorecer. Era

frequente as minhas companheiras de casa, a AJ e a Belle, entrarem no meu quarto e darem comigo a chorar ainda enrolada numa toalha depois de um duche que tomara três horas antes. Era-me impossível explicar a quem quer que fosse o que estava a sentir; passava enormes períodos de tempo sozinha. Sentia no corpo uma espécie de sussurro de desinteresse, tédio e ansiedade, tão baixo e ao mesmo tempo tão incomodativo como uma máquina de lavar numa centrifugação que nunca mais acabava. Tudo isto atingiu um clímax no princípio do verão, quando a Dilly me disse ser de opinião que eu devia deixar o meu trabalho para me dedicar à escrita a tempo inteiro, isto quando eu não sabia como havia de ganhar dinheiro nem para onde havia de ir em seguida. E a AJ anunciou que ia viver com o namorado, menos de um ano depois de a Farly ter saído. Eu estava deprimida, sem emprego e sem uma companheira de casa.

A resposta foi, obviamente, a de toda e qualquer mulher de vinte e poucos anos dada a um toque de melodrama: mudar-me para outra cidade. Eu sempre tinha adorado Nova Iorque e ia muitas vezes visitar a Alex, que continuava a ser uma amiga chegada, mesmo depois de o irmão dela – o Harry – ter posto um fim à nossa relação, todos aqueles anos antes. Quando ela ficou noiva e me pediu para ser madrinha no verão do meu descontentamento, pareceu-me pura sorte. Ela e o noivo disseram que a Farly e eu podíamos ficar de graça no apartamento deles no Lower East Side enquanto estivessem em lua de mel. Reservámos o voo, um hotel para o casamento e uma viagem com pernoite às Catskill Mountains perto do fim da nossa estadia de duas semanas. Inacreditavelmente, iam ser as minhas primeiras férias no estrangeiro com a Farly. E era uma boa oportunidade para fazer um levantamento do meu possível novo lar: o dia-a-dia, as pessoas e como eu me poderia encaixar em tudo aquilo.

Todavia, uma semana antes da nossa viagem, veio o diagnóstico de leucemia da Florence. Compreensivelmente, a Farly achou que tinha de ficar em casa para apoiar a irmã e a família. Perguntei-lhe se também precisava de mim, mas ela disse-me que fosse a Nova Iorque sozinha, para uma pausa bem necessária.

Nos meus dois primeiros dias na cidade, dei por mim apanhada num festivo furacão de deveres de madrinha. Todo o contingente britânico da Alex tinha ido de avião para o casamento e os dias que faltavam foram passados a fazer coroas de flores, a arrumar cadeiras, a ir buscar coisas à lavandaria e a pôr a conversa em dia com velhos conhecidos. Senti muito a falta da Farly, mas aquilo não deixava de ser a distração atarefada, diferente e maravilhosa que eu tanto desejava.

No dia do casamento, usei um vestido preto de alças com uma racha pela altura das coxas (a Alex insistiu: ela sabia que eu estava bem precisada de um romance de férias; eu também sabia que ia ver o Harry pela primeira vez em anos) e li o poema *O Pastor Amoroso* no armazém de Brooklyn onde eles se casaram. Quando disse «Não me arrependo do que fui outrora / Porque ainda o sou. / Só me arrependo de outrora te não ter amado», não consegui não chorar. Pelo amor que a Alex e o marido tinham um pelo outro, e pela profundidade da solidão que, só então percebi, eu tinha passado naquele ano anterior.

Eu era uma das duas solteiras no casamento e tive a sorte de ficar sentada ao lado do único convidado solteiro do sexo masculino: um galês corpulento que construía pontes para ganhar a vida.

- Bom poema – disse-me ele com o seu sotaque *sexy*, oscilante e cantado.
- As lágrimas foram um toque simpático.
- Não foi planeado! – disse eu.
- Mas esse vestido foi, de certeza – disse ele com um sorriso.

Bebemos Negronis atrás de Negronis e comemos frango panado, macarrão com queijo e flirtámos de uma maneira que só é aceitável quando somos as únicas duas pessoas solteiras num casamento. Fizemos um rigoroso apanhado de todas as nossas pontes preferidas na Grã-Bretanha. Dei-lhe a sobremesa a comer com o meu garfo. Ele gritou a incitar-me quando me levantei para o meu discurso e piscou-me o olho quando olhei para ele a meio do que estava a dizer. Portou-se como se fosse meu namorado há muitos anos. A familiaridade da nossa relação cresceu com o entusiasmo de um pé a fundo no acelerador (de uma maneira que só é aceitável quando somos as únicas duas pessoas solteiras num casamento).

Imediatamente antes da primeira dança, o meu galês desapareceu para receber um telefonema lá fora. A Alex, com a sua coroa de rosas e o longo vestido branco com mangas de quimono que a faziam parecer uma pré-rafaelita envolta em seda, levou o marido até à pista de dança. A ondulação sussurrante da música mais romântica que alguma vez ouvi – *Sea of Love*, de Phil Phillips – foi uma dança lenta apropriada, sentimental e perfeita.

Quando surgiu o refrão, todos os outros convidados já estavam a dançar; dezenas de casais, incluindo o Harry e a sua nova namorada, oscilavam e sorriam ao som daquela canção linda e sentimental. Sentei-me a ver. Tentei imaginar como seria encontrar uma sensação de segurança na pessoa com quem vamos para a cama – uma noção que me era tão estranha. Olhei para os pequenos espaços entre todos aqueles corpos e imaginei os lugares que os preenchiam; as histórias que eles tinham escrito juntos; as memórias e a linguagem e os hábitos e a confiança e os sonhos futuros que teriam discutido enquanto bebiam vinho no sofá já a noite ia avançada. Pensei se algum dia poderia ter aquilo com alguém ou se teria sequer sido feita para flutuar num mar de amor. Se eu sequer queria que tal me acontecesse. Senti uma palmadinha no ombro, levantei a cabeça e dei com a Octavia, outra das madrinhas. Ela sorriu e estendeu a mão: levou-me para a pista de dança e dançou comigo até ao fim da canção.

Depois da dança, ataquei os Negronis ainda com mais alma. Quando saí para ir fumar um cigarro e encontrei o meu galês, o *Campari* deu-me a coragem suficiente para o encostar à parede de tijolo e beijá-lo.

– Não consigo fazer isto – disse ele, afastando-se de mim.  
– Porquê? – perguntei.  
– Não importa – murmurou. – Mas não posso mesmo.  
– Não – disse eu já meio entaramelada. – Isto... isto não está a acontecer desta maneira. Eu estou em Nova Iorque, estou de férias, sou uma madrinha deprimida, metida num vestido atrevido cuja racha mandei aumentar na lavandaria. Você é o meu caso de férias, OK? Foi decidido assim.

– Eu não posso – insistiu ele. – Adorava, mas não posso.  
– Muito bem, então, para que é que foi o... – imitei-me a levar-lhe a sobremesa à boca. – E a... – pisquei o olho de uma maneira teatral e

exagerada.

– Era apenas um... *flirt* – disse ele com pouca convicção.

– Estou a ver; pois foi uma completa perda de tempo. Você sabe que eu estava sentada ao lado de uma atriz muito interessante e muito inteligente? Adorava ter conversado com ela. Parecia ser fascinante. Acho que lhe devo ter dirigido três palavras a noite toda. Estava demasiado entretida a fazer de sua namorada de faz-de-conta.

– Ah, está bem; lamento ter sido uma tão grande perda de tempo! – bufou ele, ao que voltou para a festa.

No dia seguinte, fui ao apartamento da Alex e do seu novo marido, em Chinatown, para uma despedida antes da lua de mel e um brinde ao novo casamento, na cobertura. Trocámos mexericos sobre o casamento e eles explicaram-me os sinais contraditórios do galês (ele tinha namorada – é que só podia!).

A Alex fez-me uma visita guiada ao apartamento e entregou-me as chaves.

– Ficas bem? – perguntou.

– Fico, pois – respondi.

– Tens o número da Octavia? Ela está em Nova Iorque até ao fim do mês; portanto, não estás sozinha.

– Eu fico bem: vai-me fazer bem ter algum tempo só para mim. Ficar a conhecer melhor Nova Iorque. Vai ser uma aventura fantástica.

– Liga-nos se precisares de alguma coisa – disse ela com um abraço.

– Podes ter a certeza de que... não. Vão para o México e nadem nus no mar e bebam tequila e pinem até não poderem mais – disse eu.

Na manhã seguinte, acordei no apartamento, dei de comer aos dois gatos pretos, reguei as plantas de acordo com as instruções e sentei-me com um bloco nas mãos para planear o tempo que ia passar ali e todas as coisas que queria ver e fazer.

Mas havia um problema enorme: uma revista estava atrasada no pagamento de dois artigos, num valor total de pouco menos de mil libras, que eu tinha calculado serem mais do que suficientes para gastos em Nova Iorque. Eu tinha 34 libras na conta e onze dias para passar em Nova Iorque.

Era uma situação bastante comum como jornalista *freelancer* – era habitual eu andar atrás de departamentos financeiros por causa de pagamentos três meses depois de um artigo ter sido publicado e a fatura-recibo ter dado entrada. Mas nunca com a urgência de agora. Liguei ao meu editor, que passou a chamada para o departamento financeiro, que por sua vez me transferiu de pessoa em pessoa, a tentar descobrir onde estava o pagamento atrasado. Fiquei deitada na cama da Alex com o telefone em alta voz durante uma hora, o som metálico da música aos berros, a chamada de longa distância a aumentar-me a conta com cada minuto que passava. A pessoa com quem falei rematou com a declaração de que me pagariam «em breve».

Sem dinheiro e sem amigos, depressa se tornou aparente que Nova Iorque era um lugar muito diferente de todas as outras vezes em que eu lá estivera em férias para visitar a Alex. Não é um lugar agradável para estar nas lonas. Ao contrário de Londres, todos os museus e galerias cobram entrada, vinte e cinco dólares na maioria dos casos, o que teria acabado com os fundos que me restavam. Além disso, estávamos a meio de agosto; ou seja, com um tempo insuportavelmente quente, o que implicava uma limitada quantidade de tempo para passear ou ficar sentada no parque. A cidade que eu sempre tinha adorado, onde sempre me sentira bem-vinda, parecia inquieta para me ver pelas costas. Quando descii a Quinta Avenida, olhei para os arranha-céus e pareceram-me monstros enormes, aterradores, a ver se me empurravam para o aeroporto JFK.

Comecei a reparar em todas as pequenas coisas que detestava em Nova Iorque e que nunca me tinham incomodado antes. Percebi o quanto o metro era ineficiente e confuso. Ao contrário do de Londres, com as suas linhas coloridas e por vezes régias (Jubilee, Victoria, Piccadilly), todas as linhas ali tinham recebido os nomes mais indistinguíveis e desinteressantes que se possa imaginar (A, B, C, 1, 2, 3, etc.) E «B» pode facilmente soar a «D» e provavelmente ser 3. É impossível saber qual a letra ou número que tens de apanhar sem tomar nota. Em muitas estações, os comboios só passam de dez em dez minutos, pelo que, se tens de mudar de linha três vezes e não tiveres sorte com os horários, isso pode significar mais meia hora de pé em cais quentes e sufocantes. Para tornar este processo ainda mais frustrante, a

maioria dos cais não tem nenhum quadro informativo que te diga para quando está previsto o comboio seguinte.

Havia também todos aqueles «*ball-busters*» nova-iorquinos, aquela gente ruidosa e insistente nos supermercados, cafés e filas que está sempre a implicar contigo. Aqueles que são incrivelmente malcriados ou que tentam oferecer-te «a experiência imersiva total de Nova Iorque». Talvez eu tivesse achado graça àquilo quando me sentia segura e feliz. Mas agora, a sentir-me tão sozinha, já não aguentava aquela gritaria toda. «Ó, SENHORA, SAIA-ME A PORRA DA FRENTE!», berrou um empregado ao passar por mim na Katz's Deli quando eu estava ao balcão para pedir um *bagel*.

Também reparei na quantidade de empurrões que levava em Nova Iorque. A ambição coletiva daquele lugar nunca me tinha parecido tão esmagadora. Toda a gente tinha o seu objetivo a cumprir, ninguém olhava ninguém nos olhos. As pessoas andavam a trezentos, braços a baloiçar como se estivessem a marchar, a gritar para os telemóveis. Até os romances eram ambiciosos: passei uma tarde inteira num café a escutar duas amigas que discutiam processos para conhecer homens, e faziam com que aquilo parecesse uma operação militar: tudo era datas, números, álgebra e regras.

As regras – meu Deus! Eu nunca tinha reparado no quanto eles vivem obcecados com regras. Fui repreendida num supermercado por pegar numa laranja e cheirá-la antes de a comprar. Fui repreendida quando visitei Apthorp (o adorado prédio de apartamentos da Nora Ephron, sobre o qual ela tinha escrito um ensaio) porque me aproximei demasiado da fonte decorativa do pátio. Nunca me considerei uma criatura particularmente anárquica, mas os disciplinadores de Nova Iorque faziam surgir esta faceta em mim.

Havia também os *hipsters* sem sentido de humor. Aquelas pessoas que te serviam um bom café ou trabalhavam em lojas *in*; aquelas que diziam monocordicamente «Nunca ouvi nada tão divertido na minha vida» com uma cara séria e inexpressiva quando alguém contava uma piada, em vez de rir à gargalhada. Aquelas que te miravam de alto a baixo durante tanto tempo que te deixavam desconfortável. Tinham toda a atitude de um idiota de Hackney, mas nem um pinga do respetivo autoconhecimento, humor ou

cinismo. Em Nova Iorque, o «pessoal da cena» com menos de trinta anos deve incluir algumas das pessoas mais frias e pouco atraentes que já conheci.

Passada uma semana na minha grande aventura em Nova Iorque, percebi que os lugares são reinos de recordações e relações; que a paisagem é apenas um reflexo de como te sentes por dentro. Eu sentia-me mais vazia, cansada e triste do que em Inglaterra. A fantasia de mudar de país ia-se desvanecendo de dia para dia. Tive a insidiosa epifania de que «Tottenham Court Road e Amazon» me haviam de perseguir aonde quer que eu fosse: em férias, eu continuava a ser a mesma pessoa insatisfeita que era do outro lado do Atlântico. Quando reservei os voos, pensei que estava a reservar uma viagem para fora da minha cabeça, mas nada disso. O cenário exterior tinha mudado, mas o interior era exatamente o mesmo: eu sentia-me ansiosa, inquieta e com uma aversão a mim mesma.

Certa vez, estava eu deitada no sofá da Alex a dar conta de uma garrafa de *prosecco* que sobrara do casamento e que ela me tinha deixado, passei a noite a experimentar o «turismo Tinder» como forma de conhecer novas pessoas. Empurrei para a direita quase toda a gente. Mandei uma mensagem vaga e animada a todas as «correspondências» descrevendo-me como uma «visitante de Londres» à procura de alguns nova-iorquinos para «passar uns bons momentos». Abri uma segunda garrafa de *prosecco* à meia-noite, mesmo a tempo de receber uma videochamada da AJ e da India.

– Oláááááá – gritaram elas em uníssono, as duas à mesa na minha cozinha.  
– Olá, pessoal – respondi. – Estão com uma cadela?  
– Sim – respondeu a India. – Acabámos de ir ao Nisa Local e comprámos três garrafas de vinho.

– Boa. Eu também estou com uma cadela.

– Estás com quem? – quis saber a AJ, a olhar para a câmara.

Pensei em contar-lhes que estava a ter uns dias da treta, mas não quis preocupá-las. E, o mais importante, o meu orgulho não me permitia tal coisa. Eu tinha andado a dar uma impressão muito convincente em tudo o que era redes sociais de que estava a ter a porra da viagem da minha vida.

– Ninguém – respondi. – Estou de folga esta noite.

Conversámos durante quinze minutos e gostei de ver aquelas caras

conhecidas e ouvir todos os pormenores do que elas tinham andado a aprontar.

– Tu estás bem? – perguntou a AJ quando me despedi. – Pareces-me um pouco em baixo.

– Estou bem, sim – respondi. – Tenho saudades de vocês as duas.

– Também temos saudades tuas! – disse ela. Mandaram-me beijos e dei por mim sozinha outra vez.

A meio da minha segunda garrafa de *prosecco*, recebi uma resposta de uma das minhas «correspondências» do Tinder, o Jean, um atraente corretor francês de trinta e dois anos, que me perguntava se me apetecia uma bebida tardia. Decidi que *aquela* homem ia ser o meu caso de férias: era exatamente o tipo de escapadela divertida e motivadora de que eu precisava para transformar aquela viagem numa aventura e me fazer sentir como dantes. Mas ele morava no SoHo, a mais de um quilómetro, aonde eu não podia ir a pé porque lá fora tinha começado uma tempestade, e já não tinha dinheiro na minha conta para apanhar um táxi.

– Eu tenho dinheiro – escreveu ele. – Pago-te o táxi.

Decidi ignorar o subtexto *Pretty Woman* daquela oferta, aplicar um pouco de rímel, calçar um par de saltos altos e lá fui apanhar chuva para encontrar um táxi. Quando consegui chamar um, uma combinação de chuva torrencial e de embriaguez igualmente torrencial fez com que o telemóvel me escapasse da mão. O ecrã partiu-se numa centena de fragmentos, as gotas de chuva infiltraram-se nas rachas e o ecrã ficou preto.

Quando cheguei ao endereço que ele me tinha dado, o Jean estava à porta, felizmente. Pagou o táxi e abriu a porta para me deixar sair.

– Obrigado por teres vindo – disse ele, puxando-me a cabeça na sua direção para me dar um beijo.

Por um breve instante, a atenção daquele total desconhecido encheu-me com uma leveza entusiasmada e o peso do meu entranhado desânimo pareceu desaparecer. Percebi em seguida até que ponto aquilo era patético e revelador, pelo que me senti imediatamente mais triste. Estava a precisar de outra bebida.

O Jean era simpático. Não tínhamos nada em comum, mas a conversa ia

correndo graças à cerveja e ao maço de *Lucky Strike* que íamos fumando uns atrás dos outros no sofá. Fiquei com a sensação de que ele seria um *habitué* naquilo. Depois de uma hora de conversa e marmelanço, levou-me para o quarto. Uma caixa branca e austera com estranhas luzes de néon e um colchão no chão em vez de uma cama. Fiz por ignorar o cenário enquanto nos despíamos um ao outro.

– Espera, espera – disse ele enquanto eu lhe abria as calças de ganga. – Eu só faço sexo em grupo.

– O quê!? O que é que queres dizer com isso? – perguntei num tom entaramelado.

– Só consigo fazer sexo com alguém a ver – respondeu ele como se fosse algo lógico e óbvio. – Ou se alguém se juntar a nós.

– OK – disse eu. – Bem, isso não vai acontecer, portanto...

– O meu companheiro de apartamento está aqui ao lado – disse ele. – E quer entrar. Posso dizer-lhe que pode?

– Não, não pode – disse eu, subitamente ciente de que aquilo não era grande aventura nenhuma. Eu estava num quarto com um homem que podia muito bem ser o Patrick Bateman<sup>15</sup>. – Não quero fazer isso – acrescentei, em pânico, a ouvir o batimento rápido e pesado do meu coração nos meus tímpanos e à procura da janela mais próxima.

– Vá lá, vai ser divertido – disse ele, tentando beijar-me. – Pareceu-me que gostavas de festa.

– Não, não gosto; não quero fazer isso.

– OK; então, não fazemos. – Ele encolheu os ombros e rebolou para o lado. Apercebi-me da minha estupidez, de como tinha sido irresponsável na minha busca de uma distração de mim mesma. Estava sozinha numa cidade que não conhecia e estava bêbeda; ninguém sabia onde eu estava; eu não tinha dinheiro nem telefone.

– Acho que vou a pé para casa – disse eu, já a levantar-me do colchão.

– OK – foi a resposta dele. – Mas está a chover. Se quiseres, podes ficar cá.

Olhei para o relógio dele: quatro da manhã. Podia dormir até a tempestade passar e ser dia; então, tentava voltar para o apartamento da Alex. Adormeci o mais longe dele que me foi possível, com a cara bem encostada à parede

branca.

Acordei às sete e meia na manhã seguinte, vesti-me e fui à sala buscar a minha mala. Sentado no sofá estava um homem com um ar muito, muito zangado e embrulhado num roupão azul-escuro. Quatro ventoinhas que não estavam lá na noite anterior tinham-se materializado entretanto e todas as janelas estavam abertas. Havia folhas de papel coladas na parede, todas elas com *FUMER TUE* rabiscado a caneta vermelha, *FUMAR MATA* escrito por baixo.

– Bom dia! – piei eu nervosamente.

– Desaparece... dá pôrrre... de meu aparrtement – disse ele com um sotaque francês mais carregado do que o do Jean.

– Desculpa!?

– Tenho assme. Sabes? Tenho uma assme grrave. Então, porr que pôrrre estás tu ne mê aparrtement a *fumer* teus cigarres nojentos às três de manhã?

– Lamento imenso. O Jean disse que...

– O Jean que se vá foderr – disse ele.

Voltei para o quarto do Jean.

– Ó – disse eu, abanando-o para o acordar. – Ó, o teu companheiro de apartamento está ali dentro e está a passar-se.

O Jean abriu os olhos e olhou para o relógio.

– Estou atrasado para o trabalho! – disse ele acusadoramente.

– Ele está bem passado ali dentro – insisti. – Está furioso porque estivemos a fumar ontem à noite. Está rodeado de ventoinhas e escreveu um monte de letreiros. Parecia que eu estava no filme... *Encontro de Irmãos*.

– Ele não está furioso porque estivemos a fumar, está furioso porque tu não quiseste fazer sexo com ele.

– Muito bem, já estou de saída – disse eu. – Desejo-te uma boa vida.

Saí do apartamento, com um aceno tímido ao furioso companheiro de apartamento francês.

– RUA. RUA. DESAPARRECE DE MÊ APARRTEMENT, SUA CABBRE! – gritou ele.

Saí ao encontro do sol do SoHo e senti que ia vomitar. Fui levantar dez dólares no multibanco mais próximo, mas fiquei a saber que não tinha saldo

suficiente. Uma vaga de náusea percorreu-me o corpo e lembrei-me de que não comia há dois dias.

Enquanto tentava dar com o caminho de casa, entrei num Starbucks, com a esperança de que deixassem jarros com leite junto aos pacotes de açúcar. Pedi um copo de papel ao sujeito atrás do balcão e enchi-o de leite, bebendo-o lentamente sentada a uma mesa.

– Está tudo bem consigo, minha querida? – perguntou-me uma senhora de meia-idade. – Você parece um... – passou em revista a minha roupa, os meus olhos borrados com o rímel da noite anterior, o copo de leite na minha mão. – ...um gatinho perdido.

– Eu estou bem – respondi. Sentindo-me menos bem do que nunca.

Andei às voltas durante algumas horas até que finalmente dei com um bloco de apartamentos que reconheci. Entrei no apartamento da Alex, mergulhei o meu telefone em arroz cru e enrolei-me debaixo do edredom com os gatos dela, a pensar que só me apetecia puxar também o edredom por cima de toda aquela viagem. Mas eu nem tinha dinheiro para uma sanduíche, muito menos para um voo de regresso antecipado. E acho que nem sequer queria voltar para casa: estava presa entre duas cidades onde não queria estar. Não podia ligar à Farly e pedir ajuda, porque ela precisava muito mais do meu apoio do que eu do dela. Não podia telefonar aos meus pais, porque não queria preocupá-los e há já dez anos que não tinha idade para lhes ir pedir ajuda. Acabei por telefonar à Octavia, que se revelou de uma bondade extraordinária. Levou-me a comer *dim sum*, deu-me a mão enquanto me ouvia, abraçou-me e emprestou-me algum dinheiro.

No dia seguinte, fiz as três horas de viagem de autocarro até a uma pequena cidade nos Catskills, no norte do estado de Nova Iorque. A Farly e eu já tínhamos pago a cabana, pelo que achei que mais valia usá-la, e fiquei grata pela oportunidade de ter algum espaço, silêncio e céu aberto.

Cheguei a meio da manhã, larguei as minhas malas e fui dar um longo passeio para limpar a cabeça. Quando voltei à cabana já à tarde, maravilhada com a enormidade das montanhas e a contemplar a possibilidade de um novo começo quando voltasse para casa, já estava a sentir-me mais calma.

À noite, fui à cidade e comi batatas fritas com queijo derretido num

restaurante barato. Deliciei-me com o som dos grilos e o calor e as conversas dos habitantes locais. Havia uma fogueira acesa atrás da minha cabana quando voltei; fui buscar um dos cobertores ao meu quarto e sentei-me perto das chamas a olhar para as estrelas. Pelo que me pareceu a primeira vez desde que tinha chegado a Nova Iorque, respirei.

Quando voltei para o meu quarto, tinha uma nova mensagem no Tinder – uma resposta tardia à mensagem que eu tinha enviado, embriagada, duas noites antes. O nome dele era Adam. Tinha vinte e seis anos e um sorriso perfeito, americaníssimo, rematado por uma barba de Brooklyn e rabo-de-cavalo.

«Olá», tinha ele escrito. «As minhas desculpas por não ter respondido mais cedo: como estás?»

«Quem me dera que tivesses respondido mais cedo», escrevi. «Eu podia ter acabado num encontro contigo em vez de ser empurrada para uma *ménage à trois* com dois franceses.»

«Epá», escreveu ele. «Nova Iorque pode ser difícil. Como é que tu estás?»

«Estou a detestar isto», respondi. «Passo esta noite nos Catskills e é uma pausa bem-vinda.»

«Quanto tempo tens na cidade antes do regresso a Inglaterra?»

«Três longos dias. Volto cedo amanhã à noite.»

«Vem ter comigo quando voltares», escreveu ele. «Não vou tentar nenhuma *ménage* contigo, prometo. Posso ser apenas um amigo se quiseres.»

Um amigo. Talvez eu estivesse a precisar de um novo amigo.

No dia seguinte, depois de outro longo passeio e de um mergulho, apanhei um autocarro ao fim da tarde para Manhattan, meti-me no metro até Brooklyn e fui bater à porta do Adam.

– Olá – disse ele à porta, olhos azuis a brilhar por trás de óculos com armações de massa e braços estendidos para um abraço. – É tão bom conhecer-te. Bem-vinda de volta a esta cidade que detestas.

– Obrigada – disse eu, caindo naquele abraço e absorvendo o cheiro a lavado da camisa de flanela dele.

– Vou fazer com que fiques a adorá-la.

O Adam mostrou-me o apartamento e abrimos uma garrafa de vinho. Conversámos durante horas; contámos todas as nossas histórias: falámos das nossas músicas favoritas, filmes favoritos, dos respetivos amigos e familiares, dos nossos empregos. Ele era sincero, animado e curioso como um esquilo; exatamente o que eu precisava.

A meio do serão, estávamos a beijar-nos. À meia-noite, eu estava deitada na cama dele com a cara quase colada à dele. O toque suave daquele homem, o seu coração generoso, a ternura que ele me demonstrou, foram o suficiente para eu me abrir. Conteí-lhe tudo sem esperar nada em troca. Falei-lhe do meu desgosto de amor com vinte e poucos anos. Falei-lhe dos anos que passei a matar-me à fome numa tentativa de obter algum controlo. Falei-lhe da única vez em que me apaixonara; da intimidade que não suportava, da dependência que eu receava. Descrevi-lhe como as minhas amigas, uma a uma, se tinham apaixonado e me deixado para trás. Descrevi-lhe como a ansiedade tomava conta de mim em ataques catatónicos desde que eu era pequena; como eu era incapaz de ficar perto de janelas porque sempre me sentia prestes a cair ao encontro da morte. Falei-lhe da irmã mais nova da minha melhor amiga, com quem eu tinha crescido, que estava presa a uma cama de hospital com cancro. Disse-lhe que me sentia incapaz de lidar com a idade adulta e absolutamente incapaz de telefonar a alguém e pedir ajuda. Falei-lhe da facilidade com que enterrava os problemas num entulho caótico de distrações. Eu só encontrava a linguagem certa para a minha tristeza com um desconhecido; só conseguia contar estas histórias num efémero reino de fantasia no qual não sentia nenhuma responsabilidade.

– Estás tão triste – disse ele com uma festa na minha cara. Fechei os olhos para impedir as lágrimas.

– Estou tão perdida – respondi.

– Agora, já não estás – disse ele, puxando-me para mais perto. E eu quis acreditar; como tal, naquele momento, acreditei.

– Quero dizer-te uma coisa, mas não faz sentido – disse ele, beijando-me a cabeça.

– O quê?

– Amo-te – deixou ele escapar com um suspiro. – Não quero que penses

que sou, tipo, perigoso ou maluco como aquele francês tarado, e sei que não posso, porque só te conheço... – olhou para o relógio – ... há seis horas. Mas sinto que podia amar-te. Que se lixe: eu já te amo.

– Eu também te amo – dei por mim a dizer. Assim que as palavras me escaparam da boca, soube o quanto eram absurdas. Mas soube que não estava a dizê-las a ele: estava a dizê-las a outra coisa. A uma crença na esperança e na bondade.

O Adam tirou o dia seguinte no trabalho, o primeiro dia de “baixa” em toda a sua vida, e levou-me aos recantos da cidade onde eu nunca tinha estado antes. Caminhámos, conversámos, comemos, bebemos, beijámo-nos. Tivemos um típico romance de férias em dois dias – não éramos capazes de nos lembrar de como era a vida sem o outro, mas sabíamos que nunca viveríamos a vida um com o outro. Fiquei com ele nessa noite.

No dia seguinte, afastei-me do Adam durante três horas inteirinhas para ir ter com Octavia, que não queria acreditar em tudo o que tinha acontecido desde a última vez que eu a tinha visto. Fomos para o terraço do 30 Rock e apreciámos a vista daquela cidade bonita, impiedosa e implacável.

– Acho que quero voltar para casa – disse eu com os olhos postos nas luzes que dançavam no rio Hudson.

O Adam levou-me ao JFK no meu último dia. Depois de um longo beijo de despedida, segurou-me pelos ombros e olhou para mim.

– OK, tive uma ideia – disse ele.

– Qual?

– Não quero que penses que sou doido.

– OK.

– Fica – disse ele.

– Não posso.

– Porque não? Sentes-te infeliz em Inglaterra. Detestas Londres. Não tens emprego. Não sabes o que queres fazer a seguir. Fica aqui e recomeça do zero.

– E vivia onde? – perguntei.

– Comigo – foi a resposta.

– Como é que eu pagava a renda?

– Logo se vê – respondeu ele. – Podes sempre encontrar algum trabalho e podes escrever todas as coisas que sempre quiseste escrever. Eu dou-te espaço e tempo só para ti. Pensa como havias de te sentir mais livre aqui.

– E quando o vosso rigoroso sistema de imigração tentar despachar-me de volta?

– Então, caso-me contigo. É isso que queres ouvir? Porque eu faço-o. Levo-te à Câmara amanhã de manhã bem cedo e caso-me contigo. Assim, podes ficar o tempo que quiseres.

– Não posso fazer isso – disse eu. – É uma loucura completa.

– Porque é que não ficas? – insistiu ele, com a cabeça encostada à minha. – Tu é que disseste que não tinhas nada à tua espera em Londres.

Pensei um pouco.

– Porque o problema sou eu – acabei por dizer. – Não é a cidade. Nenhuma das circunstâncias é o problema. Eu é que tenho de mudar. – Silêncio entre nós. E, então, beijámo-nos pela última vez.

– Telefona-me quando aterrares – disse ele. – E não te embebedes no voo... o avião não vai cair.

No voo de regresso, sonhei com a Tottenham Court Road e com merdas encomendadas na Amazon. Pensei no riso da Farly e no som das minhas companheiras de apartamento a preparem-se para o trabalho de manhã e no cheiro do perfume da minha mãe nos cabelos dela quando a abraçava. Pensei na feliz mundanidade da vida – no privilégio que era poder vivê-la.

Era a véspera do meu vigésimo sexto aniversário. A Belle e a AJ estavam a trabalhar quando cheguei a casa, mas havia um mal-amanhado bolo caseiro e uma faixa a desejar-me feliz aniversário. Na noite seguinte, fomos todas dançar em Camden para comemorar, e contei-lhes as minhas bizarras duas semanas de férias. A Lauren e eu ficámos a pé, a beber e a tocar guitarra até às primeiras horas da manhã seguinte, altura em que chegou um enorme ramo de rosas vermelhas do Adam.

Depois do meu regresso, as coisas tornaram-se mais fáceis durante algum tempo. A pesada capa de tristeza que eu tinha usado durante tanto tempo

começou a cair. Tracei um plano com pés e cabeça para o que queria fazer. Voltei a apaixonar-me pela minha cidade, descontroladamente. Li livros do Bill Bryson sobre a Inglaterra e comi *Toffee Crisps*. Lembrei-me da sorte que tinha em viver num lugar onde tinha crescido, num lugar cheio de amigos.

Dois meses depois, deixei o meu emprego e tornei-me *freelancer*. Um mês depois, deram-me uma coluna no *The Sunday Times*. A Lauren e eu fizemos uma curta-metragem sobre uma miúda de vinte e cinco anos, sem rumo, que não faz ideia de quem é e que recorre a tudo menos a si própria para resolver o problema. A AJ saiu lá de casa; uma das nossas outras brilhantes amigas universitárias, a India, ficou com a vaga. Deixámos o decrepito palácio amarelo de Camden e mudámo-nos três quilómetros para norte, para um apartamento sem ratos, com uma sanita operacional e aquecimento central.

A Octavia, a minha salvadora, voltou para Londres e tornou-se uma amiga chegada. O Adam e eu mantivemos o contacto e sempre o havemos de fazer; ele visita-me quando vem a Londres e eu almoço sempre com ele quando estou em Nova Iorque. Ele faz-me recordar uma fase tumultuosa da minha vida, cujas histórias gosto de recordar mas nunca mais quero reviver. Naquela altura, quando eu tinha vinte e cinco anos e me sentia tão desenraizada e perdida, quase mudei de país por causa de um homem que não conhecia. Ele tem a sua metade da história e eu tenho a minha; usamo-las como aqueles colares parolos de adolescente com um coração partido em dois.

---

<sup>15</sup> Nome da personagem principal e também narrador do romance *American Psycho* (*Psicopata Americano*), de Bret Easton Ellis. (N. T.)

12 de dezembro

**Queridos todos,**

Feliz Natal de todas nós (só eu – agora vivo sozinha), aqui no caríssimo e malcuidado 32 de Bracken Street!

Mas que ano! Tudo começou de forma prometedora quando recebi uma promoção na empresa de sumos biológicos (Pressed For Lime) em que tinha trabalhado nos últimos quatro anos como Gerente de Redes Sociais. Fui promovida para o cargo bastante importante, todavia nebuloso, de Supervisora de Campanhas nos Média Sociais, o que basicamente quer dizer que publico todos os dias no Instagram Stories quatro vídeos com frutas com caras desenhadas e chapéus em miniatura, além de todas as minhas outras responsabilidades, sem que me paguem mais por isso.

(Pai, se estiver a ler isto: não, pela centésima vez, não vou explicar o que é o meu trabalho! E, sim, eu sei que a minha educação custou uma pipa. Sei que podia ter feito tudo o que quisesse! Só tem de fingir que realmente *sou* uma advogada quando está com os seus amigos no clube de golfe. Eles não me vão pesquisar no Google, e, mesmo que o façam, não hão de encontrar o meu nome noutra coisa senão numa velha página da Bebo porque ninguém ouviu sequer falar da empresa onde trabalho! Ha ha!)

Como referi no início deste *email*, saí do confortável apartamento que partilhava em Kentish Town com a minha melhor amiga Katya no princípio deste ano porque ela e o namorado já não precisavam de mim para pagar o empréstimo (ambos têm empregos a sério). Como tal, instalei-me sozinha na badalada Penge, em Londres. A área tem muita verdura – talvez sejam mais galhos, na realidade – e é MUITO «prometedora» (*Metro*, 2016). O que provavelmente é o motivo pelo qual pago mil e duzentas libras para alugar um grande estúdio com uma cama no mezanino por cima do fogão. Ainda bem que sou tão apreciadora de gastronomia: o mimo que é poder adormecer com todo o meu quarto a

cheirar a salmão!

Depois de uns longos e felizes sete anos juntos, o Jordan e eu terminámos amigavelmente este ano. Estávamos um pouco invejosos dos nossos amigos que tinham toneladas de sexo casual com estranhos via Tinder e a nossa partilhada ansiedade a respeito da morte e o pavor de perder oportunidades deixou-nos cada vez mais conscientes de que, quando o fim chegasse, não queríamos ter um total de três parceiros sexuais. Lemos alguns livros sobre poliamoria e fizemos algumas experiências, mas, com os nossos respetivos horários de trabalho, não conseguíamos sincronizar agendas para termos tempo um para o outro e também para todos os outros, pelo que pensámos que seria menos complicado se nos separássemos. Ele levou o gato.

Portanto, agora estou a ser apresentada às delícias do namoro *online*! Os homens recusam-se a assumir compromissos, todo o sexo é pornográfico e o meu telemóvel nunca tem memória disponível à conta de todas as fotografias de pénis completamente rapados que me mandam pelo WhatsApp. Sou a Carrie Bradshaw de Penge!

(Por favor, acompanhem as minhas façanhas sexuais em [www.theadventuresofandrea.org](http://www.theadventuresofandrea.org). «Divertido, desesperado» – *Huffington Post*.)

Em termos de saúde, a minha hipocondria continua a prosperar numa correlação direta com a minha ansiedade. Só no ano passado, diagnostiquei-me cinco tipos de cancro, três doenças sexualmente transmissíveis e quatro doenças mentais. Também deixei de caminhar em áreas relvadas ou florestais desde que li sobre a doença de Lyme (continuo a achar que a tenho – e vocês?).

A minha classificação no Uber caiu para 3,5, o que é dececionante, mas espero enfrentar este desafio de cabeça erguida no Ano Novo com renovado otimismo e entusiasmo.

Nos média sociais, tem sido uma grande viagem. Consegui chegar aos dois mil seguidores no Twitter em novembro – atingindo a minha meta projetada (talvez se recordem de que este era o meu principal objetivo na “circular” do ano passado). E, ainda mais empolgante, quatro fotos que

publiquei no Instagram receberam menos de sete *likes* e fui capaz de não marcar imediatamente uma discussão de emergência com o meu terapeuta *online*. Portanto, um progresso total!

Os meus objetivos para este ano incluem largar os antidepressivos, passar para saldo positivo na minha conta e encontrar o *blush* em creme com a cor perfeita para o meu tom de pele. Desejem-me sorte no próximo capítulo desta jornada sempre imprevisível e em constante mudança a que chamamos vida.

É tudo por este ano – desejando-vos um muito Feliz Natal e um Ano Novo cheio de felicidade!

Andrea xxx

## Lista de compras semanal

- Rolo de papel higiénico.
- Cuecas novas.
- Papel.
- Vontade de ler todas as secções do jornal.
- Cápsulas de café.
- *Marmite*.
- Maçãs.
- Produtos sanitários que não cheirem a um perfume da Britney Spears.
- Capacidades de gestão de tempo.
- Cachorro (*dachshund*, miniatura).
- Dispensador de chá Yorkshire forte, mas com leite.
- Uma torradeira melhor com um temporizador mais fiável.
- Companheiras de apartamento que vejam o *Countryfile* comigo.
- Motorista próprio, só para mim.
- Sacos de lixo.
- Cachorro (*norfolk terrier*, pelo liso).
- Jarvis Cocker.
- Fornecimento infinito de queijo Cheddar.
- Tempo para ver três vezes cada episódio do *Seinfeld*.
- Um cinema só meu.
- Gramática melhor.
- Mais insensibilidade às críticas alheias.
- Melhor capacidade de dizer «não» .
- 20 pares de *collants* sem malhas.
- Leite.

## Florence

Quando conheci a Florence, ela tinha seis anos e eu acabara de entrar na adolescência. A Farly abriu a porta da frente e deu com a irmã mais nova, a baloiçar de um lado para o outro, com o cabelo cortado como uma esfregona no alto da sua cabecinha.

– FLORENCE! – gritou a Farly. – O QUE FOI QUE FIZESTE AO TEU CABELO!?

A Florence brindou-a com um sorriso atrevido.

– PAI, NÃO QUERO ACREDITAR QUE A DEIXOU FAZER ISTO! – continuou a Farly, dirigindo-se agora ao Richard, o pai dela, que ainda estava junto ao carro. – ELA PARECE UM RAPAZINHO!

A Florence continuava sorridente.

– Ela implorou, queria cortá-lo assim, meu anjo – respondeu o Richard, encolhendo os ombros. – O que é que eu havia de fazer?

Fiquei logo a adorá-la.

A Florence e eu tornámo-nos mais próximas quando ela entrou na adolescência. Como eu, também se achava pronta para ser adulta. Queria a sua própria identidade e independência. Estava farta das raparigas da idade dela. Refugiava-se nos livros, nos filmes e na música. Era uma obsessiva; sempre à procura de cada palavra escrita pelos seus novos escritores favoritos, a ver cada filme feito pelos seus realizadores preferidos, uns atrás dos outros. Como eu, também lhe era penoso ser uma adolescente numa escola só para raparigas e sempre tentei convencê-la de que o melhor ainda estava para vir; de que ser adulta, por mais difícil ou chato que às vezes fosse, era a melhor coisa do mundo.

– Sabes, quando as pessoas dizem que os tempos da escola são os melhores dias da tua vida? – disse-lhe eu numa tarde de fim de semana quando estávamos deitadas ao sol no jardim lá de casa.

– Sei.

– É uma grande treta.

– A sério? – perguntou ela, fazendo-me uma festa no braço, sempre uma condição necessária para estar connosco quando já nos aproximávamos dos vinte anos.

– Sim. Nunca ouvi treta maior do que essa. Os tempos de escola são os piores dias da tua vida, Floss. Todas as coisas boas só começam quando te vens embora.

– Obrigada, Aldermaston – disse ela (era a alcunha que a família dela me tinha dado: toda a gente que entrava naquela casa recebia uma).

Mas a Florence não tinha nada com que se preocupar, isto porque se transformou numa adolescente simplesmente fantástica. Muito melhor do que eu alguma vez tinha sido: à semelhança da maioria dos adolescentes, eu estava essencialmente preocupada comigo, mas a visão do mundo da Florence era abrangente e empática, especialmente para uma rapariga tão nova e que tinha vivido uma vida bastante protegida. A Floss era criativa e intensa, curiosa e apaixonada. Tinha um blogue sobre cinema, onde dissecava o cinema *indie* americano e lamentava a Hollywood moderna. Escrevia diariamente. Já tinha escrito meio romance. Escrevia e encenava peças que apresentava na escola. Fez uma palestra sobre questões LGBT na sua conservadora assembleia escolar. Participava em marchas de protesto. Uma vez, apareceu em nossa casa em Camden com uma câmara e duas amigas e perguntou se a podia usar como cenário para filmar uma curta destinada a sensibilizar o público para a violência doméstica.

Também se tornou deliciosa e maravilhosamente desestabilizadora à mesa de jantar. Uma refeição com a família da Farly era quase sempre pontuada por uma Florence a gritar «MISOGINIA!» a alguém durante uma discussão mais acesa. Durante um jantar particularmente memorável, passou-se com o Scott quando ele se atreveu a questionar os filmes do Wes Anderson e disse que achava a obra dele uma experiência puramente estética. A Floss lançou-se numa extensa e apaixonada oratória, explicando-lhe porque é que ele estava errado, antes de se levantar furiosa e voltar com um enorme livro de capa dura sobre cinema e largá-lo em cima da mesa com um estrondo.

A Florence recebeu um diagnóstico de leucemia no verão em que acabou a

escola. Tinha finalmente cortado a meta da adolescência e encontrava-se às portas da vida, apenas para ser informada de que tinha um cancro. Mas, com base no que os médicos diziam, embora o tratamento e a recuperação do tratamento fossem muito difíceis, as perspetivas eram positivas. E ela também – e de que maneira. Foi logo para o Kingston Hospital para fazer quimioterapia e tornou-se grande amiga das enfermeiras e auxiliares; levantava a cama o mais possível para conversar com elas e dar-lhes conselhos. Ficou a saber que não poderia ter filhos, um facto que muitos acharam devastador, mas reagiu com a sua característica elegância e bom humor, dizendo que, de qualquer maneira, o mundo já tinha gente a mais.

Começou um blogue divertido e honesto onde documentava a sua jornada com o cancro e que atraiu milhares de leitores. Tirava *selfies* da sua cabeça recém-rapada e fazia vídeos engraçados de si mesma a dançar à volta da cama. Deu por si inundada com *emails* e cartas de fãs. Eu não podia sentir-me mais orgulhosa dela e mandava-lhe regularmente mensagens em que dizia que ela não tinha o direito de ser tão boa escritora aos dezanove anos.

Um dos *posts* dela dizia:

A pior coisa que ouvi naquela noite [na data do diagnóstico, 8 de agosto] não foi o diagnóstico em si, mas sim estas palavras: «Queremos que passe cá a noite.» Não estava nada à espera. E depois o médico disse: «E amanhã de manhã o hematologista fará uma extração de medula óssea.» Foi aí que percebi que havia alguma coisa errada. Eles NÃO fazem este tipo de coisa só porque sim.

O hematologista apareceu para se apresentar e me cumprimentar antes de ir para casa. Eu só queria uma resposta, a sério, pelo que lhe perguntei diretamente: «Qual é a sua opinião sobre isto?» (apontando para o meu pescoço inchado). Ele soltou um suspiro antes de responder: «50/50 é um cancro.»

Quando ouves a palavra cancro, ouves «morte». Imaginas todas as perspetivas do teu futuro a murcharem até à inexistência. E choras. E foi o que eu fiz. Aquele homem adorável, evidentemente pouco à vontade com as emoções alheias, deu-me palmadinhas nas costas e tentou consolar-se com as palavras: «Eu não vim cá para te fazer chorar.» Bem, estás à espera de quê quando dizes a alguém que é provável que tenha um cancro!? Que desate aos pulos e a gritar: «Iupi! A minha vida acabou de melhorar imenso!» Não, é óbvio que a reação não vai ser boa. E a minha não foi. E fiquei com raiva. E estava preocupada com os meus pais que estavam

a chorar tanto como eu.

E lembro-me de dizer: «Ainda não estou pronta para morrer. Ainda nem sequer vivi.» E depois, mais tarde: «E ainda não fiz sexo! Isto não é justo.»

Mas ultrapassei essa fase. E agora é mais do género: «Quando eu estiver livre deste cancro, vou assentar um chuto no cu do mundo e ser a melhor coisa que alguém já viu.» Quero dizer, quem é que me pode levar a melhor depois de eu ter vencido um cancro? Tudo o resto é fácil.

Mandei-lhe uma mensagem a dizer o quanto a adorava e garantir-lhe que havia de ter sexo assim que tudo aquilo tivesse passado.

«Vamos as duas para a noite», respondeu-me ela. «Vou-te encontrar um tipo fantástico, garanto.»

Ela festejou o décimo nono aniversário no hospital; as enfermeiras fizeram-lhe uma faixa que penduraram à porta do quarto. Ela ficou a saber que tinha entrado na Universidade de York para estudar cinema e que lhe guardavam o lugar durante um ano até que estivesse totalmente recuperada. Chegou a casa depois do último ciclo de quimioterapia e pôs-se a fazer um bolo de chocolate para as enfermeiras que tinham cuidado dela.

O mundo da Farly encolheu durante este período: ela estava na escola primária onde era agora professora, no hospital ou com a família. O Scott estava sempre presente para tudo e eu adorava-o por ser um pilar tão firme para ela e para a família. Trocávamos mensagens e telefonávamos regularmente um ao outro e ele lá me ia dizendo como ela estava – isto aproximou-nos, e eu senti-a sortuda ao ver que a minha melhor amiga tinha alguém tão forte e dedicado ao lado dela.

A Floss continuou com o blogue quando voltou para casa. O irmão delas, o Freddie, era um dador de medula compatível, o que foi uma notícia fantástica, visto que possibilitava um transplante, embora ela tivesse de recuperar da quimioterapia antes de fazer a operação. Mas, de repente, ela começou a ficar pior e teve de ser levada para o hospital prematuramente. Seguiu-se uma série de problemas, nenhum deles resolvido antes de aparecer o seguinte. Os rins não estavam a funcionar, ela não conseguia falar, os órgãos começaram a falhar e a Florence foi transferida para os cuidados intensivos com um respirador. A Farly tirou uns dias na escola

para estar sempre no hospital com a família.

Eu tinha acabado de deixar o meu emprego de mais de três anos para ser escritora a tempo inteiro, o que significava que estava a trabalhar em casa e podia apanhar um autocarro para ir ter com ela. Encontrámo-nos para almoçar quase diariamente durante um mês, sempre no café por cima do Heal's na Tottenham Court Road e sempre para comer a mesma coisa, duas saladas César e um prato de batatas fritas a meias. Ela contava-me como estava a Floss naquele dia, mas parecia que as notícias nunca melhoravam. Estava tudo em suspenso, ninguém tinha uma ideia clara do que iria acontecer a seguir – o transplante de medula parecia uma possibilidade cada vez mais distante. Eu tentava acalmá-la com as mesmas platitudes repetidas: ela está no melhor lugar possível, está em boas mãos, os médicos sabem o que estão a fazer. Sabia que os especialistas a bombardeavam todos os dias com estatísticas e factos científicos, pelo que senti ser minha missão enquanto amiga ignorante ser um farol de esperança. Mas a verdade era que eu não fazia ideia do que estava a acontecer.

Todos os dias ela me perguntava pelas minhas novidades, desesperada por alguma normalidade que a distraísse e aliviasse antes de voltar para mais uma tarde no quarto do hospital. Eu falava-lhe dos artigos que tinha escrito naquela semana. Mostrava-lhe rapazes no Tinder. Ela ofereceu-me um copo de *prosecco* no dia em que fiquei a saber da minha primeira coluna – disse-me que lhe fazia bem poder celebrar qualquer coisa.

A certa altura, pareceu que Floss estava a mostrar pequenos progressos e a Farly disse que eu devia ir ao hospital visitá-la. Eu disse que adorava, embora tivesse receio de não me conseguir aguentar. Enquanto desinfetava as mãos antes de entrar, percebi que nunca tinha visitado ninguém num hospital.

– Tens aqui uma pessoa para te ver – disse a Farly quando entrei.

A Floss não conseguia falar, mas sorriu e eu senti-me aliviada, inundada por uma vaga de amor por aquela miúda que era o que eu tinha de mais parecido com uma irmã mais nova. Deixei-me ficar junto aos pés da cama a tagarelar, com a esperança de conseguir distraí-la um pouco; falei-lhe da nova série, *Girls*, que eu sabia que ela ia adorar, de uma nova banda que

tinha ouvido e da qual achava que ela também ia gostar. A Farly pediu-me para lhe falar sobre o que estava a escrever, e ela sorriu de novo quando lhe falei da curta que a Lauren e eu estávamos a preparar, cujo argumento ela teria que melhorar em breve. Passados quinze minutos, despedi-me daquela bela e espetacular tempestade elétrica em forma de gente, ciente de que podia ser a última vez que a via.

– Sinto que estou a vê-la escapar-me entre os dedos – disse-me a Farly pouco depois da minha visita, durante um dos nossos almoços. – Eu sinto-o, sei que está a acontecer.

– Tu não sabes disso – contrapus. – As pessoas chegam ao limite mais negro e depois voltam e recuperam. Estamos sempre a ouvir histórias dessas. – Mas, depois de ver a Floss tão doente e ouvir que aquele tinha sido o seu dia melhor, eu sabia por que motivo a Farly andava com aquelas ideias e era importante deixá-la pôr tudo cá para fora.

Na semana seguinte, num princípio de tarde, eu estava a escrever na mesa da minha cozinha quando a Farly ligou.

«A Floss não aguentou», disse-me ela quase sem fôlego. «Morreu.»

Nunca vi tanta gente num funeral como no dia em que nos despedimos da Florence. Todos os nossos amigos compareceram ao serviço fúnebre, bem como montes de professores e raparigas da escola dela, família, amigos que tinha conhecido nas suas viagens; pessoas que tinham sido tocadas pelo seu calor e inteligência e bondade ao longo dos anos – eram às centenas. Era tanta gente que muitos tiveram de ficar do lado de fora do crematório e assistir ao serviço num ecrã. Sorri com os olhos postos no céu quando me apercebi disto, com a esperança de que a deixasse feliz, de que ela soubesse o tanto que era amada. O Freddie proferiu o elogio fúnebre; o rabino – que a conhecia desde pequena – referiu-se ao carisma e coragem da Floss com palavras de admiração. A melhor amiga dela fez uma leitura de um texto de tirar o fôlego, que a Florence tinha escrito para a página dela no anuário da escola: «Às vezes, pode parecer que a vida é difícil, mas é realmente tão simples como inspirar e expirar. Rasga corações com a tua fúria e derrubas egos com a tua modéstia. Sê a pessoa que gostavas de ser, não a pessoa que

te sentes condenada a ser. Deixa-te fugir com os teus sentimentos. Foste feita assim para que alguém te pudesse amar. Deixa-te amar.»

Entre o funeral e o *shiva* – um período de luto na fé judaica que é passado em casa –, todas as raparigas apareceram em nossa casa. Fomos ao Ivan e comprámos vinho. Fiz uma enorme frigideira de ovos mexidos enquanto a India preparava um nunca acabar de torradas. Falámos sobre a Florence – de tudo o que era engraçado, brilhante e escandaloso nela –, chorámos e rimos e brindámos à memória dela.

A casa da família ficou tão cheia para o *shiva* como ficara para o funeral. Estávamos todos na cozinha e o rabino disse algumas orações e falou outra vez sobre a Florence. A Farly começou a ler um poema e eu vi-a dizer as frases para o microfone, parecendo-me muito mais pequena do que alguma vez a tinha visto. Ela parou numa frase em particular e começou a chorar; passou o poema ao rabino, que continuou a lê-lo em voz alta. No outro extremo da cozinha apinhada, vi aquela pequena criatura, semelhante a um pássaro, a desfazer-se em pedaços, todos os seus ossos e palavras a desintegrarem-se, e só me apeteceu abrir caminho e ir abraçá-la. Foi o pior momento da minha vida.

As pessoas ficaram até bem tarde. Todas as amigas da escola instalaram-se no quarto da Florence, sentadas entre os livros e as roupas dela. Eu tinha ficado encarregada do livro de condolências. A India, a AJ e a Lacey entretinham-se a emborcar *Bristol Cream Sherry*, que a Tia Laura lhes tinha dado em copos de plástico. Todos os colegas da Farly da escola onde ela dava aulas tinham aparecido para apresentar os seus pêsames, incluindo o diretor. A meio da noite, como manda a tradição judaica, a família enlutada sentou-se numa fila de cadeiras e os presentes desejaram-lhes uma vida longa.

Fui ter com a Farly e acocorei-me para a poder abraçar.

– Sabes que te adoro – disse eu. – E que te desejo uma vida muito longa e feliz.

– Obrigada – disse ela, retribuindo o abraço. – Viste todos os professores da minha escola?

– Sim. são uns queridos. Acabei de falar com a tua vice-diretora.

– Gostas dela?

- Sim. Tivemos uma ótima conversa; uma mulher impecável.
- Ainda bem que gostas dela – disse-me ela com um sorriso. – Vocês falaram de quê?
- Eu pedi-lhe para olhar por ti quando voltares ao trabalho – respondi. – Pedi-lhe para se certificar de que tens sempre alguém que olhe por ti.
- Eu hei de ficar bem, Doll – disse ela, aqueles enormes olhos castanhos cheios de lágrimas até que uma escapou por entre as pestanas e escorreu pela face. – Só tenho de encontrar uma maneira de viver sem ela.

Passei os dias seguintes em casa da família com a Farly. Não havia muita conversa, mas eu fazia o chá e ajudávamos a madrasta dela, Annie, com todas as pequenas coisas que tinham de ser feitas em casa. Depois da morte da Florence, uma jornalista do *The Telegraph* descobriu o blogue e entrou em contacto com a família para perguntar se poderiam publicar excertos no jornal, bem como um artigo sobre ela. A família aceitou – todos sabiam que teria sido a vontade dela – e o artigo traduziu-se em ainda mais pessoas que entraram em contacto com a Annie e o Richard para expressar a sua tristeza pela perda de alguém tão cheio de vida.

– Mandem cartas – disse a Annie certa manhã enquanto lia um monte enorme de cartões e cartas de condolências. – Quando ficava a saber que tinha acontecido uma desgraça a alguém, eu tinha sempre receio de que escrever fosse uma intrusão. Nunca é, e sempre ajuda. Se há uma coisa que podemos aprender com isto, é que devemos sempre mandar uma carta.

Naquela tarde, fomos todos passear o cão. A Farly e eu caminhávamos lado a lado. Estávamos com bonés a combinar, comprados alguns dias antes quando tínhamos ido ao *retail park* de Kew comprar palmilhas para os sapatos que ela usou no funeral. Depois de uma intensa semana de companhia inseparável, com chapéus a condizer e os adultos atrás de nós, parecia que éramos outra vez adolescentes. Só que desta vez não estávamos a falar dos rapazes no MSN. Algures durante os quinze anos que tínhamos caminhado lado a lado, desde a escola às aulas na universidade, às ruas em redor da nossa primeira casa em Londres, tínhamos deixado de brincar aos adultos e, sem dar por isso, tínhamo-nos tornado adultas.

– Ela disse-me uma vez que queria que nunca a esquecessem. Sinto-me mal por voltar à vida de sempre – disse ela.

– Ela disse isso antes de saber que estava a morrer – disse eu. – E sei que ela teria detestado a ideia de te ver num luto eterno por causa dela.

– És capaz de ter razão.

– Podes encontrar uma maneira de mantê-la perto de ti e viver com ela sem interromperes a tua vida.

– Vai ser tudo tão estranho sem ela.

– Há de ser uma nova normalidade – disse eu. – Mas ela encontrou uma maneira de não ser esquecida, podes ter a certeza.

– Bem, isso é verdade – disse ela.

– Tu tens que viver. Não tens escolha. Vais em frente ou afundas-te.

Continuámos a caminhar ao longo do rio. O dia estava tão frio e ensolarado, tão tranquilo e límpido como um dia num globo de neve que não tivesse sido chocalhado. Passámos por uma fiada de casas em Chiswick com portas de cores vivas. *Pubs* caiados de branco faziam frente à brisa fresca e húmida. Se não fossem as pontes com as composições do metro a passar lá no alto, bem podíamos estar numa aldeia do litoral.

– O Ant e o Dec<sup>16</sup> vivem aqui – disse ela, apontando para as casas. – Numa daquelas.

– Não vivem, não.

– Vivem, pois; garanto-te.

– Não vivem, não: só estás a dizer isso porque as portas da frente são tão pequenas.

– GARANTO-TE que eles vivem aqui.

– Juntos?

– Não, juntos não; moram ao lado um do outro.

Continuámos o nosso passeio.

– Não quero viver longe de ti – disse eu.

– Eu também não.

– Não me faz mesmo diferença onde é que vou viver quando for mais velha, só quero morar perto de ti.

– Eu também.

– Mesmo agora, parece que estamos demasiado longe uma da outra. Quero que nos certifiquemos de que as nossas casas sejam realmente próximas.

– Eu quero que passe a ser uma prioridade a partir de agora.

– Eu também – disse ela.

Continuámos pela margem do rio, o sol de dezembro ainda a preencher o céu.

– Penso sempre em ti quando o tempo está assim. Este é o teu tipo de dia preferido – disse eu.

– É mesmo. Frio e luminoso.

– Sim. Ao passo que o meu preferido é escuro e chuvoso porque sou uma neurótica autoindulgente e tu estás sempre animada e bem-disposta.

– Ha!

– É verdade. Quando éramos miúdas, percebemos tudo ao contrário. Sempre achámos que tu eras a sensível, mas, afinal, eu é que estou sempre uma lástima. Tu és muito mais resistente do que pensas.

– Não estou assim tão convencida – disse ela.

– És, sim. És feita de cepa mais rija. Eu não aguentava se isto tivesse acontecido comigo.

– Não sabes isso. Nunca sabemos como vamos reagir seja lá ao que for até que nos acontece a nós.

Continuámos a andar lado a lado, a ver os reflexos da luz do sol na água.

– Tem estado assim todos os dias desde que ela morreu.

– Ela está aqui – disse eu. – Está connosco. Há de estar sempre presente quando protestares por causa de uma injustiça ou sempre que te rires do teu filme preferido. Sempre.

Continuámos ao longo de Kew Bridge, a Annie e a irmã dela ainda visíveis atrás de nós, o cão enorme a trote ao lado delas, com a cauda a abanar alegremente de um lado para o outro.

– Queres ser cremada? – perguntou-me ela.

– Quero – respondi. – E quero ser espalhada no Devon. Na praia de Mothecombe.

– Eu também – disse ela. – Mas quero ser espalhada onde a Floss ficar, na

Cornualha. Embora me custe não ficar perto de ti.

– Oh, não faz mal, havemos de ficar juntas onde quer que estivermos depois. Basta-nos encontrarmo-nos por lá.

– Podes ter a certeza.

– Achas que será um pouco solitário querer ficar numa praia sozinha? E que tal Hampstead Heath? É o meu lugar preferido em Londres e os meus pais costumavam levar-me lá quando era pequena.

– Não, é que nem penses; havias de ser pisada.

– Sim, tens razão. É demasiado bem e previsível.

– Por isso é que acho que é bom sermos espalhadas no mar – disse ela, pensativa. – Embora eu tenha medo de tubarões.

– Mas já hás de estar morta.

– Pois é.

– Aí é que está a ideia: o tubarão pode fazer o que lhe der na telha e tu continuas na maior. Já passaste o ponto sem retorno.

– *OK*, no mar, então.

Fomos para casa com aquela luz magnífica e senti-me grata pela vida da Florence e por tudo o que ela me ensinou. Estava grata pelo sol na Kew Bridge à medida que ia poisando um pé à frente do outro. Estava grata por perceber naquele momento que a vida pode mesmo ser tão simples como apenas inspirar e expirar. E estava grata por saber o que era amar tanto como eu amava a pessoa que estava ali, ao meu lado. De uma forma tão profunda, tão furiosa. Tão impossível.

---

<sup>16</sup> Dupla de apresentadores da televisão britânica, especialmente conhecidos no nosso país por apresentarem o programa Britain's Got Talent. *(N. T.)*

## Receita: ovos mexidos

(duas pessoas)

Só é preciso manteiga, ovos e pão. nenhuns ovos mexidos precisam de leite nem de natas. Sem mais complicações, são fáceis de cozinhar e de comer quando estamos tristes.

- 2 nozes de manteiga com sal;
- 4 ovos frescos (mais uma gema, se estiveres a sentir-te gulosa), ligeiramente batidos com um garfo;
- Sal e pimenta preta, para temperar.

Derreter uma noz de manteiga lentamente, em lume brando, numa frigideira larga.

Verter os ovos na frigideira.

Mexer os ovos com uma colher de pau, lenta e constantemente.

Retirar a frigideira do lume quando os ovos ainda estiverem ligeiramente húmidos demais.

Temperar e juntar, mexendo, a outra noz de manteiga.

Mensagens que a India me deixou enviar do telemóvel dela, a fingir  
que era ela

(também não sei porque é que ela alinha)

*Uma mensagem para o Sam, ex-colega dela*

**India 20h47**

Muito bom-dia para ti, Sam! Como vai a vida? Isto não tem nada a ver, mas podes dizer-me em que zona de Londres vives atualmente?

**Sam 20h48**

Richmond. Porquê a pergunta? Vais-te mudar para sul?

**India 20h50**

Infelizmente, não. Estou em Highgate. De momento, estamos com alguns problemas com a recolha do lixo. Eles apenas recolhem o chamado lixo geral de duas em duas semanas, e estamos a ficar com os caixotes cheios muito depressa. O que me dizes de eu levar dois dos nossos caixotes para Richmond de quinze em quinze dias? Eu ia buscá-los e trazia-os de volta no dia seguinte, não tens de te preocupar com isso.

**Sam 20h51**

Hum... o quê?

Queres carregar com caixotes mais de 30 quilómetros de duas em duas semanas?

Porque é que não os despejas num lugar qualquer?

**India 20h51**

Porque gosto de saber que ficam em boas mãos.

**Sam 20h52**

Caixotes?

**India 20h52**

Sim.

Não seria um grande problema para ti, mal darias por eles.

**Sam 20h53**

Para com isso.

**India 20h53**

OK, sem problemas; vou mandar uma mensagem ao meu amigo em Peckham.

**Sam 20h54**

Só podes fazer isso em lugares que fiquem a mais de 15 quilómetros de distância?

Parece bastante drástico.

Porque é que não falas com algum amigo em Camden?

Parece fazer mais sentido.

**India 20h56**

A questão é ser um bairro diferente, Sam. North London não dá para mim. Preciso de um bairro completamente diferente numa parte completamente diferente da cidade.

No dia seguinte

**India 21h00**

Olá. Como tens andado?

**Sam 21h01**

Oh, meu Deus.

Outra vez os caixotes? A sério?

**India 20h01**

Não digas disparates!

**Sam 21h02**

Hahahahaha. Tens graça, tu.

**India 21h02**

Não, mas a sério, podemos avançar com isto na semana que vem?

**Sam 21h03**

Oh, meu Deus. Mas estás mesmo a falar a sério?

**India 21h03**

Os meus caixotes são recolhidos à terça; portanto, posso mandá-los de comboio na segunda? xx

**Sam 21h05**

Pensei que tinhas estado a beber, India. Eu vivo em Barnes.

**India 21h05**

Caixotes?

**Sam 21h06**

Fica a mais de uma hora.

**India 21h06**

Tens razão, é demasiado longe de metro.

**Sam 21h07**

Nem sequer temos metro aqui.

**India 21h07**

Eu levo-os num táxi grande.

**Sam 21h08**

Para com isso. Não quero os teus caixotes.

**India 21h09**

OK. Não sei muito bem o que fazer agora, mas percebo que não te queiras incomodar.

**Sam 21h09**

Porque é que não os largas num lugar qualquer?

Se não tiverem documentos pessoais, ninguém há de saber.

**India 21h10**

Imagino que sim.

Só gostava de poder levá-los para Barnes, porque é mais prático.

**Sam 21h10**

Não é nada, isto é ridículo.

**India 21h11**

Percebo que queiras a tua privacidade, etc.

E não me queiras aí para trás e para a frente.

**Sam 21h11**

Não quero ser uma creche de caixotes, não. Isso é bizarro.  
Mas se alguma vez quiseres vir tomar um copo a Barnes, és  
mais do que bem-vinda.  
Só não tragas os caixotes.

*Uma mensagem para o Shaun, um conhecido da universidade*

**India 19h21**

Olá. Tenho a impressão de que tu tens faro para o negócio.  
Estou certa?

**Shaun 19h22**

Quem és tu?

**India 19h22**

India Masters.

**Shaun 19h53**

Em que te posso ajudar?

**India 19h54**

Identifiquei uma lacuna no mercado – e é uma lacuna bem

grande – para vender minifrigoríficos numa variedade de cores. Tenho um plano de negócios, só preciso de um parceiro silencioso. Será que estás interessado?

*Uma mensagem para o Zac, um amigo da universidade*

**India 18h53**

Posso pedir um favor??

**Zac 18h54**

Claro, querida.

**India 18h54**

Posso-te pedir emprestado um par de calças para uma reunião de trabalho esta semana?

**Zac 18h54**

Haha. Claro.

Que tipo de calças? E porquê?

**India 18h55**

Reparei que as tuas são giras.

E não me apetece comprar umas novas.

E é uma reunião muito importante com um cliente.

**Zac 18h55**

As minhas ficam-te muito compridas.

**India 18h55**

Achas que sim?

**Zac 18h55**

Tu és mt estranha.

Indy, que altura tens?

**India 18h56**

Tenho 1m 60.

**Zac 18h57**  
Eu tenho 1m 80.

**India 18h57**

Posso enrolá-las.

Não te preocupes com isso, só tens de me trazer as calças.

*Uma mensagem para o Paul, com quem a India curtiu*

**India 19h02**

Olá. Tudo bem contigo?

**Paul 19h16**

Bem, obrigado! E tu?

**India 19h18**

Bom ter notícias tuas. Tenho um pedido: estou a começar um grupo de dança, essencialmente dança tradicional irlandesa, mas não te assustes, há de ter um toque moderno – garanto. Seja como for, pode render umas boas massas quando chegar a época dos casamentos e eu queria saber se gostavas de alinhar? Não é preciso muito tempo para aprender os passos e, francamente, precisamos de alguém alto lá atrás. Diz-me o que achas.

**Paul 19h56**

Uau, muito obrigado por te lembrares de mim.  
Por mais divertido que pareça, infelizmente o meu calendário para este ano está-me a parecer muito preenchido e não acho que fosse capaz de assumir esse compromisso.

Lamento muito, mesmo.

Não te esqueças de tirar fotografias.  
Cuida-te & espero ver-te em breve x

**India 19h58**

Mas queres alinhar, ou não?

23 de março

## **Olá a todas as mulheres que a Emily conheceu nos últimos vinte e oito anos!**

Espero que estejam bem e animadas com as festividades do próximo fim de semana. Pensámos que seria útil se todas soubessem como vai ser o dia que vos espera.

O sábado irá começar pontualmente às 8h00. Por favor, juntem-se a nós na Torre de Londres para um curso de culinária Tudor. Vamos confeccionar veado assado, recheado com peras cozidas. Este será o nosso pequeno-almoço às 9h00, acompanhado de uma generosa caneca de hidromel.

Às 10h00, seguiremos para norte até ao Kentish Town Sports Center, onde iremos disputar uma partida de futebol com dildo. É muito simples: dividimo-nos em duas equipas e disputamos um jogo amistoso, mas com grandes *strap-ons* pretos. (POR FAVOR, se ainda não o fizeram, enviem-nos uma frase com a vossa recordação preferida com a Emily – vamos escrevê-las com corretor branco no *strap-on* dela para que as possa guardar para sempre.)

Às 12h00 **em ponto**, vestimos as nossas primeiras roupas de fantasia (um misto de *disco* e Kenan & Kel), saímos do centro desportivo e seguimos para o *pub* favorito da Emily, onde ela esteve duas vezes há dez anos, o Sparrow and Ape em Camden.

Às 12h30, o almoço (incluído na transferência que já fizeram) será um delicioso *mezze* para partilhar que dará direito a um *falafel*, três azeitonas, metade de um pão *ázimo* e um copo de *prosecco*. Quem não beber *prosecco* nem qualquer tipo de vinho espumante é aconselhado a tratar das suas bebidas durante o resto do dia.

14h00. Depois do almoço, pensámos que seria divertido um jogo de «somos assim tão chegadas?» Vamos formar um círculo e a Emily vai dar a volta e ter de responder a perguntas sobre nós. Se ela se enganar em mais

do que uma resposta, a pessoa em questão será expulsa da festa e despachada para casa (por exemplo, para a primeira ronda, perguntamos-lhe quais são os nossos empregos; na segunda, perguntamos quais são os nossos apelidos do meio, etc.) Além de acharmos que isto vai tornar o dia mais interessante, também temos que reduzir o grupo de trinta e cinco para trinta, uma vez que o lugar onde vamos jantar só tem capacidade para trinta. Esta parece-nos ser a única opção justa.

15h00. Estamos superentusiasmadas com os moldes de chocolate de uma variedade de ânus masculinos que mandámos fazer na chocolataria artesanal Sucre et Crème (muito obrigada à madrinha Linda por ter organizado isto). A Emily vai ter de adivinhar qual dos ânus pertence ao noivo dela.

16h00. Achamos que será uma boa altura para trocar para a fantasia: «A Minha Emily Favorita.» Recebi muitos *emails* preocupados durante as últimas semanas, de gente que não sabia o que vestir, e, honestamente, não é de mais realçar: *a ideia é isto ter piada*. Portanto, não se preocupem muito com isto! Emily lacrosse, Emily em férias e Emily gorda e desempregada são boas hipóteses! Alguém sugeriu Emily na *sex shop* e esta é a única ideia que nos levanta algumas dúvidas – tenham presente que vamos ter mães e avós nesta parte do dia.

17h00. Antes que todas fiquem demasiado bêbedas para se lembrar seja do que for, queremos oferecer à Emily a sua Árvore dos Tampões. Espero que todas tenham recebido o *email* a respeito de guardar um tampão usado e trazê-lo num envelope. Vamos ter uma figueira para oferecer à Emily, decorada com todos os nossos tampões, para simbolizar que estaremos sempre ligadas pela feminilidade e amizade. Achamos que vai ser um momento muito especial para ela.

18h00. Despedimo-nos das avós e mães e chamamos-lhes um Uber.

18h30. Vamos para o Ribs N Bibs em Stockwell.

19h15. Chegamos ao restaurante e trocamos imediatamente para as nossas roupas de sair. (Saltos, por favor!! Queremos estar o mais *glam* possível para a Emily.)

19h30. Entradas.

20h30. Espetáculo-surpresa com um elenco nu do Blue Man Group. A Emily fez muita questão em dizer que não queria um *stripper* embaraçoso, pelo que achámos que este seria um bom compromisso. (N.B.: Madrinhas, não se esqueçam de trazer uma troca de roupa para a Emily, porque ela há de estar coberta de tinta quando isto acabar.)

21h00. Pratos principais.

22h00. Sobremesa e curso intensivo de chapelaria faça-você-mesma. Temos a mundialmente famosa capelista Madame Meringue, que aceitou ensinar-nos a fazer fascinadores descartáveis com os restos da sobremesa. Podem ver os seus incríveis tutoriais para uma boina de *banoffee pie* [aqui](#) para ficarem com uma ideia do que nos espera.

23h00. Ida a pé até à discoteca FLUID em Vauxhall, onde reservámos uma cadeira (já não havia mesas).

4h00. A discoteca fecha.

E pronto!

Tudo o que nos resta dizer é que a Emily queria que vos disséssemos que, infelizmente, um convite para a despedida de solteira **NÃO GARANTE** um convite para o casamento. Vai ser uma celebração pequena e eles não podem receber toda a gente, mas ela espera que vocês estejam presentes na despedida para comemorar os seus últimos dias de solteira.

Qualquer pessoa apanhada a falar com a Emily sobre o casamento ou à pesca de um convite será imediatamente afastada da despedida: a ideia é ser um dia divertido para ela e não mais um dia de logística matrimonial.

Obrigada a todas pela transferência de 378,23 libras: isto cobre todas as despesas do dia, exceto transportes, pratos principais no restaurante, bebidas no restaurante e bebidas na discoteca.

Ainda não recebemos o dinheiro das seguintes:

EMILY BAKER

JENNIFER THOMAS

SARAH CARMICHAEL

CHARLOTTE FOSTER

Se não fizerem a transferência até às 23:00 desta noite, infelizmente não poderão comparecer e todas as restantes terão que cobrir a despesa feita

com os lugares das quatro.

Vamos, toca a preparar!!

**As Madrinhas xxx**

## A minha terapeuta diz

– Porque é que está aqui?

Porque é que eu estava ali? Nunca tinha pensado que alguma vez havia de estar ali. Numa pequena sala atrás de Oxford Circus, com tapetes de cor creme e um sofá cor de vinho. Onde sempre cheirava ao perfume *Molecule* e mais nada, por mais que eu arreganhasse as narinas quando chegava – nada de restos de almoço, nada de café frio –, nenhuma evidência de uma vida fora daquela sala além do perfume daquela mulher. O cheiro que sempre me causaria um aperto no coração e me levaria a pensar nas 13h00 de sexta-feira sempre que o detetava numa mulher numa festa. Eu ia lá com um preço fixo por hora. Num vácuo de vida onde nada existia senão uma conversa entre duas pessoas – uma cabina de comentadores, o estúdio de TV da análise pós-jogo. O programa de discussão menos popular que acompanha o evento principal. Aquilo era *Strictly: It Takes Two*. Aquilo era *Dancing on Ice: Defrosted*. Aquela era a sala em que eu sempre havia de pensar quando estava prestes a tomar uma má decisão; na casa de banho de um *pub*, com um homem no banco de trás de um táxi. Era a sala que prometia que a minha vida havia de mudar ali.

Sempre prometi a mim mesma que nunca me haviam de apanhar numa sala como aquela. Mas não sabia onde estar senão ali. Tinha esgotado todas as outras opções. Estava com vinte e sete anos e sentia-me prestes a sucumbir a um vendaval de ansiedade. Tinham passado nove meses desde que me lançara como *freelancer*, nos quais eu passara quase todos os dias sozinha com os meus pensamentos. Eu tinha rejeitado as preocupações de amigos e familiares; estava sempre à beira das lágrimas, mas não era capaz de falar com ninguém. Acordava todas as manhãs sem saber onde estava nem o que estava a acontecer; despertava para a minha vida todas as manhãs como se a noite de sono da véspera fosse um soco na cabeça que me deixava em sangue.

Eu estava ali porque tinha que estar ali. Eu estava ali porque tinha adiado estar ali; porque dizia sempre que não tinha dinheiro nem tempo; porque aquilo era indulgente e tolo. Disse a uma amiga que me sentia prestes a implodir e ela deu-me o número de uma mulher. Eu tinha ficado sem desculpas.

– Porque acho que vou cair e morrer – respondi.

Ela – Eleanor – espreitou-me por cima dos óculos e depois voltou à sua página, a tomar notas furiosamente. Tinha uma franja escura com risca, estilo anos Setenta, olhos castanhos e felinos e um nariz forte. Devia ter quarenta e poucos anos. Parecia uma Lauren Hutton nova. Reparei que tinha braços musculados, bronzeados e elegantes. Pensei que provavelmente achava que eu era uma chorona pateta. Uma falhada com «F» maiúsculo. Uma superprivilegiada, a esbanjar à toa todo o dinheiro que tanto lhe custava a ganhar para poder dar à língua sobre si mesma durante uma hora por semana. Provavelmente, ela topava mulheres como eu à légua.

– Não sou capaz de abrir ou fechar nenhuma janela no meu apartamento; tenho que pedir a alguém que o faça por mim – continuei, muito explicada e tranquila para conter as lágrimas que pareciam estar a fazer pressão atrás dos meus olhos, como água num dique. – Às vezes, nem consigo entrar numa sala se uma janela estiver aberta porque tenho imenso medo de cair dela abaixo. E tenho que ficar bem encostada a uma parede quando um comboio entra numa estação de metro vindo do túnel. Vejo-me a cair diante dele e a morrer. Vejo aquilo acontecer sempre que pisco os olhos. Depois, passo a noite toda a rever aquilo na minha cabeça e não consigo dormir.

– Certo – disse ela com um sotaque australiano. – E há quanto tempo se sente assim?

– Piorou bastante nos últimos seis meses – respondi. – Mas intermitentemente durante a maior parte dos últimos dez anos. A bebida agrava-se quando estou muito ansiosa. Acontece o mesmo com a obsessão da morte. A fixação do mês é o medo de cair.

Fiz-lhe uma visita guiada aos Grandes Êxitos da Minha Perturbação Emocional Recorrente. Falei sobre o meu peso que tinha sido tão inconstante como formações de nuvens, sobre o facto de ser capaz de olhar

para todas as minhas fotografias desde 2009 e dizer quanto pesava em cada uma delas com uma precisão de um quilo. Falei-lhe da minha obsessão com o álcool que não tinha diminuído desde a adolescência, da minha sede insaciável quando, agora, a maioria das pessoas da minha idade sabia quando parar, de como sempre tinha sido conhecida por emborcar a uma velocidade recorde, dos imensos buracos negros presentes nas minhas recordações dessas noites ao longo dos anos; da minha crescente vergonha e angústia a respeito daquelas horas perdidas e daquela louca irreconhecível às voltas pela cidade e pela qual eu devia ser responsável, mas que eu não me lembrava de ser nem de conhecer.

Falei-lhe da minha incapacidade de assumir um compromisso numa relação; da minha obsessão com a atenção masculina e do meu simultâneo receio de me tornar demasiado próxima de alguém. Do quanto me fora difícil ver todas as minhas amigas, uma a uma, entrarem em relações duradouras como se estivessem a mergulhar numa piscina fresca num dia escaldante. De como todos os namorados que tinha tido me perguntavam por que motivo eu não conseguia fazer o mesmo; de como eu sempre temera ter as ligações todas trocadas no que respeitava ao romance.

Falámos sobre a forma como eu me tinha espalhado pelo maior número possível de vidas, como se fosse a última colher de *Marmite* à face da Terra. Disse-lhe que dava praticamente toda a minha energia aos outros, quando ninguém me tinha pedido que o fizesse. Descrevi o controlo que eu achava que isso me dava sobre o que os outros pensavam de mim, mas que, mesmo assim, me fazia cada vez mais sentir uma fraude. Falei-lhe das minhas fantasias a respeito do que os outros diziam de mim pelas costas; disse-lhe que o mais provável era concordar com praticamente qualquer insulto a meu respeito. Falei-lhe do esforço que fazia para me sentir aprovada: gastava todo o dinheiro que tinha em rodadas para gente que nem conhecia e acabava por não poder pagar a minha renda na semana seguinte; começava as noites de sábado às quatro da tarde e acabava-as às quatro da manhã para depois ir a seis festas de aniversário de gente que mal conhecia. Expliquei-lhe como tudo aquilo me fazia sentir cansada e pesada, uma criatura sem coluna vertebral e com nojo de si própria. Falei-lhe da ironia patética de ter um

grande círculo de amigos à minha volta e, mesmo assim, sentir que não lhes podia contar nada disto. Falei-lhe das raízes entranhadas do meu medo da dependência. Que eu era capaz de chorar na cama de um desconhecido que conheci em Nova Iorque, mas não era capaz de pedir ajuda às minhas melhores amigas.

– Mas nada disto tem um efeito visível na minha vida – disse eu. – Sinto-me uma parva por ter vindo aqui porque tudo isto podia ser muito pior. Tenho amigas fantásticas, uma família fantástica. O meu trabalho está a correr bem. Do lado de fora, ninguém diria que há algo de errado comigo. Apenas me sinto uma merda. Constantemente.

– Se você se sente uma merda constantemente – disse ela – é porque isso está a ter um efeito muito, muito grande na sua vida.

– Imagino que sim.

– Você sente que vai cair porque está fragmentada numa centena de pedaços diferentes, à deriva – disse-me ela. – Você está em tudo o que é sítio, mas não tem raízes com que se ancorar. Não sabe como estar consigo mesma. – O fundo dos meus globos oculares acabou por ceder e as lágrimas subiram do poço mais profundo na boca do meu estômago.

– Sinto-me como se já não tivesse nada que me segure – disse-lhe eu, a minha falta de ar a pontuar a frase como soluços, as lágrimas a escorrerem-me pela cara tão quentes e livres como sangue.

– Mas é claro que tem – disse ela com uma nova suavidade. – O que você não tem é a noção de quem é.

Então, era por isso que eu estava ali. Caiu-me a ficha. Eu pensava que tinha medo de cair, mas, na realidade, não sabia quem era. E as coisas que eu usava para preencher esse espaço vazio já não estavam a resultar – apenas me faziam sentir ainda mais distante de mim mesma. Aquela ansiedade encontrava-se em trânsito há já algum tempo e finalmente tinha chegado, entrara pela frincha da caixa do correio e aterrara aos meus pés. Fiquei surpreendida com este diagnóstico; ali estava eu, convencida de que a noção que tinha de mim mesma era sólida como uma rocha. Pertencço à Geração da Noção do Eu – é o que nós somos. Andamos a preencher as secções «Sobre Mim» desde 2006. Eu achava que era a pessoa mais auto-senciente

que conhecia.

– Você nunca há de saber o que realmente penso de si – disse ela, quando eu estava prestes a sair, dando-me a entender que já tinha percebido como é que eu funciono. – Você pode deduzir do meu comportamento se eu gosto de si, mas nunca saberá exatamente o que eu penso de si a um nível pessoal. Você tem de abrir mão dessa ideia se quisermos fazer alguns progressos.

A princípio, fiquei repleta de uma paranoia desconfortável, depois substituída por uma sensação quase imediata de alívio total. Ela estava a dizer-me para me deixar de piadas da treta. Ela estava a dizer-me que parasse de pedir desculpa pelo desbaste que estava a infligir à caixa de *Kleenex* na mesa ao meu lado. Ela estava a dizer-me que aquela era uma sala onde eu não tinha que me esforçar a cada palavra, gesto e episódio para lhe agradar, na esperança de que ela gostasse de mim. Esta mulher sem noção de si mesma, sem autorrespeito, sem autoestima – uma presença mutável e desejosa de agradar aos outros; um emaranhado de ansiedade – estava a receber autorização para apenas *ser*. Ela estava a dizer-me que eu estava segura, que me podia deixar ir naquela sala por trás de Oxford Circus, com o tapete de cor creme e o sofá cor de vinho.

Saí dali e fiz a pé os nove quilómetros até casa. Sentia-me simultaneamente livre com o alívio de ter finalmente encontrado o caminho até àquela sala, e insuportavelmente oprimida com o peso do que estava para vir. Disse a mim mesma que tudo poderia ser resolvido em três meses.

– Ela acha que eu não tenho uma noção de identidade – disse eu à India enquanto ela preparava o nosso jantar naquela noite.

– Isso é uma treta – disse ela, indignada. – Tu tens uma noção de identidade mais definida do que qualquer pessoa que eu conheço.

– Sim, mas não esse tipo de noção de identidade – disse-lhe eu. – Não é, tipo, como é que vou votar no referendo da UE ou qual é a minha maneira favorita de servir batatas. Ela quer dizer que eu me divido em bocados diferentes para dar a pessoas diferentes, em vez de ser uma pessoa inteira. Sinto-me tão inquieta e transtornada. Não sei estar sem todas as coisas que uso para me ancorar.

– Eu não sabia que te sentias assim.

– Sinto que estou a desmoronar-me – disse-lhe eu.

– Não quero que estejas triste – disse ela, abraçando-me, descalça na nossa cozinha, enquanto o esparguete fervia no fogão com um som suave e borbulhante. – Não quero que faças isto se te vai deixar triste.

Na sexta-feira seguinte, eu disse à Eleanor que a Índia tinha dito que não queria que eu passasse por aquele processo porque receava que isso me deixasse triste. Disse-lhe também que eu estava mais ou menos de acordo.

– OK. Muito bem: notícia de última hora – disse-me ela naquele tom tranquilizadoramente pragmático e sarcástico pelo qual eu passaria a ansiar com o passar do ano. – Você já está triste. Você está mesmo muito triste.

– Eu sei, eu sei – respondi, mais uma vez com a mão à procura dos lenços de papel. – Desculpe por lhe gastar tantos. Imagino que você tem de aguentar muita coisa neste seu trabalho. – Ela garantiu-me que era para isso mesmo que eles estavam ali.

E assim começou o processo. Todas as semanas, eu chegava e fazíamos um trabalho de detetive sobre mim mesma para responder à pergunta de como eu era, quem era, aos vinte e sete anos. Fizemos uma investigação forense ao meu passado, às vezes discutindo uma coisa que acontecera na noite anterior, por vezes outra que se passara na escola, numa aula de educação física vinte anos antes. A terapia é uma grande escavação arqueológica na nossa psique até que damos com alguma coisa. É um episódio semanal pessoal de *Time Team*, um esforço conjunto de especialista e apresentador: o terapeuta, Mick Aston, o paciente, Tony Robinson.

Conversávamos sem parar até que ela apresentasse uma teoria de causa e efeito que fizesse sentido; depois, crucialmente, fazíamos por perceber como alterar a situação. Às vezes, ela atribuía-me tarefas: coisas para experimentar, coisas para explorar, perguntas para responder, pensamentos para refletir, conversas que eu tinha de ter. Durante dois meses, chorei todas as tardes de sexta-feira. Todas as sextas-feiras à noite, dormia dez horas.

O grande mito da terapia é que é tudo uma questão de atribuir a culpa aos outros; mas, com o passar das semanas, descobri que a verdade era o contrário. Ouvi falar de terapeutas que assumiam uma espécie de papel

materno, defensivo e ilusório, na vida dos seus pacientes, garantindo-lhes sempre que a culpa não era deles, mas sim do namorado, do chefe ou do melhor amigo. A Eleanor raramente me deixava passar a responsabilidade para outra pessoa e obrigava-me sempre a questionar o que eu tinha feito para acabar numa situação particularmente prejudicial, e era por isso que eu sempre receava as nossas sessões.

– A não ser que alguém morra – disse-me ela numa daquelas sextas-feiras –, se acontece algo de errado numa relação, você teve a sua parte nisso.

Alguns meses depois, eu e a Eleanor rimo-nos a sério, juntas, pela primeira vez. Eu cheguei – uma lástima – depois de uma semana de trabalho complicada. Estava em baixo em termos de dinheiro e de autoestima e preocupada com o pagamento da renda, preocupada porque a minha carreira não ia a lado nenhum. A minha paranoia estava a ficar descontrolada: já imaginava que toda a gente para quem tinha trabalhado me achava incompetente, sem talento, uma inútil. Tinha passado três dias sem sair do apartamento. Descrevi uma fantasia bem vívida na qual uma sala de direção cheia de gente que eu não conhecia discutia a escritora péssima e incapaz que eu era. A Eleanor não tirava os olhos de mim enquanto eu ia falando; depois, a cara dela contorceu-se em pura incredulidade.

– Bem... – disse ela com um suspiro e as sobrancelhas alçadas –... parece-me uma *loucura* que você pense assim. – Reparei que ela se tornava agressivamente mais australiana quando era mais dura comigo. Levantei os olhos do meu lenço de papel: aquela não era a reação de que eu estava à espera.

– *Salas cheias de gente que você nem conhece?* – perguntou-me ela enquanto abanava a cabeça, ainda incrédula. – Isso é INCRIVELMENTE narcisista.

– Bem... – disse eu, conseguindo deixar escapar uma gargalhada. – Sim. Posto nesses termos... é ridículo.

– Ninguém anda a falar de si.

– Pois não – disse eu enquanto enxugava as lágrimas com um lenço de papel, a sentir-me de repente como uma personagem interpretada pelo

Woody Allen. – Tem razão.

– A sério! – insistiu ela, ainda boquiaberta, enquanto afastava os cabelos das maçãs do rosto bem definidas. – Você não é assim tão interessante, Dolly.

Quando cheguei ao meu terceiro mês, tive a minha primeira sessão sem lágrimas. A caixa de lenços de papel ficou intacta. Um marco na minha terapia.

Embora as minhas amigas mais chegadas encorajassem o processo, depressa se tornou claro que o autoexame me tornava um tédio para as pessoas erradas. Comecei a beber cada vez menos – sempre a questionar se estava a fazer aquilo para me divertir ou para me distrair de um problema. Fiz por deixar de tentar agradar aos outros, ciente de que esbanjar o meu tempo e energia era o que estava a dar forma ao vazio que eu não queria transformar numa pedreira. Passei a ser mais franca: dizia às pessoas quando estava chateada, ofendida ou zangada e valorizava a sensação de calma que acompanhava a integridade, paga com o pequeno preço de uma conversa desconfortável. Tornei-me mais autoconsciente; como tal, inevitavelmente, eram cada vez mais raras as vezes em que fazia figuras tristes para divertimento alheio.

Sentia-me como se estivesse a crescer a cada semana que passava; sentia uma fotossíntese interna sempre que punha em prática novos hábitos. Desenvolvi uma obsessão por plantas de interior; uma espécie de falácia patética e verdejante. Informe-me sobre o que devia colocar em tudo o que era recanto de luz e sombra e enchi o meu apartamento com uma abundância de verde; plantas rastejavam pelas estantes abaixo, um feto de Boston ocupava o topo do meu frigorífico, uma costela-de-adão destacava-se contra a parede branca do meu quarto. Pendurei um filodendro perfeito por cima da minha cama e, à noite, uma rara gota de água fria lá escapava das pontas em forma de coração daquelas folhas e aterrava na minha cabeça. A India e a Belle interrogavam-se: até que ponto aquilo seria saudável para mim, comparando-o com a tortura da água dos Chineses. Mas eu tinha lido que se tratava de gutação – um processo no qual a planta se livra da água desnecessária durante a noite: ela faz questão de se livrar de tudo o que lhe

sobrecarrega as raízes. E eu dizia-lhes que aquilo tinha um significado específico para mim. Eu e o filodendro estávamos a fazer uma coisa juntos.

– Mais plantas aqui dentro – disse um dia a Farly, olhando em volta no meu quarto – e isto passa a ser a *Pequena Loja dos Horrores*.

Quando não bebia tanto, tinha a novíssima sensação de acordar com uma recordação linear da noite anterior. As coisas que as pessoas tinham dito; o aspeto delas; os sinais trocados e que elas pensavam serem discretos. Percebi que, sempre que eu aparecia num evento social, os outros queriam o pior. Se fosse na mesa do *pub*, queriam outra garrafa de vinho, queriam ligar a um *dealer*, queriam ir lá para fora fumar cigarros uns atrás dos outros, queriam trocar mexericos embriagados sobre alguém que conhecíamos. Sem dar por isso, eu tinha-me transformado num comerciante do mercado negro das noitadas. Eu era a luz verde que todos esperavam para se portarem mal – e só dei por isso quando parei.

A humilhação mais brutal e mais brilhante às mãos da Eleanor chegou quando estávamos a falar sobre isto numa das nossas sextas-feiras.

– Já percebi que os outros querem que eu embarque em mexericos – disse-lhe eu. – É o que esperam de mim quando chego a algum sítio, especialmente se estão a apanhar uma cadela.

– E você era de mexericos?

– Um pouco, sim – admiti. – Não tinha noção do quanto, mas sim.

– Porque é que fazia isso?

– Não sei. Para me sentir próxima dos outros? Para fazer conversa? Talvez para me sentir poderosa – respondi. – É a única razão pela qual as pessoas trocam mexericos. É óbvio que eu fazia isto para me sentir poderosa.

– Sim, é verdade – disse ela com o ligeiro sorriso que reservava para quando ficava satisfeita por eu me ter antecipado. – Deitava os outros abaixo para se sentir maior.

– Sim, imagino que sim.

– Sabe quem é que também faz isso? – Uma pausa. – O Donald Trump. – Rebentei às gargalhadas.

– Eleanor. Já aprendi a apreciar o seu género de *tough love* – disse-lhe eu. – Mas, mesmo para si, isso é um pouco excessivo.

– Muito bem; o Nigel Farage, então – disse ela, encolhendo ligeiramente os ombros como se eu estivesse a ser pedante.

«Hoje, a minha terapeuta comparou-me ao Donald Trump», escrevi eu na SMS que mandei à Farly ao sair para a Regent Street. «Acho que estou a fazer progressos palpáveis.»

Então, com cerca de cinco meses de terapia, senti de repente que tínhamos dado com uma parede de tijolo. O meu desenvolvimento estabilizou. Dei por mim na defensiva. Ela disse-me que eu estava na defensiva com ela. Numa sessão, propus que talvez não existisse nenhuma resposta na dissecação dos acontecimentos e decisões da minha vida; em insistir numa coisa que tinha acontecido com aquele namorado em tempos ou numa coisa que os meus pais tinham ou não tinham dito quando eu era nova. Que talvez fosse um exercício inútil; que talvez eu tivesse nascido assim. Ela achava que havia alguma possibilidade de eu ter nascido assim? Ela olhou para mim sem qualquer expressão.

– Não acho, não – foi a resposta.

– Bem, é claro que não acha – disse eu, mal-humorada. – Porque, caso contrário, o seu trabalho seria literalmente desnecessário.

Se naquela semana meti a pata na poça, alturas houve em que preparava a história que lhe ia contar para que ela não fosse tão dura comigo. Depois, lembrava-me do que estava a pagar por aquelas consultas; da quantidade de trabalho extra que tinha de aceitar para poder fazer aquilo; do privilégio que era ser capaz de pagar aquelas sessões. E pensava no puro desperdício de dinheiro se eu não lhe dissesse a verdade. Falei com algumas amigas que faziam análise, que me disseram que ficavam nervosas antes das sessões porque tentavam pensar em algo suficientemente sumarento para contar ao terapeuta. Eu sentia o oposto. Pensava sempre no que lhe poderia esconder ou na volta positiva que poderia dar a uma história para não parecer tão má como realmente era.

Mas é claro que ela me topava sempre. Porque eu lhe tinha dado a saber como é que eu funcionava. E ficava sempre irritada ao perceber como ela me conhecia tão bem e desatava sempre a chorar quando ela me desafiava. Não porque não gostasse dela por questionar algo que eu tinha feito, mas porque

eu não gostava de mim por ter feito aquilo.

Aos seis meses, dei por mim quase a dizer numa das sessões: «Bem, porque é que VOCÊ é tão esperta no que respeita a tudo isto? Vamos. Diga-me que é perfeita!» E percebi que estava a precisar de uma pausa, mas não lhe disse nada. Ela disse-me que estava a «sentir um pouco de raiva»; eu disse-lhe que estava bem. Comecei a cancelar sessões. Faltei um mês e meio.

Quando voltei, achei-a muito mais compreensiva do que me lembrava e perguntei-me se teria inventado aquele seu género de investigação obstinada e implacável. Talvez ela se tivesse tornado a tela em branco na qual eu projetava toda a raiva e os preconceitos que sentia em relação a mim mesma. A meio da nossa hora, ela perguntou-me por que motivo tinha deixado de aparecer regularmente sem discutir a questão com ela. Pensei em inventar uma desculpa; pensei no dinheiro e no tempo que estava a gastar com aquilo; que agora era tarde de mais para recuar.

– Não sei – respondi.

– Será porque está tudo a tornar-se demasiado íntimo? – perguntou-me ela. – É uma questão de dependência? Você não quer depender disto?

– Sim – admiti eu com um suspiro. – Acho que é isso, acho que queria controlar isto.

– Sim, acho que pode ser isso – disse ela, a pensar em voz alta. – O que se passa na sua vida exterior reflete-se aqui.

– Isso faz sentido.

– O que é que você está a tentar controlar?

– Tudo – respondi, só me apercebendo disto quando o disse em voz alta. – Estou a tentar intervir na opinião de todos a meu respeito. No comportamento de todos para comigo. Estou a tentar impedir que me aconteçam coisas más. Morte, desastre, desilusão. Estou a tentar controlar tudo.

A epifania dela foi a minha epifania; decidi ceder ao processo. Entreguei-me à Eleanor com confiança e comecei um novo ciclo de sessões.

– Você tem de continuar a vir cá e nós temos de continuar a conversar – disse-me ela. – Temos de conversar, conversar, conversar até juntarmos as peças todas.

Penso que parte do problema era que eu tinha chegado a um ponto em que não suportava que a Eleanor conhecesse tanto de mim – os recantos mais sombrios de quem sou, as minhas experiências mais sagradas, embaraçosas, humilhantes, terríveis e valiosas. E, em troca, eu não recebia nada sobre ela. Às vezes, imaginava-a em casa; pensava no que seria a vida dela quando não estava a ser uma terapeuta. Pensava no que ela diria sobre mim aos seus amigos, se lia os meus artigos ou via os meus *feeds* nos média sociais, ou se me procurava no Google como eu tinha feito na primeira vez que recebera uma fatura com o nome completo dela.

Algumas semanas depois, ela perguntou-me o que é que eu achava da terapia e admiti que me incomodava não saber nada sobre ela. Disse-lhe que entendia que era a postura apropriada, mas que às vezes me parecia injusta. Porque é que eu tinha de ficar nua todas as semanas e ela sempre completamente vestida?

– O que é que quer dizer com isso de não saber nada sobre mim? – perguntou-me ela, genuinamente intrigada.

– Não sei nada sobre si como pessoa.

– Sabe, sim – disse ela.

– Não, não sei. Eu não seria capaz de contar uma única coisa que fosse sobre si às minhas amigas.

– Você vem cá todas as semanas e conversamos sobre amor, sexo, família, amizade, felicidade, tristeza. Você sabe exatamente o que é que penso sobre todas estas coisas.

– Mas não sei se é casada, não sei se tem filhos, não sei onde mora. Não sei aonde vai quando não está em casa. Não sei se vai ao ginásio – disse eu, a pensar especificamente naqueles braços musculados que me prendiam sempre a atenção nos momentos particularmente difíceis, a tentar descobrir que pesos ela usaria.

– E você acha que saber essas coisas a ajudaria a entender quem eu sou? – perguntou ela. – Você sabe muita coisa sobre mim.

Com o tempo, aprendi a linguagem da Eleanor. Depois de uma sessão particularmente chorona, ela dizia sempre: «Cuide-se *bem*», com ênfase no «bem». Isto queria dizer: «Não apanhe uma grande carraspana neste fim de

semana.» Também era mau quando ela dizia «Eh pá!» depois de eu lhe contar alguma coisa. Mas o pior, de longe, era: «Estive preocupada consigo esta semana.» Quando a Eleanor dizia que tinha estado preocupada comigo naquela semana, isso queria dizer que eu a tinha brindado com um *valente* espetáculo na sexta-feira anterior.

Nunca deixei de recear as sextas-feiras, mas passei a receá-las cada vez menos. A Eleanor e eu riamo-nos mais. Eu disse-lhe que às vezes, depois das nossas sessões, ia direita a um Pret<sup>17</sup> e despachava um *brownie* em cerca de cinco segundos, ou entrava numa loja e estoirava dez libras numa merda qualquer que não me fazia falta nenhuma. Ela disse que era porque estava preocupada com o que ela pensava de mim – e eu concordei. Não é natural estarmos sentados numa salinha com alguém que não tem nada a ver com o resto da nossa vida e contar-lhe todas as nossas histórias, cruas e sem censura – aquelas que nunca referimos em voz alta, aquelas que nunca contámos a ninguém, talvez nem a nós próprios. Mas, quanto mais saudável eu ia ficando, menos julgamentos projetava nela. O verdadeiro aspeto dela começava a ganhar forma diante de mim: uma mulher que estava do meu lado.

Quando uma amiga me disse que é a relação entre paciente e terapeuta que nos traz a cura, ao invés da conversa, percebi o que ela queria dizer. A minha crescente sensação de calma e de paz parecia ser algo que estávamos a construir juntas – como um fisioterapeuta que fortalece um músculo. Eu tinha uma pequena parte dela comigo e tenho a certeza de que sempre terei. O trabalho desenvolvido ajudou-me a adquirir uma nova compreensão de mim mesma que nunca poderei rejeitar e enterrar. Era isto que ela lhe chamava: «o trabalho». E era o que sempre me parecia ser. O tempo que passei com a Eleanor foi duro, um desafio, um confronto. Ela não me deixava escapar com nada. Obrigava-me a pensar no papel que eu desempenhava em tudo. Às vezes, tentava lembrar-me de uma ocasião em que o meu comportamento não tivesse tido consequências; depois de tardes de sexta-feira particularmente difíceis, perguntava a mim mesma como seria a vida se eu não tivesse decidido embarcar nesta incursão ao interior de mim. Teria sido mais fácil continuar a ser uma idiota entornada num táxi

que descia a M1 às quatro da manhã? Uma pessoa cujo comportamento nunca era examinado, mas sim empurrado para o lado, apenas para se repetir no fim de semana seguinte?

A Eleanor adorava dizer-me que a vida é uma merda. Dizia-o todas as semanas. Dizia-me que a vida me ia dececionar. Recordava-me que não havia nada que eu pudesse fazer para controlar isto. Aprendi a descontrair-me perante esta inevitabilidade.

Quando chegámos ao nosso primeiro aniversário, as conversas começaram a fluir com familiaridade e facilidade; ela recomendava-me livros que pensava poderem ser-me úteis. Dizia quase sempre «Adeus» em vez de «Cuide-se *bem*». Deixou de dizer «Eh pá!» num tom preocupado quando eu lhe contava uma história e comecei a ouvir um genuinamente satisfeito «Bem, isso parece FANTÁSTICO!» com bastante regularidade. Certa sexta-feira, dei por mim sem coisas para lhe contar.

Eu não sabia exatamente quanto tempo queria passar ali, nem quão livre me queria sentir. Mas sabia que, quanto mais tempo passava ali, mais as peças se iam juntando. De tanto conversar, eu tinha encontrado alguma harmonia, exatamente como ela tinha previsto. Já conseguia unir os pontos; detetava os padrões. A conversa começou a estar ligada à ação. A lacuna entre como eu me sentia por dentro e o que eu fazia reduziu-se. Aprendi a sentar-me com os problemas, a ir profunda e desconfortavelmente ao interior de mim, em vez de partir para as Hébridas Exteriores da Experiência quando as coisas corriam mal. Bebia com cada vez menos frequência e, quando o fazia, a intenção subjacente era de celebração e não de fuga, pelo que o resultado nunca era desastroso.

Eu sentia-me mais firme; mais forte. As portas dentro de mim iam-se destrancando uma a uma e eu retirava toda a merda de cada um dos quartos e conversava com a Eleanor a respeito de cada treta que ia encontrando; depois, deitava tudo fora. Com cada quarto que eu destrancava, sabia que estava cada vez mais perto. De uma noção de mim mesma, de identidade; de uma sensação de calma. E de uma sensação de estar em casa.

---

<sup>17</sup> Designação informal de Pret a Manger, nome de uma cadeia de «fast casual restaurants» sediada no Reino Unido e com mais de 450 estabelecimentos em diversos países. (N. T.)

12 de junho

**Querida Dolly Qualquer-Coisa Alderton,**

Parabéns! Ganhaste um lugar no casamento do Jack Harvey-Jones e da Emily White. Felicitações por teres chegado tão longe: tu e a Rose, prima da Emily, eram as finalistas para o último convite, bem como para a recepção. Acabámos por te escolher a ti porque és espalhafatosa e bebes bastante, o que achámos ser capaz de animar a mesa dos amigos introvertidos do Jack da LSE<sup>18</sup>. Assim sendo, a Rose só irá à recepção, mas não há problema, já que não fomos convidados para o casamento quando ela e o marido «fugiram para casar» e ela tem um sinal de nascença bem visível na cara, pelo que havia de estragar as fotografias tiradas durante o dia.

Assim sendo: rufem os tambores! O Sr. e a Sra. Keith White solicitam o prazer da tua companhia no casamento da sua filha Emily com o Sr. Jack Harvey-Jones no Vale of Nowhere.

(Eu sei que parece um pouco demente dizer «Sr. e Sra. Keith White», mas os pais benzocas do Jack insistiram que é isto que se escreve e são eles que vão pagar o beberete de boas-vindas pelo que não nos vamos dar ao trabalho de os contrariar.)

Estás cordialmente convidada para ver o pai da Emily entregá-la e ser recebido com entusiasmo por outro homem como se estivesse a vender um carro em segunda mão. Quando as amigas feministas radicais da Emily a questionarem por causa disto, ela há de mentir e dizer que a Igreja disse que era obrigatório e que não tivemos escolha, e agradecemos se tu pudesses confirmar esta versão.

Agora – por favor – imploramos-te, nada de presentes, apenas a tua presença! OK, bem, se FAZES MESMO QUESTÃO, então, podes escolher um pequeno presente simbólico na lista que temos na Liberty, onde terás o privilégio de optar por algo banal – como o misturador de salada de

cinquenta libras – ou decadente – como o coelho gigante de porcelana com chapéu alto. A sério, a escolha é tua.

Também podes fazer uma doação para uma instituição de caridade, se quiseres, seja ela qual for, apenas achámos que ficava bem fazer esta sugestão. (Por favor, alguém compre o sofá *chesterfield* para a nossa sala de estar!)

Estamos cientes, Dolly Qualquer-Coisa Alderton, de que és solteira e tens um rendimento de trinta mil libras anuais na melhor das hipóteses, enquanto o nosso rendimento conjunto é de duzentas e trinta mil. Também temos consciência de que vivemos num apartamento de setecentas mil libras em Battersea, cuja entrada foi paga na íntegra pelos nossos pais, enquanto tu penas para juntar 668 libras todos os meses para pagar a renda; como tal, por esta lógica, pensámos que faria sentido seres *tu* a dar-nos presentes caros para enfeitar a nossa casa já totalmente mobiliada.

Agora a sério, só queremos que apareças; portanto, não te preocupes com presentes, instituições de caridade ou seja lá o que for. Se apareceres de mãos vazias, apenas havemos de fazer comentários corrosivos a esse respeito na tua ausência, em jantares com amigos em comum durante o ano seguinte. E, na realidade, isso até nos convém, porque precisamos de continuar a falar sobre o casamento até engravidarmos; como tal, esperamos que a tua decisão egoísta de não celebrar o nosso amor com um trem de cozinha *Le Creuset* nos dê assunto suficiente para usar em todas as conversas até que possamos passar a falar em trimestres e partos na água; portanto, obrigado.

Passemos às bebidas! Todos os convidados receberão uma taça de champanhe/vinho branco espumante não identificado numa flute à chegada. Depois, teremos um bar pago, lamento. Tentámos esticar o orçamento de 75 mil libras de modo a incluir bebidas para cento e vinte pessoas, mas infelizmente não conseguimos. Raio de casamentos!

Seguem em anexo os pormenores de um hotel com pequeno-almoço incluído, extremamente inflacionado, que é altamente recomendado por todos nós – já lá fizemos muitos e encantadores almoços de domingo. Não

tens de ficar lá, podes ficar onde bem te apetecer na aldeia rural e remota onde nos vamos casar.

Aproveita e despacha-te com a reserva!

Então, vemo-nos lá. Ah, e a propósito, eu sei que todas as pessoas que tu conheces receberam um convite duplo porque todas estão em relacionamentos. E não, não conhecemos metade das caras-metades, apenas achámos que seria bom se elas tivessem alguém lá, tu sabes, porque as pessoas que estão numa relação gostam de estar juntas. Infelizmente, não podes contar com este género de apoio (☺) e terás de vir sozinha. Desculpa qualquer coisinha, é só por uma questão de números. Por favor, telefona ao irmão tarado do Jack porque acho que ele é o único outro convidado solteiro, pelo que talvez seja divertido apanhares um comboio e partilhares um quarto com ele! Embora ele talvez traga aquela francesa que conheceu naquela conferência, pelo que, talvez, seja melhor confirmares primeiro.

Indumentária: traje de passeio, seja lá o que isso for.

Como chegar lá: a igreja e o espaço da receção são totalmente pitorescos; como tal, gostaríamos muito de não ter carros no dia, já que não queremos estragar as fotografias nem a atmosfera tranquila. Recomendamos que apanhes um comboio em Londres – a estação mais próxima de Vale of Nowhere fica a trinta e cinco quilómetros. Tens uma empresa de táxis local para te levar à igreja, mas, por favor, liga com antecedência porque eles só dispõem de três veículos.

Outras formalidades: queremos que a onda do casamento seja muito descontraída; por isso, encorajamos um lançamento de confetes superdivertido à porta da igreja. **POR FAVOR, NÃO TRAGAS CONFETES.** Haverá um *Tupperware* próprio, **EM POSSE DA ALISON, MÃE DA NOIVA**, que passou os últimos quatro anos a secar pétalas de esporas-bravas, uma a uma, para esta ocasião. As esporas-bravas ficam ótimas nas fotografias, são mais baratas do que as pétalas de rosa, mas também são ecologicamente corretas – os confetes de papel perturbam a vida selvagem local e a organização da receção disse que, se **ALGUM PEDAÇO DE PAPEL** for encontrado no local, a receção será

imediatamente cancelada, a equipa do *catering* será obrigada a partir e a festa não terá lugar. Portanto, espera pela tua vez e terás direito ao teu PEQUENO PUNHADO de confetes (pequeno, por favor, queremos que todos tenham o seu quinhão) para atirares aos noivos quando eles entrarem no mundo como marido e mulher.

Por favor, escreve a tua música favorita no R.S.V.P. e o nosso DJ fará o possível para a passar, mas apenas se for *I Would Walk 500 Miles* dos Proclaimers ou *Umbrella* da Rihanna.

Temos um *hashtag* para as fotos do dia no Instagram que é «jemily2016». Queríamos ter apenas «jemily», mas, infelizmente, é o nome de uma marca de lubrificante pessoal, algo que descobrimos quando pesquisámos o *hashtag*, pelo que «jemily2016» terá de servir.

As crianças são bem-vindas!

Nada de *trajes informais* – sem gravata, sem entrada. É o nosso dia especial, não um jantar de críquete.

Se não puderes vir, não te preocupes, já que vamos fazer outra receção informal na cidade no mês que vem, para os nossos amigos londrinos menos próximos mas extremamente instagramáveis. Depois, no mês seguinte, vamos fazer outra cerimónia e festa na Áustria, de onde é originária uma grande parte da família do Jack. Depois, vamos ter uma bênção em Ibiza, numas férias em grupo para as quais todos serão convidados. Basicamente, o nosso casamento vai ser como uma banda em digressão durante o ano que vem, pelo que só tens de encontrar uma data que te convenha e ~~reservar um bilhete~~ aparecer.

Muitos beijos e abraços e estamos em pulgas para vos ver lá!

Jack & Emily xxx

P.S. – As nossas desculpas por terem tido que pagar para receber este convite, estávamos numa corrida contra o tempo quando os metemos no correio e comprámos os selos errados para o peso. Isto quer dizer que todos pagaram 0,79 libras, que serão reembolsadas à entrada. O irmão do Jack, Mark, ficou encarregado disto e estará de pé ao lado do arco de bucho. SEM RECIBO – SEM REEMBOLSO.

P.P.S. – Desculpem as lantejoulas em forma de coração que caíram do envelope e se espalharam pelo tapete que tinham acabado de aspirar hoje.

---

<sup>18</sup> London School of Economics. (*N. T.*)

## Hotel Desgosto

Acordei antes das sete da manhã com três chamadas não atendidas da Farly e uma mensagem a pedir para lhe ligar. Antes que tivesse tempo de marcar o número, ela já estava a telefonar outra vez. Soube logo que não podia ser coisa boa. Pensei nos dezoito meses anteriores desde a morte da Florence e no modo como a Farly se tinha afastado de todas as suas amigas mais íntimas e enterrara a dor na distância. Pensei nas minhas tentativas para a trazer de volta; para saber o que dizer para a acalmar. Pensei naqueles momentos em que nos ríamos de qualquer coisa e eu via um lampejo da antiga Farly, apenas para o riso se transformar em soluços e ela pedir desculpa por ter deixado de perceber como é que a mente e o corpo dela funcionavam. Egoísta, só consegui pensar uma coisa: «Não sei como é que vou ser capaz de a ajudar outra vez.» Respirei fundo e atendi.

«Dolly?»

– O que é que se passa?

«Não morreu ninguém», respondeu ela, notando o pânico na minha voz.

– OK.

«É o Scott. Acho que vamos acabar.»

Faltavam oito semanas para o casamento.

A Farly estava sozinha no apartamento deles quando cheguei uma hora depois; o Scott tinha ido trabalhar e ela tinha alguns dias de licença. Descreveu-me a conversa que tinham tido na noite anterior, palavra por palavra. Disse-me que tinha sido apanhada desprevenida – que agora o casamento era a menor das suas preocupações e que estava disposta a tudo para salvar a relação. O pai e a madrasta estavam de fim de semana na casa da Cornualha e decidimos ir até lá para que ela e o Scott pudessem ter algum tempo longe um do outro para pensar.

Planeámos o que ela lhe queria dizer pelo telefone. Ela perguntou-me se eu podia ficar por perto quando ligasse: estava nervosa e queria ter-me à vista

para se acalmar. Sentada no sofá enquanto ela andava de um lado para o outro e falava ao telefone, olhei em redor para a casa que eles partilhavam, para a vida que tinham construído juntos. Havia uma fotografia recente deles, num abraço muito afetuoso; uma fotografia deles durante as últimas férias com a Florence. O tapete cor de tijolo que eu tinha ajudado a escolher; o sofá onde nós três tínhamos bebido vinho tinto até de madrugada enquanto víamos os resultados das eleições na televisão. A gravura do Morrissey que tínhamos comprado para o noivado, pendurada na parede.

Ocorreu-me uma ideia estranha e difícil de encarar. Durante tantos anos, aquilo tinha sido tudo o que eu queria. Eu alimentara a esperança de que, a dada altura, um deles se havia de cansar do outro e, então, passaríamos a falar do Scott, *o Primeiro Amor*, e eu teria a minha melhor amiga de volta. Mas, agora, essa altura tinha chegado e eu não sentia senão uma tristeza profunda por ela. Eles tinham passado por tanta coisa juntos e eu queria desesperadamente que aquilo desse certo.

Todos tínhamos encarado o casamento da Farly e do Scott como uma espécie de massa tapa-tudo que havia de remendar o buraco que ficara naquela família. Sempre que a família dela ou qualquer um dos nossos amigos falava sobre o dia do casamento, todos concordávamos que havia de ser um dia cheio de felicidade e de uma tristeza inevitável, mas que havia de marcar definitivamente um novo capítulo na vida deles. Um começo e não um fim.

Depois da morte da Florence, eu assumira o meu papel de madrinha como se fosse tão importante como um título de cavaleiro. A AJ, a Lacey e eu organizámos uma despedida de solteira com a ambição e escala de uma Cerimónia Inaugural das Olimpíadas. Depois de meses e meses a implorar e negociar, um hotel de East London cedera-nos a sua sala de eventos no último andar, com vista para a cidade, por um preço bastante reduzido para fazermos um grande jantar. Reservei o London Gay Men's Chorus para cantar uma série de canções de temática matrimonial, todos eles com *t-shirts* com a cara da Farly impressa. Pedi a ajuda de um especialista para criar um coquetel chamado The Farly. Encomendei no eBay um homem em tamanho real, recortado em cartão, e coleilhe uma fotografia da cara do Scott, para

que as pessoas tirassem fotografias com ele. Gravei dezenas de mensagens de vídeo de gente a desejar-lhe boa-sorte no casamento, para apresentar durante a noite sob a forma de uma VT ao estilo *This Is Your Life*. Entre os eleitos estava o ator Dean Gaffney, da série *EastEnders* de 1990, dois membros do elenco de *Made in Chelsea*, o rapaz com quem ela tinha perdido a virgindade e o gerente da lavandaria que ela usava.

Regressei à conversa que ela estava a ter com o Scott.

– Talvez o casamento se tenha empolado – disse ela. – Percebes? Talvez tenhamos deixado que isto se descontrolasse. Talvez tenhamos que esquecer isto tudo e concentrar-nos em nós.

Naquele exato momento, recebi um *email* do gabinete do representante local da Farly.

Cara Dolly,

Obrigada pelo seu *email*. O Andy terá todo o gosto em ajudar – parece que você não se está a poupar a esforços para garantir que a sua amiga tem uma despedida de solteira muito especial! Será que pode aparecer no gabinete do Andy na segunda-feira às 11h30 para filmarmos?

Se não for conveniente, posso verificar a agenda dele para encontrar outro dia.

Melhores cumprimentos,

Kristin

Apaguei-o discretamente.

Fomos de carro até ao meu apartamento, meti algumas coisas num saco e enviei uma mensagem à India e à Belle para lhes dizer que a Farly estava com uma amigdalite e o Scott estava fora em trabalho, pelo que eu ia passar alguns dias com ela. Senti-me mal por mentir, mas, como ainda estava tudo no ar e nenhuma decisão final tinha sido tomada, era melhor manter as coisas vagas para que ela pudesse evitar quaisquer perguntas. Preparei uma mensagem de «fora em serviço», metemo-nos no carro dela e arrancámos para a Cornualha.

Era uma viagem que tínhamos feito juntas muitas vezes: M25, M4, M5. Para as férias na casa da Cornualha, para as viagens de verão quando tínhamos dezasseis e dezassete anos, e para as idas e vindas entre Londres e

a universidade quando estávamos em Exeter. A Farly tinha um sistema de classificação rigoroso para todas as áreas de serviço da autoestrada segundo a qualidade dos respetivos bares e cafés, e gostava de me testar quanto à sua ordem de preferência (Chieveley, Heston, Leigh Delamere).

Estranhamente, uma longa viagem de carro parecia ser exatamente o que precisávamos naquele momento. O carro dela era o lar da nossa relação de adolescentes. Nos anos em que eu estava tão desesperada para ser adulta, a carta de condução da Farly tinha sido o nosso passaporte para a liberdade. Tinha sido o nosso primeiro apartamento partilhado; o nosso abrigo do resto do mundo. Havia um mirante numa colina em Stanmore onde se podia ver a cidade cintilante como se fosse Oz. Íamos até lá depois da escola e partilhávamos um maço de *Silk Cut* e uma embalagem de *Ben & Jerry's* enquanto ouvíamos a Magic FM.

– O que é que tu vês quando olhas para aquilo? – perguntara-me ela uma vez, algumas semanas antes de acabarmos a escola.

– Vejo todos os rapazes por quem me vou apaixonar e os livros que vou escrever e os apartamentos em que vou morar e os dias e as noites que estão por vir. E tu?

– Algo completamente aterrorizante – tinha sido a resposta dela.

A viagem – cinco horas – pareceu ainda mais longa do que o habitual. Talvez porque não foi acompanhada por conversa nem rádio, nem pelos nossos CD riscados da Joni Mitchell, mas sim por um silêncio que não era um silêncio: eu podia ouvir o barulho no interior da cabeça da Farly. Tínhamos poisado o telemóvel dela no tabliê e estávamos ambas à espera que o Scott ligasse e dissesse que cometera um erro terrível. Sempre que o telemóvel se iluminava, os olhos dela desviavam-se rapidamente da estrada para o visor.

– Vê por mim – dizia ela rapidamente. Era sempre mais uma SMS de uma das nossas amigas, a desejar as melhoras da amigdalite e a perguntar se ela queria que aparecessem com sopa e revistas.

– Por favor – disse ela, conseguindo dar uma fraca gargalhada. – Eu e ele passámos os últimos seis anos a trocar mensagens constantes sobre as coisas mais mundanas e, agora, tudo o que mais desejo é ter notícias dele e tudo o

que recebo é um monte de mensagens de apoio por causa de uma doença que não existe.

– Pelo menos, sabes que gostam de ti – disse eu. Seguiu-se mais uma dose de silêncio inquieto.

– O que é que eu vou dizer a toda a gente? – perguntou ela. – A todos os convidados para o casamento...

– Ainda não tens de te preocupar com isso – disse eu. – E se essa situação se concretizar... não tens de dizer nada a ninguém. Podemos tratar de tudo por ti.

– Não sei como poderia sobreviver a isto sem ti. Desde que te tenha a meu lado, tudo se há de resolver.

– Estou aqui para o que for preciso – disse-lhe eu. – E não vou a lado nenhum. Estou aqui para sempre, amiga. E havemos de chegar ao lado de lá juntas, seja esse lado de lá o que for.

As lágrimas escorriam-lhe pela cara – ela sem tirar os olhos da escuridão da M5.

– Peço-te desculpa se alguma vez te fiz sentir que estavas em segundo lugar, Dolly.

Quando chegámos, pouco depois da meia-noite, o Richard e a Annie ainda estavam a pé à nossa espera. Fiz chá – durante a semana após a morte da Floss, tinha aprendido de cor como cada um preferia o seu: era a única coisa útil que eu podia fazer – e sentámo-nos no sofá a conversar sobre tudo o que havia sido dito e todos os possíveis desfechos.

A Farly e eu estávamos deitadas na mesma cama com as luzes apagadas.

– Sabes qual é a verdadeira tragédia disto tudo?

– Força – respondeu-me ela.

– Eu e a Lauren atinámos finalmente com todos os acordes e harmonias do *One Day Like This* para a cerimónia.

– Oh, eu sei; nem me fales nisso. Adorei aquela gravação que me mandaste.

– E o quarteto de cordas acabou de confirmar que podia fazer a introdução.

- Eu sei, eu sei.
- Talvez seja uma bênção disfarçada – disse eu. – Agora, acho mesmo que essa canção faz toda a gente pensar em clipes do *X Factor*.
- Vais perder dinheiro com a despedida de solteira?
- Não te preocupes com nada disso – respondi. – Logo se vê. – Silêncio na escuridão; esperei pela frase seguinte.
- Vá, desembucha – disse ela. – Tenho noventa por cento de certeza de que não vai acontecer; portanto, podes contar-me.
- Mas não te vai deixar triste?
- Não, até me vai animar.

Descrevi-lhe o fim de semana que tínhamos planeado para ela. Ao ouvir cada um dos pormenores absurdos, ela gemia como uma criança que acabava de perder um doce. Vimos no meu telefone os vídeos de toda a gente a desejar-lhe felicidades.

- Obrigada por teres planeado tudo isto – disse ela – Teria sido maravilhoso... eu teria adorado.
- Havemos de o fazer outra vez.
- Eu não volto a casar-me.
- Não sabes isso. E, mesmo que não cases, a preguiça há de levar-me a transferir estes planos todos para um aniversário. Hei de te oferecer um quadragésimo fantástico. – Ouvi a respiração dela tornar-se mais lenta, mais profunda: anos a partilhar uma cama e a implicar porque ela adormecia antes do fim de um filme significavam que eu sabia que ela estava quase a adormecer. – Acorda-me se precisares de mim – disse eu.
- Obrigada, Dolls. Às vezes, gostava que estivéssemos numa relação – disse ela, sonolenta. – Era tudo mais fácil.
- Pois, mas receio que não faças o meu género, Farly.

Ela riu-se e, passados alguns minutos, chorou. Afaguei-lhe as costas e não disse nada.

Os dias seguintes foram passados em longos passeios, a conversar repetidamente sobre os mesmos pormenores da última conversa deles, a tentar descobrir onde as coisas poderiam ter corrido mal. Fiz chá que ela

não bebeu, o Richard preparou refeições que ela mal comeu e vimos televisão enquanto ela olhava para o vazio. Passados uns dias, tive que voltar a Londres por causa do meu trabalho. Alguns dias depois, a Farly também voltou para a cidade, onde ela e o Scott combinaram encontrar-se no parque local, passear e conversar.

Na manhã do encontro, não fui capaz de me concentrar em nada e olhava para o meu telemóvel como se fosse um televisor, à espera de uma mensagem dela. Finalmente, passadas três horas, decidi ligar-lhe. Ela atendeu antes de o primeiro toque ter terminado.

«Acabou-se», disse ela apressadamente. «Diz a toda a gente que o casamento foi cancelado. Ligo-te mais tarde.»

A linha ficou em silêncio.

Liguei às nossas amigas mais chegadas, uma a uma, e expliquei o que tinha acontecido; a cada telefonema, cada uma ficava tão chocada como a anterior. Preparei uma mensagem cuidadosamente redigida a explicar que o casamento não ia para a frente e enviei-a a todos os convidados do lado da Farly. E pronto. Estava tudo acabado com uma mensagem copiada e colada num *email* e com algumas chamadas. O dia, aquele futuro, a história deles – tudo acabado. Fiz uma lista de todos os elaborados componentes da despedida de solteira, marcada para dali a menos de um mês, e cancelei tudo. Toda a gente a quem telefonei – que já sabia que o casamento tinha sido adiado um ano por causa de uma tragédia familiar – não foi capaz de me dizer mais nada, senão que lamentava imenso.

A Farly saiu do apartamento no dia da conversa e foi para casa da Annie e do Richard, a alguns quilómetros de distância. Fui até lá, o meu saldo de atitudes positivas completamente a zeros e as banalidades animadoras mais do que a descoberto.

– Sinto-me como se tivesse sido presa por uma coisa que não fiz – disse-me ela. – Parece que a minha vida está algures do lado de lá e que eu estou trancada do lado de cá, onde me dizem que essa vida está fora do meu alcance. Quero a minha vida antiga de volta.

– Hás de chegar lá. Não há de ser assim para sempre, juro.

– Estou amaldiçoada.

– Não – disse eu. – Não estás amaldiçoada. Tiveste um azar terrível, medonho e insuportável. Tiveste mais trevas em dezoito meses do que muita gente numa vida inteira. Mas tens tanta luz pela frente... tens de te agarrar a isso.

– Foi o que toda a gente me disse depois da morte da Florence. Acho que não sou capaz de aguentar muito mais.

Com o incentivo de todos, a Farly voltou ao trabalho imediatamente e as nossas amigas puseram em marcha uma verdadeira operação militar que consistia em mantê-la distraída e ativa. Embora não tivéssemos passado tanto tempo juntas desde a adolescência, eu ainda lhe mandava um cartão quase todos os dias para que ela tivesse qualquer coisa simpática à espera quando chegasse a casa. As madrinhas levaram-na para um fim de semana de vinho e culinária no campo, no que deveria ter sido a despedida de solteira. Reservei umas férias na Sardenha para a semana do casamento. Revezámo-nos todas para passar a noite com ela depois do trabalho durante o mês que se seguiu à separação: não houve uma em que pelo menos uma de nós não estivesse lá. Às vezes, conversávamos sobre o que estava a acontecer e às vezes limitávamo-nos a ficar sentadas, a comer *takeaway* libanês e a ver programas da treta na televisão. Quem ia lá a casa enviava uma mensagem às outras quando voltava para casa, a dizer-nos como ela estava e a confirmar quem seria a próxima. Éramos um círculo de guardiãs; enfermeiras de turno. O nosso estojo de primeiros-socorros eram *Maltesers* e episódios de *Gogglebox*.

Foi nesta época que me lembrei da cadeia de apoio que mantém um doente à tona – a pessoa no centro de uma crise precisa do apoio da sua família e dos seus melhores amigos, enquanto estas pessoas precisam do apoio dos seus amigos, parceiros e familiares. Depois, até estas pessoas que apoiam quem apoia também podem precisar de falar com alguém sobre o que estão a passar. É necessária uma aldeia para consertar um coração partido.

Fui com a Farly ao apartamento e esperei no carro enquanto ela recolhia mais coisas e tinha uma conversa final com o Scott. O apartamento foi posto à venda. A Farly transferiu tudo para o seu quarto de infância: agora, era um

lugar algo mais do que temporário, mas menos do que para sempre.

O primeiro momento em que qualquer uma de nós vislumbrou um vestígio da antiga Farly foi num domingo completamente desastroso em que arrastei as minhas amigas para uma sessão de fotografias de um jantar simulado. Destinava-se a um artigo que eu tinha escrito para a secção de cultura de um semanário, sobre a morte do jantar tradicional, e o editor queria uma foto minha «a receber convidados» no meu apartamento. Eu tinha-lhe dito que não tinha amigos homens disponíveis naquele dia e ele, relutante, aceitara uma reunião só de mulheres. Todavia, quando chegou, o fotógrafo parecia ter novas instruções: tinha de se certificar de que havia homens na fotografia.

A Farly, que não parava de dar no vinho branco desde que chegara ao meio-dia, foi bater de porta em porta na minha rua, a ver se encontrava um vizinho disponível, mas em vão. Entretanto, a Belle e a AJ foram até ao nosso *pub* local, entraram, pediram a atenção de todos e anunciaram que estavam à procura de um punhado de homens para serem fotografados em troca de cordeiro assado e de uma fotografia no jornal.

– Se vos parece que podem estar interessados – berrou a Belle –, estamos lá fora à espera no *Seat Ibiza* vermelho.

Cinco minutos depois, um grupo de homens suados e embriagados, com os seus trinta, quarenta anos, saía do *pub* e entrava no carro.

Quando já estávamos todos enlatados à volta da mesa, a trocar brindes e a tentar parecer que éramos velhos amigos, tornou-se claro que um dos cavalheiros estava bem mais bêbedo do que os restantes, a comer o cordeiro com as mãos, como um imperador romano. O fotógrafo estava em pé numa cadeira para conseguir apanhar todos na minha sala bastante apertada; uma lâmpada fundiu-se e um dos homens começou a gritar por mais vinho. Mais parecia um daqueles filmes mudos, com toda a gente a correr de um lado para o outro e coisas a partirem-se por toda a parte.

– Isto é um desastre – disse eu baixinho a uma delas.

– Ah, não me parece que seja um desastre, DE MANEIRA NENHUMA – disse a Farly, bêbeda. – Fui rejeitada pelo meu namorado de há sete anos no mês passado: isto não é nada! – O fotógrafo olhou para mim sem saber o

que fazer e até o imperador bêbedo parou de mastigar. – Saúde! – disse ela alegremente, de copo erguido.

Depressa aprendemos a lidar com este tipo de piada-bomba-suicida que se tornou uma peça habitual nas nossas conversas com a Farly. Não podíamos entrar na palhaçada porque não sabíamos onde o humor negro mudava de cor e passava a ser crueldade; mas também não podíamos ignorar. Como tal, limitávamo-nos a rir às gargalhadas.

Partimos para a Sardenha alguns dias antes do que teria sido o casamento da Farly. Aterrámos tarde e seguimos para o noroeste da ilha no nosso carro alugado e sem seguro, percorrendo cautelosamente as sinuosas estradas costeiras ao som do mesmo álbum da Joni Mitchell que tínhamos ouvido na nossa primeira viagem de carro há mais de dez anos – numa época em que uma relação parecia ser a coisa mais risivelmente fora de questão, quanto mais um casamento cancelado.

Ficámos num hotel bastante básico que tinha piscina, um bar e um quarto com vista para o mar – era tudo o que queríamos. A Farly – aquela que adorava a escola e se tornara professora – é e sempre foi uma criatura de rotinas e não demorámos a criar uma só nossa. Acordávamos cedo todas as manhãs, íamos direitas à praia, onde fazíamos algum exercício sob a luz branca e intensa do sol matinal; depois, nadávamos no mar antes do pequeno-almoço. Bem, eu nadava. A Farly sentava-se na areia a ver. Uma coisa na qual a Farly e eu menos nos entendemos é a questão da natação ao ar livre: eu dispo-me para um mergulho mal vejo um pouco de água; já a Farly é do género que só entra numa piscina cheia de cloro.

– Anda lá! – gritei eu na praia certa manhã, quando o mar estava tão calmo e tépido como uma banheira. – Tens de entrar! Está tão bom.

– Mas... e se houver peixes? – gritou ela em resposta com uma careta.

– Não há peixes nenhuns! – berrei. – Pronto... talvez haja alguns.

– Tu sabes que eu tenho medo de peixes – gritou ela de volta.

– Como é que podes ter medo deles se os comes?

– Não gosto da ideia de os ter a nadar por baixo de mim.

– Que conversa tão suburbana, Farly – gritei eu. – Não vais deixar que a

vida te passe ao lado porque só fazes compras em centros comerciais porque tens medo que a chuva te estrague o penteado e porque só nadas em piscinas porque tens medo dos peixes!

– Nós *somos* suburbanas, Dolly. É o que nós somos, literalmente.

– Anda lá! Isto é natural! É a piscina de Deus! É curativa! Deus está no oceano!

– Se há uma coisa de que eu tenho a certeza – ela levantou-se e limpou a areia das pernas – é de que Deus não existe, Doll! – gritou ela alegremente enquanto entrava no mar.

Passávamos a manhã toda a ler os nossos livros e a ouvir música; depois, tomávamos a nossa primeira bebida ao meio-dia. Dormíamos a tarde toda ao sol, depois tomávamos um duche e levávamos o nosso bronze a jantar na cidade. Depois, voltávamos para o hotel, tomávamos *Amaretto Sours* no terraço sob o calor denso da noite, e jogávamos às cartas e escrevíamos postais já meio tocados às nossas amigas.

No dia do casamento, a Farly já estava acordada antes de eu me levantar. Estava a olhar para o teto.

– Estás bem? – perguntei eu assim que os meus olhos se abriram.

– Sim – respondeu ela, virando-se para o outro lado e puxando a coberta.

– Só quero que o dia de hoje acabe.

– Hoje vai ser um dos dias mais difíceis – disse eu. – Depois, acabou-se. À meia-noite, está feito. E nunca mais terás que voltar a passar por isto.

– Sim – disse ela baixinho. Sentei-me aos pés da cama dela.

– O que é que te apetece fazer hoje? – perguntei. – Reservei um restaurante para esta noite que tem aquele género de críticas brilhantes de cinco estrelas no Trip Advisor, daquelas com grandes planos repugnantes da comida, como se fosse um local do crime.

– Parece-me bem – disse ela com um suspiro. – Acho que só me apetece ser uma gaja bem básica e ficar deitada numa espreguiçadeira.

Passámos a maior parte do dia em silêncio, a ler os nossos livros e a partilhar os auriculares para ouvirmos os mesmos *podcasts*. De vez em quando, ela olhava em volta e dizia qualquer coisa do género: «A estas horas, eu estaria a

tomar o pequeno-almoço com as minhas madrinhas» ou «provavelmente, estaria a vestir o meu vestido de noiva.» A meio da tarde, agarrou no telemóvel para ver que horas eram.

– Dez para as quatro em Inglaterra. Dentro de exatamente dez minutos, eu estaria a casar-me.

– Sim, mas pelo menos estás aqui a apanhar banhos de sol na bela Itália e não a boiar num lago qualquer com o teu pai no chuvoso Oxfordshire.

– Eu não ia *mesmo* chegar de gôndola – disse ela, exasperada. – Apenas te falei nisso como uma possibilidade porque a organização disse que algumas das outras noivas o tinham feito.

– Mas pensaste nisso, admite.

– Não pensei, não.

– Pensaste, sim, porque quando me falaste nisso percebi na tua voz que estavas à espera que eu dissesse que era uma ideia fantástica.

– Não estava, não!

– Havia de ter sido tão constrangedor, toda a gente a olhar para ti e tu a boiar num lago, metida num vestido enorme. Depois, alguém a puxar-te para fora do barco, o marinheiro à toa, sem saber o que fazer com os remos.

– Não havia marinheiro nenhum – corrigiu ela com um suspiro. – E não tinha remos.

Fui ao bar e pedi uma garrafa de *prosecco*.

– Certo – disse eu enquanto servia o espumante gelado em flutes de plástico. – Por esta altura, estarias a dizer os teus votos. Acho que devíamos fazer isso.

– E a quem?

– A nós mesmas – respondi. – E uma à outra.

– OK – disse ela, prendendo os óculos de sol no alto da cabeça. – Tu primeiro.

– Eu prometo não julgar a forma como vais reagir a tudo isto quando voltarmos para casa – disse eu. – Se quiseres ter uma fase da pesada, com anfetaminas e sexo casual, tudo bem. Se te trancares em casa durante um ano, tudo bem também. Tens o meu apoio, fazas o que fizeres, porque nem consigo imaginar o que deve ser perder as pessoas que tu perdeste.

– Obrigada – disse ela, tomando um gole do seu *prosecco* e parando para pensar. – Eu prometo que te hei de deixar crescer, sempre. Nunca te hei de dizer que sei quem realmente és só porque nos conhecemos desde miúdas. Sei que estás a passar por uma fase de grandes mudanças e só e sempre te hei de encorajar.

– Essa saiu-te bem – disse eu, batendo-lhe na flute com a minha. – OK, prometo avisar-te sempre que tiveres qualquer coisa presa nos dentes.

– Oh, sempre.

– Em especial, à medida que formos envelhecendo e as nossas gengivas começarem a recuar. É nessa altura que as verduras ficam mesmo agarradas.

– Não me deixes mais deprimida do que já estou – disse ela.

– Um voto a ti mesma; vá!

– Prometo nunca me esquecer das minhas amigas se me apaixonar outra vez – disse ela. – Nunca me hei de esquecer do quanto vocês são importantes nem do quanto precisamos umas das outras.

Naquela que teria sido a noite do copo-de-água da Farly para mais de duzentas pessoas, apanhámos um táxi até ao restaurante no alto de uma colina com vista para o mar.

– Agora, estarias a botar discurso – disse-me ela. – Chegaste a escrevê-lo?

– Não – respondi. – Sempre que estava mais tocada e dada às emoções, tomava nota de algumas ideias no meu *iPhone*. Mas ainda não o tinha escrito.

– Sempre gostava de saber se teria passado o dia todo feliz ou se teria achado alguma parte stressante.

Pensei num artigo que tinha lido sobre a morte prematura, isto depois da morte da Florence: uma daquelas conselheiras sentimentais aconselhava um pai enlutado a não pensar na vida que o seu filho adolescente teria tido se não tivesse morrido num acidente de automóvel. Esta fantasia, dizia ela, era um exercício de tortura e não de consolo.

– Sabes, a vida que ias ter com ele não está a acontecer noutra lugar qualquer – disse-lhe eu. – Não existe numa outra dimensão. A tua relação com aquele homem durou sete anos. Foi assim e foi o que foi.

– Eu sei.

– A tua vida é aqui, agora. Não vais viver uma cópia decalcada em papel vegetal.

– Sim, imagino que é melhor não me perder a pensar no que podia ter sido.

– Não penses nisso como se fosse o filme *Instantes Decisivos*.

– Adoro esse filme.

– E graças a Deus não é porque ninguém podia ficar bem com aquele corte de cabelo que a Gwyneth Paltrow tinha nele.

– Eu havia de parecer a Myra Hindley<sup>19</sup> – disse ela num tom indiferente ao mesmo tempo que pedia outra garrafa de vinho. – Tu tinhas dúvidas a respeito de mim e dele?

– Queres uma resposta sincera?

– Claro que sim – respondeu ela. – Seja como for, agora não faz diferença e eu gostava de saber.

– Sim – disse eu. – Passei a gostar mesmo muito dele e, mais tarde, acreditava num futuro em que tu poderias ser muito feliz. Mas, sim; sempre tive dúvidas.

Ela olhou para o sol poente, instalado no horizonte do Mediterrâneo azul-profundo como um pêsego perfeito em equilíbrio numa aresta.

– Obrigada por nunca mo teres dito.

O mar engoliu o Sol e o céu transformou-se lentamente em azul-escuro e depois em noite, como se algures, oculto, existisse um daqueles reguladores da intensidade da luz. Nunca voltaria a existir um dia tão difícil como aquele.

Depois de uma semana juntas, seguimos para outra cidade costeira onde a Sabrina e a Belle se juntaram a nós. As férias continuaram num registo semelhante: bebíamos *Aperol*, jogávamos às cartas, ficávamos deitadas na praia. Certa manhã, a Belle e eu saímos do apartamento às seis, despimo-nos na praia e nadámos nuas à luz do nascer do sol. A Farly teve dias bons e dias de silêncio durante a nossa última semana, o que era de esperar. Todas nós nos fartámos de conversar sobre o que tinha acontecido – algo que era, afinal, o motivo daquelas férias. Mas ela também começou a falar sobre o futuro e não sobre o passado: onde ia viver, como ia ser a sua nova rotina.

Durante aqueles quinze dias, parecia que estava a livrar-se de uma das suas peles de melancolia, como uma serpente. Uma noite, chegou a ficar tão bêbeda – mais ainda do que durante a nossa adolescência – que começou a meter-se com o gerente de um restaurante local que parecia um John Candy italiano de sessenta e poucos anos: sem dúvida, o rito de passagem mais identificável, daqueles que indicam que entraste numa nova fase de recuperação de uma separação.

As coisas pareciam muito diferentes quando voltámos para Londres. O vigésimo nono aniversário dela assinalava três meses desde aquela manhã em que eu tinha acordado com três chamadas não atendidas. Parecia um marco e comemorámo-lo apropriadamente: fomos jantar a um dos nossos *pubs* favoritos e depois fomos dançar. Ela usou o vestido que eu lhe tinha comprado para a despedida de solteira que nunca aconteceu. Era preto e cavado em ambos os lados e revelava uma tatuagem feita aos dezanove anos – um erro desastroso e impulsivo que ela cometera em Watford. Duas estrelinhas – uma cor-de-rosa e a outra num amarelo irrefletido («Uma judia com uma estrela amarela tatuada! Olha que francamente!» tinha dito a mãe dela, desesperada).

Na tarde do aniversário, ela foi a outro estúdio de tatuagem para corrigir aquele erro de uma década antes. Mandou preencher as estrelas com tinta preta. Acrescentou um «F» de Florence ao lado de uma delas e um «D» ao lado da outra. Uma recordação de que, independentemente do que possamos perder, por mais incerta e imprevisível que a vida possa ser, algumas pessoas fazem realmente o caminho a teu lado para sempre.

---

<sup>19</sup> Referida pela imprensa como «a mulher mais malvada de Inglaterra», Myra Hindley (1942-2002) foi, juntamente com Ian Brady (1938-2017), responsável por aqueles que ficaram conhecidos como «The Moors Murders», praticados em 1963-65, cujas cinco vítimas, de ambos os sexos, tinham entre os 10 e os 17 anos, quatro delas revelando sinais de terem sido sexualmente abusadas. (N. T.)

## Fui guruada

No princípio do verão do desgosto amoroso da Farly, pediram-me para escrever um primeiro artigo para uma revista sobre os perigos de só pensarmos em agradar aos outros. O editor para quem eu estava a trabalhar sugeriu-me que falasse com um homem que tinha escrito um novo livro sobre o tema. O nome dele era David e estava quase nos cinquenta; era um ator que passara a escritor. Pesquisei-o no Google antes de falarmos pelo telefone e reparei que ele também era muito bem-parecido: pele morena, cabelo grisalho e olhos castanhos e doces. O editor dele mandou-me um PDF do livro e foi uma leitura frustrantemente brilhante. O trabalho dele concentrava-se na necessidade de validação do ser humano e em como esta necessidade impede a felicidade. Ao ler aquilo, pareceu-me que algo – ou alguém – me tinha agarrado pelos ombros com um par de mãos fortes e de confiança, e me tinha dado um valente e bastante necessário abanão.

Trocámos *emails* durante algum tempo e depois combinámos uma hora para falar. A voz dele era profunda e suave; muito mais pronunciada e teatral do que eu imaginara. A onda dele parecia ser a de um *hippie*, mas falava como um membro da RSC<sup>20</sup>. Fiz-lhe perguntas sobre o livro e sobre as coisas que realmente me tinham impressionado; ele disse-me que, quando somos pequenos, somos constantemente instruídos no sentido de conter o nosso comportamento. Explicou que ouvir que não devemos ser mandões, que não devemos dar nas vistas nem exhibir a nossa inteligência – tudo isto ergue barreiras em torno de certos recantos de quem somos, pelo que temos receio de os visitar quando somos adultos. Em vez disso, escondemos essas partes de nós mesmos, os cantos escuros ou espalhafatosos ou excêntricos ou torcidos, com medo de que não gostem de nós. Essas partes de nós mesmos, defendia ele, eram as mais bonitas.

Como o artigo era escrito segundo uma perspetiva pessoal, tivemos que falar sobre as minhas experiências. Eu disse-lhe que tinha começado a

consultar uma terapeuta naquele ano.

«O perigo de alguém como você fazer terapia é que você parece inteligente», disse-me ele. «Há de perceber a teoria de tudo isto com muita facilidade. Poderá ser uma académica a respeito de si mesma em qualquer conversa. Mas, sabe, por mais que fale, só poderá ir até certo ponto. Você tem realmente de a sentir no seu âmago, essa mudança. Não pode ser apenas uma coisa que você discute com um terapeuta. Tem de a sentir no seu corpo», a voz dele tornou-se mais lenta, «tem de a sentir na parte de trás dos joelhos, nas entranhas, nos dedos dos pés, na ponta dos dedos das mãos.»

– Hmm – disse eu num tom de concordância.

Conversámos durante cerca de quarenta e cinco minutos, passando de trechos do livro à investigação e ao trabalho que ele tinha desenvolvido durante anos e às minhas próprias experiências. Ele falou comigo diretamente, sem formalidades nem cortesia. Senti-me como se ele tivesse de alguma forma ido direito ao meu equador interno, apenas por meio de um telefonema.

«Belisque essa sua bochechinha», disse ele como se me conhecesse há anos. «Você não precisa de outra pessoa para lhe dizer o que fazer ou quem ser. Agora, você é mãe de si mesma. Tem que dar ouvidos ao que você quer.»

– Hmm – consegui eu dizer novamente.

«E durante todos os dias do resto da sua vida, quero que leve essa tarefa a sério.»

– Mas e quanto a ser apropriado? Como é que isso funciona quando estamos sempre a ser nós mesmos?

«Você já se apaixonou por um homem porque ele é apropriado?»

– Bem... não.

«Oooh, aquele Greg», disse ele com uma voz lasciva. «Ele excita-me, ele é tão deliciosamente *apropriado*.»

– Não, não – disse eu a rir. – Não estou interessada em apropriado. Trevas, arestas e recantos: é lá que se encontra o tesouro enterrado. Que se lixe o apropriado.

Senti-me como se ele me estivesse a arrastar a asa, mas não tinha como saber se ele estava a falar comigo de uma forma tão íntima apenas para

garantir umas boas citações no artigo. No fim da nossa conversa, estávamos num registo geral que não se parecia em nada com uma entrevista. Percebi que ele também queria que eu lhe desse a perceber se estava numa relação, mas mantive esta informação vaga. Ele disse-me que achava que uma sessão com ele me poderia ser útil.

«Sinto que você é capaz de mostrar-se toda a alguém sem medo de ser julgada», disse-me ele, «a sua intimidade havia de furar o teto.»

– Sim, isso sempre foi um grande problema para mim – disse eu. – A intimidade.

«Eu sei; consigo sentir isso em si.» Um súbito silêncio entre nós. Talvez fossem balelas de guru; talvez tudo o que eu sempre tinha calcado dentro de mim fosse muito mais visível do que eu pensava.

– Hmm – disse eu ainda mais uma vez.

«Espero que você tenha alguém na sua vida que realmente a saiba amparar, Dolly.»

– Tenho uma terapeuta – respondi.

«Não foi isso que eu quis dizer», disse-me ele.

Saí do meu apartamento e franzi os olhos como se tivesse acabado de acordar.

– Acabei de ter uma conversa extraordinária – disse eu à India e à Belle, que estavam a apanhar banhos de sol no nosso jardim.

– Com quem? – quis saber a India, tirando os auriculares.

– Aquele tipo para o artigo... aquele guru.

– O que é que ele disse?

– Não sei, foi como se ele estivesse a falar com alguma coisa dentro de mim, uma coisa com a qual nunca ninguém tivesse falado; foi como se algo tivesse bocejado e acordado pela primeira vez.

– É o que eles fazem, não é; fazem-te pensar que é um poder que eles têm – disse a India num tom lúgubre, virando-se de papo para o ar. – Eu não era capaz de confiar em alguém que se autointitulasse um guru.

– Para sermos justas, ele não diz que é um guru – disse eu. – Mas todos os outros dizem que sim.

– OK, sempre é melhor – disse ela.

– É um pouco como ser um «ás» – continuei. – Ou um «magnata». Tens que esperar que sejam os outros a dizê-lo, acho eu. Não o podes dizer a respeito de ti mesma. – Despi a blusa e juntei-me a elas nas toalhas que tinham estendido no relvado.

– Conseguieste o que querias dele? – perguntou-me a Belle.

– Sim – respondi. – Ele foi um excelente entrevistado. – Fechei os olhos e deixei o intenso sol inglês dar-me um raro abraço. – Jesus, não vou conseguir deixar de pensar nele.

– Tipo, com sexo à mistura? – quis saber a India.

– Não, penso que não. Mais do tipo quero-comer-te-a-alma. Só quero ficar a saber tudo sobre ele, quero ouvir tudo o que ele tem a dizer.

– Pede-lhe o número de telefone – sugeriu ela.

– Já o tenho. Acabei de o entrevistar via telefone.

– Ah, pois – disse ela. – Então, manda-lhe só uma SMS.

– Não posso «mandar só uma SMS» a alguém que entrevistei para um artigo.

– Porque não? – perguntou a Belle.

– Porque não seria apropriado – respondi, a pensar nestas palavras. – Mas quem é que se apaixona pelo que é apropriado?

Voltei a ouvir a gravação naquela noite quando já estava deitada, as palavras dele a ressaltar dentro de mim como uma bola de pingue-pongue. Na manhã seguinte, escrevi o artigo, enviei-o ao editor e nunca mais pensei nele.

Um par de meses depois, cheguei tarde a casa depois de uma festa e recebi uma mensagem do David via WhatsApp. Dizia-me que estava de férias em França e que tinha acabado de dar um longo passeio sob as estrelas; de repente lembrara-se da nossa entrevista e de que não a tinha visto em lado nenhum.

«É obviamente o meu narcisismo a falar. Quando é que o artigo sai?»

«Não tem nada de narcisista», respondi. «Foi retido por causa de um imprevisto, lamento. Envio-lhe uma mensagem no dia em que sair, no mês

que vem. Posso mandar-lhe um exemplar se não estiver em Inglaterra.»

«Já estarei de volta por essa altura. Tudo bem consigo?» perguntou ele. «Você parecia estar à beira de qualquer coisa da última vez que falámos.»

«Continuo à beira de qualquer coisa», tecliei. «Continuo a tentar mudar para um paradigma diferente. Canja. E consigo?»

«O mesmo.»

Disse-me que tinha acabado há poucas semanas uma relação de muito longa duração. Era a solução correta: uma separação amigável e de mútuo acordo. Disse-me que às vezes uma separação não é mais do que um alívio para ambas as partes: como um aparelho de ar-condicionado que finalmente é desligado, de cujo zumbido baixo e constante só nos apercebemos quando tudo fica em silêncio.

Teclámos durante horas naquela noite, a conhecer os fundamentos um do outro que não tínhamos ficado a conhecer na nossa primeira conversa. Ambos tínhamos crescido em North London, ambos tínhamos frequentado colégios internos conservadores, e era por isso que ele tinha uma voz que, desconfio, detestava tanto como eu detestava a minha. Ele era pai de quatro filhos – dois rapazes, duas raparigas – e era obviamente muito dedicado a todos eles. Eu sabia identificar à léguas um homem que usava os filhos como linha de engate: este não era o caso. Ele conhecia cada ínfimo pormenor do carácter, das paixões, dos sonhos e da vida diária de cada filho e falava sobre todos eles com um genuíno fascínio e dedicação.

Conversámos sobre música, letras de canções. Eu disse-lhe que o meu cantor favorito era o John Martyn, que a música dele tinha sido o único caso de amor que eu tivera com um homem durante mais do que um par de anos. Ele contou-me que tinha comprado uma das guitarras do John Martyn à ex-mulher dele e disse-me que eu podia ficar com ela, se quisesse, visto que dava para perceber o quanto estava fascinada com a música dele. Conversámos sobre um livro que ambos tínhamos lido e que me transformara numa vegetariana: ficámos ambos furiosos com as mesmas estatísticas e os mesmos trechos. Falámos das nossas férias de infância em França. Falámos dos nossos pais. Falámos da chuva. Eu disse-lhe o quanto adorava; mais do que o céu azul e o Sol. Disse-lhe que a chuva sempre me

tinha mimado e acalmado – que em criança eu perguntava à minha mãe se podia sentar-me no porta-bagagem do carro dela estacionado à porta enquanto chovia. Disse-lhe que, quando li na autobiografia do Rod Stewart que ele ia para o meio da rua com os braços estendidos quando chovia uma vez por ano em Los Angeles, tudo porque sentia tanto a falta dela, percebi que nunca havia de sair de Inglaterra. Despedimo-nos às três da manhã.

Na manhã seguinte, acordei a sentir que estava a recuperar de um sonho muito vívido. Mas não: havia uma nova mensagem do David no meu telemóvel, à espera debaixo da minha almofada como uma moeda cintilante deixada pela fada dos dentes.

«Acordou-me por volta das cinco da manhã», dizia ele.

«Como assim?» respondi eu. Ele mandou-me uma gravação do som da chuva, forte e depois suave, na janela do quarto dele.

«Eu sou a chuva?» perguntei, deixando o meu batido cinismo em espera de uma forma que se tornaria característica das nossas interações.

«Sim, é», respondeu ele. «Senti-a mais perto de mim.»

Tive que falar do David às minhas amigas porque estava sempre com ele ao telefone. Trocávamos mensagens desde que acordávamos até ao momento em que nos deitávamos. Eu reservava cerca de cinco horas do dia para trabalhar, comer e lavar-me, mas, mesmo naquelas janelas de tempo forçadas, estava a pensar nele. Fui almoçar com a Sabrina e ela disse-me que dava para perceber que eu não tirava os olhos do ecrã do telemóvel.

– Pronto, chega de telefone – disse-me ela.

– Eu não estou a olhar para o telefone! – protestei eu, na defensiva.

– Podes não estar fisicamente, mas dá para ver que só consegues pensar em falar com ele.

– Não; não é nada disso.

– É, sim; é como se eu tivesse vindo almoçar com a minha filha de treze anos, que só quer voltar para o MSN Messenger para falar com o namorado estrangeiro do intercâmbio de estudantes.

– Desculpa – disse eu. – Não estou a pensar nele, juro. – O meu telefone iluminou-se.

– O que é que ele te mandou? – perguntou ela, a olhar para o ecrã.

Mostrei-lhe a imagem de uma elaborada ilustração de um leão.

– Ele acha que o meu espírito interior é um leão.

A Sabrina pestanejou várias vezes, desconcertada.

– Bem, parece-me que não devemos estar de acordo em muita coisa, eu e esse teu novo namorado – disse ela sem qualquer pejo.

– Não, nada disso. Ele não é um guru sério e sem humor; é muito divertido.

– OK, mas vê lá se te acalmas com essas mensagens – disse ela. – Por favor. Por ti. Vais estragar essa relação antes sequer de ter começado. Mais parece que ele é um Tamagotchi humano.

– Mas ele vai estar três semanas em França – disse eu. – Não vou ficar sem falar com ele até que volte.

– Oh meu Deus, aposto que ele te disse que apanhasses um avião para lá, não foi? – perguntou ela, a abanar a cabeça. – Porque é que é sempre tudo *tão extremo* contigo e com os homens?

– Então... até parece que eu vou – disse eu. Mas não lhe disse que tinha dado uma vista de olhos aos voos, só por curiosidade.

As minhas amigas, cobertas de razão, achavam que eu estava doida por me ter deixado apanhar tão depressa por alguém que não conhecia. Mas também estavam acostumadas – eu com um novo interesse amoroso sempre tinha sido como uma criança gulosa a desembrulhar um brinquedo no dia de Natal. Rasgava a caixa, ficava frustrada enquanto não o conseguia pôr a funcionar, brincava obsessivamente com ele até o estragar, depois largava os pedaços de plástico partido no fundo de um armário no dia seguinte.

Mandei por *email* à Farly a gravação da entrevista original com o David.

«Ouve isto», escrevi. «Vais perceber porque é que pareço uma maluca por causa deste homem.» Uma hora depois, recebi um *email* de resposta: «OK, percebo porque é que pareces uma maluca por causa desse homem.»

Uma semana depois de começarmos a trocar mensagens, falámos pelo telefone. Alterada a dinâmica entrevistadora-entrevistado, tudo parecia diferente da última vez que tínhamos conversado, meses antes. Era tarde e não havia barulho; eu podia ouvir a respiração dele e os grilos no campo francês. Fechei os olhos e quase o consegui sentir a meu lado, a magia

daquela estranha intimidade que tínhamos criado na semana anterior.

«É fantástico estarmos a conhecer-nos assim antes de nos encontrarmos», disse ele. «A Shelley Winters dizia: “Quando quiseres casar com alguém, vai almoçar com a ex-mulher dele.”»

– Está a sugerir que eu vá almoçar com a sua ex-mulher antes de almoçar consigo?

«Não, eu só acho que as pessoas fazem uma autopromoção tão editada num primeiro encontro que não conseguimos ver realmente quem elas são.»

– Sim, imagino que seja tarde de mais para um discurso de autopromoção quando nos encontrarmos.

Passou-se mais uma semana, milhares de mensagens, dezenas de chamadas. Ele tornava-se cada vez mais fascinante para mim e eu queria saber o que ele pensava sobre tudo. Não havia pormenores que fossem poupados: eu deixava-me seduzir pelas minúcias do nosso diálogo. A respeito de qualquer coisa em que eu estivesse interessada, ele tinha algo novo a dizer. Sentir em mim a luz do interesse daquele homem fazia-me sentir energizada e nova. Um dia não tinha horas suficientes para falar com o David. Eu precisava de mais, mais e mais.

Em breve, as mensagens e os telefonemas já não chegavam. Enviávamos o nosso trabalho um ao outro. Ele mandava-me capítulos inéditos do seu novo livro; eu mandava-lhe rascunhos de artigos e argumentos. Falávamos das coisas que não tínhamos como saber quando conversávamos e procurávamos fotos no Google: as minhas unhas estavam sempre roídas porque eu era muito ansiosa, as pontas dos dedos dele eram ásperas por causa da guitarra. Eu via com particular concentração curtas-metragens em que ele tinha aparecido; achava-o um génio e dizia-lho, tomando nota de frases que me tinham impressionado e telefonando-lhe depois para falar sobre elas.

«Vá ver a Lua», disse ele noite avançada quando estávamos ao telefone. Calcei um par de ténis e vesti um casaco por cima da minha *t-shirt* e cuecas. Fui até ao fim da minha rua e entrei em Hampstead Heath. Ele falou-me de uma mulher desgrehada com quem tinha andado: ela vivia em Highgate e tinha-lhe dado trinta segundos de avanço em Hampstead Heath, à noite,

antes de largar a correr atrás dele. Tinham feito sexo na floresta, de pé contra um carvalho. Sentei-me num banco com vista para o horizonte urbano, estiquei as pernas nuas sob a luz da Lua e falei-lhe de outro banco que tinha visto ali e que me deixara em lágrimas ao ler o tributo talhado nele. O banco situava-se no prado junto ao Ladies' Pond, onde eu nadava durante todo o verão, e o tributo era dedicado à memória de Wynn Cornwell – uma mulher que ali tinha nadado até aos 90 anos.

– Diz: «Em memória de Wynn Cornwell, que nadou aqui durante mais de cinquenta anos, e de Vic Cornwell, que esperou por ela.» Ele devia ficar junto ao portão enquanto ela nadava, todos os dias. Não é tão bonito?

«Sabe...», começou ele.

– O quê?

«Nada.»

– Não, continue; diga-me.

«Você é uma rapariga tão fascinante. Sob muitos aspetos, é um livro aberto. Porquê essa pose petulante do género “estou numa ilha”?»

– Se o faço, não é intencional; não é uma afetação consciente.

«Talvez você não sinta que pode ter uma vida assim, mas pode. Pode ser sua se a quiser.»

– Posso deixar-me comover por alguma coisa e não saber se quero essa coisa para mim – disse eu. – E, seja como for, sou uma sentimentalona. Tipo, todos os anos vem alguém aspirar a ligação entre o meu coração e os meus canais lacrimais. Um dia, não há de ser mais do que uma enorme conduta de sentimentos repugnantes e, quando eu tiver a sua idade, o mais provável é que desate a chorar só de ver uma folha na brisa.

«Se tiver essa sorte.»

– Às vezes, a diferença entre a pouca fé que temos em comparação com a fé inabalável dos outros é uma coisa muito comovente.

«Não sei. Talvez você apenas tenha um vazio impossível de preencher», disse ele com um suspiro. «Talvez nenhum homem seja capaz de o preencher.»

Olhei para cima, para a mesma face da Lua que ambos estávamos a ver e pedi a uma estrela que me permitisse ir para a cama naquela noite e

esquecer o que ele tinha acabado de dizer.

Eu sabia que estava a investir grandes quantidades de tempo e de energia num perfeito desconhecido, mas tinha todos os motivos para confiar nele. Estava a contar os dias até que apenas houvesse ar entre nós e, entretanto, ia desfrutando aquele lugar que tínhamos criado; ele era como uma portinhola na porta lateral de uma vida chata e quotidiana, que me permitia entrar num mundo mágico e tecnicolor. Se eu tinha um problema, pedia-lhe conselhos. Se dava por mim à procura do fim de uma frase quando estava a escrever, pedia-lhe a opinião.

«Obrigado por ser mais aberta comigo», escreveu-me ele numa tarde. «É *sexy*.»

Obviamente, eu continuaria a fazer praticamente qualquer coisa se um homem de quem eu gostava me dissesse que achava isso *sexy*.

Conversávamos regularmente sobre quão estranha era a intensidade da nossa comunicação; para ele, era algo completamente novo e peculiar. Eu nunca tinha desenvolvido uma ligação tão intensa com alguém que nunca conhecera, mas estava mais habituada à ideia de conversar com desconhecidos, graças ao meu treino no MSN e aos anos subsequentes de namoros *online*.

«Não é estranho?» escreveu-me ele numa mensagem. «Nós nunca nos conhecemos, mas... os lugares em que já estivemos! Os domínios de intimidade e ternura e domingos e risos e música.»

«Sim!»

«E construímos isto tudo com uma energia invisível. Apenas com *pixels*.»

«Somos mágicos.»

«Veja o que estamos a fazer com estes *pixels*», escreveu ele. «Aos saltos no espaço como se fôssemos satélites.»

Mal preguei olho na véspera de ele voltar a Inglaterra. Ele ia deixar os filhos em casa da mãe deles, seguia de carro até Londres e dormia em casa de um amigo; no dia seguinte, tínhamos planeado um encontro perfeito. O tempo prometia estar bom; eu ia encontrar-me com ele em Hampstead Heath ao princípio da tarde com uma garrafa de vinho e dois copos de

plástico. A India e a Belle ajudaram-me a escolher a roupa – um vestido azul e sapatos de lona brancos. Limpei o meu apartamento. Comprei pão bom para a inevitável manhã seguinte.

– Ela não está para brincadeiras – disse a India, enquanto me via retirar cuidadosamente os livros da minha prateleira, limpar tudo e reorganizar por uma ordem de títulos que me parecia capaz de o deixar mais impressionado (Dworkin, Larkin, *Comer, Orar, Amar*).

Mas, na noite antes da nossa tarde prometida, eu tinha que ir a um encontro. Era um daqueles *blind dates*, organizado por uma agência de encontros que queria que eu escrevesse sobre eles na minha coluna. Tinha sido combinado semanas antes de o David e eu começarmos a nossa relação virtual e, na altura, fizera todo o sentido: eles precisavam de visibilidade, eu precisava de um encontro e de assunto. Não queria dar uma nega ao pobre rapaz, pelo que combinámos uma bebida bem cedo num lugar central. Eu sabia que conseguia estar em casa pelas nove.

«Telefone-me mais tarde, sua destruidora de corações», foram as palavras de despedida do David.

Acabei por não ser nenhuma destruidora de corações – muito pelo contrário. Como tem sido o caso da maioria dos encontros combinados por terceiros, nenhum de nós queria estar ali. Ele continuava apanhado pela ex-namorada, com quem tinha feito asneira da grossa, enquanto eu estava obcecada por um homem com quem nunca tinha estado. Trocámos histórias. Eu disse-lhe que fosse a casa da ex-namorada com flores e lhe dissesse que nunca deixara de a amar; ele disse-me que fosse para casa e me deitasse cedo, porque no dia seguinte ia conhecer o homem com quem nitidamente me havia de casar. Saímos depois de um coquetel, apanhámos o mesmo metro para casa e separámo-nos com um abraço.

– BOA SORTE! – gritou ele enquanto as portas do metro se fechavam entre nós.

– Para ti também! – disse eu em silêncio através do vidro.

Quando cheguei a casa, telefonei ao David e falei-lhe do encontro. Ele tinha ido para Londres antes do previsto e estava a dormir no sofá do amigo, num apartamento cerca de três quilómetros a oeste do meu.

– Venha até cá e fique cá em casa – disse eu.

«Então e o nosso encontro perfeito de amanhã?», perguntou ele.

– Eu sei, eu sei, mas parece uma tolice: você a dez minutos de carro de minha casa.

Decidimos manter o plano original; cinco minutos depois, olhei para o meu telefone e vi uma mensagem dele.

«Estou a chegar.»

Saí do apartamento em bicos dos pés e descí as escadas de ferro exteriores; lá estava ele, na minha rua silenciosa, com apenas o luar a definir-lhe a silhueta alta, os ombros largos e os cabelos escuros e encaracolados. Parei nos degraus apenas um momento para o ver, a sentir-me como se tivesse saltado de um penhasco e estivesse prestes a atingir a superfície da água. Corri direita a ele, lancei-lhe os braços em volta do pescoço e beijámo-nos.

– Deixa-me ver esta rapariga – disse ele, segurando-me a cara enquanto os olhos percorriam atentamente as minhas feições, como se estivesse a memorizar-me para um exame.

– É um prazer conhecê-lo – disse eu.

– Bem, igualmente.

Continuámos a beijar-nos, no meio da minha rua a meio da noite, eu descalça em bicos dos pés no asfalto, o piar de uma coruja suburbana numa árvore ali perto. Ele puxou-me para si e encostei a cara à camisa azul dele, tão amarrotada como os cabelos.

– Não tens um metro e oitenta e três – sussurrou ele contra a minha testa.

– Tenho, sim – respondi, pondo-me mais direita.

– Não; não tens e eu sabia que não tinhas, sua mentirosa.

Peguei-lhe na mão e subimos para o meu apartamento.

As horas seguintes passaram-se exatamente como eu as tinha imaginado. Bebemos, conversámos, ouvimos música, deitámo-nos lado a lado e beijámo-nos. Inalei aquela pele nua e tatuada – morena e poeirenta do sol francês – e o cheiro de tabaco e de terra. Estudei-lhe os maneirismos que um telefone e uma fotografia não conseguiam captar; a dobra das pálpebras, a forma como ele pronunciava os «S». Ele ouvia-me com atenção, falava comigo diretamente; eu estava recetiva, confiante e maravilhada com a

minha capacidade de sentir aquela intimidade com alguém que mal conhecia.

– Sabes o que é mais engraçado? – perguntou ele, beijando-me a cabeça.

– O quê?

– És exatamente como te imaginei. Como uma criança no recreio que tapa os olhos com as mãos e acha que ninguém a pode ver.

– O que quer dizer com isso?

– Não te podes esconder de mim – respondeu ele. Eu já sabia que estava ali alguém a quem nunca seria capaz de mentir. Sabia que estava lixada.

– Está chateado porque não tivemos o nosso encontro perfeito primeiro? – perguntei, já na transição entre a consciência e o sono.

– Não – respondeu ele, acariciando-me os cabelos. – De modo nenhum. O que é que vais fazer amanhã?

– Reunião com um editor à uma – respondi.

– Posso encontrar-me contigo depois? – sugeriu ele.

Fechei os olhos e caí num sono imediato e tranquilo.

Passadas algumas horas, fui acordada por um som. O David estava levantado, aos pés da minha cama, a vestir-se.

– Está tudo bem? – perguntei, sonolenta.

– Tudo em ordem – respondeu ele num tom irritado.

– Aonde vai?

– Dar uma volta de carro.

Olhei para o meu relógio: cinco da manhã.

– O quê? Agora?

– Sim, apetece-me dar uma volta.

– OK – disse eu. – Quer as minhas chaves para voltar a entrar?

– Não – foi a resposta. Ele debruçou-se e beijou-me o braço; desde o cotovelo ao ombro. – Volta a dormir.

Fechou a porta. Ouvi-o sair do apartamento, entrar no carro e arrancar.

Olhei para o teto branco do meu quarto, a tentar perceber o que tinha acontecido. Dei por mim repleta de uma sensação amarga de rejeição violenta. Sentia-a desde o estômago até à garganta: nojo de mim mesma, autodesprezo, autocompaixão, ao quadrado. Como me tinha sentido todos

aqueles anos antes ao receber o telefonema do Harry.

Às sete da manhã, arrastei-me até à cama da India e contei-lhe tudo o que tinha acontecido.

– Parece que ele se passou – disse-me ela.

– Por causa de quê?

– Talvez de repente fosse demasiado real. Demasiado íntimo.

– Quero dizer, o homem diz ser um *intimacy coach* – disse eu. – É literalmente o trabalho dele.

– Bem, pode ser que seja um caso de «Faz o que eu digo, não faças...»

– Ainda não consigo acreditar que isto aconteceu – disse eu.

– Qualquer que seja o motivo, ele tem muito que explicar hoje.

– Mas talvez nunca mais me volte a falar.

– Isso está fora de questão – disse ela. – Ele é pai de quatro filhos, tem certamente mais compaixão do que isso.

– Se eu não tivesse a mensagem no meu telemóvel a dizer que ele vinha até casa, sinceramente, até pensava que tinha sonhado a noite de ontem – disse eu. – Tenho estado acordada, a torturar-me com estes fragmentos dele; os olhos dele, as sardas e a tatuagem no peito...

– Ah, claro que ele tem uma tatuagem no peito – disse a India, revirando os olhos. – O que é?

– Não consigo. A ironia é horrível de mais.

– Desembucha.

– Tipo, um símbolo que significa respeito pelas mulheres.

– E Jesus chorou...

– Ele devia mandá-la corrigir com uma nota de rodapé – disse eu. – Com um asterisco ao lado. «Exceto a Dolly Alderton».

– Tu estás bem? – perguntou a India, fazendo-me festas no braço. – Deve ser um grande choque.

– Só estou confusa – respondi. – Acabou-se?

Algumas horas depois, recebi uma mensagem críptica do David.

«Olá», começava ele. «Desculpa se foi estranho, uma saída algo bizarra. Foi tão bonito ver-te, tocar-te – lançou-me muito para dentro, senti o abismo entre a incrível intimidade que criámos nos últimos dias e o oposto, o não

nos “conhecermos.”» Eu ia-o vendo escrever, mas recusava-me a responder sem que antes recebesse algo que fizesse algum sentido. «Fez-me colocar a mim próprio algumas questões muito importantes. Porra. Espero que não estejas a sofrer, talvez apenas num “que se lixe”. Mas talvez estejas um pouco passada.» Continuei a olhar para o meu telefone, ainda sem saber o que responder. «Espero que não tenhas acordado triste», escreveu ele.

«Acordei triste, sim», respondi. «Não costumo deixar que se aproximem de mim.»

«Eu sei. Lamento mesmo muito. Não foi um abandono de ti.»

Pensei na última chamada que tinha recebido do Harry. Como lhe tinha implorado que me amasse; como o tinha tentado convencer, com lágrimas, de que era suficientemente boa para ele. Como ficara atenta a qualquer hesitação naquela voz que me permitisse acreditar que podia agarrar-me desesperadamente a ele, os meus dedos roxos de tanto apertar. Mas esta já não era a minha história. Não era quem eu queria ser.

«Realmente, não entendo o que quer dizer, mas aceito ficarmos por aqui, se isto é uma coisa que o deixa desconfortável», escrevi.

«Preciso de fazer uma pausa e organizar a cabeça no que te diz respeito», respondeu ele. «Não estou a dizer que deva ser o fim.»

«Mas eu estou», escrevi. «Uma pausa não dá. Tenho de lhe pôr um fim.»

«Merda, magoei-te. Sinto que sim.»

«Eu estou bem», respondi. «Estamos ambos em fases estranhas das nossas vidas. Você acabou de sair de uma relação, eu estou em plena análise. Mas tenho que me proteger.»

«OK», respondeu ele.

Apaguei as nossas conversas e o histórico de chamadas e, depois, apaguei o número dele.

Com o passar dos dias, senti um misto de solidão, embaraço, tristeza e raiva. Sentia-me uma idiota; uma espécie de personagem feminina mal-humorada em *The Archers*, que é cortejada por um belo e covarde desconhecido que desaparece e lhe leva o dinheiro todo. As minhas amigas partilharam histórias igualmente embaraçosas para me fazer sentir melhor, histórias em que estranhos as tinham levado a uma falsa intimidade. Uma

das editoras da minha coluna enviou-me um artigo chamado «Amor Virtual», publicado numa edição de 1997 da *New Yorker*, sobre o curioso novo fenómeno de nos apaixonarmos *online*; uma peça escrita na primeira pessoa, de uma jornalista que começara uma relação via telefone e *email* com um desconhecido. «Posso não ter conhecido o meu pretendente», escrevia ela. «Mas, pela primeira vez na minha vida, soube qual era a sensação: eu era uma pessoa desejada, o objeto do olhar de um cego... se nos encontrássemos na rua, não nos reconheceríamos, a nossa versão particular de intimidade agora obscurecida pelos ramos e corpos e escombros que compõem o mundo físico.»

Dois dias depois de o David me deixar a meio da noite, saiu a revista com o artigo que originalmente me levara até ele. Eu tinha-me esquecido completamente, mas vê-la nas prateleiras das bancas de jornais fez-me pensar que o círculo se tinha fechado. Não lhe mandei nenhuma SMS a dizer que a revista tinha saído, como tinha prometido na mensagem que dera início ao desastre. Nunca mais falei com o David.

As minhas amigas ficaram à toa com tudo aquilo, que se ia tornando cada vez mais absurdo à medida que o tempo ia passando. Às vezes, já semanas e semanas depois de tudo ter acontecido, estávamos no *pub* e a India de repente poisava o copo de vinho e berrava:

– Dá para ACREDITAR naquele David?

A Belle ponderava a hipótese de o denunciar por abuso de uma posição de confiança.

– Mas a quem é que o podias denunciar? – perguntava eu.

– Deve existir algum conselho de gurus, alguma espécie de Ordem a quem eles tenham de prestar contas – dizia a India.

– Talvez se ligássemos para o Haringey Council – sugeria a Belle. – Dizíamos que há um guru a monte que é um perigo para as jovens mulheres impressionáveis.

Algumas amigas achavam que ele era apenas um misógino que não resistia ao desafio de uma mulher com problemas de confiança, conseguia o que queria e abalava; um lobo-em-roupas-de-vendedor-ambulante-de-Glastonbury. Outras, mais generosamente, achavam que ele estava menos à

vontade com a realidade da sedução virtual do que um tipo da Geração Y. Eu estava habituada a conversar com gente que não conhecia e criar alguma espécie de ligação. Encontrar essas pessoas em carne e osso pela primeira vez era sempre um choque, mas chegar a conhecer alguém era apenas a arte de colmatar essa lacuna; o «abismo» a que ele se tinha referido. Essa era a premissa dos namoros *online*.

A Helen encontrou outra teoria: ele estava a passar por uma crise de meia-idade à conta da recente separação e eu não tinha sido mais do que uma “compra impulsiva” para o ego dele. Eu era um blusão de cabedal ou um carro rápido que lhe pareciam ser uma boa ideia, mas que, depois de comprados, ele sabia que nunca teriam lugar na vida dele.

Mas chorar a perda do David seria como uma criança que chora a perda de um amigo invisível. Nada daquilo era real. Era hipotético; era ficção. Tínhamos andado a jogar às escondidas um com o outro, desejosos de sentimentos empolados e artificiais, com uma necessidade desesperada de sentir algo de profundo na cave escura e bafienta de nós mesmos. Tinha sido um jogo de palavras e espaços. *Pixels*. Um jogo de *The Sims*; um jogo de amor-de-faz-de-conta. Tínhamos andado a pular como satélites numa dança bem coreografada.

Só agora, depois de horas de dissecação, percebo quem era David. Não era um trapaceiro, nem uma crise de meia-idade com pernas, nem um Don Juan canalha disfarçado de linho e *Birkenstocks*. Ele era o menino no recreio que tapava os olhos e achava que ninguém o podia ver. Mas, finalmente eu vi-o: porque éramos farinha do mesmo saco; crianças com a mesma dose de maldade. Ele estava perdido e à procura de um bote salva-vidas. Ele estava triste e precisava de uma distração. Éramos duas pessoas solitárias que precisavam de uma fantasia para escapar de si mesmas. Talvez, tendo mais vinte anos do que eu, ele devesse saber que aquilo não se fazia – mas não sabia. Espero nunca voltar a ser cúmplice num jogo como aquele. E espero que ele encontre o que procura.

---

<sup>20</sup> Royal Shakespeare Company. (*N. T.*)

18 de outubro

### **Bom dia, amigas férteis e estéreis da Karen!**

Lembrei-me de vos enviar os planos para a não-tradição completamente desnecessária, lamechas, dispendiosa e emprestada da América que é o chá de bebé da nossa amiga Karen! Ela acha que é sempre uma boa ideia reclamar o dinheiro e o tempo dos outros para celebrar as suas opções de vida, pelo que nos pareceu que vocês ainda não lhe tinham dado o suficiente no passado recente, tendo em conta as mil e quinhentas libras para a despedida de solteira em Ibiza, o casamento em Maiorca com um *dress code* rigorosíssimo e a lista de casamento no Selfridges. (N.B.: Meninas – se arranjam um novo emprego ou comprarem um apartamento, recebem um cartão e pronto. Que fique bem claro que não se vão abrir precedentes. Não somos feitas de dinheiro!!)

A boa notícia é que, assim que der à luz, a Karen não há de querer ver nenhuma das suas amigas sem filhos, a menos que queiram falar sobre o bebé dela e nada mais; como tal, podem encarar isto como um misto de festa de despedida e chá de bebé, e fazer algumas economias durante os próximos anos! Isto, claro está, até que ela volte à superfície quando deixar de amamentar e se sentir mais do que entediada, altura em que há de exigir que todas saiam para beber, dançar e meter um monte de drogas, para depois vos mandar uma mensagem na semana seguinte a dizer que não pode voltar a ter uma noite como aquela porque «AGORA, SOU UMA MÃE».

Quando chegarem ao meu apartamento (sou a melhor amiga da Karen) em Belsize Park, gostava que realmente apreciassem o respetivo tamanho, a boa organização das divisões e os elementos de época, visto que esta será uma boa parte do tema de conversa da tarde. Vou falar demoradamente e com arrogante conhecimento de causa a respeito da remodelação da minha cozinha, fazendo com que todas aquelas que alugam casa se sintam

uma merda, e agradecia que nenhuma de vocês referisse o facto de ter sido o meu pai a pagar o apartamento. Exatamente: nada de empréstimos! Por favor, deixem os sapatos à porta.

Vamos pontualmente dar início aos jogos embaraçosos, demorados e infantis às 14h00. O primeiro será uma ronda de *acerta-com-o-vomitado-no-bebé*. O segundo será um *adivinha-o-cocó* (vamos derreter diferentes marcas de chocolate em fraldas e a futura mamã terá de adivinhar qual das marcas está em qual fralda!). Em seguida, passamos às charadas com bebés, nas quais todas teremos que simular diferentes fases da maternidade, por exemplo, discutir com a nossa mãe dominadora porque não queremos batizar o nosso filho, ou discutir com o nosso parceiro porque ele acha que dizer que existe vida depois da morte para os *hamsters* é *apaparicanço* de mais.

Acabamos três horas depois com um jogo de *passa-a-bomba-de-leite*. Recebi alguns *emails* preocupados, pelo que fica já esclarecido: NÃO TEMOS DE ESTAR EM PLENA LACTAÇÃO PARA NOS DIVERTIRMOS COM ESTE JOGO. A Karen deixou bem claro que as não-mães são apenas ligeiramente menos bem-vindas do que aquelas que também estão grávidas ou já tiveram filhos. Vamos passar a bomba de leite e, quem a tiver quando a música parar, aplica-a nas mamas para umas boas gargalhadas. A ideia é divertirmo-nos!

Haverá uma garrafa de *prosecco* de boas-vindas para partilhar entre vinte e cinco convidadas; fora isso, é uma festa a seco. Em seu lugar, podem saborear o previsível chá das cinco, no qual tudo será em miniatura.

Os presentes serão abertos às 17h00 (lista em anexo).

Para as *hippies*, *freelancers*, desempregadas e para aquelas que trabalham nos média, nas artes ou nas indústrias criativas por menos de vinte e cinco mil libras anuais: ninguém quer as vossas merdas artesanais. Se realmente gostam da Karen e do seu bebé, então, recorrem à lista da White Company como toda a gente. Têm lá gorros de caxemira por menos de oitenta libras, pelo que não há desculpas para os vossos acessos de tricotadeira. Ninguém vai achar que é fofo.

Vamos ver a Karen abrir cada presente como uma criança de cinco anos

numa festa de aniversário e ela depois vai-nos explicar para que serve cada um deles. Isto será não apenas entediante, mas completamente pavoroso para aquelas que não deram à luz e ainda não conhecem as especificidades dos cremes para mamilos, das fraldas pós-parto para a mamã, do caldo de placenta e da caça ao cocó numa piscina para parto domiciliar. Haverá uma terapeuta com formação em PSPT no local para as mulheres sem filhos, bem como uma manicura para todas as outras.

O grande acontecimento do dia terá lugar às 19h00: o bolo-de-revelação-do-sexo. A Karen e o marido, o Josh, não sabem o sexo do bebé e pediram ao médico que encaminhasse a informação diretamente para uma pastelaria artesanal em Hackney. Toda a equipa da Bake 'n' Bites tem-se esforçado imenso para produzir uma criação em quatro andares com cobertura de caramelo salgado, a preferida da Karen. Quando ela cortar o bolo, a cor da massa revelará o sexo: rosa se for menina, azul se for menino ou verde se for um pouco de ambos. Vai ser um momento muito especial (já para não dizer delicioso!) para todas nós.

Estamos a contar com um dia chato e dispendioso, cheio de amor e gargalhadas, a preparar a nossa melhor amiga para a maternidade, com a esperança de fazer com que todas as amigas dela sem filhos se sintam postas de parte e que todas as amigas com filhos se sintam umas incapazes.

Até breve!!

Beijos,

Natalia XXXXXXXXXXXXXXXXX

## Suficiente

Nas semanas depois de eu ter conhecido o David, a sentir-me exposta e envergonhada, fiz uma defensiva declaração de celibato. É claro que não foi celibato nenhum porque, para começar, durou pouco mais de três meses. Além disso, foi principalmente um instrumento para atrair a atenção masculina; uma espécie de desafio, uma fantasia-do-tipo-virgem-renascida. Que é o total oposto do resultado pretendido com o celibato. Nenhuma freira faz um voto de celibato, pelo que parece irresistivelmente inacessível.

Foi então que apareceu o desastroso Especial de Natal. O «Especial de Natal» foi uma expressão criada pelas minhas amigas para descrever um género específico de caso despreocupado e embriagado que só acontece no período que antecede o Natal: quando toda a gente só pensa em divertir-se, em boa-vontade e em emborcar *Advocaat* e ninguém quer saber das consequências. Assim sendo, decidi que merecia uma dose instantânea de validação: uma dose de autoestima do estilo é-só-juntar-água-a-ferver.

Depois de uma festa de trabalho, mandei uma mensagem a um tipo com quem já vinha a falar há algumas semanas numa aplicação de encontros, um *geordie*<sup>21</sup> que trabalhava no ramo da música, com um sorriso atrevido e boa conversa.

«Que tal termos o nosso encontro agora?», escrevi eu num tom agressivamente indiferente. Já passava da uma e meia da manhã.

«Tudo bem», foi a resposta.

Ele chegou ao meu apartamento com uma garrafa de tinto biológico às duas da manhã e conversámos no sofá como se não fôssemos mais do que dois sofisticados cosmopolitas num jantar ao princípio da noite e não numa trágica realidade de desespero. Depois de exatamente uma hora de conversa, começámos a beijar-nos. Em seguida, fomos para o meu quarto e fizemos sexo automático e insípido. Foi o equivalente físico de uma sanduíche apressada numa área de serviço de autoestrada: algo que estavas em ânsias

para fazer, e, assim que o fazes, ficas a pensar porquê.

Eu já não tinha sexo com um desconhecido desde a noite em que conhecera o Adam em Nova Iorque. Perdera acidentalmente o interesse por engates de uma noite, como uma menina que um dia percebe que já não quer brincar com as suas *Barbies*.

Assim que aquilo acabou, eu soube que nunca mais queria voltar a fazê-lo. O sexo em si não tinha problema; mas a presença dele era insuportável. A falsa intimidade do sexo casual que eu apreciara em estudante parecia-me uma farsa risível. A culpa não era dele, mas eu queria-o fora do meu apartamento, fora do meu quarto, fora da minha cama – longe das cartas das minhas amigas na mesa de cabeceira e da capa de colchão com «espuma de memória» para a qual eu tinha andado a economizar. Ver o contorno da cara adormecida daquele estranho no escuro deixava-me agoniada. A noite passou como uma lesma.

Acordei com uma terrível ressaca e o *geordie* ainda estava na minha cama. Ele queria que passássemos a manhã juntos, a beber chá e a ouvir álbuns dos Fleetwood Mac: eu estava a braços com um tipo do género «vivência de namorado». Com o passar dos anos, eu já tinha registado que a «vivência de namorado» era uma coisa que certos homens nos ofereciam depois de um engate de uma noite, comportando-se de uma forma inadequadamente romântica na manhã seguinte: para fazer com que nos apaixonássemos por eles, ou para calar os seus sentimentos de culpa por terem feito sexo com alguém cujo apelido nem conheciam. Passavam a manhã a fazer conchinha, depois preparavam o pequeno-almoço e víamos episódios da série *Friends* antes de finalmente se irem embora ao fim do dia. Nunca voltavam a ligar. Era um serviço aparentemente gratuito com uma elevada carga emocional oculta. Eu nunca aceitava a «vivência de namorado» se me era oferecida.

– Que tenhas uma vida boa – disse-lhe eu à porta, tendo-o finalmente tirado de minha casa com a desculpa de uns supostos planos para o almoço.

– Não digas isso – disse ele, dando-me um abraço.

– Desculpa – respondi, sem saber mais o que dizer. – Feliz Natal.

Deitei-me no sofá com a camisola do Leo que nunca tinha deitado fora e pus-me a ver televisão. O adorável namorado da India entrou na sala,

barbudo, sorridente e com o confortável cachecol que ela lhe tinha oferecido pelo Natal. Era uma imagem de familiaridade e de amor; uma imagem que nunca me tinha parecido tão distante.

– Bom dia, Doll – disse ele.

– Bonito cachecol.

– É; não é? – disse ele com um sorriso. – A Índia disse-me que tiveste um Especial de Natal ontem à noite.

– Sim – disse eu com a cara meio enterrada na almofada do sofá, os olhos ainda postos no *Loose Women*.

– Foi bom?

– Não. Horrível. Deprimente – respondi. – Foi um Especial de Natal tipo *EastEnders*.

– Ui. Então, imagino que não tenha direito a nova dose?

– Não. Foi dose única.

No mês seguinte, a minha coluna sobre namoros chegou finalmente ao fim, o que me deixou sem desculpas para estar sempre à procura do próximo tipo, sob o pretexto de ser a minha profissão. O fim da coluna podia facilmente ter marcado o começo de uma nova fase na minha vida, uma que não fosse regida por telefonemas de antigos namorados a desoras, nem pela passagem do meu dedo, para a esquerda ou para a direita, no ecrã do meu telemóvel, nem pelas minhas tentativas de caçar tipos em jantares e de coordenar pausas para cigarros no *pub* quando havia um homem jeitoso lá fora.

A verdade é que a coluna tinha facilitado, mas eu era uma viciada. Sempre tinha sido, muito antes de ser sexualmente ativa. Há uma coisa que a Jilly Cooper disse no seu episódio de *Desert Island Discs*<sup>22</sup>: quando ela estava numa escola só de raparigas, vivia tão obcecada com os rapazes que até fantasiava com o jardineiro de oitenta anos que às vezes tratava dos jardins. Eu tinha sido assim e, de certo modo, nunca deixara de o ser. Os rapazes fascinavam-me e assustavam-me em igual medida; eu não os entendia nem queria entender. A função deles era de gratificação, enquanto as amigas me davam tudo o resto que importava. Era uma forma de os manter à distância.

Quando a Farly e eu voltámos da Sardenha e ela começou a sua nova vida de solteira pela primeira vez desde os vinte e poucos anos, presenteei-a com a imperiosa palestra TED sobre as complexidades do namoro moderno.

– A primeira coisa que tens de perceber – disse-lhe eu – é que já ninguém se encontra na vida real. As coisas mudaram desde a última vez que estiveste no mercado, Farly e, infelizmente, não tens outra escolha a não ser mudar com elas.

– Tudo bem – disse ela, assentindo e tomando notas mentalmente.

– A boa notícia é que ninguém gosta a sério de namoros *online*. Toda a gente alinha, mas toda a gente detesta, pelo que estamos todos no mesmo barco.

– Certo.

– Mas não podes ficar chateada se deres por ti num *pub* ou noutro sítio qualquer e não meterem conversa contigo. É perfeitamente normal. Na verdade, há de haver homens que te acham graça numa festa e não falam contigo, mas depois mandam-te uma mensagem no Facebook a dizer que gostavam de ter falado contigo.

– Esquisito, isso.

– Bastante, mas depois habituas-te. É só uma nova maneira de estabelecer uma primeira ligação com alguém.

– E as punhetas de mamas? – perguntou-me ela.

– O que é que têm as punhetas de mamas?

– Ainda há quem as faça?

– Não – respondi eu num tom conhecedor. – Ninguém faz ou recebe uma dessas desde 2009. Já ninguém está à espera que o faças.

– OK, sempre é uma coisa boa, pelo menos – disse ela.

A Farly conheceu um tipo num bar uma semana depois. Trocaram números de telefone. Começaram a encontrar-se imediatamente.

– A Farly conheceu alguém – disse eu à India durante um pequeno-almoço de sábado.

– Bom para ela – foi a reação que recebi. – Uma torrada ou duas?

– Duas. Nem vais acreditar onde. Adivinha.

– Não sei – disse ela, comendo uma colherada de creme de limão.  
– Num bar.  
– O que é que tu queres dizer com «num bar»?  
– Tipo, na vida real. Ele foi ter com ela e começou a conversar e agora estão a namorar. Dá para acreditar? Estou feliz por ela, mas também estou tão danada. Quero dizer, quando foi a última vez que conheceste alguém num bar?

– Que RIDÍCULO! – disse ela, com uma indignação genuína.  
– É mesmo – rematei. – É mesmo.  
A Belle entrou de roupão na cozinha.  
– Bom-dia, meninas – disse ela, sonolenta.  
– Ouviste isto? – perguntou-lhe a India, ainda indignada. – Sobre o novo tipo da Farly?

– Não...? – respondeu ela.  
– Conheceram-se num *bar*.  
– Qual bar?  
– Não sei – respondi. – No Richmond, acho eu. Dá para acreditar? Acho que nunca me deram um número de telefone nos meus últimos cinco anos de saídas à noite e, com ela, bastaram cinco minutos.  
– Talvez seja uma coisa da South Bank – sugeriu a Belle.  
– Acho mas é que é uma coisa da Farly – disse eu.

As diferenças entre mim e a Farly nunca são tão visíveis como quando se trata de amor. A Farly é uma monógama daquelas com compromissos a longo prazo, pantufas e casa partilhada, tudo como manda o figurino. A parte de uma relação que eu acho mais emocionante – o desconhecido, o risco, os empolgantes primeiros meses em que mal consegues comer por causa das borboletas no estômago – é o que ela mais detesta. A parte que eu temo – os churrascos em casa da família de um namorado, os dois no sofá num sábado à noite à frente do televisor, longas viagens a dois em autoestradas – é um paraíso absoluto para ela. Ela trocava de boa-vontade os três primeiros meses de romance por uma vida inteira de domesticidade, intimidade, planos práticos e batatas assadas. Eu dava tudo por uma vida passada como aqueles primeiros três meses e por uma garantia de que nunca

teria de ir com um parceiro sexual a um Ikea, a uma central de autocarros da National Express ou a casa de um parente fora da M25.

«Projetar»: esta é uma daquelas palavras de terapia que se aprendem pelo caminho. Significa que acusas alguém de fazer ou ser exatamente o que receias ser como uma forma de defletir a responsabilidade; é uma atribuição de culpas do género «olha-o-passarinho». Era um recurso frequente para mim no que respeitava às escolhas amorosas da Farly. Sempre tinha encarado a minha perpétua resistência ao compromisso como um ato de libertação; nunca tinha percebido que era exatamente isso que me fazia sentir presa. Talvez a Farly precisasse sempre de estar numa relação, mas pelo menos sabia o que queria e dizia-o com todas as letras. Eu precisava de qualquer coisa, mas não tinha absolutamente nenhuma ideia do que poderia ser, e detestava-me por isso.

Fui dar um longo passeio com ela e falei-lhe dos meus planos para uma boa pausa de sexo – bem como de todos os respetivos prólogos e epílogos de *flirt*, trocas de SMS, encontros e beijos –, para tentar encontrar alguma autonomia. Disse-lhe que, apesar de ter passado a maior parte da minha vida solteira, tinha percebido que *não* o tinha sido nem por um instante desde a adolescência. Ela concordou e disse-me que achava uma boa ideia.

– Achas que alguma vez hei de sentir que «é para ficar» com alguém? – perguntei-lhe eu enquanto saltávamos por cima de troncos nos bosques de Hampstead Heath.

– Claro que sim. Só acontece que ainda não conhecestes o homem certo.

– Sim, mas aí é que está. Não acho que a questão seja o homem certo, de todo; acho que a questão sou eu. Acho que os homens são a modos que secundários até eu conseguir resolver isto. – Apontei para mim mesma com cansaço, como se eu fosse o quarto desarrumado de uma adolescente.

– Bem, acho que é positivo dares-te um tempo para fazer isso. Penso que será um trabalho de curto prazo para uma recompensa a longo prazo.

– Porque é que achas que é tão fácil? – quis eu saber. – Sempre tive tanta inveja da facilidade com que vias as coisas entre ti e o Scott. Tu estavas simplesmente ali, *presente*, buum. Empenhada.

– Não sei que te diga, a sério.

– Quando vocês ficaram noivos, alguma vez pensaste que nunca mais havias de dormir com outra pessoa? Isso nunca te incomodou?

– Sabes que mais? – começou ela. – Agora que falas nisso, acho que nunca pensei no assunto uma vez que fosse.

– Isso não pode ser verdade – disse eu, a saltar como uma criança enquanto andava, para tocar com os dedos no ramo de uma árvore.

– Sinceramente, eu sei que parece estranho... mas acho que essa ideia nunca me passou pela cabeça – disse ela. – Tudo o que eu queria era um futuro com ele.

– Eu quero saber qual é a sensação, sentires que estás realmente empenhada numa relação com alguém, em vez de ter um pé fora da porta.

– És demasiado dura contigo – disse ela. – És capaz de um amor a longo prazo. Já o fizeste melhor do que qualquer pessoa que conheço.

– Como assim? A minha relação mais longa foi de dois anos e acabou quando eu tinha vinte e quatro.

– Estou a falar de ti e de mim – disse-me ela.

Não consegui parar de pensar nas palavras da Farly durante os dias seguintes; pensei que nos conhecíamos há vinte anos e que, durante todo aquele tempo, nunca me tinha fartado dela. Pensei que me tinha apaixonado cada vez mais por ela quanto mais velhas nos tornávamos e mais experiências partilhávamos. Pensei que estava sempre em pulgas para lhe contar uma boa notícia ou para saber a opinião dela quando uma crise acontecia; que ela ainda é a minha pessoa preferida quando quero sair para ir dançar. Que o valor dela aumentou com a nossa história partilhada, como uma magnífica e preciosa obra de arte pendurada na minha sala de estar. Pensei na familiaridade, na segurança e na sensação de calma com que o amor dela me envolvia. Durante todo aquele tempo, tinha sido levada a acreditar que o meu valor numa relação era a minha sexualidade, e que por isso sempre me portava como uma espécie de ninfomaníaca de desenho animado. Nunca tinha pensado que um homem me pudesse amar da mesma maneira que as minhas amigas; que eu podia amar um homem com o mesmo empenho e cuidado com que amo a elas. Talvez eu tivesse estado

todo este tempo num casamento fantástico sem dar por isso. Talvez a Farly fosse como uma boa relação devia ser.

Mergulhei na abstinência como se estivesse a fazer um doutoramento sobre o tema. Quanto mais livros, histórias e blogues eu lia sobre dependência do sexo e do amor, mais percebia onde tinha feito asneira. Os encontros e namoros tinham-se tornado uma fonte de gratificação instantânea, uma extensão do narcisismo, em nada relacionados com a ligação com outra pessoa. Uma e outra vez, eu tinha criado intensidade com um homem, apenas para a confundir com intimidade. Um desconhecido a pedir-me em casamento no JFK. Um guru de meia-idade a convidar-me para ir a França passar uma semana com ele. Era tudo uma intensidade exagerada, desnecessária, não uma ligação próxima com outra pessoa. Intensidade e intimidade. Como é que eu as tinha confundido daquela maneira?

Passou-se um mês – não senti nada senão um alívio total e desenfreado. Apaguei as aplicações de encontros no meu telemóvel. Apaguei os números aos quais recorria para uma noite de sexo. Deixei de responder a ex-namorados que me enviavam mensagens às três da manhã com perguntas aparentemente casuais, do género: «Como vai a minha senhora?» Deixei de perseguir potenciais conquistas *online*: apaguei a minha conta de Facebook principalmente por este motivo. Deixei de viver com segredos. Deixei-me de noitadas. Investi todo o meu tempo no meu trabalho e nas minhas amizades.

Passaram-se dois meses. Descobri o que era ir a um casamento e estar ali para ver as minhas amigas casarem-se, em vez de o encarar como um mercado de carne ao meu dispor durante oito horas. Descobri o que era gostar de ouvir o bonito som de um coro a cantar na igreja, em lugar de perscrutar como uma maníaca tudo o que era banco, atenta aos dedos dos homens para ver quais é que não eram casados. Aprendi a apreciar a conversa de um homem sentado a meu lado ao jantar, independentemente do seu estado civil; aprendi a resistir a disputar a atenção do único homem solteiro da mesa dizendo algo inapropriado num tom vagamente obscuro e

ameaçador. Vi o Leo pela primeira vez em cinco anos numa festa e conheci a mulher dele – dei um abraço a ambos e deixei-os em paz. O Harry ficou noivo – não senti nem uma ponta de raiva. O Adam foi viver com uma rapariga – mandei-lhe uma SMS de parabéns. As histórias deles já não tinham nada a ver comigo, eu não precisava da atenção deles. Sentia-me como se estivesse finalmente a fazer o meu caminho, a descobrir o meu ritmo e a ganhar impulso.

Sentava-me no metro e perdia-me no livro que estava a ler, em vez de tentar chamar a atenção de um homem qualquer. Saía das festas quando queria sair, em vez de dar desesperadas voltas à sala mesmo até ao fim, na esperança de encontrar alguém que me agradasse. Não ia a eventos apenas porque sabia que certas pessoas iam lá estar; não engendrava encontros casuais com pessoas que me interessavam. Saía à noite para dançar com a Lauren e, quando ela já estava a falar com alguém, em vez de tentar encontrar um tipo para mim, deixava-me ficar no centro da pista durante uma hora e dançava sozinha, a suar e a baloiçar e a rodopiar.

– Estás à espera de alguma pessoa? – perguntava um tipo, puxando-me para ele.

– Não, ela está mesmo aqui – respondia, afastando-lhe as mãos.

– Nunca pensei que havia de usar esta palavra em relação a ti, e não quero que te melindres por causa disso – disse a Farly, depois de três bebidas no *pub* algumas semanas depois. – Mas tenho achado a tua companhia tão calmante nestes últimos meses.

– Quando foi a última vez que me viste calma? – perguntei.

– Bem, acho que nunca – foi a resposta dela, antes de beber o resto do vodca tónico e trincar um cubo de gelo.

– Nunca. Em quase vinte anos.

No final da primavera, apanhei dois voos para as ilhas Orkney para escrever um artigo para uma revista de viagens sobre férias no singular. Fiquei instalada por cima de um *pub* com vista para o porto de Stromness e, à noite, depois de uma cerveja e de um prato fumegante de mexilhões no andar de baixo, ia dar um longo passeio à beira-mar e contemplar a vastidão

do céu – uma vastidão como eu nunca tinha visto.

Certa noite, depois de alguns dias em pacífica solidão com os meus pensamentos, estava eu a passear sob as estrelas pelas ruas empedradas quando uma ideia se apoderou de mim de forma inesperada: Não preciso que um músico carismático e deslumbrante escreva uma frase sobre mim numa canção. Não preciso de um guru que me diga coisas sobre mim que eu penso não saber. Não tenho de cortar o cabelo todo porque um rapaz me disse que me ficava bem. Não tenho de mudar o meu corpo para ser digno do amor de alguém. Não preciso de palavras, olhares ou comentários de um homem para acreditar que sou visível, para acreditar que estou aqui. Não tenho que fugir do desconforto direita ao campo de visão de um homem qualquer. Não é assim que ganho vida.

Porque eu sou suficiente. O meu coração é suficiente. As histórias e as frases que vivem na minha cabeça são suficientes. Sou efervescente e espumante e explosiva. Sou borbulhante e escaldante. Os meus passeios matinais e os meus banhos noturnos são suficientes. As minhas gargalhadas sonoras no *pub* são suficientes. O meu assobio estridente, o meu canto no chuveiro, os meus dedos revirados são suficientes. Sou uma imperial acabada de tirar com a dose certa de espuma. Sou o meu próprio universo; uma galáxia; um sistema solar. Sou a primeira parte, o artista principal e os cantores de apoio.

E se a vida é isto, se tudo se resume a isto – apenas eu, as árvores, o céu e os mares –, agora sei que isto é suficiente.

Sou suficiente. Sou suficiente. As palavras ricochetearam dentro de mim, agitando cada célula no seu percurso. Eu senti-as; compreendi-as; elas entranharam-se nos meus ossos.

Esta noção largou a galope e saltou pelo meu sistema fora como um cavalo de corrida. Gritei em alto e bom som para o céu escuro. Vi a minha proclamação saltar de estrela em estrela, a baloiçar como o Tarzan de átomo em átomo. Sou inteira e completa. Nunca me hei de esgotar.

E sou mais do que suficiente.

(Acho que chamam a isto uma «revelação».)

---

<sup>21</sup> Nome dado aos ingleses oriundos da área de Tyneside, no nordeste de Inglaterra. (N. T.)

<sup>22</sup> Nome de um programa da BBC Radio 4, no ar desde 1942, em que um convidado escolhe oito discos, um livro e um objeto de luxo que gostaria de ter consigo caso naufragasse numa ilha deserta, ao mesmo tempo que fala sobre a sua vida e justifica as suas escolhas. (N. T.)

## Vinte e oito lições aprendidas em vinte e oito anos

1. Apenas uma em cada cem pessoas pode tomar drogas pesadas e beber regularmente durante um longo período de tempo sem sentir uma ânsia ou um vazio negro e profundo. Só uma em cada duzentas não será negativamente afetada. Depois de muitos anos a tentar perceber isto, decidi que o Keith Richards é a exceção, não a regra. Ele deve ser admirado, mas imitado com reserva.
2. Só uma em cada trezentas pessoas pode fazer sexo com três desconhecidos diferentes por semana sem ser porque está a evitar desesperadamente alguma coisa. Pode ser que sejam os seus pensamentos, a sua felicidade ou o seu corpo; pode ser a solidão, o amor, o envelhecimento ou a morte. Depois de muitos anos a tentar perceber isto, decidi que o Rod Stewart é a exceção, não a regra. Ele deve ser admirado, mas imitado com reserva.
3. A letra de *Heaven Knows I Miserable Now*, dos Smiths, é a melhor explicação da realidade da vida e resume com elegante concisão o otimismo inicial e depois o *bathos* esmagador dos primeiros cinco dos nossos vinte anos.
4. A vida é uma coisa difícil, dura, triste, irrazoável e irracional. É muito pouco o que dela faz sentido. Grande parte dela é injusta. E outra grande parte resume-se simplesmente à insatisfatória fórmula da boa e má sorte.
5. A vida é uma coisa maravilhosa, hipnotizante, mágica, divertida e pateta. E os seres humanos são surpreendentes. Todos sabemos que vamos morrer e, ainda assim, vivemos. Gritamos, praguejamos e irritamo-nos quando o saco do lixo se rompe; todavia, a cada minuto que passa, estamos mais perto do fim. Ficamos maravilhados com um pôr do sol de nectarina acima da autoestrada, ou com o cheiro da cabeça de um bebé, ou com a eficiência dos móveis de embalagem plana, embora

saibamos que todos aqueles que amamos um dia deixarão de existir. Não sei como é que conseguimos.

6. És a soma total de tudo o que te aconteceu até ao último gole na chávena de chá que acabaste de poisar. Dos abraços que os teus pais te deram, daquilo que o teu primeiro namorado disse uma vez sobre as tuas coxas: tudo isto são tijolos que foram sendo assentes desde as solas dos teus pés. As tuas excentricidades, fraquezas e asneiras são um efeito de borboleta de coisas que viste na televisão, de coisas que os professores te disseram e do modo como as pessoas te veem desde o primeiro instante em que abriste os olhos. Seres um detetive do teu passado – reconstituir o percurso de tudo até chegares à origem com a ajuda de um profissional – pode ser incrivelmente útil e libertador.

7. Mas a terapia só te pode levar até certo ponto. É como o exame teórico quando estás a aprender a conduzir. Podes perceber muita coisa no papel, mas a dada altura terás de entrar no carro e realmente sentir como é que tudo funciona.

8. Nem toda a gente tem de descobrir o seu interior com terapia. Absolutamente toda a gente é disfuncional em algum aspeto, mas muita gente consegue funcionar disfuncionalmente.

9. Nunca ninguém é obrigado a estar numa relação em que não quer estar.

10. Umás férias ficam completa e totalmente estragadas se não comprares duas embalagens de repelente de insetos no aeroporto antes de chegares lá. Nunca o hás de comprar quando chegares ao teu destino e vais passar toda a noite a jantar *al fresco* com todos os teus companheiros de férias a dizerem «estou a ser comido vivo» num tom passivo-agressivo porque todos estão irritados porque alguém se esqueceu de o levar. Compra-o no aeroporto antes de partir e pronto.

11. Não comas açúcar todos os dias. O açúcar transforma em merda tudo o que tens no interior e no exterior do teu corpo. Três litros de água fazem com que tudo funcione devidamente. Um copo de vinho tinto é medicinal.

12. Nunca ninguém te pediu que lhe oferecesses pelo aniversário uma colagem que retrate a vossa amizade desde o chão até ao teto. Nem que lhe telefonasses três vezes ao dia. Ninguém há de chorar se não for convidado para jantar porque não tens cadeiras suficientes. Se sentes que os outros te deixam exausta, é porque estás disposta a ser uma mártir para que eles gostem de ti. O problema está em ti, não neles.

13. É inútil e esgotante tentar fazer com que todas as tuas ínfimas escolhas representem a tua bússola moral e depois vergastares-te quando o teu plano falha inevitavelmente. As feministas podem depilar-se. Os padres podem dizer palavrões. Os vegetarianos podem usar sapatos de couro. Faz todo o bem que puderes. A interpretação do mundo não pode depender de todas as decisões que tu tomas.

14. Todos devem ter um álbum do Paul Simon, um livro do William Boyd e um filme do Wes Anderson. Se estas são as únicas três coisas que tens na tua estante, és capaz de sobreviver à noite mais longa, mais fria e mais solitária.

15. Se vives num apartamento alugado, pinta as paredes de branco, não de creme. Um creme barato é encardido, suburbano e parolo. Um branco barato e resplandecente é *in*, limpo e calmante.

16. Se premires as teclas Shift e F3, fica tudo em maiúsculas ou em minúsculas.

17. Deixa que se riam de ti. Deixa-te ser pateta. Pronuncia mal o nome das coisas. Derrama iogurte na tua camisa. Sabe tão bem quando finalmente deixas que isso aconteça.

18. Provavelmente não tens intolerância ao trigo, só não estás a comê-lo numa dose normal: 90-100 g de massa ou duas fatias de pão. Toda a gente se sente esquisita depois de comer uma embalagem inteira de pão de forma fatiado; também havias de te sentir esquisita depois de comer uma melancia inteira de uma só vez.

19. Não existe maneira mais rápida de unir um grupo de mulheres do que abordar o tema dos pelos grossos e rebeldes no queixo.

20. O sexo realmente melhora com a idade. Se continuar a melhorar como até agora, estarei num estado de coito constante aos noventa anos. Não valerá a pena fazer mais nada. Exceto talvez uma pausa a meio da tarde para comer uma fatia de tarte Bakewell.

21. Não há problema nenhum em centrares-te em ti mesma. Podes viajar e morar sozinha e gastar todo o teu dinheiro contigo e flirtar com quem quiseres e dedicares-te ao teu trabalho tanto quanto quiseres. Não tens de casar e não tens de ter filhos. Não és uma pessoa superficial se não te quiseres abrir e partilhar a tua vida com um parceiro. Mas também não é nada bom estar numa relação se sabes que queres estar por tua conta.

22. Não importa o sexo, a idade e o tamanho: toda a gente fica bem numa camisa branca ou numa camisola grossa de gola alta ou numas botas de cabedal castanho ou num blusão de ganga ou num casaco de marinheiro azul-escuro.

23. Por mais irritantes que os teus vizinhos sejam, tenta dar-te bem com eles. Ou procura aliados entre pelo menos um dos ocupantes dos apartamentos do lado, a quem possas respeitosamente acenar quando vais deitar o lixo fora. Há de haver fugas de gás e arrombamentos e encomendas que têm de ser entregues quando não estiveres em casa e tudo será muito mais fácil se tiveres sempre alguém a cuja porta possas bater. Sorri e aguenta-os. E dá-lhes um conjunto de chaves de emergência.

24. Faz por fingir que não existe Wi-Fi no metro. Seja como for, é uma bela merda. Tem sempre um livro contigo.

25. Se estás a sentir-te muito sobrecarregada com tudo, experimenta isto: limpa o teu quarto, responde a todos os *emails* por responder, ouve um *podcast*, toma um banho de imersão, vai para a cama antes das onze.

26. Nada nua no mar em todas as oportunidades possíveis. Faz os impossíveis para o fazeres. Se estiveres a conduzir algures perto da costa e sentires o cheiro salgado do mar no ar, estaciona, despe-te e não pares de correr enquanto não estiveres com o oceano gelado pela altura das mamas.

27. Vais ter de fazer uma escolha no teu estilo de vida: ou manicuras de unhas de gel ou tocar guitarra. Nenhuma mulher consegue ter as duas.

27a. A não ser a Dolly Parton.

28. As coisas vão mudar de uma forma mais radical do que possas imaginar e hão de acabar quinhentos quilómetros a norte das tuas previsões mais desvairadas. Há gente saudável que cai morta na fila do supermercado. O futuro amor da tua vida pode ser o homem sentado ao teu lado no autocarro. O teu professor de matemática e o teu treinador de râguebi no secundário talvez agora respondam pelo nome de Susan. Tudo há de mudar. E pode ser numa manhã qualquer.

## Regresso a casa

São muitas as coisas que não sei sobre o amor. Em primeiro lugar, não sei como será manter uma relação durante mais de um par de anos. Às vezes, ouço gente casada referir-se a uma «fase» do seu relacionamento como um período que durou mais do que a minha relação mais longa. Aparentemente, isto é comum. Ouvei gente descrever os primeiros dez anos da sua relação como «a fase da lua de mel». As minhas fases de lua de mel têm durado pouco mais do que dez minutos. Tenho amigas que descrevem a sua relação como se fosse uma terceira pessoa: uma coisa viva que se contorce e transforma e move e cresce quanto mais tempo eles estão juntos. Um organismo que se altera tanto quanto dois seres humanos que passam uma vida em conjunto. Não sei o que é cuidar dessa terceira entidade. Não sei mesmo qual é a sensação de um amor a longo prazo vivido «por dentro».

Também não sei o que é viver com alguém por quem estamos apaixonados. Não sei o que é irmos juntos à procura de uma casa; conspirar contra um agente imobiliário num sussurro dissimulado na casa de banho. Não sei como é coreografar sonolentemente todas as manhãs o meu percurso em redor de alguém na casa de banho enquanto nos revezamos para escovar os dentes e usar o chuveiro numa rotina familiar. Não sei como é sabermos que nunca deixamos o nosso lar nem voltamos para ele: que o nosso lar está deitado ao nosso lado todas as manhãs e todas as noites.

Na realidade, não sei o que é ser uma equipa com um parceiro; nunca procurei apoio numa relação romântica nem acertei o meu passo por uma. Mas já estive apaixonada e já perdi o amor, soube o que é deixar e ser deixada. Espero que tudo o resto venha por acrescento, um dia.

Quase tudo o que sei sobre o amor, aprendi-o nas minhas amizades de longa data com mulheres. Particularmente com aquelas com quem vivi a dada altura. Sei o que é conhecer cada ínfimo pormenor de uma pessoa e ter um prazer quase académico nesse conhecimento. Quando se trata das

raparigas com quem construí um lar, sou como a mulher capaz de prever o que o marido vai pedir em cada restaurante. Eu sei que a India não bebe chá, que a sanduíche preferida da AJ é de queijo e aipo, que os bolos de pastelaria deixam a Belle com azia e que a Farly gosta de torradas frias para que a manteiga se espalhe mas não derreta. A AJ precisa de oito horas de sono para funcionar, a Farly de sete, a Belle cerca de seis e a India é capaz de aguentar um dia com umas thatcherianas quatro ou cinco. O alarme de despertar da Farly é o *So Far Away*, da Carole King, e ela adora ver programas baseados em narrativas sobre obesidade com nomes como *Mamã Meia-Tonelada* ou *O Meu Filho, a Baleia Assassina*. A AJ vê episódios antigos do *Home and Away* no YouTube (incrível) e compra livros de *sudoku* para fazer na cama. A Belle faz exercício com vídeos no quarto antes do trabalho e ouve música *trance* enquanto está a tomar banho. A India faz *puzzles* no quarto e vê o *Fawlty Towers* todos os fins de semana. («Não entendo como é que ela os faz render tanto», comentou uma vez a Belle só comigo. «Só são doze episódios».)

Eu sei o que é agarrar com entusiasmo numa botija de oxigénio e mergulhar bem fundo nas excentricidades e falibilidades de uma pessoa e apreciar cada fascinante momento de descoberta. Como o facto de a Farly sempre ter dormido de *saia* desde que a conheço. Porque é que ela faz isto? Para quê? Ou o facto de a Belle rasgar os *collants* cor de pele todas as sextas-feiras à noite quando chega do escritório – é uma marca da sua raiva silenciosa contra o sistema corporativo ou apenas um ritual ao qual se afeiçoou? A AJ enrola um lenço à volta da cabeça quando está cansada – não é de certeza uma apropriação cultural; então, é o quê? Embrulharam-na de mais quando era criança e isto traz-lhe uma pacífica sensação de regresso à infância? A India tem aquilo a que se chama um «objeto transicional»: uma velha camisola azul-escura e esfiapada com que gosta de dormir e à qual chama «Nigh Nigh». Mas porque é que ela diz que se trata de um «ele»? E quantos anos tinha quando decidiu que aquilo era um rapaz? Na realidade, nada me agradaria tanto como dirigir uma espécie de salão literário em que todas as minhas queridas amigas trouxessem os seus cobertores ou outros objetos transicionais de infância e discutíssemos a identidade sexual de cada

um deles. Acreditem ou não, para mim, seria simplesmente irresistível.

Eu sei o que é montar e gerir uma casa num regime de colaboração. Sei o que é uma economia de confiança partilhada: saber que sempre haverá alguém que te empresta cinquenta libras até ao dia de pagamento e que, assim que as pagas, esse alguém pode precisar que sejas tu a emprestá-las («Somos como miúdos da escola primária sempre a trocar as sanduíches», disse uma vez a Belle a respeito dos nossos ordenados. «Numa semana, queres a minha de atum e milho doce; na outra, eu quero a tua de ovo e agrião.») Conheço a emoção da correspondência em dezembro e dos cartões a entrar pela caixa de correio, com três nomes escritos neles que realmente te fazem sentir como uma família. Conheço a estranha sensação de segurança ao ver três apelidos numa conta quando estás na página do teu banco *online*.

Conheço a sensação de a tua identidade ser maior do que apenas tu: de fazeres parte de um «nós». Sei o que é ouvir a Farly dizer: «Nós não comemos mesmo carne vermelha» a alguém do outro lado da mesa, ou ouvir a Lauren dizer: «Esse é o nosso álbum preferido do Van Morrison» a um rapaz a quem está a dar conversa numa festa. Eu sei como isto sabe tão inesperadamente bem.

Sei o que é sobreviver a uma má experiência e transformá-la em mitologia partilhada. Como um casal que, teatralmente, conta a história da bagagem que perdeu nas últimas férias, revezando-se nas frases, nós fazemos o mesmo com os nossos microdesastres. Como daquela vez em que a India, a Belle e eu mudámos de casa e tudo que podia correr mal correu mal. A realidade foi perder chaves, pedir dinheiro emprestado a amigas, dormir em sofás e guardar coisas num armazém. A história é bem mais divertida.

Eu sei o que é amar alguém e aceitar que não posso mudar certas coisas nesse alguém; a Lauren é uma pedante gramatical, a Belle é desarrumada, as SMS da Sabrina são incessantes, a AJ nunca responde às minhas, a Farly fica sempre mal-humorada quando está cansada ou com fome. E, em troca, sei como é libertador sentir-me amada e aceite com todos os meus defeitos (estou sempre atrasada, o meu telemóvel nunca tem carga, sou supersensível, fico obcecada com as coisas, deixo o caixote do lixo

transbordar).

Sei o que é ouvir alguém que amamos contar a um público extasiado uma história que já ouvimos aproximadamente cinco mil vezes. Sei o que é essa pessoa (Lauren) embelezá-la de forma ainda mais extravagante a cada vez que a conta, como se fosse um ovo Fabergé («aconteceu às onze» passa a ser «bem, isto foi por volta das quatro da manhã»; «eu estava sentada numa cadeira de plástico» passa a «e eu estou numa espécie de *chaise longue* artesanal feita de vidro»). Sei o que é amarmos alguém tanto que isto realmente nem nos incomoda; deixar que esse alguém cante a sua música tão bem ensaiada e talvez até mesmo entrar em cena com um solidário chapéu alto para dar um empurrão na história quando for preciso.

Sei o que é um ponto de crise numa relação. Quando pensamos: ou fazemos frente a esta coisa e tentamos consertá-la ou cada um segue o seu caminho. Sei o que é combinarmos encontrar-nos num bar na South Bank, começar num tom tenso e acabar três horas depois a chorar nos braços um do outro com a promessa de nunca mais cometer os mesmos erros (as pessoas só se encontram na South Bank para reconciliações ou separações: alguns dos melhores momentos em que dei ou levei com os pés tiveram lugar no bar do National Theatre).

Sei o que é sentir que tenho sempre um farol – uns faróis – para me guiar de volta a terra seca; sentir o calor daquela luz quando te aperta a mão ao teu lado no funeral de alguém que eu amava. Ou seguir essa mesma luz no meio da sala apinhada de uma festa medonha onde o meu ex-namorado e a nova mulher dele apareceram inesperadamente – a luz que te diz: «Anda, vamos comer umas batatas fritas e apanhemos o autocarro da noite para casa.»

Sei que o amor pode ser espalhafatoso e jubilante. Pode ser dançarmos na lama e debaixo de chuva num festival e gritarmos «VOCÊS SÃO O MÁXIMO» para a banda. É apresentar alguém aos meus colegas num evento de trabalho e sentir-me orgulhosa porque esse alguém faz com que os outros se riem e faz com que eu pareça adorável apenas porque sou amada por esse alguém. É rir até começar a chiar. É acordarmos num país onde nenhuma de nós esteve. É irmos dar um mergulho em pelota ao

amanhecer. É descermos a rua juntas num sábado à noite e sentir que uma cidade inteira é só nossa. É uma força grande, linda e efervescente da Natureza.

E também sei que o amor é uma coisa bastante sossegada. É estarmos deitadas no sofá, a beber café e a discutir aonde vamos naquela manhã para tomar mais café. É marcar páginas de livros que achamos que elas vão achar interessantes. É estender a roupa delas quando as atrasadas mentais saíram de casa sem a tirar da máquina. É dizermos: «Estás mais segura aqui do que num carro, é mais provável que morras numa das tuas aulas de Body Pump no Fitness First do que durante a próxima hora», enquanto elas hiperventilaram num voo da easyJet para Dublin. É as SMS: «Espero que o dia de hoje corra bem», «Como foi o teu dia?», «Estou a pensar em ti» e «Comprei papel higiénico». Eu sei que o amor acontece sob o esplendor da Lua e das estrelas e de fogos de artifício e do pôr do sol, mas também acontece quando estamos deitadas em camas insufláveis num quarto de infância, à espera nas Urgências ou na fila para um passaporte ou num engarrafamento. O amor é como um zumbido discreto, reconfortante, relaxante, fútil, pedante e harmonioso; algo de cuja presença facilmente nos podemos esquecer, embora os seus braços estejam estendidos por baixo de nós, para o caso de cairmos.

Eu tinha vivido com as minhas amigas durante cinco anos antes de tudo ter um fim. Primeiro, a Farly tinha-me deixado para ir viver com o namorado; depois, a AJ tinha partido; e, para rematar, a India ligara-me um dia para dizer que estava pronta para fazer o mesmo, antes de desatar a chorar.

– Porque é que estás a chorar? – perguntei-lhe. – É por causa da maneira como me portei com a Farly quando ela conheceu o Scott? Estás com medo de que eu fique furiosa? Mas vocês acham todas que sou maluca? Isso foi, tipo, há quatro anos. Agora, estou mais bem equipada para lidar com isto.

– Não, não – fungou ela. – É só que vou sentir a tua falta.

– Eu sei – disse eu. – Também vou sentir a tua. Mas tu fazes trinta este ano. É fantástico que a tua relação esteja pronta para seguir em frente. É perfeitamente normal que as coisas mudem. – Estava surpreendida com a

minha racionalidade a respeito de tudo aquilo e galardoei-me discretamente com uma medalha por serviços prestados à amizade.

– O que é que tu vais fazer? – perguntou ela. – Sempre disseste que gostavas muito de experimentar viver sozinha.

– Não sei. Não sei se estou pronta para isso – respondi. – Talvez fique com a Belle até ela decidir ir viver com o namorado. Isso dá-me pelo menos seis meses para resolver o que fazer a seguir.

– Dolly... isto não é o *The Hunger Games* – disse ela. – Não devia ser um teste de resistência entre nós para ver quem consegue aturar-te durante mais tempo.

Percebi que me tinha sido apresentada uma oportunidade. Eu podia esperar até que cada uma das minhas amigas tivesse encontrado um homem e saído de casa. Podia alugar casa com desconhecidos do Gumtree que guardassem o creme de barbear no frigorífico na esperança de eu me despachar a encontrar um homem e sair. Ou podia começar uma nova história por minha conta.

Encontrar um apartamento T1 para alugar dentro do meu orçamento não foi fácil: levaram-me a vários lugares que tinham camas ao lado de fogões e chuveiros equilibrados por cima de sanitas naquilo a que agora se dá o nome de *wet room*. Havia o «T1 espaçoso» que tinha vinte metros quadrados; havia um outro com fita amarela da polícia à volta da porta da entrada. A India foi vê-los comigo, para negociar e interrogar o bando de agentes imobiliários, sempre a perguntar-me se eu *realmente* acreditava que era capaz de passar sem um guarda-roupa e, em vez disso, guardar toda a minha roupa numa mala debaixo da cama.

Mas acabei por encontrar um lugar que podia pagar, bem no centro de Camden. Era um apartamento de rés-do-chão, com um quarto, casa-de-banho e sala de estar, espaço suficiente para um guarda-roupa e um chuveiro por cima de uma banheira a sério. Nas traseiras, havia uma cozinha húmida e desnivelada, sem uma única gaveta e tão pequena que eu mal conseguia virar-me lá dentro, com uma janela circular e uma vista do canal que me dava a sensação de estar num barco. Não era perfeito, mas ia ser meu.

Todas nós que tínhamos morado juntas fizemos uma festa de despedida no *pub* da área em que tínhamos passado os nossos vinte e poucos anos. Fomos vestidas como um dos muitos elementos da nossa experiência de partilha de apartamento – algo tão chanfrado quanto parece. A AJ apareceu vestida de Gordon, o nosso primeiro senhorio, com o blusão de cabedal de motoqueiro de meia-idade a condizer, ténis brancos, uma peruca castanha curta e um sorriso sarcástico permanente. Na qualidade de obcecada com as limpezas residente, a Farly apareceu como um gigantesco aspirador *Henry*, metida num fato esférico com um tubo agarrado que se ia arrastando cada vez mais pelo chão à medida que ela ia bebendo. A Belle apareceu como a nossa espalhafatosa vizinha de pesadelo, com batom borrado e uma peruca da Cher. A India veio como um caixote de lixo gigante – visto que despejá-lo, trocar-lhe o saco ou levá-lo para a rua parecia ser o motivo mais constante do tempo que tínhamos passado juntas –, com sacos pretos amarrados nos sapatos, uma tampa a fazer de chapéu e um sortido de embalagens vazias presas ao corpo. Eu apareci como um maço de tabaco gigante e arrependi-me imediatamente quando percebi que todos me vinham pedir cigarros, convencidos de que eu era uma menina das promoções a correr a calçada em Kentish Town.

Fomos de *pub* em *pub* antes de acabarmos à porta da nossa primeira casa de tijolo amarelo. Até fomos fazer uma visita ao Ivan na loja da esquina, apenas para descobrir pelo colega que ele tinha misteriosamente ido «para fora, por causa de um assunto por resolver» e partira «sem deixar rasto».

– As artistas foram-se – disse melancolicamente a Belle enquanto descíamos a rua, o dia já a transformar-se em anoitecer. – Agora, vêm para cá os banqueiros.

Uma semana depois, embalei as minhas plantas e livros em caixas de cartão e deixei tudo pronto para a mudança. Na última noite em que vivemos juntas, a India, a Belle e eu bebemos *prosecco* em promoção – a bebida de uma década – e dançámos embriagadas ao som do Paul Simon na nossa sala vazia. Enquanto esperávamos pelos respetivos camiões das mudanças na manhã seguinte, enroscámo-nos num canto do nosso tapete manchado de vinho, os joelhos a bater uns nos outros, quase sem dizer

palavra.

No dia em que me mudei, a Farly, a pessoa mais eficiente e organizada que alguma vez hei de conhecer, apareceu para me ajudar a começar a instalar-me («Tens a certeza de que queres fazer isso?», perguntei-lhe eu numa SMS. «Por favor: para mim, é como cocaína», respondeu ela.) Mandámos vir comida vietnamita e sentámo-nos no chão da minha sala, a comer *pho* e a mergulhar crepes em molho *sriracha* enquanto discutíamos onde devíamos pôr o sofá e as cadeiras e os candeeiros e as estantes, e onde é que eu me ia sentar e escrever todos os dias. Desembalámos noite adentro até nos amassarmos no meu colchão encostado à parede do quarto, rodeado de caixas de sapatos, sacos de roupa e pilhas de livros.

Quando acordei, a Farly já tinha saído para ir trabalhar e havia um bilhete na almofada, rabiscado na sua letra redonda e infantil, que não mudara nada desde o tempo em que ela deixava notas escritas a caneta corretora nos meus dossiês durante as aulas de Ciências. «Adoro a tua nova casa e adoro-te a ti», dizia.

O sol da manhã entrou no meu quarto e encheu o meu colchão numa poça branca e cintilante. Espreguicei-me ao longo da diagonal da minha cama, em cima do lençol frio. Estava completamente sozinha, mas nunca me sentira mais segura. Não era pelos tijolos que me rodeavam e que eu tinha encontrado uma maneira de alugar nem era pelo teto que me cobria a cabeça que eu me sentia mais grata. Era pela casa que eu agora carregava às costas como um caracol. Pela sensação de que estava finalmente entregue em mãos responsáveis e dedicadas.

O amor estava ali na minha cama vazia. Estava empilhado nos discos que a Lauren me tinha comprado quando éramos adolescentes. Estava nas fichas de receitas esborratadas da minha mãe entre as páginas dos livros de culinária na minha minicozinha náutica. O amor estava na garrafa de gim amarrada com uma fita que a India me tinha dado; nas tiras manchadas de fotos tipo passe, com os cantos enrolados, que acabariam presas na porta do meu frigorífico. Estava no bilhete que ficara na almofada ao meu lado, aquele que eu ia dobrar e guardar na caixa de sapatos com todos os outros que ela já tinha escrito.

Acordei a salvo no meu barco de uma tripulante. Estava a dirigir-me para um novo horizonte; a flutuar num mar de amor.

Estava ali. Quem havia de dizer? Tinha estado sempre ali.

## Tudo o que sei sobre o amor aos vinte e oito

Qualquer homem decente prefere uma mulher em paz consigo mesma a uma mulher que embarca em truques para o impressionar. Nunca debes ter de te esforçar para prender a atenção de um homem. Se um homem precisa que o «mantenhas interessado» em ti é porque tem problemas que não te cabe a ti resolver.

É provável que o namorado da tua melhor amiga não venha a ser o teu melhor amigo. Abandona esse sonho, diz adeus a essa fantasia. Desde que ele a faça feliz e tu consigas suportar a companhia dele durante um almoço demorado, está tudo bem.

Os homens adoram uma mulher nua. Todos os restantes acessórios são uma dispendiosa perda de tempo.

O namoro *online* é para valentes. É cada vez mais difícil conhecer pessoas na vida real e aqueles que não se deixam ficar e resolvem agir – que pagam uma mensalidade pela oportunidade de se aproximarem do amor, que preenchem um perfil embaraçoso onde dizem que estão à procura de alguém especial para andarem de mãos dadas no supermercado – são impressionantes heróis românticos.

Faz um biquíni brasileiro se queres um biquíni brasileiro. Se não queres, não o faças. Se gostas de te sentir nua e tens dinheiro para gastar, vai à depilação o ano inteiro. Nunca a faças por causa de um homem. E nunca o faças pelas tuas «irmãs»: elas estão-se a cagar. Faz voluntariado no raio de um centro de apoio a mulheres se quiseres ser útil, não percas horas a debater a política dos teus pelos públicos. E nunca faças uma depilação por achares que não fazer é pouco asseado ou desagradável à vista – se fosse verdade, tudo o que é homem não depilado seria pouco asseado. (Se o ordenado to permitir, nunca mais te chegues a um creme depilatório).

Pode ser que não sejas capaz de ouvir as canções de relações anteriores durante os primeiros anos depois de terem acabado, mas esses álbuns não

hãõ de demorar a encontrar o seu caminho de volta. Todas aquelas recordações dos sábados à beira-mar e do esparguete de domingo à noite no sofá hãõ de se soltar lentamente de cada uma das notas que ouvires; depois, abandonam as canções até que acabam por desaparecer. Há de existir sempre algures no fundo das tuas entranhas a noção de que durante uma semana aquela canção, aquele homem, estiveram no centro do teu universo, mas há de chegar a altura em que isso já não te queimará o coração.

Se continuas a embebedar-te e a meter-te com terceiros à frente do teu namorado, há algo de errado na tua relação. Ou, mais provavelmente, em ti. Quanto mais depressa perceberes por que motivo precisas de tanta atenção, melhor. Porque não há homem nenhum que tenha uma quantidade de gratificação instantânea capaz de preencher esse vazio que tu sentes.

Na maior parte das vezes, o amor que alguém te dá há de ser um reflexo do amor que tu dás a ti mesma. Se não és capaz de te tratar com atenção, cuidado e paciência, o mais provável é que os outros também não sejam.

Por mais magra ou gorda que sejas, isso não é um indicador do amor que mereces ou que hás de receber.

As separações tornam-se mais difíceis com cada ano que passa. Quando és nova, perdes um namorado. Quando te tornas mais velha, perdes uma vida em conjunto.

Nenhuma questão prática é suficientemente importante para te manter na relação errada. As férias podem ser canceladas, os casamentos podem ser cancelados, as casas podem ser vendidas. Não escondas a tua cobardia em questões práticas.

Se perderes o respeito por alguém, não serás capaz de voltar a apaixonar-te por ele.

A integração na vida um do outro deve ser totalmente equiparada; devem ambos fazer um esforço para se interessarem pelos respetivos amigos, famílias, objetivos e carreiras. Se não existir equilíbrio, o ressentimento está a caminho.

Deves fazer sexo no primeiro encontro se te parecer que faz sentido. Nunca aceites conselhos de uma pretensa escola de pensamento atrevida e de autoajuda que faça do homem o burro e de ti a cenoura. Tu não és um

objeto a ser ganho como um prémio, és um ser humano feito de carne e osso e coragem e intuição. O sexo não é um jogo de poder – é uma experiência consensual, de respeito mútuo, alegre, criativa e colaborativa.

Não há sensação mais medonha do que acabar com alguém. Levar com os pés é uma dor de uma violência intensa que pode, a dada altura, ser convertida numa nova energia. A culpa e a tristeza de acabar com alguém não vão mais longe do que ti mesma e, se deixares, hão de andar às voltas na tua cabeça para todo o sempre. Concordo com Auden a este respeito: «Se o afeto igual é impossível / Que seja eu o que ama mais.»

São tantas as razões pelas quais alguém pode ser solteiro aos trinta ou quarenta ou cento e quarenta anos e isso não as torna inaceitáveis. Toda a gente tem a sua história. Não perdes o teu tempo se a ouvires.

O sexo com um desconhecido total é sempre esquisito, mas ficar no apartamento de alguém – nos lençóis dele, no quarto dele, ou deixá-lo ficar nos teus – é ainda mais esquisito.

Não cabe a ninguém ser o único responsável pela tua felicidade. Lamento.

O homem perfeito é atencioso, engraçado e generoso. Ele baixa-se para dizer olá aos cães e sabe montar prateleiras. Parecer um pirata judeu alto com os olhos do Clive Owen e os bíceps do David Gandy deve ser um bónus adicional e não um ponto de partida.

Qualquer uma pode ser desejada. É muito mais importante ser amada.

Não finjas orgasmos. Não faz bem a ninguém. Ele está mais do que preparado para lidar com a verdade.

Se estiveres a fazê-lo pelas razões certas e ambas as partes estiverem plenamente conscientes da natureza do encontro, o sexo casual pode ser muito bom. Se estás a usar isso como um medicamento que dispensa receita médica para te sentires melhor contigo mesma, há de ser uma experiência terrivelmente insatisfatória.

A parte mais excitante de uma relação são os primeiros três meses, quando ainda não sabes se aquela pessoa é tua. Uma parte fantástica que vem logo a seguir é quando sabes que aquela pessoa é tua. A parte que vem alguns anos depois é algo que nunca vivi. Aparentemente, nem sempre é excitante, mas ouvi dizer que é a melhor.

A menos que alguém morra, se uma relação dá errado, tu tiveste de alguma forma o teu papel no processo. Ter consciência disto é simultaneamente libertador e opressivo. Os homens não são maus, as mulheres não são boas. As pessoas são pessoas e todos nós cometemos, permitimos e criamos oportunidades para erros.

A intimidade é o objetivo; a preguiça não.

Permite que as tuas amigas te abandonem por uma relação uma vez. As boas amigas voltam sempre.

Para reduzir o teu ritmo cardíaco e adormeceres nas noites em que o sono parece impossível, sonha com todas as aventuras que tens pela frente e com as distâncias que já percorreste até agora. Passa os teus braços com firmeza à volta do teu corpo e, enquanto te abraças, agarra-te a este pensamento: «Podes contar comigo.»

## Trinta

Eu não queria reagir mal ao facto de fazer trinta anos. Reagirmos mal aos nossos trinta anos é um clichê. Não é feminista, não é *in*, não é moderno nem progressista. É heteronormativo, é histórico, é burguês, é suburbano. É muito previsível. É demasiado Rachel Green. É coisa de gente afetada, que tem a mania que é princesa – completamente patético. Eu não queria ser nada disto.

Eu estava uma pilha de nervos porque ia fazer trinta anos. Felizmente, tive muito tempo para ensaiar e para me preparar para o facto graças a todas as minhas amigas que lá chegaram antes de mim. Tenho o privilégio supremo de ter nascido a 31 de agosto, o último suspiro do ano académico inglês, o que implica que sempre fui a mais nova do meu grupo de amigas. Quando andava na escola, isto era uma tragédia: chegada a altura dos meus aniversários mais marcantes, já ninguém tinha paciência para o assunto. Ninguém queria ir ao meu décimo terceiro aniversário temático «Barbies & Motards» num salão da câmara municipal em East Finchley: já todos tinham dançado mais do que o suficiente ao som do *Saturday Night* da Whigfield. Mas, quando chegou a altura dos trinta anos, fiquei grata por ser a última.

Estávamos numas férias só de raparigas em Portugal na noite do trigésimo primeiro aniversário da Belle, três semanas antes do meu trigésimo, quando ela desata a chorar comigo na casa de banho:

– Trinta e um parece mais difícil do que trinta – disse ela, nós sentadas na beira da banheira ao som da India e da AJ, já bêbedas, a esmagar gelo na cozinha com uma embalagem de *Nivea Fator 30* para fazer caipirinhas. – Parece que há um monte de coisas que pareciam muito importantes e que agora são tão normais aos trinta e um.

– Tipo, o quê? – perguntei.

– Tipo... – ela vasculhou as ideias. – «Caleb, trinta e um anos, é o

fundador de uma empresa de *software* que entrou este ano na Bolsa.» Ou: «Kelly, trinta e um anos, é mãe de gémeos e de uma menina.»

– Sim – disse eu com um suspiro desanimado. – Sim, entendo o que queres dizer.

– Já não é estranho fazermos seja lá o que for. Nada parece uma proeza extraordinária e prematura. É apenas exatamente o que devíamos estar a fazer. – Ela inclinou-se para frente e poisou a testa nas mãos, o cabelo comprido e dourado a cobrir-lhe a cara. – Trinta e um – disse outra vez, como se fosse uma palavra estrangeira que estivesse a aprender a pronunciar. – Como é que já temos trinta e um? Olho para nós e não vejo nada disso. Não consigo imaginar ninguém com mais de trinta. – Uma pausa demorada enquanto eu lhe fazia festas nas costas.

– Bem, se te faz sentir melhor – disse eu, apanhando-lhe o cabelo num rabo de cavalo –, na realidade, eu *ainda* não cheguei aos trinta. – Ela olhou para mim com olhos inexpressivamente vidrados. – Ainda tenho vinte e nove... portanto...

– Como é que me podes fazer uma coisa dessas? E logo hoje?

Percebi o que ela queria dizer, eu própria mal queria acreditar.

Organizei o trigésimo primeiro aniversário da Farly no meu apartamento, uma semana depois do meu trigésimo, e, enquanto desempacotava os ingredientes para o bolo de aniversário, duas grandes velas com números caíram do saco de compras para a bancada da cozinha. Aterraram ao contrário, como um treze. Pensei na festa dos treze anos dela – no salão da igreja de Bushey. Ela tinha um vestido cor-de-rosa da *Miss Selfridge* e brindou-me com um sorriso de aparelho metálico quando cheguei, dando-me logo o abraço especificamente envolvente e aliviado de uma aniversariante nervosa (um género de abraço que nunca perdemos, seja qual for a idade). Pensei em nós com treze anos – de papo para o ar no tapete creme dos meus pais, com *t-shirts* da Pineapple Dance Studios a condizer, a comer um enorme pacote de *Doritos*, a ver comédias românticas da Nora Ephron e a discutir as qualidades do nosso namorado de sonho. Coloquei as velas na sua posição correta, 31, e olhei para elas, a tentar desesperadamente

dar sentido ao tempo. Depois, troquei-as de volta para um 13 e olhei mais um pouco. Continuava com a sensação de que estávamos muito mais perto daquele número, mas já tinha sido há mais de metade da minha vida.

Ouçõ muitas vezes as pessoas casadas dizem que nunca dão pelo envelhecimento uma da outra – alguma espécie de magia sobrevivencial com o seu quê de comédia shakespeariana deve abater-se sobre os casais de longa duração no princípio do respetivo relacionamento, uma magia que os leva a ver sempre e apenas a cara pela qual se apaixonaram. Penso que acontece o mesmo comigo e com as minhas amigas. Para mim, temos todas exatamente a idade que tínhamos quando nos conhecemos.

O trigésimo aniversário da Lauren foi sete meses antes do meu. No dia, algumas de nós fomos até casa dela à tarde, montámos mesas com cavaletes no meio da sala de estar, enchemos balões e fizemos lasanhas.

– Qual é a sensação, miúda? – perguntei-lhe eu a meio do jantar, enquanto fumava um cigarro na janela da cozinha, longe da festa.

– Sinceramente? – perguntou-me ela em resposta, entretida a vapear. (Agora, as pessoas vapeiam – toda a gente se passa com os cigarros quando chegam os trinta, por causa daquele boato falso segundo o qual os médicos do NHS<sup>23</sup> «não contam» o tabaco quando estamos nos vinte, mas que, depois, tudo é diferente. A Lauren vai tantas vezes à sua loja de cigarros eletrónicos que todos os empregados já a cumprimentam como se fosse o Fonz<sup>24</sup>. Agora, ela vive constantemente rodeada por uma nuvem de vapor com aroma de canela e tarte de maçã). – É terrível, a sensação é mesmo terrível.

– O quê!? – perguntei, eu, indignada. – Toda a gente diz que é um alívio enorme e que os vinte e nove são do pior e que os trinta são o máximo.

– Não – disse ela. – Não, não se parece com nada disso. Parece que, nestes últimos anos, estive a fazer turismo do que iam ser os trinta anos, quase como se estivesse a preparar-me. Andei a entrar e sair. A experimentar.

– Tipo, o quê? – perguntei.

– Tipo... não sei, ir aos Cotswolds para umas miniférias de fim de semana.

– Estou a ver – disse eu. – Ou ter uma empregada de limpeza uma vez por mês.

– Isso! Ou comprar um ferro ou pertencer a um clube de leitura. Mas hoje à noite percebi que já não sou uma turista. Não posso ir de férias aos meus trinta anos e depois voltar atrás com a esperança manhosa de regressar aos meus vinte. Agora, estou mesmo lá.

– Meu Deus – disse eu, a força daquelas palavras a fazer-se sentir. – Nunca mais podes... partir. És uma residente. É como se toda a ironia da idade adulta tivesse acabado.

– Exato! Quando costumávamos ter ervas aromáticas no parapeito da janela da cozinha, as pessoas achavam que era meio *kitsch* e fofo. Ao passo que, agora...

– És só tu a ser uma chata de trinta e poucos anos – terminei eu a frase, desconcertada com a epifania.

– Pois – disse ela.

– Então, o que é que fazemos agora? Começamos a jogar *bridge*? – sugeri.  
– Temos crises de gota?

– Não, não, isso não é turismo dos quarenta, é turismo dos sessenta, só vamos de férias na década a seguir. – Fartámo-nos de pensar. – Já sei: cartões de sócio da Tate Gallery – declarou ela por fim. – Isso é que é o turismo dos quarenta. E interiores minimalistas.

– Ir para a cama às nove e meia? – sugeri.

– Sim. E ter o mesmo modelo de sapatos em três cores diferentes.

Identifico esta conversa como o começo do meu crescente colapso existencial em relação ao envelhecimento, colapso pelo qual passei no período que antecedeu o meu trigésimo aniversário. Depois dos anos da Lauren, comecei a procurar por todo o lado indícios de que as coisas estavam a mudar; de que o meu engenho estava a mirrar; de que a minha *joie de vivre* estava em declínio. Reparei, por exemplo, que tinha – de repente e sem dar por isso – desistido completamente do hábito de tirar fotografias de sinais de trânsito divertidos. Ao longo da minha adolescência e dos meus vinte, saía do autocarro uma paragem antes para fotografar «The Famous Cock Tavern» ou atravessava uma rua movimentada, mesmo que estivesse atrasada, para conseguir uma foto perfeita de «Bell End Lane»

ou «Minge Street»<sup>25</sup>. Eu e a India tivemos um momento triste de reconhecimento quando, há pouco tempo, passámos juntas por «Farly Road» e nenhuma de nós se deu ao trabalho de sacar do telemóvel.

– Não achas isto triste? – perguntei-lhe eu. – Durante anos, teríamos tirado uma foto das duas ao lado do sinal e enviado à Farly; agora, nem nos damos a esse trabalho.

«Para quê?» Esta é sem dúvida a pergunta que agrega todos os fragmentos afiados de qualquer crise relacionada com a idade. Era certamente para a Hannah, aquela minha amiga, que na noite do seu trigésimo aniversário, tinha perguntado: «É isto? A vida é mesmo só isto? A porra... da Tottenham Court Road e encomendar merdas na Amazon?» Eu tinha vinte e um anos quando presenciei esta crise e achei-a completamente desconcertante: ela tinha-me dito que eu havia de entender quando tivesse trinta anos. Entendi. Entendo.

Eu não queria ficar presa à futilidade da existência. Não queria ser alguém que faz máquinas de roupa no domingo à noite e, enquanto pendura as meias no radiador, se interroga sobre exatamente quantas vezes uma pessoa passa por este ritual durante toda uma vida e se existe algum significado em tudo isto. A Lauren e eu costumamos trocar piadas a respeito de um certo tipo de pessoa na qual é patente que vive apenas «de passagem»: como se a vida fosse uma longa e chata viagem e cada dia fosse um pernoite sensaborão num Premier Inn e não houvesse pachorra para desfazer a mala. O tipo de pessoa que nunca perderia tempo a personalizar o fundo do ecrã do computador com uma fotografia; que compra sempre a mesma sanduíche no Pret todos os dias úteis durante trinta anos; que não se dá ao trabalho de mandar emoldurar as suas gravuras e, em vez disso, apenas se limita a colá-las na parede com aquela massa adesiva.

«Para quê?»

Eu nunca quis sentir que estava de passagem, mas receava que isto fosse uma característica inevitável da passagem dos anos e da aproximação gradual do fim. Uma morte do prazer que tiramos da vida, um crescer de uma mera tolerância da mesma.

«Como estamos de TCR & A?» A Hannah, agora com trinta e oito anos,

mandava-me SMS regulares antes do meu trigésimo, um código para indagar do meu estupor niilista. «Vais-te sentir muito melhor quando tiver passado, juro.» (O presente de aniversário dela, claro, foi um livro sobre a Amazon e uma caneca vitoriana com «Tottenham Court Road» gravado no fundo).

Eu apreciava a compreensão da Hannah, na qualidade de uma amiga que tinha passado por algo semelhante na mesma fase da sua vida. Outras amigas mais velhas não reagiram tão bem a esta minha ansiedade: encararam o meu receio pessoal de fazer trinta anos como um comentário à idade delas e uma insinuação de que deviam ter vergonha disso. «EXPERIMENTEM TER SETENTA E DOIS», berrou de repente o meu pai quando eu e o meu irmão estávamos deitados no sofá em casa a carpir o fim iminente dos nossos vinte.

Não era tanto o conceito de envelhecer que eu achava tão opressivo, mas sim aquilo que eu entendia como uma transferência de uma fase definida da vida para outra. Sim, os meus vinte e tantos tinham sido férteis em ansiedade, insegurança e más escolhas, mas só à saída é que eu agora reconhecia uma atmosfera reconfortante e descontraída naquilo tudo. Não havia nenhum requisito específico para ter vinte e poucos anos e tinha sido isto que me deixara sempre tão desorientada. Nunca soube onde devia estar ou o que devia estar a fazer – era tão normal ser uma mulher de 27 anos com um marido e um labradoodle chamado *Brie*, como era ser uma mulher que vivia com estranhos conhecidos via Gumtree num apartamento de cave sem sala de estar. A estrutura societalmente definida para os trinta anos parecia ser muito mais rígida. Já não era tão fácil, digamos, ter um grande lençol *tie-dye* pendurado na parede ou um cachimbo de água com luz ultravioleta na minha mochila sem ser julgada. Não que eu particularmente desejasse qualquer uma destas coisas, mas queria continuar a tê-las como opção de estilo de vida aceitável.

Era uma perceção insidiosa de que eu já não estava numa fase da vida que garantisse paciência, atenção ou simpatia. Durante todos os meus vinte, a minha geração foi a do irmão mais novo. Em todas as reuniões em que participei na última década, o centro das atenções fomos nós – nós éramos o

alvo. «É um misto de *A Vigária de Dibley* e do *Challenge Anneka*, para a Geração Y», ouvia eu nas reuniões de desenvolvimento na produtora. «Temos de investigar como é que a Geração Y faz compras *online*», diziam os editores. Sempre que eu abria um jornal, só dava com artigos cujos autores estavam preocupados connosco: iríamos alinhar no esquema da propriedade? Alguma vez acabaríamos por assentar? A nossa vida estava estragada porque tínhamos aprendido o que era o sexo por intermédio da pornografia? Como íamos pagar a dívida das nossas propinas? Nós fascinávamos, repugnávamos, preocupávamos, iludíamos e definíamos o *zeitgeist*. Na altura, eu dizia que aquilo era uma histeria condescendente, mas só depois de ser substituída é que percebi como tinha sido agradável ser o filho problemático da nação.

«Geração Z»: não faço ideia de quando ouvi falar disto pela primeira vez, mas lembro-me de ter ativamente ignorado o termo. Esperava que, se não o registasse, ele acabaria por desaparecer, da mesma maneira que fazemos quando ouvimos pela primeira vez o nome irritantemente melodioso da nova namorada de um ex-namorado. De repente, a Geração Z passou a ser o grupo em que todos estavam mais interessados. As pessoas dez anos mais novas do que eu, que em tempos não eram mais do que as priminhas irritantes das minhas amigas, agora tinham um nome oficial. E toda a gente estava fascinada com elas: porque é que estavam a beber menos do que a Geração Y? De que forma diferente expressavam o género e a sexualidade? Como iriam votar? «Gen Z» tornou-se um termo abrangente para juventude, tendências, sexo, modernidade, progressão. Relevância.

Quando eu tinha vinte e seis anos, trabalhei como argumentista assistente no programa da E4 *Fresh Meat*, uma comédia sobre a vida estudantil. Os autores davam-me o argumento de cada episódio para fazer aquilo a que eles chamavam uma «hepcat pass». Esta *hepcat pass* destinava-se a garantir que toda a linguagem estava a par com a juventude; que era autêntica; que não havia ali vestígios de meia-idade. Eu assinalava «cava» e escrevia «deviam beber *prosecco*» ao lado. Dizia quais os textos que eram lidos numa aula de Inglês ou que álbuns eles poderiam estar a ouvir. Eu tinha sido, por defeito, a Representante da Juventude em todas as salas durante toda a minha vida

adulta. Mas, aos trinta anos, este manto é-nos retirado sem permissão ou qualquer tipo de cerimónia oficial. Deixou obviamente de ser o nosso papel – já não somos a autoridade máxima no que toca à relevância. Agora, a minha infância é discutida como um período da história. *Sexo e a Cidade* é a nossa *Fawlty Towers*. Os DVD são quase tão antiquados como os LP. Recentemente, ouvi alguém referir-se a *As Meninas de Beverly Hills*, o icónico filme de adolescentes dos anos 90 da minha juventude, como um «drama de época».

Quando insiro a minha data de nascimento num formulário *online*, puxar a coluna até à década de 1980 já começa a parecer um processo demorado, árduo e embaraçoso. Sempre que tenho de fazer isto, penso no avô de uma amiga minha que entrou para o grupo do Facebook «Oxford University Class of 1938» e sinto-me culpada porque todas nos rimos às gargalhadas quando aquilo apareceu no nosso *feed* de notícias quando éramos estudantes. Não me tinha passado pela cabeça que «Turma de 2009» poderia vir a ser a piada do dia.

A Geração Y foi oficialmente desalojada da mesma forma que nós, imagino, desalojámos a Geração X, da mesma forma que eles desalojaram os Baby Boomers. Estes últimos – aposentados em coros locais e mulheres de cabelo prateado com sapatos de jardinagem de borracha e pais que dizem piadas porcas – foram em tempos os Representantes da Juventude em qualquer sala onde estivessem. Eu sabia isto, não sabia? Tinha ouvido os meus pais falarem dos seus tempos radicais e estouvados na década de 1960. Tinha visto o *The Rolling Stones Rock and Roll Circus* pelo menos quinze vezes. E, mesmo assim, não tinha assimilado que a Geração Y havia de ser outra coisa além dos ingénuos, protegidos, valentões, revolucionários, jovens brilhantes, desgraças totais e adolescentes adultos do mundo para sempre.

Preparem-se para um dos muitos clichês a respeito da passagem da idade, porque todos os clichês são verdadeiros: nunca pensei que isto me pudesse acontecer.

A minha amiga Pandora foi a primeira a reconhecer que o meu superpoder

inútil é a propensão a uma nostalgia desnecessária. Tenho uma capacidade infalível de metabolizar, ritualizar e comemorar a passagem do tempo a uma velocidade vertiginosa, pelo que tudo se transforma num grande momento da História um ano depois de ter acontecido.

– És capaz de falar de uma festa em que estiveste no mês passado com tanto saudosismo e romance como se fosse o Verão de Sessenta e Nove – disse-me ela. Eu não neguei.

Há pouco tempo, fui até ao fundo da minha rua para meter algumas cartas no correio e passei por um carro estacionado com uma mulher de cinquenta e poucos anos e cabelos grisalhos sentada ao volante, com a cabeça entre as mãos. A rapariga a chorar ao lado dela parecia ter cerca de dezassete anos, tinha um uniforme da escola e devia estar a preparar-se para os exames de acesso à faculdade. Tinha cabelo castanho e abundante, preso atrás das orelhas furadas com vários *piercings*. Ela gesticulava desesperada enquanto falava, com as unhas roídas e pintadas de azul-marinho. Tinha a cara contraída de frustração e era visível que a respiração dela se transformara em soluços entre as palavras. De repente, lembrei-me da frequência com que aquela cena tivera lugar durante um período tão longo da minha vida. Eu, a chorar no lugar do morto num carro estacionado, o rádio baixinho, o aquecimento no máximo. Pensei em todas as discussões que tínhamos tido – quando a minha mãe me disse que eu não podia ter um telemóvel, ou voltar para casa depois da meia-noite, ou que o meu namorado podia ficar lá em casa, mas só no quarto de hóspedes. Era um tempo passado. Era passado há cerca de dez anos. Sem eu dar por isso, tinha deixado de ter discussões com a minha mãe num carro estacionado e provavelmente nunca mais teria outra.

A nostalgia foi originalmente diagnosticada como uma doença. No século XVII, a palavra foi criada para descrever uma dor física aguda que os soldados suíços sentiam quando estavam nas planícies de Itália e ansiavam pelas vistas alpinas da terra natal. A nostalgia e os seus sintomas (desmaios, febre alta e indigestão) eram tão mortíferos que tocar uma determinada canção de ordenha suíça era passível de pena de morte.

Com a aproximação do meu trigésimo aniversário, os meus vintes

tornaram-se a minha terra de sonho alpina. Eram a minha casa, um lugar que eu conhecia e onde me sentia confortável. Na minha mente racional, eu estava perfeitamente ciente de que a maior parte daquele período se encontrava repleta de desgostos de amor, autoaversão, ciúme; e destituída de rumo, segurança ou dinheiro – mas deixei-me apanhar pela doença da nostalgia. As minhas canções de ordenha suíças eram os LP que costumávamos ouvir quando nos mudámos para a casa de tijolos amarelos em 2012. Poucas semanas antes do meu trigésimo, ia eu para casa depois de passar no Sainsbury's da Camden Road quando a primeira faixa do primeiro álbum do Rod Stewart que estávamos sempre a ouvir no gira-discos soou nos meus auscultadores. Sentei-me à porta de um desconhecido e desatei a chorar.

– Comecei a realmente entender a expressão «a passagem do tempo» – disse-me a Helen depois de fazer os trinta. – É como um corredor comprido por onde vou, e, quanto mais avanço, mais portas se vão fechando que eu não consigo abrir.

Depois de ouvir esta metáfora da Helen, eu via portas a fechar-se por todo o lado. Programas de jovens escritores aos quais já não podia concorrer. Roupas e discotecas que decidi já não serem apropriadas para mim. Vi um panfleto de copos menstruais numa sala de espera e reparei que havia duas opções de tamanho para menos de trinta anos, e apenas uma opção de tamanho maior para as mulheres com trinta anos ou mais.

Fiquei obcecada em saber a idade exata de toda a gente que aparecia nas revistas ou na TV. Fiquei particularmente perturbada ao saber que a personagem da Meredith Blake, o sofisticado interesse amoroso do Dennis Quaid na adaptação de 1998 de *Pai para Mim... Mãe para ti...* tinha vinte e seis anos. Fiquei incrivelmente irritada com o facto de o Ross Geller ter 29 anos em três temporadas do *Friends*. Passei-me pela exposição BP Portrait Award na National Gallery e dei por mim mais interessada na data de nascimento em letras pequenas sob os nomes dos artistas do que nas telas. Pesquisei no Google todas as idades das últimas vencedoras do prémio Rear of the Year<sup>26</sup> e encontrei consolo no facto de a Carol Vorderman ter ganho quando tinha cinquenta anos. Fiquei ainda mais apaziguada quando vi o

*Serenata à Chuva* e calculei freneticamente que o Gene Kelly tinha quarenta anos quando o protagonizou. Não sei porquê, mas, de repente, era incrivelmente importante saber que as portas daqueles lugares distantes ainda não se tinham fechado para mim. Eu tinha de saber que ainda podia ser um Rear of the Year e protagonizar um musical sobre Hollywood no final da década de 1920 que incluísse uma série de rotinas de sapateado fisicamente exigentes.

David Foster Wallace compreendia o som ruidoso do bater portas ao longo da passagem do tempo. Aos trinta e três anos, escreveu:

Dia a dia, tenho que fazer todo o género de escolhas sobre o que é bom e importante e divertido, e então tenho de viver com a renúncia a todas as outras opções que essas escolhas implicam. E começo a ver de que maneira, à medida que o tempo ganha impulso, as minhas escolhas se vão de reduzir e as suas limitações se vão de multiplicar exponencialmente até chegar a um ponto num dado ramo da sumptuosa complexidade ramificada da vida em que, finalmente, ficarei bloqueado e preso num caminho e o tempo me fará rapidamente percorrer fases de estase e atrofia e decadência até que eu desça pela terceira vez, tanto esforço para nada, afogado pelo tempo.

Sylvia Plath também viu a passagem do tempo como uma diversidade extremamente complexa de ramificações. Em *A Campânula de Vidro* (publicado quando ela tinha vinte e nove anos), escreveu:

Vi a minha vida ramificar-se diante de mim como a figueira verde da história. Da ponta de cada ramo, como um figo cheio e roxo, um futuro maravilhoso chamava e piscava-me o olho. Um figo era um marido e um lar feliz e filhos, e outro figo era um poeta famoso e outro figo era um professor brilhante, e outro figo era Ee Gee, o incrível editor, e outro figo era a Europa e a África e a América do Sul, e outro figo era Constantino, Sócrates e Átila e um bando de outros amantes com nomes estranhos e profissões fora de moda, e outro figo era um paladino de uma dama olímpica, e para lá e acima destes figos havia muito mais figos que eu não conseguia distinguir. Via-me sentada na virilha desta figueira, a morrer de fome, só porque não conseguia decidir qual dos figos escolher.

Portas que se fecham, galhos que se partem, frutos que caem. Senti-me tranquilizada pela ideia de que o FOMO<sup>27</sup> não é uma invenção da Geração

Y – de que alguns dos meus escritores preferidos achavam a transição das eras pessoais deprimente, em vez de emocionante. Na minha canção preferida dos Pulp, *Stacks*, o Jarvis Cocker define perfeitamente esse grande luxo que é o tempo que vem com a juventude: «Oh there's stacks to do and there's stacks to see, there's stacks to touch and there's stacks to be, so many ways to spend your time, such a lot that I know that you've got.» Aquilo de que sinto maior nostalgia, aquilo que me fez chorar à porta de um desconhecido na Camden Road rodeada de sacos do Sainsbury's, não é a vida nem a identidade dos meus vinte anos. É a sensação de ser um milionário do tempo: de ter montes e montes de opções. Hei de sempre lamentar a perda daquela sensação da adolescência e dos vinte e poucos anos, de ser a proprietária de infinitos minutos vazios; de ter dias sem fim pela frente. Acho que, seja qual for a minha idade, hei de estar sempre à procura de mais.

O ponto mais baixo da minha crise existencial teve lugar dois dias antes do meu trigésimo aniversário numa Zara do centro de Londres. Considerando todas as roupas demasiado desleixadas, decidi ir ao piso da linha mais jovem, mais barata e menos convencional, para encontrar alguma roupa que se adequasse ao novo estilo do meu eu de trinta e poucos anos. Mas, para variar, nada me parecia assentar bem. Lembrei-me que a Farly, que tem metade da minha altura e largura, às vezes compra roupa na secção infantil das lojas. Com efeito, apenas uma semana antes eu tinha-a visto bem estilosa, jovem e elegante num *blazer* azul-marinho que, disse-me ela, tinha comprado numa secção de rapazes. Fui ao piso das crianças e, sem dúvida, vi um casaco bordado cujo visual me agradou. Agarrei no tamanho maior (13-14 anos) e experimentei-o por cima das minhas roupas sem sequer ir aos provadores. Lá encontrei maneira de meter um braço numa manga, mas não consegui que a outra me passasse do cotovelo. Num pânico claustrofóbico, tentei livrar-me do casaco e ouvi o forro rasgar-se. Foi como se tivesse soado uma sirene: um assistente com um ar muito incomodado apareceu a correr, apressando-se a perguntar o que tinha acontecido.

– Acho que o forro se rasgou um pouco – disse eu na defensiva enquanto

continuava a tentar despir o casaco. – Obviamente, pago o casaco.

– Sabe que o departamento de senhora é noutro piso?

– Sim – respondi.

– Então, porque é que experimentou o casaco?

– Porque achei que talvez me servisse.

– Mas esta é a secção *infantil* – disse ele.

– Já *disse* que pago o casaco! – respondi indignada, poupando-lhe a explicação do meu colapso neurótico ao ver-me confrontada com a minha mortalidade, que eu achava que talvez – *talvez* – pudesse ser instantaneamente resolvido com a compra e uso de um casaco destinado a uma criança.

– Muito bem, o que é que se passa? – perguntou-me a India no *pub* naquela noite. – Explica-me lá o que é que, especificamente, te anda a incomodar tanto.

– Quero voltar a ter vinte e um anos.

– Não queres, não, amiga – disse ela.

– Quero, sim. Quero ter vinte e um.

– Porquê?

– Não quero o cérebro do meu eu de vinte e um anos. Nem os impulsos nem o raio da... agitação interior. Quero tudo o que tenho agora: quero todas as lições que aprendi e as experiências que vivi e saber tudo o que sei agora. Mas quero transpor-me para o estado físico de uns vinte e um eternos, com toda a minha vida pela frente.

– Certo.

– Basicamente, quero que a minha mente e a minha alma continuem a envelhecer, mas quero que o meu corpo nunca envelheça – disse eu, despejando o resto do rosé nos nossos copos. – Acho que devíamos ter acesso simultâneo à juventude e à sabedoria da idade. – Emborqueei o vinho.

– Percebes o que quero dizer? Imagino que é o que toda a gente quer, não é?

– Não, não; acho que é uma ideia completamente nova – respondeu ela sem hesitar. – Estás a dizer que achas que a juventude é desperdiçada nos jovens. Acho que és a primeira pessoa a perceber isso, Dolly.

Alugámos em grupo uma casa à beira-mar no Devon para o fim de semana do meu trigésimo aniversário. No dia em que chegámos, estávamos a despejar as bagageiras e a levar as malas para dentro quando uma mulher de sessenta e poucos anos com cabelo de Jilly Cooper e um lenço de seda amarrado ao pescoço passou por nós com três *cocker spaniels*.

– Vocês são as da despedida de solteira? – trinou ela com um sorriso, a puxar pelos cães frenéticos como se fossem cavalos pela rédea.

– Não – respondeu a Farly, virando a cabeça na minha direção. – É o trigésimo aniversário desta aqui.

– Meu Deus! Trinta! O pior aniversário de todos! – ela riu-se. – Parecia que a minha vida tinha acabado, como se não valesse a pena continuar a viver! Credo, que noite medonha que foi, não voltava atrás nem por nada. Adiante – disse ela, novamente em marcha –, adeusinho! Divirtam-se!

Naquela noite, a última dos meus vinte, depois de um longo jantar no *pub*, algumas de nós resolvemos sentar-nos sob uma Lua irregular – tão anafada e luminosa como uma pérola de água doce – e beber *crémant* (um espumante um pouco melhor do que o *prosecco* e um pouco mais caro).

– Últimos quinze minutos da minha juventude – disse eu com um suspiro.

– Tens de PARAR com isso agora – disse a Sophie. – Não é nada de mais.

– Vais entrar numa década completamente nova! não é emocionante!? – perguntou a Lauren.

– Imagino que sim – respondi eu sem entusiasmo.

– Muito bem. Põe a coisa nestes termos – disse ela, exalando uma nuvem de vapor para o ar (um aroma frutado a coco, chamado «Luquillo Breeze»).

– Sempre quiseste ser adulta. Era tudo o que queríamos quando éramos adolescentes: queríamos ter muitas experiências e amigos só nossos e apartamentos só nossos. Muito Bem, olha! Já lá estás! Conseguiste! Estás finalmente onde a versão adolescente de ti mesma sempre quis estar. Estás num momento de ouro.

A Lauren e eu comentamos sempre o facto desconcertante de, aos dezassete anos, termos comprado bilhetes para uma coisa chamada «The Grumpy Old Women Roadshow» – um derivado ao vivo de um popular programa de televisão em que comediantes femininas partilhavam o que

sabiam da vida. Éramos as pessoas mais novas na assistência, isto por uns confortáveis vinte e cinco anos. A Jenny Eclair fez piadas sobre coisas que não entendíamos: orgasmos múltiplos e hipotecas, pavimentos pélvicos e perimenopausa. O que nos rimos! Só quem nos visse: duas virgens anafadinhas dos subúrbios, em acessos de gargalhadas histéricas e simuladas só para nos sentirmos parte daquele grupo de gente. Mulheres destemidas, engraçadas, adultas e gloriosas.

É tudo o que eu sempre quis. Bom humor e bons amigos. Sabedoria e humildade. Confiança. Valentia. Uma noção de identidade não forçada. Então, porque é que eu me estava a passar, agora, quando finalmente tinha começado a concretizar uma parte de tudo aquilo? Algures na minha vida de jovem adulta, piratas patriarcais deviam ter invadido a parte mais sagrada e mais segura do meu sistema e, sem o meu conhecimento, tentado interferir nas minhas ligações. Levar-me a acreditar que a vida só teria significado, que eu só teria poder enquanto pessoa de vinte e poucos anos.

Mas sinto-me mais poderosa do que nunca. E mais pacífica também. Estou a viver com mais sinceridade do que alguma vez vivi. Posso não ser o retrato exato de feminilidade que a minha versão adolescente imaginava (sofisticada e magra; com vestidos pretos, a beber martínis e a conhecer homens em lançamentos de livros e inaugurações de exposições). Posso não ter exatamente todas as coisas exatas que pensava vir a ter aos trinta. Nem todas as coisas que me disseram que devia ter. Mas sinto-me satisfeita; grata por todas as manhãs em que acordo com mais um dia nesta Terra e mais uma oportunidade de fazer o bem e de me sentir bem e fazer com que os outros se sintam bem também.

O som dos sinos da igreja local indicou que era meia-noite.

– Chiu! Ouviram aquilo? – perguntou a Lauren. Ouvi o marulhar das ondas, para a frente e para trás, na praia abaixo de nós.

– O quê? – perguntei.

– Acho que é a Morte, montada numa *paddleboard* – respondeu ela. – Veio buscar-te, para te levar estuário fora, rumo ao mundo inferior.

Na manhã seguinte, acordámos com um céu azul sem nuvens. Depois de

comer bolo de aniversário rosa-fúcsia ao pequeno-almoço, rodeado de balões do Rod Stewart, descemos até à praia em roupão e entramos no mar gelado entre gemidos histéricos.

Nadei até longe na água límpida e salgada, rodeada por um bando perfeito de sereias cacofónicas, e senti os últimos dez anos desfazerem-se como um nó dentro de mim. Eu tinha chegado àquele número novo e grande, e não era assim tão mau. Era um lugar onde eu sentia a mesma promessa de vida sem limites à minha frente, como aos dezassete anos, e talvez sempre viesse a sentir. Um lugar onde continuava maravilhada, sedenta de experiência, tão carente de sabedoria. Um lugar onde havia de cometer erros, mas também onde fazia boas escolhas e continuaria a aprender. Um lugar onde sabia que podia permitir-me e encontrar coragem para me apaixonar de novo.

Despedi-me dos meus últimos dez anos como de uma velha amiga. De uma amiga que finalmente tinha deixado para trás, mas que recordaria para sempre. Zaragateira, desassossegada e decrépita. Sem rumo, barulhenta e rebelde. A minha década errante: os meus loucos anos vinte.

---

<sup>23</sup> National Health System, o sistema nacional de saúde inglês. (N. T.)

<sup>24</sup> Fonz, ou Fonzie, é a personagem principal da conhecida série de televisão *Happy Days*. (N. T.)

<sup>25</sup> Recorrendo a termos o mais inócuos possível, poderemos dizer que os ditos sinais seriam divertidos porque «cock» é frequentemente usado para «pénis», «bellend» é uma palavra especificamente inglesa que significa «ponta do pénis» e «minge» é o nome dado aos pelos púbicos femininos. (N. T.)

<sup>26</sup> Nome de um prémio atribuído em Inglaterra a celebridades consideradas possuidoras de um «traseiro» digno de nota. (N. T.)

<sup>27</sup> Acrónimo de *Fear of Missing Out*, traduzido por alguns como apenas «Medo de Perder», caracterizado como uma perceção generalizada de que os outros possam estar a viver experiências gratificantes das quais não fazemos parte. (N. T.)

## Receita: bolo de aniversário de crise existencial

(oito–dez pessoas)

### **Para o bolo:**

- 225 g de açúcar refinado;
- 225 g de manteiga sem sal, amolecida;
- 225 g de farinha com fermento;
- 1 colher de chá de fermento;
- 4 ovos grandes;
- 1 colher de chá de pasta de baunilha ou de água de rosas, ou ambas;
- Uma pitada de sal;
- Um pouco de leite, se necessário.

### **Para o creme de manteiga:**

- 75 g de manteiga sem sal;
- 150 g de açúcar de confeitiro;
- Algumas gotas de extrato de baunilha, água de rosas, ou ambos;
- Um pouco de leite, se necessário;
- 3–4 colheres de sopa de compota de framboesa (é mais fácil de espalhar se não for muito firme).

### **Para a cobertura:**

- 110 g de açúcar de confeitiro;
- 1–2 colheres de sopa de água a ferver;
- Algumas gotas de extrato de baunilha, água de rosas, ou ambos;
- Algumas gotas de corante alimentar cor-de-rosa (opcional);
- Pétalas de rosas cristalizadas ou pérolas decorativas (opcional).

*Pré-aquecer o forno a 180 °C, untar e forrar 2 x formas de fundo solto com 20 cm de diâmetro.*

Para fazer a massa do bolo, colocar todos os ingredientes, com exceção do leite, numa tigela grande e, em seguida, misturar com um batedor elétrico até a massa ficar homogénea e sem grumos. Talvez seja preciso adicionar um pouco de leite se a mistura estiver muito firme, mas não mexer demasiado a massa: queremos que ela fique leve e fofa. Dividir a mistura pelas formas preparadas, alisar os topos com uma espátula e levar ao forno durante 20–25 minutos, ou até que um palito espetado na massa saia limpo. Deixar os bolos arrefecerem nas respetivas formas durante 5–10 minutos, antes de os colocar sobre uma grelha para que arrefeçam por completo.

Para fazer o creme de manteiga, colocar a manteiga numa tigela e usar uma batedeira elétrica para bater até ficar bem macia. Juntar mais de metade do açúcar de confeiteiro, passando-o por uma peneira, e bater novamente para misturar (voa em todas as direções se for adicionado todo de uma só vez). Usar o mesmo processo para juntar o restante açúcar de confeiteiro e bater até obter um creme macio e cremoso; poderá ser necessário adicionar um pouco de leite para o creme de manteiga ficar um pouco mais leve. Por fim, misturar a baunilha e/ou água de rosas; em seguida, provar e acrescentar mais algumas gotas se necessário.

Colocar um dos bolos num suporte ou prato de servir e espalhar o creme de manteiga por cima. Aplicar a compota, espalhando-o com uma espátula. Colocar o segundo bolo em cima.

Para fazer a cobertura, colocar uma peneira sobre uma tigela e peneirar o açúcar de confeiteiro. Usando uma colher de pau, adicionar misturando a água de rosas e/ou a baunilha, algumas gotas de corante alimentar (se for o caso) e água suficiente para obter uma cobertura espessa, mas que escorra pelos lados do bolo: pretende-se uma consistência semelhante a natas espessas. Alisar a cobertura por cima do bolo, deixando escorrer um pouco pelos lados. Pode enfeitar o topo com algumas pétalas de rosa cristalizadas ou pérolas decorativas.

Vai bem com uma apresentação dramática.

## Tudo o que sei sobre o amor aos trinta

Quanto mais anos tens, mais bagagem levas contigo. Quando namoras aos vinte e cinco anos, todos os homens entram no bar com um saco de mão leve e impecável. Lá dentro, podes encontrar um par de ex-namoradas, um ligeiro complexo de Édipo ou talvez até mesmo um certo receio de compromissos. Quando namoras a partir dos trinta, prepara-te para conhecer alguém com 250 kg de mochilas absolutamente repletas de história, complicações e exigências. Há de haver divórcios e filhos e casas a meias com uma ex; tentativas de fertilização *in vitro* e pais moribundos e anos de terapia e problemas com dependência e empregos que ocupam todo o tempo disponível e ex-companheiras que eles ainda têm que ver uma vez por semana por causa de um cão que foi apanhado na batalha da custódia. Pode ser assustador, sério, intenso, adulto e não muito divertido.

Quanto mais anos tens, mais bagagem levas contigo, mas todos se permitem ser mais honestos, abertos e vulneráveis.

No ano em que escrevo isto (2018), declaro oficialmente que é quase impossível encontrar um parceiro romântico na vida real.

Aceitar isto é crucial para perceberes que não és inacessível nem indesejável, nem estás a fazer nada de errado. Podes identificar os maus padrões de comportamento nas tuas relações. Podes analisar como se desenvolveram.

Podes desenvolver o trabalho necessário para te certificares de que nunca mais voltarás a comportar-te assim. Mas isto é tudo o que alguma vez poderás controlar. Não podes prever como é que outra pessoa se vai comportar numa relação. Podes avaliar o risco, podes ter cuidado, podes tomar decisões sensatas no que respeita a quem entregas a tua confiança e quem convidas a entrar na tua vida e no teu coração. Mas não podes controlar as variáveis rebeldes de outro ser humano. Escolher amar é assumir um risco. Sempre. Ninguém anda à procura do amor com uma

bússola e um mapa.

As pessoas descobrem dores que nem sequer sabem que guardam dentro de si. Existe uma razão para que aqueles que têm demónios partilhados ou que tiveram infâncias semelhantes ou antepassados em comum muitas vezes acabem juntos. Penso que as impressões digitais emocionais mais profundas de todos nós se procuram e se tocam a um nível inconsciente. Isto pode ser bom e mau. Pode levar à intimidade e conexão, mas também à codependência e ao drama.

Um dos maiores desafios que enfrentamos à medida que envelhecemos solteiros é o de saber resistir ao cinismo. É tão difícil não nos sentirmos traídos e dececionados pelo amor e transformar tudo em niilismo, ceticismo ou raiva. Mas o cinismo, ainda que seja engraçado e autoprotetor, é muito fácil. Encontrar confiança, manter a esperança – esta é a verdadeira arte.

Uma das coisas mais difíceis em envelhecermos e estarmos apaixonados é saber perceber quando algo é «apenas a realidade» e quando é trabalho a mais. Precisamos de instintos verdadeiramente aguçados para saber identificar a sensação discreta, feliz mas muitas vezes desafiadora do amor a longo prazo e saber distinguir o que afinal não passa de uma grande chatice.

Se sofres de fadiga crónica no que toca ao romance, experimenta a abstinência. Apaga as tuas aplicações de encontros, deixa de enviar SMS ao teu ex, deixa de flirter com desconhecidos, desiste do sexo. Promete a ti mesma que vais libertar algum espaço na tua mente e na tua agenda e vê como é a vida sem ele. Experimenta um mês. Experimenta seis. Experimenta um ano.

Tens de ter noção de que a abstinência te fará reavaliar radicalmente o significado do sexo. Hás de pensar no ato físico em si, reavaliá-lo e perceber que se trata de uma coisa extraordinária, mágica e repugnantemente íntima. Darás por ti deitada na cama à noite a pensar nisto, a tentar recordar exatamente como é estar tão próxima de alguém e pensar: «Não posso *acreditar* que já o fiz com um tipo que usava uma camisola de tom pastel aos ombros como um senhor de idade europeu, trabalhava em seguros e cujo apelido nem sequer sei.»

Tens de ter noção de que a abstinência pode transmitir-te uma sensação de

paz tão grande que a ideia de voltar à terra do amor pode começar a parecer impossível. Pode fazer com que tenhas medo de estragar essa paz se convidares alguém a entrar na tua vida.

Os interesses em comum são um dos fatores mais equívocos quando se trata de escolher um parceiro. Decidir que alguém é uma boa pessoa, ou a tua alma gémea, ou feito exatamente da mesma substância que tu, simplesmente porque ambos adoram a música do George Harrison é ridículo. Ter a mesma coleção de livros do Martin Amis ou fazer férias na mesma área do País de Gales rural não te vai ajudar a enfrentar as diversas e inesperadas tempestades da vida a dois.

Um fator a ter em conta – que é muito subestimado e incrivelmente simples quando se trata de escolher um parceiro – é o quanto aprecias a companhia dele. Desde que as minhas amigas começaram a ter filhos e eu pude ver como elas funcionam em casal, tornou-se-me ainda mais claro que a coisa mais importante numa relação é a qualidade do trabalho em equipa. Por algum motivo esta noção se tornou um lugar-comum: os membros de um casal têm de ser mesmo muito bons amigos.

Quando nos aproximamos dos trinta anos, as nossas amigas casadas sofrem uma espécie de amnésia a respeito do que era a vida de solteira. Transformam-se na nossa Mrs. Bennet<sup>28</sup>. Passam a pensar que tudo se resume ao facto de sermos demasiado exigentes, e que nós somos uma verdadeira Maria Antonieta sentada num trono de veludo cor-de-rosa a enxotar os homens, um a um, com um leque encastado de pérolas.

Por mais sensatas e sábias que nos possamos tornar, não deixamos de ser animais. Acredito que nunca nos tornamos imunes à potencial humilhação de um vertiginoso e avassalador romance adolescente. A luxúria é uma discoteca silenciosa, apreciada apenas por quem dá por si nos braços dela: permite-nos dançar e perdermo-nos numa canção que mais ninguém consegue ouvir. O aspeto positivo é que, com o passar dos anos, vamos aprendendo a perceber quando chegou a altura de desligar a fixa da tomada.

Nenhuma desconfiança é excessiva quando alguém se mostra decidido a olhar por ti constantemente.

Nenhuma desconfiança é excessiva quando alguém precisa que olhes por

ele constantemente.

Se decidiste que o que realmente queres é uma relação, fazeres escolhas para que isso seja possível é uma boa ideia. Inscreve-te em *sites* de encontros, pede às tuas amigas que te «emparelhem» com alguém, torna-te o mais recetiva possível a novos conhecimentos. Não é antifeminista e não quer dizer que és incapaz de estar sozinha. Mas se a procura de uma relação se tornar a coisa que rege *todas* as tuas escolhas, estás destinada ao pânico e à infelicidade.

Faz o possível por não julgar as relações dos outros nem a maneira como eles se comportam nelas. O amor romântico a longo prazo é uma proeza. As pessoas devem pô-lo em prática exatamente da maneira como resulta para elas, mesmo que não faça sentido para quem está de fora.

Com o passar dos anos, o conceito abstrato do amor deixa de ser excitante, o que é uma coisa boa. Os pormenores exatos de um namorado imaginário mantinham a minha mente numa onda de fantasia sem fim. A vida real era sempre uma decepção porque a narrativa romântica da minha cabeça era completamente inatingível. O amor deve ser uma questão de sabermos alinhar a nossa vida com outra pessoa, não um lugar de faz-de-conta para onde podes fugir e onde te sentes sempre o máximo, onde és a estrela do espetáculo e inquestionavelmente adorada.

Mas a paixão está à minha espera. E também à tua espera, se é de amor que estás à procura. Independentemente da idade que temos, do muito ou do pouco que amámos ou perdemos, todas merecemos um ocasional par de braços à volta da cintura enquanto mexemos a sopa no fogão. É algo que nunca nos deveria parecer indisponível.

«Por dentro, todos temos dezassete anos e lábios vermelhos», terá dito Laurence Olivier. Concordo com ele do fundo do meu coração.

Quando estás à procura de amor e parece que talvez nunca o venhas a encontrar, lembra-te de que provavelmente já tens uma grande dose dele ao teu alcance, só que não do género romântico. Este género de amor talvez não te beije à chuva nem te peça em casamento. Mas sabe ouvir-te, inspirar-te e renovar-te. Há de te abraçar quando chorares, comemorar quando estiveres feliz e cantar músicas das All Saints contigo quando estiveres

bêbeda. Tens tanto a ganhar e a aprender com este género de amor. Podes tê-lo contigo para sempre. Tem-no sempre o mais perto de ti que puderes.

---

<sup>28</sup> Referência a uma das personagens principais do romance *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, cuja principal preocupação era casar bem as suas várias filhas. (N. T.)

## Agradecimentos

Agradeço à minha agente Clare Conville, que deu forma a este livro quando não era mais do que *Post-its* e pedaços de histórias e de ideias. Serei sempre muito grata por ser representada por uma amiga cuja bondade é tão abundante como o seu talento.

Agradeço à Juliet Annan, que entendeu completamente o livro, e me entendeu a mim, desde o nosso primeiro encontro, cujos instintos e opiniões me surpreenderam do princípio ao fim. Eu não poderia ter encontrado mais bom humor, experiência e orientação; não poderia ter imaginado uma editora melhor.

Agradeço à Anna Steadman pelo seu brilhante trabalho no livro e pelo contínuo incentivo à minha escrita ao longo dos anos.

Agradeço a Poppy North, Rose Poole e Elke Desanghere, da Penguin, pelo seu entusiasmo e colaboração sem limites. Vocês são membros de ouro da irmandade.

Agradeço a Marian Keyes e Elizabeth Day por lerem o livro logo no início e por serem tão generosas com o seu apoio ao mesmo.

Agradeço a Sarah Dillistone, Will Macdonald e David Granger por correrem um risco com uma miúda de 22 anos com um corte de cabelo à la Billy Idol e darem-me um trabalho que mudou a minha vida (acho que nunca hei de encontrar outro tão divertido).

Agradeço a Richard Hurst por ter sido a primeira pessoa que me encorajou a escrever, pelo seu firme apoio e conselhos e por me apresentar ao *punk rock* quando eu tinha dezasseis anos.

Agradeço a Ed Cripps e Jack Ford, que me fazem querer ser mais engraçada, só para que eu os possa fazer rir.

Agradeço a Jackie Annesley e Laura Atkinson por me darem a minha coluna no *The Sunday Times Style*, por serem minhas editoras e orientarem-me com paciência e carinho, e por me ensinarem tanto sobre como se conta

uma história.

Agradeço às mulheres espetaculares que não só viveram todas estas histórias da última década comigo, mas que me permitiram partilhá-las. Agradecimentos especiais a Farly Kleiner, Lauren Bensted, AJ Smith, India Masters, Sarah Spencer Ashworth, Lacey Pond-Jones, Sabrina Bell, Sophie Wilkinson, Helen Nianias, Belle Dudley, Alex King-Lyles, Octavia Bright, Peach Everard, Millie Jones, Emma Percy, Laura Scott, Jess Blunden, Pandora Sykes, Hannah Mackay, Sarah Hicks, Noo Kirby, Jess Wyndham e Victoria Glass.

Agradeço à família Kleiner por me permitir escrever e dedicar este livro à Florence – cuja humildade, integridade e paixão sempre me hão de encorajar e inspirar a cada palavra que escrevo.

Agradeço à minha família – mãe, pai e Ben – que sempre me disseram que tudo é possível. Que sempre me encorajaram a contar uma história com sinceridade, ciente de que nunca serei julgada por eles. Sou exceccionalmente sortuda por vos ter – amo-vos muito.

E, finalmente, agradeço à Farly: sem o teu incentivo e a tua proteção inabaláveis, eu não teria escrito este livro. És – sempre serás – a minha história de amor preferida.

Não percas a versão portuguesa do primeiro romance da Dolly Alderton!

Da autora do bestseller *Tudo o Que Sei Sobre o Amor*

# Dolly Alderton

«Inerivelmente engraçada e, por vezes, até cínica e honesta, a voz da Dolly parece a da tua melhor amiga.»

**Taylor Jenkins Reid**

«Dolly Alderton é muito talentosa a criar empatia nos leitores.»

É um autora genial.»

**Marian Keyes**



## Estás aí?

Uma comédia romântica sobre os homens que desaparecem assim que dizem que te amam...

  
cultura

Para ficar a par de todas as novidades e receber todas as nossas ofertas especiais inscreva-se já no nosso clube de leitores:

